

IYANLA VANZANT

Mais de 1 milhão de livros vendidos no Brasil

*Fazendo as pazes
com a vida*

Como superar os momentos difíceis
e reencontrar a alegria de viver



SEXTANTE



IYANLA VANZANT

Como superar os momentos difíceis
e reencontrar a alegria de viver



SEXTANTE

NOTA DA AUTORA: Esta não é uma obra de ficção.
Tentei reconstruir os diálogos da maneira mais fiel possível, segundo
minhas lembranças.

Título original: *Peace from Broken Pieces*

Copyright © 2010 por Iyanla Vanzant

Copyright da tradução © 2012 por GMT Editores Ltda.

Edição estrangeira publicada originalmente em 2010 por Smiley
Books.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito dos editores.

tradução: Maria de Fátima Oliva Do Coutto

preparo de originais: Regina da Veiga Pereira

revisão: Ana Kronenberg, Caroline Mori e Natalia Klusmann

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Silvana Mattievich

imagem de capa: Isabella Wirth / Getty Images

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Vanzant, Iyanla, 1953-

Fazendo as pazes com a vida [recurso eletrônico] / Iyanla Vanzant [tradução de Maria de Fátima Oliva do Coutto] - Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

recurso digital

Tradução de: Peace from broken pieces

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital

Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-7542-849-8 (recurso eletrônico)

1. Conduta. 2. Mudança de vida. 3. Vida espiritual. 4. Paz de espírito. 5. Livros eletrônicos. I. Título.

12-5852

CDD: 158.1

CDU: 159.947

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
GMT Editores Ltda.

Rua Voluntários da Pátria, 45 – Gr. 1.404 – Botafogo
22270-000 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br

www.sextante.com.br

SUMÁRIO

Prólogo

CAPÍTULO 1 Aqui e lá são o mesmo lugar

CAPÍTULO 2 A ferida ambulante

CAPÍTULO 3 De um sufoco para outro maior
ainda

CAPÍTULO 4 O pior cego é aquele que não quer
ver

CAPÍTULO 5 Invasão territorial

CAPÍTULO 6 A estrutura divina

CAPÍTULO 7 Não sou prisioneira de ninguém!

CAPÍTULO 8 A mentira pessoal

CAPÍTULO 9	Levada ao ponto de ruptura
CAPÍTULO 10	Eu e Mickey Mouse
CAPÍTULO 11	Aquiete-se e tenha fé
CAPÍTULO 12	Almas gêmeas
CAPÍTULO 13	As coisas desmoronam
CAPÍTULO 14	Verdade e consequência
CAPÍTULO 15	A espiral ascendente e descendente
CAPÍTULO 16	Assunto malresolvido
CAPÍTULO 17	Vida e morte
CAPÍTULO 18	Além da morte
CAPÍTULO 19	Recomeçar
CAPÍTULO 20	Na graça do Senhor

Epílogo

DIA DE NATAL

*Encontrei Jesus atrás do sofá.
Ele disse: “Chegue mais perto;
relaxe
e permaneça assim. Eu cuidarei
de tudo.”
Obedeci. E então, Ele cuidou
de tudo.*

1h

Eu cochilava quando eles chegaram: Tulani e o marido, Stan, meus queridos amigos de Nova York, vieram passar o Natal conosco na casa de Gemmia. Apesar de exausta, fiquei animada por ter convidados para as festas de fim de ano.

Depois dos últimos dias com Gemmia, precisava de conforto e apoio. Meu marido estava esparramado no sofá da sala, vestido da cabeça aos pés. Eu não fazia ideia de onde ele tinha vindo nem de quando chegara. Assim como eu, ficou empolgado ao encontrar nossos amigos, nossa família por afinidade. Tulani era como uma irmã e tinha me ajudado a criar Gemmia. Não há nada mais reconfortante do que contar com amigos bons e íntimos quando se atravessa um período difícil.

Depois do encontro, de muitos pulinhos, beijos e abraços, subimos até o quarto de Gemmia, que na época estava com quarenta e um quilos. Se Tulani ficou chocada com a aparência de minha filha, não demonstrou. As duas se olharam profundamente, olhos nos olhos, como dois amantes há muito afastados. Foi lindo presenciar o amor fluir entre elas. Eu me apoiava em Stan porque sabia que ele me amava, tanto quanto Tulani amava Gemmia. Meu marido apenas

observava. Senti uma pontada de tristeza por ele não me amar assim, como Tulani amava Gemmia, mas quando meu coração se apertou, afastei o pensamento e segurei a mão de Stan.

2h20

Nós nos sentamos e conversamos, relembrando os velhos tempos. Entre os cochilos, Gemmia mostrava-se atenta e muito falante. Queria andar até o banheiro, mas considerando seu estado, atravessar o quarto era pedir demais.

Eu compreendia. Minha exaustão pelo que tinha vivido na semana anterior me dava a sensação de carregar tijolos nos pés. Apenas uma firme determinação me mantinha erguida. Eu não podia desmoronar! Se o fizesse, o mesmo aconteceria com Gemmia. Isso não era aceitável! Não agora. Tinha a impressão de que ela enfraquecia de novo. Talvez sentisse fome. Não, queria apenas se deitar.

Quando acordei, todos os outros dormiam. Fiquei sentada na beira da cama, também encolhidinha. Gemmia estava deitada atrás de mim. Chequei se respirava. *Não seja idiota! Claro que ela está respirando!* Era dia de Natal. Disse a mim mesma que ela respiraria o dia inteiro.

Tentei me levantar com o maior cuidado para não despertar Gemmia. Mas, assim que me levantei, ela perguntou: – Aonde você vai?

– Vou ver se os presentes estão embrulhados.

– Está bem – ela disse, para logo em seguida pedir: – Não vá.

Gemmia mergulhou no silêncio. Talvez tivesse voltado a dormir. Então ouvi um suspiro baixinho. – Não vá. – Com a maior suavidade possível, eu me sentei de novo na cama. Esperei para ver se Gemmia diria mais alguma coisa. Ela ficou quieta.

Quando Damon, meu filho, entrou no quarto, eu me dei conta de que caíra no sono sentada.

– A que horas vão abrir os presentes? – ele perguntou.

– Assim que as crianças acordarem. São poucas coisas, não tive tempo de fazer compras.

– Mãe, elas não ligam para isso. Só querem estar aqui e que a tia Gemmia melhore.

O Natal em nossa família sempre fora uma grande comemoração. Era a festa preferida de Gemmia e ela se esforçava ao máximo para garantir que tanto as crianças quanto os adultos se divertissem. Nós duas ficávamos a noite inteira acordadas embrulhando presentes e tomando piña colada. Este ano não tinha sido assim. Como sempre, havia um grupo de sobrinhas, sobrinhos, netos e filhos de amigos espalhados pela casa – entre eles, Niamoja, filha de Gemmia –, mas não estávamos em minha casa, como de hábito, e sim na de Gemmia, por falta de opção. Eu tentava de

qualquer maneira acreditar que tudo e todos ficariam bem.

6h30

A casa estava mergulhada em silêncio. Decidi descer para preparar café e ligar para minha companheira de orações, que me acompanhava em cada passo dessa jornada. Conversávamos havia um tempo quando meu amigo entrou na cozinha e disse: – Melhor subir. Tem algo estranho acontecendo.

7h12

Gemmia contemplava o espaço, rindo sozinha. – Eles começaram de novo – ela disse.

– Quem? – perguntei. – Começaram o quê? – Ela voltou o rosto na minha direção, estreitando os olhos como se não pudesse me enxergar.

– Começaram aquela meditação vigilante – respondeu com um suave sorriso. Eu sabia que ela

se referia à querida amiga que passara comigo dia e noite durante todo o mês anterior.

– Onde você está, querida? Gemmia, diga onde você está? – Ela pareceu prestar atenção por um instante.

– Estou na casa de Damon... eu acho. Isso mesmo, é a casa de Damon.

Cobri a boca com a mão, contendo o grito. Ai, meu Deus! Ela estava viajando! Dizem que antes de a pessoa fazer a transição para a vida após a morte ela viaja para se despedir dos entes amados.

Ao olhar em volta, eu me dei conta de que o quarto estava cheio de gente e de que todos me fitavam. Queriam saber o que eu faria.

– Por favor, alguém me passe o telefone. – Queria ligar para a madrinha de Gemmia. Ela precisava falar com a afilhada. Um telefone surgiu na minha mão. Ao som da voz da minha comadre, as lágrimas brotaram. Respirei fundo, tentando encontrar palavras para dizer o que não queria. De

alguma forma, ela entendeu.

– Ela ainda está aí?

Como se minha amiga pudesse me ver através do telefone, fiz que sim com a cabeça.

– Quero falar com ela.

Encostei o telefone na orelha de Gemmia, negando às minhas lágrimas a permissão de pingarem em minha filha. A partir daquele momento, tudo aconteceu muito rápido. Não, não exatamente.

7h30

Não tenho certeza de quando começou, mas meu corpo enrijeceu. Eu não sentia frio, porém a sensação era de ser atravessada pelo sopro de uma brisa gelada. Ao tentar me mover, meus pés não cooperaram. Fechei os olhos, pousei a mão na cabeça de Gemmia e comecei a rezar.

Depois de um tempo, perguntei onde estava a filha de Gemmia. – Lá embaixo com o pai –

respondeu Nisa. Ele tinha vindo buscá-la para passarem o dia juntos. Naquele Natal ela ficaria com ele, longe da mãe pela primeira vez. Reuni forças para descer até a cozinha. Encontrei-os preparando torradas.

– Venha aqui, minha querida. – Estendi a mão para minha neta, cujos olhos estavam marejados de lágrimas. – Imagino que você esteja com medo, não é? – Ao fazer que sim com a cabeça, as lágrimas de minha neta começaram a rolar. – Eu sei, eu também. Também estou com medo, meu amor.

– Mamãe vai morrer?

– Não sei, querida, mas torço de todo o coração para que isso não aconteça. Você quer ir com seu pai ou prefere ficar aqui? – Ela procurou o pai com o olhar. Ele fez sinal para que ela respondesse.

– Eu vou com ele.

– Você quer ir? – Ela voltou a fitá-lo. Por que

precisava da permissão dele para falar comigo?

– É, acho que sim.

– Está bem. Vamos fazer o seguinte. Você leva meu celular e eu ligo se acontecer alguma coisa. – Nos abraçamos e saí correndo escada acima.

8h12

As pessoas continuavam a entrar no quarto de Gemmia. Alguém talvez tivesse avisado que viessem rápido. Todos pareciam saber aquilo que eu não podia, de que não queria tomar conhecimento. Era impensável, indescritível, e embora todos parecessem saber, eu continuava, apesar de todos os indícios, a alimentar esperanças.

Gemmia perdia a consciência e a recobrava em seguida. Continuei a falar com ela, e minha filha respondia como podia. Com uma das mãos eu lhe acariciava a cabeça e com a outra segurava o telefone enquanto falava com sua madrinha, que

permanecia na linha. De vez em quando, eu encostava o aparelho na orelha de Gemmia para que ela também pudesse ouvir aquela voz doce e reconfortante. Por mais que odiasse admitir, a voz da madrinha parecia mantê-la alerta de um modo que eu não conseguia fazer. Como era possível? Eu mal podia me conter para não bater a cabeça na parede ou arrancar minha carne com os próprios dentes. Num quarto repleto de palavras de oração, com toda a minha família e todos os meus amigos me olhando, não tenho certeza se alguém era capaz de compreender o que eu vivia. Na verdade, nem eu sabia o que estava vivendo.

Então, sem que fôssemos avisadas, senti o começo. Aquela brisa gelada de novo rodeando e atravessando meu corpo. Um estranho peso em minhas pernas e, ao mesmo tempo, uma leveza – quase um torpor – em meus pés. Tão intensas se tornaram as sensações que precisei me sentar na beirada da cama. Ai, meu Deus! Minha filha está

morrendo! Meu Deus, por favor, me ajude! Por favor, me ajude! Essas eram as palavras em que pensava, sem conseguir abrir a boca e pronunciá-las. Espontaneamente, todos no quarto começaram a rezar em voz alta. Alguém colocou uma música. Uma a uma, as pessoas foram até a cama, se ajoelharam e rezaram ao lado de Gemmia. Quando orei por minha filha, lágrimas começaram a rolar por seu rosto. Ela tentava falar, mas não conseguia. Pedi que alguém ligasse para a minha neta. Ela precisava voltar para casa.

9h30

Todos mergulharam no mais profundo silêncio. Por um instante, fechei os olhos e pude ver Gemmia forte e saudável. Jesus também estava ali. Gemmia aparecia entre mim e ele. Tentei abrir os olhos, como se isso pudesse tornar o que eu sentia menos real, mas minhas pálpebras pareciam coladas.

Então, não consegui mais ver minha filha. Algo semelhante a uma cortina escura oscilava à minha frente. Concentrava-me na cortina quando senti o golpe na cabeça. Como podia? Intuitivamente, soube que o cérebro de Gemmia estava prestes a deixar de funcionar. Minha cabeça ficou entorpecida. Também experimentei uma estranha sensação nas costas. Não era dor, apenas uma intensa pressão. Foi-se tão rapidamente quanto surgira. Um a um os órgãos de minha filha foram parando de funcionar. Podia sentir isso em meu próprio corpo. Pedacos e partes de mim morriam. Os rins, o fígado, o pâncreas. Era como se em minhas veias corresse lodo, conforme o fluxo de sangue no corpo de Gemmia diminuía aos poucos, até cessar.

Nisa avisou da chegada de minha neta. Voltei a cabeça e vi Niamoja parada na porta do quarto com o pai. Ela parecia aterrorizada. Disse-lhes que se despedissem de Gemmia. Todos no quarto

fizeram o mesmo. Declarando seu amor, rezaram e disseram adeus a nosso anjo, a nosso amado anjo Gemmia.

Sentei-me perto dela, embora não pudesse entender direito para onde a minha mente tinha ido. Ao estender minha mão, senti seu corpo ainda quente. Beijeí cada pedacinho do rosto de minha filha, como a beijava quando ela era neném, murmurando quanto a amava. Ouvi um suspiro. Então seu coração parou. Quando isso aconteceu, meus olhos se arregalaram. Gemmia estava sentada apoiada num travesseiro, com a cabeça levemente inclinada para o lado. Alguém me levantou sem que eu notasse. Eram 10h18 da manhã do dia de Natal.

Minha filha Gemmia não foi a única a morrer naquela manhã. Minha família de origem morreu. Meu casamento, já no caixão, foi enterrado de vez. Meu sacerdócio, alicerce de meu relacionamento com Deus, também foi incluído entre as

fatalidades. Minha carreira, minha visão pessoal e o propósito de minha vida chegaram a um final abrupto. E quando minha melhor amiga, minha filha do meio, suspirou pela última vez, sobretudo minha autoestima morreu junto com ela. Eu era uma mulher cuja vida tinha sido tomada de súbito pela morte e cujo coração se estilhaçara em milhões de pedaços.

AQUI E LÁ SÃO O MESMO LUGAR

*O que faz com que uma
criatura tão feroz,
majestosa e poderosa quanto o
leão se sujeite
à intimidação de um homem, de
um chicote
e de uma cadeira? O leão foi
treinado para
esquecer o que o faz se
submeter.*

Em geral, é difícil identificar o momento exato

em que sua vida desmorona. Na maioria dos casos, não acontece de repente. Se você perguntar a quem viveu a experiência de perder tudo o que amava ou todas as suas crenças, é bem provável que o maior número de pessoas diga que o colapso da vida até então conhecida não foi originado por um telefonema nem por uma carta, uma revelação ou uma compreensão. Agora tenho consciência de que minha vida foi desmoronando aos pouquinhos. Pedaco por pedaco. Uma experiência, uma situação e uma circunstância de cada vez, até eu me descobrir em meio a uma pilha de promessas quebradas, relacionamentos despedaçados e sonhos destruídos. Nunca imaginei que aquela situação se repetiria em minha vida.

É duro ver uma vida desmoronar e mais duro ainda é vivenciar sua ruína. Mais devastador até é constatar que quando sua vida começa a se desfazer, dia a dia, pedaco a pedaco, não há nada, nada mesmo, que você possa fazer para

interromper o processo. Você apenas assiste ao que está acontecendo, consciente do que se passa. E deseja que qualquer outra coisa aconteça, exceto aquilo. Você entende... Em algum ponto lá no fundo, sabemos que a vida não foi construída para se desmantelar. Não é isso que deve acontecer. O propósito da vida oferecida por Deus é crescer, brotar, florescer. No entanto, a verdade é que vidas desmoronam...

Agora compreendo que desmoronam quando precisam ser reconstruídas. Vidas desabam quando os alicerces sobre os quais estão assentadas precisam ser refeitos. Não porque Deus nos castigue pelo que fizemos ou deixamos de fazer, mas porque precisam desabar. E isso porque, para começar, não foram construídas do modo correto. Cheguei a essa conclusão depois de muitos dias, semanas, meses e anos tentando consertar as rachaduras dos meus alicerces. Em certo momento, eu me sentei, indefesa, examinando os cacos da

minha mente, do meu coração e da minha existência, e reconheci que uma vida arruinada é um teste de fé da mais alta importância.

Naquele momento de provação, acreditei que me sobravam poucas opções. Podia tomar o monte de pílulas que eu tinha na mão esquerda ou levar à têmpora o revólver que segurava na minha mão direita e puxar o gatilho. Só queria que a dor da devastação cessasse. Havia outra opção, mas foi a última de que me julguei capaz: sentir a dor, o medo e a destruição de tudo o que me atingia, na esperança de que algo milagroso acontecesse.

É evidente que não tomei as pílulas nem puxei o gatilho. Em meio aos cacos mentais e emocionais, de repente tive consciência da inutilidade de qualquer tentativa de solucionar o sofrimento. Esse momento de impotência me conduziu à entrega. Enfiei o rosto no travesseiro e chorei horas a fio. Um simples ato de entrega humana, um instante em que me mostrei disposta a confiar em mim e em

meu Criador, de quem eu *esperava* o socorro. Ele chegou, e só levou cinco anos e meio para me alcançar.

Quando me vejo cara a cara com a verdade, o coração dispara e as orelhas ardem. Houve um tempo em que associei essa reação física ao medo. Agora sei que não se tratava de medo. Quando me defronto com a verdade, minha imensa humanidade se dissolve e experimento a energia de minha alma erguer-se dentro de mim. Eu sabia havia muito tempo – cinco anos, para ser exata – que precisava compartilhar a história de minhas experiências mais recentes. As que vivi depois de me tornar famosa. A verdade é que eu desobedecia à minha orientação interior. Amigos e familiares haviam me aconselhado a escrever sobre tudo o que eu aprendera ao deixar o *Oprah Winfrey Show*, quebrar a cara com meu próprio programa, terminar o casamento com o amor de toda a minha vida, perder minha filha e melhor amiga para um

câncer de cólon e ver minha vida desabar ao longo dos dois anos seguintes. Mas eu me negava a fazer isso. Com todas as forças!

Durante esse processo de recusa, comecei outros três livros, concluindo apenas um. Iniciei outros projetos literários e gravações, apenas para perder o interesse e deixá-los de lado. Em vez de seguir as orientações de meu guia interior, eu me entreguei a atividades mais agradáveis, como organizar álbuns de recortes, ver reprises de *Law & Order* e o que mais pudesse me manter ocupada. O bom de tudo isso é que quando você *tem* algo a fazer, a vida não lhe permite ir em frente até que você o *faça*. O ruim obedece à mesma lógica. Disse a mim mesma, e a todos os que me questionavam, que eu já tinha compartilhado com o mundo o suficiente da minha vida, do meu coração e do meu conhecimento. Certos detalhes não precisavam ser contados. Eu tinha o direito de mantê-los em sigilo. Na realidade *eu estava*

apavorada. Não por contar a história, mas por reviver sua dor. Por ter de encarar as descobertas sobre mim e sobre a minha vida que ruía a meus pés. Sobretudo, morria de pavor da responsabilidade de manter os ombros erguidos na minha recente vida de poder e majestade. Entenda: quando se experimenta o que eu vivi, algo acontece. Primeiramente você é humilhada. Depois, se conscientiza de quem de fato é, do que faz e do que é chamada a fazer e então se torna poderosa. E quando limpa os cacos de sua história e revira o entulho que restou, sua personalidade se fortalece. Você é impelida a um grau mais alto de responsabilidade em relação a si mesma, a uma apreciação mais profunda de todas as etapas de sua vida e a um nível mais elevado de responsabilidade perante Deus. Eu temia o peso de tanta responsabilidade. O medo nos torna resistentes, rebeldes, desafiadores e desobedientes.

Também temia outras coisas. Receava contar uma história que iria envolver outras pessoas. Afinal, eu me preocupo com essas pessoas e com o que elas pensam de mim. Inquietava-me que ficassem magoadas com o que eu aprendera sobre elas, à medida que aprendia mais sobre mim mesma. O receio que sentia, devo admitir, era minha tentativa de *tapar o sol com a peneira*. A verdade é que todos temos nossa realidade pessoal, nossas percepções particulares das experiências compartilhadas. Minha história é só minha, de mais ninguém. E eu já não busco uma desculpa para desobedecer à voz do meu próprio Espírito.

Vou contar-lhes como uma autora da lista de best-sellers do jornal *The New York Times* fica sem nenhum tostão, em busca de um lugar onde morar e como um relacionamento de trinta e sete anos termina num divórcio anunciado por e-mail. Vou compartilhar os detalhes íntimos de como a

mestra espiritual internacionalmente reconhecida se vê sentada na beira da cama, numa casa hipotecada de um milhão de dólares, pensando em suicídio. Mas também vou falar sobre o poder da amizade, da fé e da oração.

Vou falar sobre a traição e a devastação que ela causa a todos os envolvidos. Quero partilhar o que aprendi sobre ter ou não uma visão da vida e sobre o preço de estar atrelado a uma percepção que não é sua. Quero contar-lhes o que aprendi a respeito de falhas de personalidade, fraquezas humanas, mente corrompida, coração partido e espírito depauperado. Estes são os pedaços da minha vida que me levaram ao completo e total colapso. Peças de um quebra-cabeça que eu não sabia existir até que minha vida veio abaixo.

O quebra-cabeça e todas as suas peças são oriundos da minha família de origem, da qual conheci apenas algumas pessoas. Era o sangue dos meus ascendentes que corre em minhas veias que

mantinha tudo encaixado. O quebra-cabeça estava em meus genes. Acredito que minha história seja muito semelhante à de muitas mulheres, sobretudo as mulheres negras norte-americanas. Muitas de nós fomos gestadas em ventres que não propiciaram a seus filhos o desenvolvimento de alicerces sólidos nem um forte sentido de identidade. Não tenho a intenção de culpar nossas mães. Elas também não tiveram uma noção clara de quem eram.

Nossos pais e avós podem nos contar histórias de família e reminiscências dos bons e velhos tempos. Mas é raro termos conhecimento das informações confidenciais, dos podres, da verdade que não pode ser publicada sobre quem fez o quê e o que realmente acontecia quando viemos ao mundo.

Acredito que minha história, como tantas outras, seja resultado das famílias em que nascemos. Acho que há algo que passa de geração para

geração e que afeta a forma como nos vemos e como essa identidade feminina em geral funciona contra nossos próprios interesses. É uma energia com a qual muitas de nós nascemos e que lutamos corajosamente para superar. Acreditem ou não, o carma existe e as lições e os feitos de vidas passadas desdobram-se em experiências e temas da vida atual. Conhecemos a lei de causa e efeito, a lei universal da natureza. Para cada ação, há uma reação oposta equivalente. Na minha vida, experimentei muitas *reações* sem conseguir perceber as ações que as tinham originado, razão por que concluí que existe algo por trás disso. Aprendi a reconhecer a existência desse pedaço de mim que permanecia incompreendido e ditava meu modo de agir. Essa *coisa* significava minha propensão a pensar de certa maneira, a alimentar determinadas emoções e crenças e a me agarrar a algumas expectativas e limitações. Aprendi que essa *coisa* era transmitida pela minha linhagem.

Minha história também é o que chamo de história da *patologia*. Patologia é o estudo da natureza e da origem do “des-conforto”, da doença. E as doenças são fácil e rapidamente transmitidas pelo sangue. A que descobri em minha experiência de vida foi o câncer. Não apenas o câncer de mama, que matou minha mãe, ou o de cólon, que roubou a vida de minha filha. Não falo apenas do câncer físico. Trato a patologia como doença mental, emocional e comportamental – padrões que infectaram os alicerces de minha vida. Achei interessante, intrigante e bastante perturbador constatar que, embora minha mãe tenha morrido quando eu tinha apenas 2 anos, acabei repetindo muitos de seus erros em meus relacionamentos, tanto com meus parceiros quanto com meus filhos. Igualmente assombroso foi perceber que, embora não guardasse lembranças conscientes de minha mãe e conhecesse pouco suas experiências de vida, eu

era igual a ela em muitos aspectos. Essa era uma das peças que faltavam no meu quebra-cabeça. Noto que muitas mulheres vivem uma patologia como essa, de crenças e comportamentos transmitidos de uma geração a outra, que as fazem levar vidas contaminadas pela baixa autoestima e pelo sentimento de depreciação.

Minha história descreve uma patologia de abandono e vergonha, abuso e autoabuso, traição e culpa, depreciação e perda. Minha história é muito parecida com a de minha mãe, assim como a de minha mãe foi muito parecida com a de minha avó, que morreu quando eu tinha 13 anos. E minha história é muito parecida com a de minha filha, cujas peças mentais e emocionais foram moldadas pela minha patologia, apesar de eu não ter tido conhecimento disso na época.

É uma história de imagens e padrões distorcidos: mentais, emocionais e comportamentais. Reconheci alguns à medida que

se sucediam; de outros, nem cheguei a tomar conhecimento. Ao reconhecê-los – todos, peças do meu quebra-cabeça –, eu me senti impotente para alterá-los. Quando não consegui ou não quis mudar esses padrões, eles passaram a dominar minha vida. Quando desconhecia o padrão, eu me sentia vítima. Muitas mulheres com quem trabalhei ao longo dos anos vivem atormentadas pelo complexo de vítima (*“Não é possível que isso esteja acontecendo comigo”*) e sofrem de vitimização (*“Eles estão fazendo isso comigo”*), exatamente como fizeram suas mães e avós. Acabei descobrindo que eu não era vítima. Ao contrário, aprendi que tomava decisões conscientes e inconscientes baseadas numa patologia em parte herdada, em parte criada. Aprendi minha grande lição de vida ao descobrir que possuía a chave da minha liberdade bem no centro do meu ser. A chave era o meu Espírito. Nenhuma patologia é mais forte do que o Espírito e não há quebra-

cabeça que o seu Espírito não seja capaz de montar.

Vou contar minha história, mas quero que você tenha em mente o tempo todo que esta é apenas a forma como eu a vejo e como dela me recordo. Peço que a leia sabendo que cada um de nós vem a este mundo com um currículo espiritual que escolhemos antes de encarnar, para facilitar nosso crescimento, aprendizado e cura. Esse currículo se compõe das lições necessárias para dominarmos as experiências com que iremos deparar e tem um objetivo: levar-nos de volta ao encontro de Deus. Se o julgarmos – bom ou ruim, certo ou errado, justo ou injusto –, perderemos o propósito da lição e repetiremos o ano uma, duas vezes, até compreendermos que os problemas enfrentados na escola da vida servem de mapa para reencontrarmos Deus.

Também quero que você saiba do valor da prática espiritual diária – o indispensável

processo de entregar sua vida nas mãos de Deus e o lento método de crescimento na superação de cada dificuldade o tornará redimido a seus próprios olhos. Quero contar o que aprendi sobre alegria e dor, medo e coragem, raiva e paixão e, sobretudo, paz. Então você saberá como encontrei a paz em meio aos destroços de minha vida. A TLE (*Emotional Freedom Techniques*) ou Técnica de Desbloqueio Emocional, também chamada de *Tapping*, é uma ferramenta poderosa para manter a paz. Ela consiste em toques leves com as pontas dos dedos.

O que quero que saiba agora, antes de ler essas histórias, é que nenhum de nós escapa dos desafios da vida. Não importa quão famoso você seja ou quanto dinheiro ganhe, nenhum de nós está imune aos desafios, dificuldades e sofrimentos inerentes ao ser humano. Apesar de nunca ter confessado isso em voz alta, eu achei que fosse imune. Imagine o meu horror ao descobrir que não era!

Por fim, quero compartilhar com vocês o que aprendi sobre o poder dos padrões familiares e as marcas permanentes que eles deixam em nossa vida. É por causa da força desses padrões que se torna imprescindível um alicerce espiritual sólido, um relacionamento íntimo e duradouro com Deus. Se há uma coisa que aprendi nos últimos cinco anos, é que *posso confiar em Deus*. Hoje sei, sem sombra de dúvida, que Deus pode me apoiar, me empurrar para a frente, me puxar para trás, me virar, me manter na linha, fazer com que eu prossiga, me ensinar o que preciso saber e me lembrar do que já sei. E Ele vai fazer tudo isso. Rezo para que você também consiga compreender que Deus o ajudará a obter tudo de que precisa, na hora certa, do jeito perfeito. Foi o que aprendi e o que me pediram que dividisse com você. Faço isso com a forte esperança de que em algum ponto nossas histórias se unam com tanto poder e amor que nos tornemos faróis de paz na Terra. Esse

objetivo me deixa em paz, não em pedaços.

Que assim seja!

Iyanla

A FERIDA AMBULANTE

*Quando não temos imagens
positivas
e somos incapazes de acessar os
sentimentos
que elas evocam, nossa tendência
é fantasiar
essas imagens, de modo que
correspondam
ao que queremos.
Frequentemente, essas nossas
fantasias criadas não estão
totalmente elaboradas,
obrigando-nos a viver no borrão
das falsas imagens.*

Eu julgava quase impossível imaginar que, depois de amar alguém por mais de quarenta anos, chegaria o dia em que a ideia de estarmos juntos no mesmo aposento seria detestável. Por favor, não me leve a mal: não desejo que nada de ruim aconteça a ele. Na verdade, parte de mim ainda o ama. Felizmente, tenho orgulho de dizer que, hoje, eu *me* amo mais.

Ah, mas houve um tempo... Um tempo em que estive cega e deformada pelo que acreditava ser o amor que sentia por ele. Basta dizer que queríamos nos amar. Realmente tentamos nos amar e, num belo dia, nós nos convencemos de que nos amávamos. Gostaria de poder dizer que se tratava de amor verdadeiro, mas prefiro deixar de me iludir. Agora entendo que era prisioneira da minha autodesvalorização. Um mecanismo dentro de mim insistia em provar a mim mesma que eu jamais poderia ou conseguiria ter o que desejava.

Meu primeiro marido era um veterano da guerra do Vietnã que ao retornar para casa enfrentara o demônio das drogas e a readaptação à vida civil. O segundo era um analfabeto funcional recobrando-se do vício da heroína. Meu terceiro marido, Eden, era a personificação de todas as fantasias que acalentei durante toda a vida: de que meu pai me adoraria, aceitaria e salvaria. Na ocasião, pude me dar ao luxo de ter o tipo de casamento com que sempre sonhara: uma festança extravagante presenteada por meu pai. Claro, eu fazia questão de que todos soubessem que eu merecia. Merecia cada centavo gasto.

Meu terceiro marido era o fruto proibido, alguém que eu não podia ter, o que me fazia desejá-lo ainda mais. Era o prêmio que provaria a mim e a todos os demais que eu merecia o amor de meu pai, com quem, no fundo, tudo nele tinha ligação. Minha lista de assuntos malresolvidos com meu pai era gigantesca. Os homens com quem

me casei foram almas que se dispuseram a passar um tempo na minha vida para que eu pudesse trabalhar essa questão.

Quando me casei com Eden, eu começava a ter sucesso, embora, emocionalmente, em algum lugarzinho lá no fundo ainda me sentisse um fracasso. Os ossos espirituais da minha vida eram malformados e muito pouco sólidos. Eu amava Deus, mas não O conhecia de fato – naquela época, ainda não. Atravessava um processo de transformação, passando de quem eu tinha sido para quem eu estava me tornando, porém ainda não tinha certeza de quem eu era, do que queria nem do rumo de minha vida. No princípio eu passava a impressão de estar bem. Ganhava mais dinheiro do que jamais julgara possível. Viajava pelo mundo, realizando coisas que nunca imaginara poder ou ser capaz de realizar. Meus filhos estavam crescidos e cuidavam da própria vida, apoiados nos cacos de mim mesma que eu lhes dera. Além

disso, havia outra coisa muito importante que eu estava esquecendo. No processo de planejar a festa, esqueci o real significado do casamento: a união de mentes, corpos, almas e objetivos.

Afinal, eu possuía uma casa e um marido. Entretanto, sob a superfície, os ossos de minha alma doíam. Alguns, amassados; outros, presos por pinos pequeninos e frágeis. Meu relacionamento com o homem que eu achava que daria um jeito na minha vida não resolvia o que eu imaginara que resolveria. Eu continuava me sentindo incompleta. Ele não estava feliz e eu estava infeliz. Tentamos ao máximo reparar o erro. Se você lhe perguntasse, ele provavelmente diria que a culpa do fracasso de nosso casamento era minha, pelo que eu fiz e deixei de fazer. Ou então que a culpa era dele, pelo que não podia fazer e não fazia.

Se você me perguntasse, eu lhe diria, sem titubear, que tudo se resumia a ele: amá-lo, desejá-

lo, precisar dele. Ter medo de amá-lo, de conhecê-lo, tentar descobrir como agradar a ele. E sentir que o tinha decepcionado profundamente. Tudo ele.

Começou como uma paixão adolescente. Conheci Eden aos 14 anos, trabalhando num programa para jovens. Ele tinha 17 e atuava como conselheiro sênior do grupo. Era alto e magro, enquanto eu era baixinha e rechonchuda. Eu, nervosa e falante, e ele, muito calmo e controlado. Ele me ajudou a procurar os documentos que eu tinha perdido. Por sete longos dias, deu todos os telefonemas, falou com todas as pessoas e me ajudou a preencher todos os formulários necessários. Nunca se irritou com as ridículas perguntas que eu fazia. Nem quando alguém em determinado escritório nos mandava para outra pessoa, em outro escritório, ou quando essa última pessoa nos mandava de volta para a primeira. Todo dia ele queria saber se eu tinha dinheiro para

o ônibus. Também se eu tinha dinheiro para o almoço. Quando respondia que não, ele comprava almoço para mim. A cada dia que passávamos juntos, eu me apaixonava mais por ele.

Talvez fosse sua gentileza ou o modo firme e doce como falava. Talvez fosse o jeito de sorrir, ou o cheiro. Não me lembro exatamente o que era, mas sei que pela primeira vez na vida eu me sentia importante. Ele foi o primeiro homem que pareceu disposto a me ajudar. Pelo menos era isso o que eu sentia. Mas, lembre-se, eu tinha apenas 14 anos. Oito meses antes eu dera à luz uma criança. Dois meses antes, eu a tinha enterrado. Estaria sendo complacente se dissesse que me tornara um caco emocionalmente vulnerável e carente. Mesmo assim, havia algo nele. Parecia disposto a me proteger, a garantir que eu tivesse aquilo de que precisava e quando precisava. Foi uma experiência nova para mim. Esse foi o gancho. Talvez ele fosse tudo aquilo que eu achava que ele

fosse. Talvez não. Podia ser. Quem sabe? Entretanto, havia um leve desafio. Apesar de envolvido com uma de minhas melhores amigas, nas horas vagas tinha outra namorada, uma mulher mais velha. Ou talvez minha amiga fosse a regra três. Difícil saber.

No inverno, depois do verão que passamos “juntos”, ele terminou com a minha amiga e se casou com a outra. Viveram juntos quinze anos e tiveram cinco filhos, enquanto eu o observava e o amava a distância. Nunca me esqueci – como poderia? – de como tinha me sentido a seu lado. Queria me sentir daquele jeito de novo, para sempre. Fantasiei que só seria possível com ele. Não era verdade.

Naquela época, eu o amava, assim como amava tudo nele, mesmo depois de casados. Amava sua aparência, seu jeito de andar, seu cheiro de sândalo atrás das orelhas, na barba e nos pulsos. Amava o perfume que pairava no aposento muito

depois de ele ter saído. Ele foi o primeiro homem que me deu apoio. Eu acreditava que, quando me olhava, ele realmente estivesse me vendo. Para mim, isso significava que, quando me olhava, ele me aceitava, e eu me apaixonei por essa ideia. Diziam que meus olhos denunciavam o amor que eu sentia. Esse sentimento evoluiu do amor de um filhote para o de um pitbull, estraçalhando pedaços das fibras de minha alma por trinta e sete anos.

O amor verdadeiro é poderoso, mas nem sempre do modo como acreditamos. Mesmo quando as experiências amorosas nada têm a ver com o sentimento verdadeiro, o desejo de conhecer o amor exerce forte impacto em nossas vidas. Ele faz vir à tona nossos aspectos mais negativos. Quanto mais eu o amava, menos me sentia merecedora do seu amor. Quanto menos merecedora me sentia, mais feia me achava. Quanto mais feia me achava, mais indigna me considerava. Quanto mais indigna me considerava,

mais me agarrava ao que julgava ser um amor que eu não merecia. Era doloroso amá-lo e acreditar que eu não merecia ser amada. Naquela época, decidi me viciar em sofrimento. Uma amiga disse que eu parecia possuída. E estava. De tão possuída por ele, em muitas ocasiões me esqueci de possuir a mim mesma, de me respeitar e me amar. Estava suficientemente possuída para ficar com ele, mesmo sabendo que algumas peças do meu quebra-cabeça não se encaixavam ou estavam seriamente comprometidas.

Eden era “o cara”: conhecido e admirado na comunidade socialmente ativista e culturalmente nacionalista do Brooklyn. Era o cara “a quem recorrer”, engajado, capaz de resolver qualquer problema. Apesar de não possuir um carro e nunca ter usado um terno, era a única pessoa que procuravam quando havia algo importante acontecendo na comunidade. Certa vez eu quis organizar um show beneficente para os refugiados

de Biafra, país destruído pela guerra. Era então uma estudante universitária de 30 anos e me tornava conhecida como presidenta da Associação Estudantil Governamental da Universidade Medgar Evers. Precisava de conexões e contatos, então resolvi procurá-lo. Ele se mostrou mais do que disposto a ajudar e sabia exatamente com quem eu deveria falar. Bolamos um plano e o desenvolvemos juntos. No processo, aqueles sentimentos antigos e familiares voltaram à tona e fui novamente fisgada.

Antes que eu percebesse, Eden e eu nos falávamos todos os dias – inicialmente sobre o show; depois, sobre diversos assuntos. Almoçávamos juntos. Ríamos juntos. No dia do show, ele se ocupou de tudo. Arrumou o palco e serviu de mestre de cerimônias. O evento foi um sucesso e arrecadamos mais de mil dólares. Estávamos tão orgulhosos do que tínhamos organizado juntos... Tão orgulhosos um do outro...

Depois do evento, precisamos inventar desculpas para nos telefonarmos. Com o tempo, isso se tornou natural. Certa ocasião, estávamos sentados no meu carro e ele me falou da separação. Estava triste e, acredito, com muita raiva. Nas semanas seguintes, eu me tornei seu ombro amigo. Ele falava da mulher e dos filhos, de suas dores, suas esperanças e sonhos, de seus desejos para o futuro. Eu o ouvia e tentava ajudá-lo a ver a situação de um prisma melhor. Achei que o orgulho ferido se devesse ao fato de sua autoestima estar conectada à família, mas também sabia que seu coração estava machucado.

Na ocasião, eu não tinha a menor ideia de como é a recuperação após a falência de um relacionamento. Não sabia que é preciso um tempo considerável para esquecer o outro e voltar a se sentir pleno. Eu só sabia o que Eden despertava em mim. Sentia pena dele, pelo término de seu casamento. Também sentia medo e felicidade. Era

como se estivesse prestes a alcançar algo que realmente desejasse, que me despertasse a sensação de estar bem comigo mesma. É claro que vivia feliz. Qual mulher não se sentiria feliz por ter um homem bonito e inteligente em sua vida? Mas, ao mesmo tempo, estava sempre assustada, por me achar pouco desejável, feia e indigna.

Então, uma noite, sentados numa estação de metrô, ele perguntou se podia me beijar. Você acredita? Ele me pediu! Tínhamos passado tanto tempo falando sobre sua mulher, seus filhos e seus planos, que eu me sentia sua terapeuta, não uma amante em potencial. Então, eu lhe fiz uma pergunta: “Você quer estar na minha cabeça ou na minha cama? Não pode estar nos dois lugares ao mesmo tempo.” Minha resposta à sua resposta foi levá-lo para casa comigo naquela mesma noite. O resto agora é história.

Quando se quer ou se deseja algo tanto quanto eu desejava ser amada, sempre nos permitimos

acreditar em qualquer coisa. Fantasiei que o universo tinha conspirado para colocar as estrelas no lugar certo, na hora exata, para nos unir. Tudo parecia fazer sentido – por isso ele cuidara tão bem de mim quando eu era uma menina de 14 anos. Por isso nunca nos mantivemos muito afastados. Por isso continuei a idolatrá-lo durante os quinze anos em que ele esteve casado com outra. Deus e o universo sabiam que chegaria o momento em que ele deixaria a mulher e os cinco filhos para ficar comigo. Hoje, isso não faz o menor sentido para mim, mas aos 30 anos era em que eu acreditava. Porque precisava e queria ser aceita. Precisava e queria ser importante para alguém.

Nunca me imaginei envolvida com um homem casado, mas a verdade é que ele estava apenas separado da mulher. Ainda possuíam uma casa, na qual ela morava, e educavam juntos os filhos. Continuavam a se falar quase todos os dias e era óbvio que ele ainda a desejava. Embora sentisse

raiva dela, ainda queria estar com a família.

Minha mãe também foi “a outra” no casamento de alguém. Amou meu pai o suficiente para ter com ele dois filhos, mesmo ele sendo casado com outra. Toda noite meu pai deixava minha mãe e voltava para casa, para a mulher, que morava perto do lugar onde meus pais conceberam a mim e ao meu irmão. Sem dúvida, era nessa hora que minha mãe bebia. Soube que meus pais tinham um relacionamento tumultuado e às vezes violento. Soube que, apesar de suas irmãs implorarem, minha mãe não largava meu pai. Soube que ela realmente o amava. Inconscientemente, minha mãe me ensinou como amar um homem. Era uma espécie de amor abnegado, degradante. Tornou-se uma característica minha que eu desprezava.

Minha mãe era uma alcoólatra que, quando estava grávida de mim, descobriu que tinha câncer de mama. Meu pai quis que ela abortasse, o que naquele tempo era feito da maneira mais primitiva.

Ela se recusou. À medida que eu me formava em seu ventre, meu ser era alimentado com culpa, medo e dor, além de estar sendo programado para herdar sua patologia de inutilidade e sofrimento. Acabei descobrindo que era esse o motivo de, durante mais de metade da minha vida, eu me sentir tão mal comigo mesma e me achar uma pessoa tão ruim. Acabei descobrindo que minha maldade era uma história herdada.

Acho que meu guerreiro cultural acreditava me amar e sei que precisou de mim naquela época. Eu era sua fuga, “uma distração temporária”, como uma de suas ex-namoradas me chamou. Eu sabia que o amava, ou talvez amasse o que ele representava para mim: estabilidade, proteção e aceitação. Estava determinada a fazer com que nosso relacionamento desse certo. Era fundamental para mim. Da primeira vez, fiquei com ele durante cinco anos, apesar de passar a maior parte do tempo imaginando quando ele partiria. Eden teve

vários casos dos quais tomei conhecimento e um séquito de ex-amantes que acabaram virando apenas amigas. Era pai de cinco filhos. Você pode estar se perguntando por que fiquei com ele apesar de sua incapacidade de assumir um compromisso comigo. Minha primeira resposta é que eu era viciada em sofrimento: sofrimento emocional, debilitante e devastador.

A segunda é que eu me sentia profundamente ligada àquele homem. Acreditava que fôssemos bons amigos e que conversássemos sobre tudo. Achei que ele fosse ótimo ouvinte e que, simplesmente porque não gritava comigo, suas reações ao que eu dizia estivessem sendo oferecidas com cuidado, preocupação e compaixão. Aprendi com ele uma importante lição: porque um homem é bom, isso não significa que ele saiba ser um bom parceiro. Mas também é possível que algumas pessoas que se amem simplesmente não tenham sido feitas para viver

juntas. Quando duas pessoas destroçadas unem seus cacos, é enorme a chance de que nunca consigam completar-se.

v

Havia inúmeros sinais de que nosso relacionamento não funcionaria. Preferi ignorá-los. Certa vez, por exemplo, fui visitar uma amiga e esqueci as chaves em casa. Quando voltei, às duas da madrugada, meus filhos dormiam a sono solto. Andei cinco quarteirões, do meu apartamento até o do Eden, na esperança de dormir algumas poucas horas até meus filhos acordarem. Toquei a campainha inúmeras vezes. Afinal ele abriu e, para minha surpresa, parecia bem desperto. Após alguns segundos de silêncio, ele disse: “Essa não é uma boa hora.” Não entendi o que ele queria dizer até me dar conta de que ele não me convidava para entrar.

- O que quer dizer com isso?
- Quero dizer que não é uma boa hora.
- Por quê?
- Porque tem uma amiga minha dormindo aqui em casa.
- Você está dizendo para eu dormir na rua?
- Não, só que esta não é uma boa hora.
- É, acho que não.

Peguei um táxi para a casa de uma amiga, do outro lado da cidade. Ela ficou acordada comigo o resto da noite, enquanto eu botava as mágoas para fora. Quando voltei para casa, ele tinha ligado várias vezes. Esperei ele telefonar pelo menos mais dez vezes antes de retornar a ligação. Eden disse que lamentava o ocorrido. Lamentava muito. Como eu queria parar de sofrer, aceitei o pedido de desculpas. Nunca voltei a falar daquela noite.

Pouco depois, ele foi fazer mestrado na universidade e eu fui para a faculdade de direito. Ajudei-o a datilografar a dissertação. Ele quase

não podia me ajudar com meus estudos. Gostávamos de estar juntos e da camaradagem, de conversar e rir, dividindo o dinheiro e o cuidado com as crianças. Mas o assunto casamento jamais era mencionado. Nunca falamos em ter uma casa onde todos os nossos filhos pudessem se reunir. Nunca discutimos meus planos depois da conclusão da faculdade de direito, nem os dele, após o mestrado. Na verdade, evitávamos falar de qualquer tema que desse sentido de permanência ao nosso relacionamento.

Um dia, algo mudou. Nunca tocamos no assunto, mas eu pressenti. Antes que eu pudesse planejar o que dizer ou fazer, ele começou a sumir. Quando eu ligava para dizer boa noite, ele não atendia. Se eu telefonava para desejar bom dia, ele já tinha saído. Recusando-me a aceitar a verdade, eu me negava a acreditar que um homem casado, que tinha “outra” na vida, ousasse ter uma terceira mulher. Errei e acertei ao mesmo tempo.

Numa sexta-feira à noite, quando eu deveria estar na faculdade, fui ao apartamento dele e entrei. Encontrei tudo escuro e silencioso. Como nunca fui bisbilhoteira, não revirei o armário nem as gavetas. Em vez disso, eu me sentei na beira da cama, no escuro, e esperei – assim como tinha esperado meu pai tantas vezes antes.

Ele chegou ao raiar do sol. Voltara para mudar de roupa e ir para o trabalho. Ficou chocado ao me ver, mas tenho certeza de que pressentia que mais cedo ou mais tarde isso iria acontecer.

– Há quanto tempo está aqui?

– A noite toda.

Tentando pensar no que dizer ou fazer, bati de leve na cama, convidando-o a sentar-se ao meu lado. Ele obedeceu. Ficamos em silêncio por longos minutos.

– Conte o que está acontecendo.

– Não sei direito.

– Bem, alguma coisa você deve saber. Afinal,

você não voltou para casa na noite passada. Diga só o que está pretendendo.

– Realmente não sei. – Mais silêncio. Então veio o golpe duplo. – Carol sempre quis saber como era ser “a outra”. Agora ela sabe.

– Você estava com a Carol?

– Sim.

– Vocês vão voltar?

– Realmente não sei.

Eu já começava a me cansar daquele “Realmente não sei”.

– Bem, quando você acha que vai saber? – Mais silêncio.

– No momento, a única coisa que sei é que não quero te perder. Eu te amo e amo o que temos. Mas Carol e as crianças fazem parte do que eu sou.

Peguei minha bolsa, minha dignidade e os pedacinhos do meu cérebro que espirravam das minhas orelhas para o chão e, sem outra palavra, saí do apartamento.

Durante as três semanas seguintes, nos falamos ao telefone poucas vezes. Muitas noites, quando ele não telefonava, eu dirigia até a casa dela – a casa deles – para ver se o carro estava lá. Sempre estava. Uma noite, deixei um bilhete no para-brisa: “Acho que você já sabe o que fazer. Teria sido gentil de sua parte me avisar.”

Depois disso, fiquei arrasada. Dormia o dia inteiro e chorava durante a noite. Larguei meu emprego e faltava às aulas. Para todos os efeitos, tranquei a porta do quarto e abandonei meus filhos do lado de fora. Toda manhã acordava e andava três quarteirões até a igreja católica que ficava aberta 24 horas por dia. Rezava a São Judas Tadeu, padroeiro das causas impossíveis. Rezava à Virgem Maria. Às vezes apenas me sentava na igreja e chorava, esperando que Deus tivesse pena de mim. Isso durou meses. Quando o verão se transformou em outono, eu ainda rezava naquela igreja. Parei de ir quando esfriou.

Quando não estava dormindo, chorando ou rezando, eu ligava para ele. Pedia, implorava. Nada funcionou. Eden falava pouco. Ele não conseguia assumir um compromisso comigo nem me deixar – simplesmente não tocava no assunto. Pensei em me matar, mas era injusto com meus filhos. Em vez disso, botei dois bons planos alternativos. O primeiro foi ser despejada do apartamento. Não precisei planejar isso conscientemente – foi a consequência natural de ter largado o emprego e deixado de pagar o aluguel. Sabia que ele viria em meu socorro se eu não tivesse onde morar. Ele tinha se mudado, dividia uma casa com um amigo. Achei um bom sinal o fato de ainda não ter voltado para “casa”, e tive certeza de que, se eu precisasse de um lugar, ele providenciaria para mim. Errei e acertei ao mesmo tempo.

Ele me disse que passaria duas semanas em Cuba e que eu poderia ficar em sua casa enquanto

isso. Depois avisou que, ao retornar da viagem, voltaria a morar com a família. Foi então que implementei meu segundo plano alternativo. Parei de respirar. Inspirava ar que bastasse apenas para me manter viva, mas não para mover a energia vital por meu corpo. Desse modo não precisava sentir meu coração explodir em um milhão de pedaços. Se eu continuasse a respirar aos pouquinhos, espaçando bem os intervalos, não perderia o juízo. Eu tinha razão. Não perdi o juízo, mas Eden partiu para férias demoradas. Levei três anos para voltar a respirar.

Esta é a minha história como a vivenciei no passado, achando que estava vivendo o amor verdadeiro, quando, na verdade, sofria de autoabuso e autodesvalorização. A história de como aprendi a contar para mim mesma a verdade a meu respeito – quando ela se tornou dolorosa demais para que eu continuasse a me agarrar à mentira. Esta é também a história da minha

descoberta. Eu descobri como uma garotinha magoada se tornou uma mulher magoada, que criou uma vida arruinada porque precisava de pessoas arruinadas que confirmassem a versão que ela criara para se salvar emocionalmente. As pessoas que me fizeram sofrer não eram más. Na verdade, foram professores da mais alta eficiência, pois me levaram direto para os braços de Deus. Esta é, enfim, a história de como nossos defeitos podem nos ensinar a nos amar e a nos aceitar em meio a tudo o que descobrimos a nosso respeito – que é a única forma de tomar plena posse do nosso poder e de mergulhar de cabeça em nossa grandeza.

DE UM SUFOCO PARA OUTRO MAIOR AINDA

*Quando sua vida está indo
ladeira abaixo,
ela não melhora só porque você
quer.
Nem você pode desejar que
melhore.
Sua vida só melhora quando
você melhora.*

Com 26 anos, casada e mãe de três filhos, eu percebi que havia algo seriamente errado em minha mente e em meu coração. Estava em Nova

York, dentro de um táxi, num dia de verão sufocante, embora o ar-condicionado deixasse o automóvel em pleno inverno. Sentada no banco traseiro, de camiseta, eu tiritava de frio. Então me dei conta de que *eu* era a cliente e de que podia pedir ao motorista que desligasse o ar. Mas eu não conseguia abrir a boca. Não conseguia pedir ao homem a quem eu pagaria para que ele me levasse ao meu destino que elevasse a temperatura do carro. Quando pensei em pedir, um nó enorme se formou na minha garganta. Decidi que não tinha esse direito, pois o taxista poderia se aborrecer comigo. Em vez disso, enfiei os braços debaixo da camiseta e me encolhi no canto do banco.

Havia sempre um argumento em minha mente, que oscilava entre o adulto racional que eu era e a criança ferida e abusada que eu fora. A criança se lembrava dos tempos em que pedira algo que queria ou de que precisava. Lembrava nomes com que fora xingada e comentários maldosos a seu

respeito. O adulto lembrava que estava pagando por um serviço e tinha o direito de se sentir confortável. Mas eu não disse nada. Não tinha esse direito.

Após vários minutos matutando sobre o assunto, senti as lágrimas brotarem em meus olhos. Meu coração disparou e minha garganta se fechou. Bati no vidro e pedi ao motorista que parasse. Tenho certeza de que ele percebeu o meu tormento.

– Está tudo bem?

Eu não conseguia falar: lutava para conter o grito que se formava em minha garganta. Estendi a nota de dez dólares e saltei apressada do táxi, ainda bem longe do meu destino. O motorista acelerou, depois de me espiar pela janela. Vacilante, encostei-me num muro e fiquei ali, tentando recuperar o controle. Ao longo da vida, eu tinha me sujeitado a muitas indignidades, em vez de pedir aquilo que queria ou de que precisava, por medo de aborrecer as pessoas e de

ser magoada. Era um padrão aprendido na infância. Um ingrediente da minha patologia. O motivo, acredito, de eu ter aguentado durante nove anos um casamento fisicamente abusivo.

Na medicina, patologia é o estudo das causas da doença. Na vida humana, patologia é a doença. Aquilo que ocorre sob a superfície e que foi transmitido a você. São as características familiares que podem ser observadas e sentidas, embora ninguém jamais mencione o assunto. Falando de forma simples, é o motivo de fulaninho e beltraninho fazerem isso ou aquilo quando X, Y ou Z estão ou não por perto. É o motivo de ninguém falar nada a X, Y ou Z, mas começar a falar deles assim que eles viram as costas. Cada um à sua maneira, nós passamos a vida tentando evitar a repetição das patologias de nossa linhagem. As patologias dos segredos familiares sujos, vergonhosos, dos desejos escondidos, dos comportamentos secretos, dos laços ocultos e das

motivações inconscientes. É possível que existam padrões familiares ótimos, mas não estou preocupada com eles neste momento. Na maior parte, minha história é sobre a patologia disfuncional: os padrões conflituosos, as coisas que ouvi e vi os adultos fazerem e que deram origem à imagem que mantinha em minha mente e em meu coração sobre mim mesma e sobre a vida em geral.

Todos temos padrões de pensamento, crenças e comportamentos herdados de nossa família de origem. Assim como nossas orelhas, nossos olhos, nosso nariz e a textura do nosso cabelo são herdados, também herdamos certas tendências mentais, emocionais e até mesmo espirituais. Costumamos chamá-las de hábitos. É difícil romper os hábitos, pois, apesar de nossos maiores esforços, normalmente permanecemos fiéis aos padrões de nossa família, por piores que sejam. Em certos casos, como no meu, você pode

despertar cedo o suficiente para tomar decisões. *Não quero ser como essas pessoas!* Em alguma parte do seu ser, você sabe que algo está errado. Infelizmente, a criança não tem noção de como mudar. Não sabe como ser diferente das pessoas responsáveis por sua comida, sua roupa, sua casa. Então, espera – e vai ficando cada vez mais parecida com elas. Espera até ter idade suficiente para se mudar, fugir, se esconder ou simplesmente negar que tenha qualquer coisa a ver com “aquela gente”. Entretanto, cedo ou tarde, por mais longe que você esteja, é impossível negar o tecido do seu ser. De alguma forma, você se descobre repetindo os gestos que eram deles, dizendo o que eles diziam, da forma como diziam. Ou descobre que se comporta como a única pessoa no mundo com quem não queria se parecer. Sua mãe, talvez. Ou seu pai. Mesmo que não os tenha conhecido. Essa é a parte intrigante! Como é possível terminar com o esgoto cármico e os danos herdados de

pessoas que talvez você nem sequer tenha conhecido? Essa é a função da família de origem: *a família estabelece a patologia e os padrões que você é convocada a curar ao longo da vida.*

Compreender as propensões emocionais herdadas do DNA de meus pais era a peça do quebra-cabeça que me faltava. Fui me tornando consciente de que existiam no meu DNA emocional pedaços ainda vivos do quebra-cabeça herdados deles. Eram como filmes passando no meu subconsciente. O inimigo vivia dentro de mim. Quanto mais eu tentava vencer meus demônios internos, mais eles se rebelavam. Deus foi a minha salvação. Devo ao Espírito minha única escapatória. De alguma forma, conectei-me ao sagrado conhecimento e à sabedoria que me permitiram tomar consciência de que a oração e a meditação poderiam me salvar – como de fato me salvaram.

Foi minha vida de orações que me permitiu falar

brilantemente a milhares de pessoas ao mesmo tempo que minha vida pessoal desabava. Foi meu profundo e constante desejo de conhecer Deus e de servir a Ele que me possibilitou superar os sentimentos de culpa e baixa autoestima. Foi Ele que me fez ouvir meu coração e obter a inspiração para escrever um livro atrás do outro – livros que mudaram a vida de muitos. Algumas vezes, a caminho de uma palestra, eu lutava contra a ideia de suicídio. Minha alma estava esgotada e meu coração, despedaçado.

Eu não conseguia fazer o homem que eu adorava com todas as minhas forças me ver como eu realmente era e me tratar como eu deveria ser tratada. Recebi seu apoio e sua crítica, mas nunca sua compaixão. No entanto, em termos de alma, Deus podia me usar, um instrumento tremendamente imperfeito, e me tornar capaz de fitar os olhos de outro ser humano e dizer três palavras que tocassem sua alma, transformando-o.

Independentemente de tudo o que fiz ou de quanto fiquei “famosa”, nunca me senti boa o suficiente. Naquela época, nada disso fazia o menor sentido para mim. Hoje compreendo a confusão que me causava a dor herdada. Foi ter consciência dessa dor e reconhecer que eu poderia viver sem ela que acabou me trazendo a sensação de paz. Infelizmente, minha jornada na direção da paz pode ter custado a vida de minha filha.

Houve um tempo em que eu pensava em todas as coisas que os adultos da minha vida tinham me negado, e então minha alma chorava de tristeza. Essa tristeza transformou-se em arrependimento quando percebi que eu fizera exatamente o mesmo com meus filhos. Havia tantas coisas que eu precisava saber e que nunca me foram ensinadas... Coisas que teriam mudado o modo como eu me via e levava a vida. Ninguém nunca me ensinou sobre individualidade, feminilidade e maternidade. Nem sobre amor e sexo, visão e propósito. Não aprendi

a manter meu corpo e minha casa limpos. Aprendi a fazer o melhor uso possível do que tinha e a não ousar sonhar em obter nada além daquilo. Também aprendi como evitar, ignorar e desconsiderar a verdade. Se eu tivesse sido criada por adultos, e não por crianças magoadas, talvez – quem sabe? – meu caminho tivesse sido menos traumático. Mas, repito: enfim aprendi que recebemos exatamente aquilo de que precisamos e quando precisamos, de modo que possamos saber o que Deus planeja nos ensinar. Então podemos ser quem Ele planeja que sejamos.

V

Não me lembro de nada do período que antecedeu a morte de minha mãe. Lembro-me do dia do funeral, de minha avó cozinhando e de gente levando comida para nossa casa. Lembro-me, porque havia comida por todo lado, e eu não podia

comer nada nem tocar em coisa alguma. Alguns dias antes de a comida chegar, ganhei um vestido e um par de sapatos brancos de verniz novinhos em folha. Nem sei direito por que me lembro disso. Eu me recordo do dia do funeral porque andei num grande carro preto. Ele tinha botões que faziam as janelas subir e descer. Lembro-me de brincar com os botões, de levar uma bronca por causa disso e de receber um tapa no rosto por ignorar ordens. Recordo que finalmente me deixaram comer, com a advertência de que eu não me sujasse – o que não adiantou nada. Lembro-me de ter sido agarrada e arrastada para o banheiro, onde fui castigada por estragar um vestido novo. Disseram que eu não cuidava direito de coisa alguma. O que não me disseram foi que minha mãe estava morta nem que eu acabara de vê-la ser enterrada. Eu tinha 3 anos.

A morte de minha mãe foi como uma amputação. Pouco antes, ela estava ali. De repente, tinha ido

embora. A voz que eu conhecia desde o ventre desaparecera, assim como o toque de suas mãos no meu corpo e do seu rosto encostado no meu. Seu amor se fora, um amor que não consigo nem mesmo compreender, por não ter memória consciente dele. Entretanto, sei que sua ausência criou um vazio em meu ser que só vim a descobrir trinta anos mais tarde.

Minha avó paterna foi minha figura materna, a mãe que identifiquei nos dois anos seguintes, à medida que meus padrões de pensamento e comportamento se solidificavam. A casa de minha avó supostamente seria o santuário onde eu me recuperaria após a amputação. Em vez disso, minha mente e meu corpo foram infectados pela raiva, pelo ressentimento e pela incapacidade da minha avó em demonstrar afeto. Por meio da fala e do comportamento, ela me ensinou que nada do que eu fazia era suficientemente bom. Por ser a figura que mais exercia influência na minha vida,

ela criou uma imagem incontestável de quem eu era e de quem eu sempre seria – má, inoportuna e nunca boa o bastante.

Sempre achei minha avó uma mulher enorme. Quando eu tinha 3 anos e media uns sessenta centímetros de altura, ela tinha 40 anos e media um metro e setenta e cinco. A sensação era de que, por mais que eu crescesse, ela crescia ainda mais. Talvez minha avó se impusesse como uma figura avassaladora em minha vida por ser tão austera ou, para dizer a verdade, um bocado malvada. Na família, tinha a fama de ser mais raivosa do que um gato molhado! E se você achava que sabia o que era bom para você, melhor não cruzar o caminho de minha avó. Para começar eu não compreendia por que morava com ela, e não fazia a menor ideia de como atravessar o campo minado que era morar ali. Não sabia como me mover com suficiente rapidez ou lentidão. Não sabia como responder educadamente às perguntas, ou quando

não responder. Aprendi que tudo precisava ser feito do jeito certo, ou seja, do jeito *dela*. Precisava ser tudo como ela queria, na sua hora, de acordo com suas instruções e com a expressão correta no rosto. Também aprendi que não importava o que fizesse ou como fizesse, eu estava sempre errada. Errava por ser má. Errava por não prestar atenção. Errava por ser cabeça-dura ou burra. Errava por ser um pé no saco – exatamente como meu pai, ela afirmava. Imaginei que não fosse bom ser como ele. Afinal, a única pessoa que minha avó detestava quase tanto quanto a mim era meu pai.

Quando minha avó ia trabalhar, meu pai passava no apartamento várias vezes por dia para estar com Ray, meu irmão, e comigo. Eu nunca sabia quando ele viria. Não sabia onde ele morava. Para mim era estranho que ele não dormisse na casa da minha avó, mas aprendera que era melhor não perguntar. Queria que ele estivesse ali para me

salvar da minha avó. Também aprendera que era melhor não lhe mencionar nada disso.

Eu realmente amava papai, embora fosse raro que ele dissesse algo além de “Oi, boneca”. Eu amava o bigode e o cheiro dele. Ele era o homem mais elegante que eu já vira. Usava sempre uma camisa impecável e um chapéu inclinado de lado. Eu conhecia o som de seus passos subindo as escadas. Largava o que estivesse fazendo e corria para recebê-lo, e isso podia significar um picolé ou um chiclete. A verdade é que pouco me importava se ele trazia ou não alguma coisa; era o *meu* pai, meu, a única coisa minha.

Papai era um anotador de apostas. Sempre tinha um caderno para anotar os números em que o pessoal da vizinhança apostava. Até isso o tornava inteligente aos meus olhos.

Ao longo do tempo, aprendi a não esperar que meu pai me salvasse da fúria da minha avó. Quando ele tentava argumentar a meu favor, ela

apontava a bateria de palavrões em sua direção. Se ele levantasse a voz, ela atirava qualquer coisa nele. Não me esqueço das poucas vezes em que ele tentou me proteger. Isso realmente a irritava. Não me lembro direito do que ela dizia, mas apenas de como o ataque perverso costumava terminar. Ele implorava para que ela parasse, dizia que bastava, que ela tinha razão. Então meu pai encontrava um motivo para me levar com ele aonde quer que fosse, para usufruirmos uns minutos de paz. Não tenho certeza se ele sabia que, ao me trazer de volta para casa, vovó retomava o ataque contra mim.

Adorava as raras ocasiões em que meu pai me levava para dar uma volta em seu carro. Para mim, era especial. Geralmente ele me levava para a casa de uma mulher que fazia tranças no meu cabelo. Eram tantas... Algumas bonitas, outras, não. Algumas legais, outras, não. Quando eu fazia um novo penteado, papai não subia comigo as

escadas da casa da vovó. Despedia-se com um beijo e esperava enquanto eu subia até o apartamento no quarto andar, dizendo-me que avisasse a vovó de que mais tarde ele a visitaria. Ela sempre queria saber quem tinha penteado meu cabelo. Qual o nome dela? Onde morava? Ela tinha me dado algum dinheiro? Então ela se recolhia na cozinha, resmungando e soltando impropérios. Eu me sentava pertinho de Ray e apanhava por não saber responder às suas perguntas. Se estivesse sentada perto de Ray, o tapa era geralmente reduzido a um beliscão ou a um empurrão, porque assim Ray não era incomodado e eu me machucava pouco.

Ao contrário de mim, Ray possuía o mapa do campo minado. Apesar de um ano mais velho do que eu, sempre pareceu bem mais frágil, e por isso mais aceitável para vovó. Seu jeito melancólico, um pronunciado contraste com o meu incessante tagarelar, o ajudou a evitar a fúria da vovó de um

jeito que eu nunca aprendi. Por ser asmático, ela era muito carinhosa e gentil com Ray. Ele se sentava em seu colo e dormia em sua cama, enquanto eu ficava no chão ao lado da cama. Ele também recebia menos tarefas do que eu. Por só conhecer o lado grosseiro e brutal da vovó, eu costumava observar, curiosa e divertida, quando ela se transformava com meu irmão em um ser maternal, carinhoso e protetor. Eu sofria ao deduzir que havia algo em mim que a deixava zangada e malvada. Não conseguia adivinhar o que precisava fazer nem como precisava ser para desfrutar a avó delicada que Ray conhecia e amava. Isso me ensinou que os meninos, por alguma razão, sempre levavam mais vantagens do que eu e que aquele era um requisito para ser amado que eu não tinha.

Uma coisa é apanhar. Outra, é alguém saber que você apanha. Alguém que você ama. Que você acha que se importa com você. Quando alguém de

quem gostamos nos vê apanhar e não ajuda, isso soa a traição e essa lembrança permanece para sempre. Talvez o fato de eu me sentar perto do meu irmão para evitar a ira da vovó tenha me levado a concluir que o máximo que eu podia esperar dos homens era sua presença física, mas não mental nem afetiva. Aprendi que as almas masculinas gentis podem oferecer uma pequena dose de esperança. Talvez por isso tenha achado meu primeiro amor tão atraente. Ele também era quieto e delicado, como meu irmão. Mas também me lembro da traição do meu irmão, afastando-se do caminho quando vovó decidia me dar um tapa ou um sacolejo.

O fato de você ter defeitos não significa que seja incapaz de reconhecer os defeitos dos outros. Eu devia ter pouco mais de 4 anos quando descobri que a vovó era louca de pedra. Em termos modernos, seria considerada emocionalmente instável ou talvez deprimida.

Agora sei que existe uma forma de depressão que leva a comportamentos repentinos, instáveis e violentos, particularmente em mulheres negras. A depressão é causada pelo estresse e considerada uma doença mental. Durante minha fase de crescimento, não se falava em doença mental. Simplesmente não se tocava no assunto. Ninguém ousava desafiar nem encarar o abuso. Em vez disso, a disfunção era negada, evitada e escondida.

Na minha história, a instabilidade mental da vovó era causada por mim. Eu tinha me comportado tão mal que a deixara irritada. Como consequência, eu era agarrada, sacudida, estapeada e encarregada de realizar tarefas, como limpar o vaso sanitário e a pia com o trapo de uma camisa de baixo. Na maior parte das vezes, eu simplesmente não conseguia fazer as coisas do jeito que vovó queria, porque ficava aterrorizada demais para ouvir suas instruções ditas com palavras injuriosas. Meus olhos se enchiam de

lágrimas que eu segurava, porque, se eu chorasse na presença da vovó, uma daquelas suas enormes mãos me dava um motivo para chorar de verdade.

Morar com a vovó destruiu a inocência e a curiosidade do meu espírito de menininha, despedaçando-as num milhão de partes que eu não sabia como recolher e organizar – pelo menos, não do jeito certo. Na sua casa era melhor não perguntar nada e abrir mão da necessidade de saber qualquer coisa. Quando eu cometia o erro de perguntar, a resposta usual era que de tudo eu tinha culpa, fosse por minhas características físicas fosse por eu sempre fazer tudo errado. É um milagre eu ter aprendido algo durante o tempo em que morei com a vovó. Mas aprendi coisas que levei quase toda a minha vida adulta para desaprender. Ela me ensinou que, não importa quanto alguma coisa a magoe, é melhor não pedir ajuda a ninguém. Na casa dela, aprendi a dor silenciosa e esmagadora de não ser desejada, o

sentimento de não ser amada.

Vovó me ensinou a bajular quem possuísse algo que eu quisesse ou de que precisasse. Também me ensinou que eu era impotente para influenciar a decisão do outro. Quando queria alguma coisa da vovó, eu me sentava quieta no seu campo de visão, sem nenhum brinquedo, sem pronunciar nem uma única palavra. Se eu ficasse sentada ali tempo suficiente, ela me perguntava o que havia de errado comigo. Sua voz me dizia se eu podia pedir um sanduíche ou um biscoito ou para ver algum programa na televisão – ou se era mais seguro mentir e dizer que estava tudo bem. Quando eu pedia, sua permissão era normalmente precedida de reclamações contra mim. Aprendi a tolerar os comentários mordazes para obter o que queria. Uma das lições mais importantes que a vovó me ensinou foi que a pessoa que dissesse que me amava – ou que eu achasse que me amasse – tinha o direito de me tratar mal. Na verdade, era normal

esperar que as pessoas que eu amava e de quem precisava me tratassem mal. Era sinal de quanto me amavam.

Apesar de tudo o que não fez por mim e do que não me deu, vovó me ensinou a cozinhar. Ou talvez seja melhor dizer que aprendi a parte suja do trabalho para que ela pudesse cozinhar. Ai, meu Deus, como a mulher cozinhou! Na verdade, era seu ganha-pão. Sem instrução, mestiça de americano com africano, ela tinha que trabalhar no que era boa, ou seja, limpar e cozinhar. Era o que chamavam de “doméstica”. Cozinhou para as famílias ricas que moravam em White Plains e Yonkers, em Nova York. Às vezes trabalhava longe, em Connecticut, e precisava pegar o trem às cinco da manhã. Cozinhou para a “madame” e depois, quando voltava para casa, cozinhou para meu irmão e para mim.

Vovó me ensinou que eu precisava trabalhar para morar em sua casa. Se eu era muito pequena

para alcançar o fogão, podia subir num caixote de madeira perto da pia. Ela me ensinou a retirar a tripa da galinha e a puxar aquelas coisas nojentas de lá de dentro. Ensinou-me a mergulhar os pés da galinha numa tigela de água quente, para descamar a pele áspera. Eu morria de medo daquilo, mas aprendi a manter a boca fechada e a segurar aqueles pés asquerosos com um guardanapo. Ela me mostrou como misturar o fermento em água quente para preparar pãezinhos caseiros e como salpicar sal e pimenta uniformemente dos dois lados das costeletas de porco antes de passá-las na farinha. Todas essas eram coisas que as meninas de minha geração precisavam saber, mas o problema era que ela berrava as instruções e nunca me dava os parabéns pelo trabalho que tivesse sido benfeito. Aprender a cozinhar com a vovó não era diversão, era trabalho. Isso me ensinou que eu sempre deveria dar duro para conseguir o que era necessário ou desejado e que o objetivo do

trabalho não era diversão. Por estranho que pareça, adoro cozinhar, mas devo admitir que esse assunto é levado a sério em minha casa.

Por parte de pai, meu bisavô era a segunda geração de ex-escravos que trabalhavam em plantações e recebiam em troca parte da colheita. Ele se casou com uma americana nativa e tiveram dezesseis filhos, dos quais treze sobreviveram. Minha avó, a nona dos treze, casou-se com um mulato aos 14 anos e ficou viúva aos 15. Alguns membros da família contam que ela foi vendida para pagar uma dívida. Outros dizem que o marido a ganhou em uma aposta. Ela jamais falava sobre o assunto. Teve um filho, meu pai, que abandonou quando ele tinha 5 anos, para poder viajar para Nova York e trabalhar como cozinheira. Aos 12 anos, meu pai foi ao encontro da mãe, para estudar na cidade e trabalhar como servente do patrão dela. Do lado materno, minha avó, a caçula de seis filhos, pertencia à segunda geração nascida nos

Estados Unidos. Ela morreu quando mamãe tinha 6 anos de idade, então minha mãe foi criada pelas irmãs mais velhas. Aos 15 saiu de casa para trabalhar como lavadora de carros na estrada de ferro. No trabalho, conheceu meu pai. Ela tinha 29 anos e ele, com 22, estava prestes a servir o Exército dos Estados Unidos. Quatro anos depois, quando ele foi desonrosamente dispensado, acabaram se unindo. Não sei ao certo se ele se esqueceu de contar à minha mãe que era casado ou se ela sabia e não ligava. Compreendo hoje que as experiências de nossas vidas brotam de nossas almas e que tudo acontece para o nosso bem. Se for verdade que nossas almas escolhem as condições de nosso nascimento e as famílias em que vamos nascer, eu me pergunto por que escolhi um agrupamento familiar que precisava de tanto e tinha tão pouco a oferecer. Essa é uma imensa peça do quebra-cabeça. Até hoje, eu me questiono sobre o que é que minha alma buscava ao ser

forçada a conviver com o mau comportamento, a irresponsabilidade e a raiva dos adultos que, supostamente, deveriam me orientar.

Uma menina precisa de uma figura feminina protetora – ou, ao menos, de alguma coisa parecida com isso, capaz de conduzi-la à idade adulta. Não tive nada disso. Minha mãe perdeu a mãe e meu pai teve um arremedo de mãe. Eu tive em minha vida uma coleção de mulheres que me passaram mensagens conflitantes sobre quem eram como mulheres e que forneceram uma visão distorcida do que seria esperado de mim quando eu me tornasse mulher. Recebi um monte de mensagens estranhas tanto das mulheres quanto dos homens de minha família, cada uma delas uma peça mal-ajustada do quebra-cabeça. Na presença desse grupo de pessoas, tentando descobrir quem detinha o poder e o que eu precisava fazer para estar segura a seu lado, minha identidade sofreu graves danos causados pela pressão.

O relacionamento com minha avó, a quem amava e temia ao mesmo tempo, me ensinou que, para sobreviver, as mulheres devem ser duras, grosseiras e más. Na infância, o relacionamento com meu pai me levou a acreditar que os homens podiam entrar e sair de nossa vida sem explicação e, quando apareciam, era preciso se comportar o melhor possível para manter a atenção deles. Depois da morte de minha mãe, meu pai me abandonou. Ele estava “por perto”, mas não verdadeiramente presente na vida de sua única filha. Nunca descobri se era falta de interesse ou se ele simplesmente não sabia como se aproximar. Eu precisava do apoio emocional de meu pai. Na ausência de minha mãe, precisava me sentir amada, protegida e valorizada por ele. Mais do que tudo, precisava saber a verdade: sua verdade, a minha e a da minha mãe. Acho que meu pai não tinha vontade de contar a verdade. Ou talvez fosse incapaz de encará-la, e ainda menos de contá-la

para mim.

Acho que minha avó era uma peça importantíssima desse quebra-cabeça. Assim como eu, meu pai sabia que se dissesse algo errado, do jeito errado, na hora errada, vovó daria um ataque. Se ele falasse cedo demais ou alto demais, ela o atacava como se ele fosse um mero pedaço de carne dura. Quando minha avó agia assim, ele se sentava na cadeira da cozinha com as pernas cruzadas, enquanto ela andava de um lado para o outro diante dele. Quando ela o pressionava a responder, ele segurava a cabeça entre as mãos dizendo: “Por favor, mãe, por favor.” Ou: “Não sei, mãe, por favor.” A única vez em que ouvi meu pai levantar a voz para a vovó foi no dia em que meu irmão e eu saímos da casa dela. Não apenas ele levantou a voz, mas empurrou-a de lado para que pudéssemos sair.

Eu sei que tinha 5 anos porque estava animada com a ideia de ir para a escola, como fazia meu

irmão Ray. Também sei que era verão porque eu e Ray estávamos sozinhos em casa. Vovó tinha ido trabalhar quando o Sr. Fletcher chegou. O Sr. Fletcher era o corretor de seguros. Ele aparecia a cada duas semanas mais ou menos, para receber o pagamento da vovó. Era muito alto e sempre levava um pirulito para mim e para Ray. Na maioria das visitas, conversava com vovó na escada da frente de nosso prédio. Nesse dia em que eu e Ray estávamos sozinhos em casa, ele foi até nosso apartamento e bateu na porta.

Vovó sempre nos deixava instruções expressas: não abrir para ninguém. Mas aquele era o Sr. Fletcher. Eu sabia porque ele avisou quem era. Quando ouvi seu nome, pensei logo no pirulito que me aguardava. Então, sem orientação de meu irmão mais velho, fui até a porta e avisei que vovó não estava. O velho e doce Sr. Fletcher disse que tinha uns documentos para ela. Tentando ser prestativa, arrastei uma cadeira da cozinha até a

porta, girei a fechadura, desci e recebi o Sr. Pirulito como se eu fosse uma menina bem-educada.

O Sr. Fletcher não entrou. Entregou-me os documentos, disse-me para entregá-los a vovó e depois ordenou: “Agora, tranque a porta. Vou ficar aqui esperando.”

Tive vontade de pedir um pirulito, mas como ele não tinha me oferecido, achei melhor ficar quieta. Quando ele ouviu o barulho do trinco da porta, voltou a repetir que eu não me esquecesse de entregar os documentos e se foi.

Quando vovó chegou, eu estava tão orgulhosa de mim mesma que, mal ela entrou, entreguei os papéis a ela, que levou um momento para entender.

– Seu pai veio aqui hoje?

Ray estava mudo. Eu respondi que não.

– Então como conseguiu esses documentos do Sr. Fletcher?

Lembro que nesse exato momento Ray saiu da

cozinha, enquanto eu respondia: – Eu abri a porta, mas não deixei ele entrar. – Assim que pronunciei a última palavra, a mão da minha avó subiu e desceu direto no meu rosto. O que se seguiu foi uma experiência extrassensorial. Fui deitar aquela noite sem jantar, mas Ray conseguira esconder um pedaço de seu pão debaixo da camisa. Ele me deu o pão depois de se certificar de que vovó não descobriria.

Talvez uma semana tenha se passado, talvez mais. Uma bonita mulher veio me buscar. Seu nome era Nett, abreviação de Lynnette. Eu já a encontrara em várias ocasiões, quando papai nos levava para uma volta de carro. Era sempre gentil comigo e tinha um cheiro muito bom. Nett era a mulher de meu pai, minha madrasta, e meu relacionamento com ela foi a minha salvação. Nett me aceitou, me protegeu, me encorajou. O que não podia fazer, nem fazia, era me defender. Nós nos amávamos profundamente, mas ela me ensinou a

amar em segredo para manter viva a força do nosso amor.

Naquele dia, Nett me levou para comprar o material da escola. Muitos anos depois, conversando sobre a experiência, ela me contou que teve vontade de me dar um banho, porque eu não estava muito cheirosa. Para sua surpresa, ao tirar minha camisa de baixo, removeu também grande parte da pele das minhas costas. Ficou horrorizada, e eu, petrificada, pois isso significava ter que narrar o que acontecera. Conteí sobre o incidente do Sr. Fletcher e de como vovó me batera com o fio do ferro de passar até minhas costas ficarem em carne viva. Implorei que não contasse a papai porque vovó avisara que se eu abrisse o bico ela me atiraria pela janela da cozinha para o beco, que vivia cheio de cachorros. Não queria ser devorada pelos cachorros.

Mas Nett contou ao meu pai o ocorrido. Em horas, eu, meu irmão e todas as nossas roupas e

brinquedos estavam empacotados. Estávamos saindo quando vovó chegou do trabalho. Gritos e berros. Presenciei algo que nunca vira em toda a minha vida: vovó chorar. Quando papai a empurrou para podermos sair, ela se ajoelhou chorando e implorando: “Por favor, por favor, leva ela, mas não leva o Ray. Deixa o Ray comigo, por favor!”

Papai berrando! Vovó chorando! Experiências totalmente novas e desconcertantes. Da mesma forma como foi mudar para um apartamento de um quarto a que meu pai chegava todas as noites e em que Ray e eu dormíamos num sofá-cama. Nunca tinha visto um antes.

V

Quando nos mudamos para o apartamento de um quarto, papai nos deu ordem de não deixar vovó entrar – em hipótese alguma! Quase todo dia eu

espiava pela janela da sala e a via plantada do lado de fora, olhando para a casa. Às vezes, ela esperava por mim e Ray no parquinho da escola. Nunca falou conosco e agíamos como se ela fosse invisível. Ray apertava minha mão e passávamos por ela como quem passa por um poste. Vovó nos acompanhava a uma distância de meia quadra até chegarmos em casa. Como Nett trabalhava, Ray abria a porta para entrarmos em casa. Fazíamos o dever e víamos televisão até um adulto chegar. Devo admitir que era bom saber que alguém tomava conta de nós quando estávamos sozinhos em casa, mesmo que fosse vovó.

Moramos poucas semanas no apartamento pequeno. Logo depois, nos mudamos para um de dois quartos, onde eu e Ray dividíamos um quarto. Cada um tinha uma cama de solteiro, uma mesinha de cabeceira, uma cômoda e um abajur.

Ray era o herói que eu amava e admirava loucamente. Quando não estava abatido pela asma

– uma ameaça real e sempre presente em sua vida
– era um espírito meigo, gentil, que me fazia rir. Ele sentia tudo com profundidade. Por ser um menino que, supostamente, deveria ser durão, poucas vezes mostrava seu lado meigo. Em vez disso, parecia se endurecer contra o mundo, contra tudo e contra todos. Sorria pouco e nunca chorava, mas seus olhos revelavam tudo.

Quando ficava assustado ou zangado, os olhos se tornavam vidrados e fixos. Fazia isso quando papai o repreendia, ensinando-lhe que deveria ser durão e deixar de agir feito mulherzinha. Depois de uma dessas lições de moral, Ray me empurrou e me disse para deixá-lo em paz, como se eu tivesse feito algo errado. Por mais que eu implorasse para me contar o que acontecera, ele se recusou a falar. Isso durou dias, até algo, não lembro direito o quê, voltar a amolecer seu coração. Quando o coração de Ray se abria, era o meu único local de conforto. A lembrança mais vívida de meu irmão Ray era a

sua compaixão. Depois que eu apanhava por ter feito ou dito algo impróprio na casa da vovó, eu me sentava perto dele. Se ninguém estivesse olhando, ele me deixava repousar a cabeça em seu ombro e chorar. Poucas vezes me abraçou e beijou minha bochecha. Entretanto, assim que ouvíamos os passos da vovó se aproximando, ele me largava e agia como se eu não estivesse ali.

Lembro-me de um dia das bruxas em que eu devia ter uns 6 ou 7 anos e fazia vários dias que não víamos nem ouvíamos notícias de papai. Para nos manter ocupados, Nett costurou umas fantasias criadas com roupas velhas. Ray usava um terno no qual cabiam uns seis dele, um dos chapéus antigos do meu pai e um par de sapatos também do papai. Eu botei um dos vestidos gastos de minha madrastra, uma bijuteria velha, sapatos de salto alto e bolsa. O que mais me deixou empolgada foi o batom. Minha madrastra pintou minhas bochechas e meus lábios com batom vermelho. Eu estava

maravilhosa! Um espetáculo! Deixou que batêssemos nas portas dos apartamentos do prédio de quatro andares em que morávamos, brincando de “gostosuras ou travessuras”. Cada um carregava uma sacola de compras marrom e após termos batido em todas as portas de todos os andares, as bolsas ficaram lotadas.

Ainda fantasiados, sentados no chão da sala de estar, remexíamos nas sacolas de doces quando papai chegou. Ele nos olhou e perguntou à minha madrastra: – Que m... é essa?

Ela explicou que era dia das bruxas e que nos deixara bater nas portas do prédio. Ele lançou-me um olhar penetrante e ordenou: – Venha aqui! – Não disse uma palavra a Ray. Eu caminhei até ele, orgulhosa como um pavão em minha fantasia de mulher. Talvez até sorrisse antes de sentir o apertão nas bochechas.

– Por que está com essa bosta toda na cara?

Eu não sabia direito o significado da palavra

bosta. Com certeza ele se referia ao meu batom! Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, ele soltou meu rosto com brutalidade e minha cabeça tombou para o lado.

– Tire essa merda da cara!

Olhei para minha madraستا pedindo ajuda. Apressadamente, ela me levou pela mão até o banheiro, onde fui despida, lavada e restituída ao meu eu normal. Papai mandou Ray arrumar a bagunça e ir para a cama. Quando Ray entrou no quarto, eu já estava de pijama. Antes de apagar a luz, minha madraستا sussurrou: – Não se preocupe. Vou guardar os doces para você. Sinto muito.

Eu ouvia os dois discutindo do outro lado da porta. Tudo teria se resolvido, como sempre acontecia em nossa casa, se eu tivesse ficado na cama e ido dormir. Mas surgiu uma ideia brilhante.

Na minha primeira viagem ao banheiro, eu tinha visto o batom no canto da pia. Eu queria aquele batom! Queria ficar bonita de novo. Voltei ao

banheiro, que estava às escuras e encontrei uma lanterna, pendurada num gancho atrás da porta. Levei a lanterna e o batom para o quarto. Imaginei que se eu me enfiasse debaixo das cobertas poderia passar o batom com a ajuda da lanterna e dormir com minha linda face do Dia das Bruxas. Brilhante! Mas ao voltar para a cama, eu me dei conta de que precisava do espelhinho de mão da minha madrastra. O que exigia uma terceira viagem ao banheiro. Assim que agarrei o espelho, um movimento brusco lançou o frasco quase cheio de Listerine no chão duro e frio.

– O que você está fazendo?

Não respondi. Ouvi o arrastar da cadeira da cozinha arranhar o chão de linóleo. Fugi do banheiro pulando sobre o vidro quebrado, entrei no quarto e me enfiei depressa na cama, sabendo muito bem o inferno que iria se desenrolar.

– O que está aprontando?

Tenho certeza de que meu pai sentiu o cheiro

antes mesmo de ver o frasco de Listerine quebrado. Acho que nem foi ao banheiro. Entrou direto no nosso quarto e acendeu a luz.

– Que merda! Olhe só para você! Sujou os malditos lençóis de batom.

Nem mencionou o Listerine. Em vez disso, puxou-me pelo ombro e eu quase saí voando da cama. Continuou me segurando com uma das mãos, enquanto desfivelava o cinto com a outra. Falava sem parar, mas eu não conseguia ouvi-lo, porque o som do meu coração batendo alto demais tapava os meus ouvidos. Quando o primeiro golpe me atingiu, meu coração parou de bater – eu precisava de toda a energia para gritar.

A primeira lambada do cinto de meu pai não foi nada comparada à segunda, à terceira, à quarta, e assim por diante. Meu pai me bateu durante o que me pareceram horas. Ele desferia os golpes com cada fibra do seu ser, atingindo a pele do meu corpo jovem com a força que usaria para brigar

com um homem de sua idade e tamanho. A única vez em que descansou foi quando eu me esquivei de suas garras. Tentando me livrar dele, caí no canto do quarto onde ficava o aquecedor. Inevitavelmente, esbarrei nele. Ao queimar minha perna e meu braço, recuei na direção oposta, dando ao meu pai a oportunidade de me agarrar de novo. Ele me bateu até suar, e continuou batendo, surdo aos pedidos da minha madrastra para que parasse antes de me matar. Quando um de seus golpes desenfreados errou o alvo, acertou Nett. Meu pai me surrou até suas calças caírem. Depois parou, e não por que eu tivesse praticamente perdido a consciência, mas por ter ouvido alguém bater na porta. Bater, não – socar.

Os vizinhos tinham chamado a polícia. De alguma forma, minha madrastra convenceu-os a ir embora sem entrar. Lembro-me de ter acordado no banheiro, com suas lágrimas caindo sobre meu corpo triturado e surrado. Não me recordo se eu

ainda chorava, mas meu corpo inteiro latejava e um olho estava inchado e não abria. Tenho lembranças de uma toalha fria cobrindo aquele lado do meu rosto. Também me lembro das exatas palavras pronunciadas por Nett quando recuperei a consciência o suficiente para poder ouvir.

— Por que você tem de deixá-lo tão zangado? Por que nunca obedece?

Mesmo que eu viva cem anos, nunca me esquecerei daquelas palavras. Nem da sensação de ter escapado por um triz da fúria de um homem ensandecido e da morte, deitada ali naquela banheira, em meio ao cheiro de Listerine que pairava no ar, e acreditando que tudo tinha sido culpa minha. E eu acreditei.

Afinal, tinha sujado os lençóis de batom.

A surra foi apenas um aspecto do sofrimento experimentado naquela noite do dia das bruxas. Em algum momento, devo ter buscado refúgio debaixo da minha cama ou da cama de Ray e o que

vi ao erguer o rosto está gravado na minha mente até hoje: meu irmão mais velho, meu herói, estava agachado dentro do armário, quase inteiramente escondido pelas roupas penduradas acima de sua cabeça, que estava apoiada nos joelhos. Então, nossos olhares se cruzaram. Se meus olhos comunicavam algo, era: *Ajude-me!* O que obviamente ele não fez – não podia. Como eu disse, uma coisa é ser espancada. Outra, bem diferente, é ser espancada enquanto seu herói testemunha tudo em silêncio. Isso transforma a surra em massacre.

Patologia. O que faz um homem adulto, desempregado, que esteve fora de casa uns quatro ou cinco dias, voltar e violenta e cruelmente bater em sua filhinha? Talvez ele não fosse totalmente adulto. Talvez minha infância fosse uma sombra da dele, na qual meu pai estivesse aprisionado. Talvez fosse a pressão de ser um homem sem emprego, com mulher e dois filhos que ele

precisava alimentar. Talvez fosse apenas uma desculpa para evitar as perguntas da minha madrastra: por onde andara? Por que sumira? Talvez sim. Talvez não. Pode ser. Quem sabe?

Quebra-cabeça. O que fez com que uma mulher adulta, empregada, que aceitou uma criança nascida durante seu casamento, mas fora dele, em vez de salvar aquela criança, jogasse nela a responsabilidade pela surra? Talvez fosse a pressão de trabalhar demais e ganhar muito pouco para sustentar crianças que nem eram suas. Talvez tivesse se alegrado por *seu homem* estar em casa e minhas peripécias tenham arruinado seus planos para a noite. Ou era bem possível que ambos fossem loucos – doidos varridos lutando contra a própria dor, culpa, raiva, tristeza e humilhação –, o que os levava a infligir sofrimento a alguém tão pequeno. O que sei é que a profundidade e a extensão das feridas físicas, psicológicas e emocionais que experimentei só poderiam ter sido

causadas por pessoas que, se não eram insanas, definitivamente tinham *perdido a sanidade*.

Pedaços. Cinquenta e poucos anos depois, ainda ouço e sinto a dor, o cheiro e o gosto da sanguinolência daquela surra. Ela me feriu em lugares muito profundos, pelos quais partes do meu ser se esvaíram. Aquela aterrorizante noite do dia das bruxas me ensinou lições que eu passaria metade da vida buscando desaprender. Durante todas as vezes em que meu pai levantou a mão com o cinto e violenta e vingativamente moveu-a de encontro ao meu corpo, ele me ensinou que o amor machuca, que os homens batem na gente e que, de um jeito ou de outro, a culpa é nossa. Essa foi uma lição da qual não pude escapar por muito tempo. E não escapei – mas meu irmão, sim. Ele escapou de tudo o que testemunhou, provavelmente agradecido por não ter sido ele o brutalizado, certamente convencido de que jamais se meteria com meu pai. Talvez no fundo quisesse me ajudar e não

soubesse como. Casei-me com dois homens iguaizinhos – homens que queriam ser homens, mas não sabiam como. Aquela surra no dia das bruxas definiu um aspecto de minha identidade que carreguei para cada relacionamento, com todo homem e toda mulher, durante grande parte de minha vida adulta. Como muitas crianças brutalizadas, abandonadas e negligenciadas, passei a acreditar que pouco importava quem eu fosse e o que aconteceria comigo. Eu não tinha a menor importância para as pessoas que me machucavam nem para Deus.

Naquela noite também tomei outras resoluções acerca de mim e da vida. Decidi que eu não despertava amor. Ninguém que fosse amada seria tratada daquele jeito e ninguém que me amasse faria aquilo comigo. Ou faria? Também decidi que os homens podiam fazer o que bem entendessem sem arcar com as consequências. Por isso a polícia fora embora sem de fato investigar o

ocorrido. Na verdade, meu pai se safara de sua responsabilidade graças à desculpa da minha madrasta. Então aprendi que eu também precisava inventar desculpas para os homens que me tratassem mal. Aprendi que era melhor não esperar ajuda nem proteção e defesa por parte dos homens. Se meu irmão não pôde, não fez, *quem faria?* Outra grande lição recebida de minha madrasta naquela noite foi que era preciso manter a paz a qualquer custo.

Depois que a polícia se foi, ela não me levou para a sua cama, a fim de cuidar das minhas feridas e me embalar até que eu dormisse. Teria sido reconfortante dormir com Nett no sofá-cama da sala de estar, como fazíamos algumas sextas-feiras à noite, quando víamos filmes. Isso não aconteceu. Tampouco me disse “chega para lá”, como às vezes fazia, enquanto se enroscava ao meu lado, encostando-se em mim para que eu me sentisse segura em minha cama. Em vez disso, foi

para o quarto com meu pai e fechou a porta. Meu irmão me contou o que significava aquele barulho (bum-bum-bum-bum) que ouvíamos em nosso quarto, que era colado ao deles. Fiquei acordada ouvindo aquelas pancadas e em seguida o silêncio, com medo de dormir. Em algum momento entre a hora em que a polícia foi embora e a hora em que o sol raiou na manhã seguinte, devo ter decidido que, mesmo quando um homem a trata mal, você deve dormir com ele.

Muitas coisas se tornaram diferentes depois da mudança para o apartamento maior. Papai continuava anotando apostas, mas começou a ser preso. Certa vez a polícia o cercou quando ele saía do carro. Ray e eu, sentados na escada de incêndio, assistimos à sórdida cena. Eles empurraram papai contra o carro e mexeram em seus bolsos. Acho que encontraram o que buscavam, porque o enfiaram na viatura de polícia e aceleraram. Em outra ocasião, papai saía do

apartamento de um vizinho depois de recolher uma aposta quando a polícia o deteve no corredor e o levou para a cadeia. Nett nos contou que todas as pessoas do prédio cooperaram para pagar a fiança de papai. Mais tarde, naquela noite de verão, quando ele voltou, o pessoal sentado do lado de fora aplaudiu. Essa foi a primeira e a única vez em que tive orgulho de ser sua filha.

Esse orgulho não durou muito. Pouco tempo depois, Ray e eu assistíamos à TV em nosso quarto quando ouvimos alguém esmurrar a porta de nosso apartamento, que veio abaixo. Papai entrou correndo, perseguido por vários policiais brancos e Ray se escondeu em seu lugar favorito, o armário. Em pouco tempo, tudo aconteceu: a porta da frente foi derrubada, Nett foi empurrada contra a parede e um galo imenso cresceu em sua testa, quase todos os aposentos da casa foram revirados e papai foi preso. A Srta. Brooks me levou com Ray para o apartamento dela, que ficava no final

do corredor, e nos preparou um chá.

O Sr. Rootman, amigo de papai, dono da loja de doces no final da rua em que vovó morava, foi até o apartamento da Srta. Brooks. Trouxe doces para mim e para Ray e um rolo grandão de dinheiro para Nett. Depois soltou a bomba: o pessoal da rua estava comentando que vovó entregara papai para a polícia. Não tenho certeza se compreendi o significado de “entregar”, mas pelos nomes de que Nett a chamou ao telefone, soube que vovó *não podia ter* feito nada de bom. Também soube que ninguém faria qualquer coisa quanto a isso. Os erros dos adultos nunca tiveram consequências na minha família.

Depois que papai foi para a cadeia, meu irmão e eu tivemos de ir morar com Nancy e Lee. Nós os conhecíamos como tio e tia, embora eu tenha descoberto, mais tarde, que não havia qualquer parentesco de sangue entre nós. Nancy era a melhor amiga de minha mãe biológica. Contou-nos

que eram como irmãs. Embora Nett nos tivesse dito que seria por poucas semanas, dois meses no máximo, acabamos morando com Nancy e Lee durante quase seis anos. Naquela casa, minha nova casa, numa rua tranquila do Brooklyn, aprendi como lutar física e emocionalmente pela vida. Como combater a guerra silenciosa, suja, que muitas mulheres travam para permanecer em relacionamentos dolorosos. Infelizmente, minha jovem mente ficou confusa com as mensagens recebidas e acabei criando na minha vida os mesmos padrões negativos que me haviam sido mostrados pelos adultos. Na verdade, um dia percebi que a planta do apartamento em que eu morava com meu marido violento e agressivo era exatamente igual à do apartamento no qual vivi o horror do dia das bruxas. A patologia se manifestava de modo bastante concreto.

O PIOR CEGO É AQUELE QUE NÃO QUER VER

*Para ser um bom lutador,
é preciso se despir de tudo.
Um lutador é treinado para
esquecer
o que sabe e quem é fora do
ringue.*

*Uma vez despido, pode ser
moldado por uma voz:
a voz do treinador.*

*E supõe-se que o treinador
tenha em mente o interesse do
lutador.*

Primeiro protejam as crianças! É responsabilidade dos pais e de todos os adultos garantir que as crianças sob seus cuidados estejam a salvo, seguras. Refiro-me a algo além da alimentação, da roupa e da limpeza atrás das orelhas. Refiro-me ao fato de que acredito que os adultos receberam de Deus a missão de garantir que todas as crianças sobre as quais exerçam autoridade sejam orientadas, educadas e protegidas de maus-tratos – de qualquer espécie. Infelizmente, em excessivos casos, isso nunca acontece.

Tia Nancy e tio Lee eram pilares em nossa família. Ao contrário de meus pais, estavam casados havia séculos. Tinham uma filha, minha prima mais velha, Bunny, que se tornou minha irmã de mentirinha. Tia Nancy era baixa e bastante gorducha, dona de um rosto redondo e meigo. Parecia uma abóbora que andava e falava. Era

dona de casa e durante o dia cuidava dos filhos de quem trabalhava fora. Hoje seria chamada de empresária, dona de creche. Não era uma estranha para mim, porque eu já tinha passado muitas tardes em sua casa antes de frequentar a escola. Tio Lee era um mistério. Alto e muito magro, raramente me olhava ao falar e, quando o fazia, eu mal conseguia ouvi-lo. Durante todo o tempo em que morei com eles em sua casa, acho que não me dirigiu nem mesmo dez palavras – nem a mim nem a qualquer outra pessoa.

Tia Nancy e tio Lee eram donos de uma casa com porão e quintal num bairro de operários que congregava as mais diversas raças. A casa era o refúgio da maioria dos parentes em dificuldades. Nunca ninguém explicava nossos laços familiares. Mesmo assim, eu devia tratar toda essa gente que chegava lá como se eles fossem íntimos, embora não soubesse quem eram, de onde vinham ou por que faziam parte da minha vida. Também devia

acreditar que tinham nobres intenções a meu respeito.

Tio Lee era motorista de um ônibus escolar, alcoólatra funcional e homem metódico. Todos os dias úteis, saía às quatro da manhã para levar crianças ricas à pequena escola particular. Enquanto as crianças assistiam às aulas, tio Lee trabalhava como cozinheiro. Às três da tarde, levava as crianças de volta para casa. Chegava invariavelmente às seis e meia e afundava em sua velha poltrona reclinável diante do aparelho de televisão. Jantava naquela poltrona, assistindo à TV como se sua vida dependesse daquilo, até cair no sono. Era essa sua rotina diária, até a sexta-feira. Na sexta à noite, a história mudava de figura. Quase sempre tio Lee voltava para casa bêbado como um gambá. Seguia vacilante pelo corredor, cantando alto e desafinado. Quando conseguia chegar à poltrona, sentava-se e soltava piadinhas vulgares, tentando fazer cócegas em quem passasse

por perto. Se não conseguisse chegar à poltrona, desabava em qualquer lugar e ali mesmo começava a cantarolar e a contar piadas. Tia Nancy o empurrava quando ele a agarrava; os dois trocavam beijos e abraços apaixonados, e ela sempre ria das piadas.

De repente, tudo mudou às sextas-feiras à noite. Tio Lee parou de voltar para casa depois do trabalho. Da primeira vez, tia Nancy ficou na janela esperando o carro do tio Lee aparecer. De vez em quando, chorava. Além daquela vez em que vovó implorara para que meu pai não levasse Ray, eu nunca tinha visto um adulto chorar. Em geral, minhas lágrimas tinham ligação com alguma espécie de dor física; havia muito, aprendera a não chorar quando ficava triste ou desapontada, ou quando alguém feria meus sentimentos. Ver tia Nancy chorar me deixou muito constrangida, com uma sensação estranha no peito que dificultava minha respiração.

Numa dessas sextas-feiras, depois de várias horas de espera, tia Nancy chamou um táxi. Que acontecimento! Nunca tomávamos táxi para ir aos lugares, exceto numa emergência. Além disso, tínhamos um carro. Bem, na verdade, tio Lee era o dono do carro. A única palavra que ela pronunciou foi “Venha!”. Apressei-me em segui-la. Sem me dirigir a palavra, tia Nancy informou ao motorista aonde ir. Eu não conhecia aquela área. Ao chegarmos, pedi ao taxista que diminuísse a marcha para podermos passear pelo quarteirão. Fui a primeira a ver o carro. Como não fazia ideia do objetivo do nosso passeio, anunciei minha descoberta com grande entusiasmo e no tom mais alto possível:

– Olha lá o carro do tio Lee!

O táxi freou. Tia Nancy espiou pela janela. O motorista perguntou: – É aqui?

Tia Nancy permaneceu muda. Finalmente declarou: – Me leve de volta para casa.

Fiquei confusa. Achei que tivéssemos ido buscar o tio Lee. Então perguntei: – Por que vamos embora? Vamos deixar o carro? Tio Lee vai para casa?

Tia Nancy me lançou um olhar glacial de “cale a porcaria dessa boca”. E eu me calei.

Ela descobrira, por meio de “investigações matrimoniais”, que o marido andava saindo com outra mulher. Embora eu só tivesse ouvido trechos das conversas sussurradas, aposto que ele negara o caso. Suspeito que tia Nancy conhecesse a verdade, mas antes de abordar o problema deve ter demorado um tempo para obter a informação e a inspiração necessárias. Infelizmente, ela não se dava conta do que me ensinava durante seu próprio processo de aprendizado.

De volta à casa, tia Nancy reassumiu seu posto diante da janela e mandou que eu fosse me deitar. Era difícil adivinhar o que estava acontecendo ou entender meus próprios sentimentos a respeito

daquilo tudo. Tinha consciência de que se armava uma confusão, mas não sabia dizer quem estava em apuros: se a chorosa tia Nancy ou se o ausente tio Lee. Como a maioria das crianças que é surpreendida entre dois adultos em conflito, achei que a culpa fosse inteiramente minha. De algum jeito, eu me achava responsável por resolver a situação.

Nas primeiras horas da manhã do sábado, tio Lee chegou, afinal. Bêbado. Ouvi o som de vidro se quebrando na cozinha, a voz de minha prima Bunny e, depois, a de meu irmão. Curiosidade e medo me levaram até eles. Deparei com tia Nancy em cima do tio Lee, que, por sua vez, estava enroscado com Bunny, enquanto meu irmão segurava um pé – eu só não sabia direito o pé de quem. Meu primeiro instinto foi de rir – até que vi o sangue. Tia Nancy gritava improperios e apertava uma coisa entre os dentes. Mordia a mão. A mão do tio Lee. Uma luta travada entre duas

peessoas que, para todos os efeitos, se amavam. Que confusão! Uma confusão e tanto! E porque eu tinha visto tia Nancy chorando, porque tinha ido com ela de táxi e descoberto o carro do tio Lee, era tudo culpa minha.

Muitas vezes se exige das crianças que elas acabem com a confusão armada pelos adultos, mesmo quando os adultos não se preocupam a mínima de estar contaminando a vida das crianças com suas atrapalhadas. Depois de todos separados, Ray, Bunny e eu providenciamos os primeiros socorros. Eu me concentrei na tia Nancy, porque era quem estava sangrando menos. Recuperei sua peruca da maçaneta e tentei cobrir seus lábios inchados e ensanguentados com um pano úmido. Entreguei-lhe a peruca, que ela imediatamente atirou em cima do tio Lee, chamando-o de uma lista de nomes sujos, que revelaram toda a história para nós, crianças. Bunny chorava e limpava o sangue da cabeça do

pai, onde o vidro ou *sei lá o quê* tinha encontrado seu crânio. Um olho do tio Lee inchara bastante e seus lábios sangravam. De tão bêbado, ele mal conseguia falar, embora continuasse tentando.

Nenhuma palavra foi dita sobre os acontecimentos daquela noite, mas esse se tornou o padrão dos finais de semana. Tio Lee não voltava para casa na sexta-feira. Tia Nancy pegava um táxi e localizava o carro do marido. Quando tio Lee chegava, bêbado, tia Nancy o agredia, dava-lhe uma surra e em seguida se reconciliavam. Depois das duas ou três primeiras brigas, nós, as crianças, deixamos de interferir. Em vez disso, esperávamos os dois caírem no sono abraçados e arrumávamos a bagunça. Na segunda-feira, repetia-se a rotina: trabalho, escola, cuidar das crianças, preparar o jantar, como se o final de semana nunca tivesse existido.

Não sei exatamente quando foi que a tia Nancy se tornou “minha mãe”, o tio Lee se tornou “meu

pai” e minha prima se tornou “minha irmã”. Só sei que essa transição gradual me proporcionou certa segurança, embora acompanhada de um quê de tristeza. Acreditava que eu e meu irmão tivéssemos ido parar naquela casa porque meu pai estava preso, e não porque ele não nos amasse ou não quisesse ficar conosco. Porém, quando descobri que meu pai tinha sido solto vários meses antes de termos sido adotados por tia Nancy e tio Lee, fiquei pensando no motivo que o levara, e também a minha madrasta, a não nos buscar. Soube que ele saíra da prisão quando o vi passar de carro pela casa de meus tios, sem, contudo, parar. Corri pela rua gritando como uma alucinada, achando que ele não tivesse me visto, nem me ouvido. Mas na quinta ou sexta vez que a cena se repetiu, eu me resignei a acreditar que não era ele. Devia ser um carro parecido com o dele. Sabia que era mentira, mas qualquer outra coisa teria sido arrasadora demais.

Às vezes papai ligava e dizia que ia passar para nos levar para um passeio. Tia Nancy nos esfregava e vestia, mas ele não aparecia. Em várias ocasiões esperamos em vão. Depois de um tempo, meu irmão deixou de esperar e, nas raras ocasiões em que papai apareceu, Ray se recusou a sair com ele. Eu não me zangava com tanta facilidade. Continuava esperando. Em geral, por volta das nove ou dez da noite, minha tia preparava um sanduíche para mim e me dizia para mudar de roupa e ir para a cama. Naquela casa, a cama parecia ser o lugar para onde se ia quando era preciso evitar algum assunto.

Talvez minha madrastra achasse que, ao me deixar na casa da tia Nancy e do tio Lee, estava me proporcionando um ambiente estável e seguro, enquanto procurava resolver as dificuldades do próprio lar. Mas minha estada com aquela família foi tudo, menos estável. Eu já tinha aprendido com minha avó que a casa era um lugar violento onde

inesperadas explosões de raiva poderiam acontecer. Agora, em meu novo lar temporário, com meus pais *de mentirinha* e minha irmã *de mentirinha*, eu aprendia a viver na ilusão. Não me refiro ao estilo de vida “bico calado, não conte a verdade”. Refiro-me ao modo “veja o que está acontecendo e aja como se não visse, minta a si mesma”. O estilo brutal e silencioso que distorce nosso senso de identidade e autoestima. O que aprendi com o padrão de estabilidade da minha família foi o tipo de mentira “aja como se tudo estivesse bem, e tudo ficará ótimo”, que é o alicerce da desonestidade emocional e do autoengano. Esse passou a ser meu padrão de vida.

Eu precisava de atenção, afeição e segurança. Precisava ter certeza de estar a salvo do perigo, tanto dentro quanto fora de casa. Mas os adultos, que andavam ocupados demais administrando mal e porcamente as próprias vidas, não percebiam como desmantelavam a minha. Eu era boa aluna:

fazia meu dever de casa com pouca ou nenhuma ajuda e sempre alcançava ótimas notas no boletim. O que não alcançava era algum tipo de recompensa ou reconhecimento. Enquanto tudo o que eu fazia de “errado” era notado na casa da vovó, nada de “bom” que eu fizesse era notado naquele lugar. Isso apenas serviu para reforçar a noção de que nada em mim era bom o bastante.

Além dos comentários depreciativos sobre quem meus pais eram ou deixavam de ser, lembro-me das conversas sobre “ganhar meu sustento”, precisar bancar minha estada na casa e ter o dever de me mostrar agradecida.

Minha permanência com a tia Nancy e o tio Lee estendeu-se por anos a fio. E não era mais problema de meus pais. Era problema meu e de quanto eu me mostrava útil. Precisava cozinhar, não para desenvolver o talento da culinária, mas porque as pessoas que não eram meus pais gastavam dinheiro para me alimentar. Precisava

me ajoelhar e esfregar o chão do banheiro com uma escova para justificar minha permanência naquela casa. A única forma de garantir meu *lugar* era falar muito pouco, pedir muito pouco, precisar de muito pouco e fazer muito, para garantir que os outros ficassem satisfeitos com meu jeito de atender às suas necessidades. Outro padrão.

Uma vantagem de ter morado com a tia Nancy e o tio Lee foi que eu fiz amizade com outras crianças do bairro, e pude então perceber o que eram vidas consideradas “normais”. Do meu ponto de vista infantil, elas tinham todas as coisas que eu queria e tudo de que poderia precisar. Moravam com os pais, que as ajudavam não só a fazer as tarefas de casa, mas também a resolver seus problemas. Eram beijadas e abraçadas diariamente. Tinham irmãos com os quais conversavam e uns cuidavam dos outros – os mais velhos dos menores. Envolver-me no cotidiano de minhas amigas não apenas despertou um profundo

e desesperado anseio em minha alma, como também me proporcionou a visão do que era possível. Sem o modelo de relação que pude observar haver entre as minhas amigas e os pais delas, eu me pergunto se algum dia teria aprendido como agir com meus próprios filhos.

Ninguém mais me ensinava o que eu precisava saber. Ninguém me explicava o motivo de a tia Nancy e o tio Lee brigarem aos sábados ou de meu pai não vir me buscar. Ninguém me dizia qual era meu parentesco com aquelas pessoas, nem me falava sobre o sentido da vida. Além de “trabalhe duro, não peça nada”, “mintar sobre o que vê” e “fique de olho, pois alguma loucura pode acontecer a qualquer instante”, eu não recebia nenhuma orientação sobre como viver essa coisa chamada vida. Não me ensinaram nada a respeito de dinheiro, exceto que nunca havia o suficiente. Não tinha ideia do que era fazer escolhas ou assumir responsabilidades. Não me ensinaram a

dar e a receber amor nem a diferencar o verdadeiro amor de tudo o que aparecesse falsamente usando seu nome. Na falta de orientação, encontrei minhas próprias explicações para quase tudo, inclusive para mim mesma.

Lembro-me de confidenciar minha dor e devastação a uma amiga, na primeira vez que terminei com o homem que viria a ser meu terceiro marido. Ela fez o possível para me ajudar e em certo momento perguntou: “O que sua mãe lhe diria? O que ela lhe ensinou a fazer para superar uma dor de cotovelo?”

Senti meu cérebro fundir. Eu me dei conta de que nenhuma das mulheres da minha vida me dissera nada sobre os problemas que eu viria a enfrentar como mulher. Apreendi sobre meu ciclo menstrual com uma amiga, quando o fluxo veio pela primeira vez. Ninguém nunca me falou sobre namorados, nem mesmo sobre como ser amiga. Não recebi nenhuma instrução sobre meu corpo,

minha mente ou meu coração. Nem uma única vez achei que, embora um relacionamento pudesse terminar, fosse possível seguir adiante. O que achei foi que eu deveria repetir o comportamento observado nas mulheres de minha família: aguentar todos os desaforos e lutar contra eles quando fosse preciso. Bunny me levou à Woolworth para comprar meu primeiro sutiã, meu primeiro vidro de esmalte e meu primeiro delineador, mas nunca me falou dos requisitos sutis e dos nem tão sutis assim de *ser* mulher. *Eu não sabia nada!* Não tinha a menor ideia de como interagir com homens ou mulheres, além do que eu aprendera por conta própria, observando os conflitos dos adultos que entravam e saíam da minha vida. Eles tinham fracassado comigo, mas, de um jeito ou de outro, eu era culpada.

Bunny, minha irmã de mentirinha, foi a divina exceção às regras desestruturadas da casa. Ela me apresentou a mundos totalmente inimagináveis.

Como era bailarina e tinha um grupo grande de amigas que me adoravam, Bunny me levava a praticamente todo canto com ela. Quando as meninas dançavam, eu as imitava no fundo da sala. Uma delas sempre vinha me ensinar os passos. Graças a elas, aprendi balé clássico, dança moderna e a minha primeira paixão, a dança tradicional africana. Graças a elas, conheci Katherine Dunham, Alvin Alley, Arthur Mitchell e Chuck Davis. Esses eram os amigos e colegas de Bunny. Eram minhas tias e tios. As luzes radiantes da minha vida.

Bunny dançou com Michael Babatunde Olatunji na Feira Mundial de Nova York, no pavilhão africano, e me ensinou tudo o que aprendeu lá. Além da dança e da arte dessa poderosa cultura, principalmente a cultura iorubá, aprendi sua filosofia espiritual. Aprendi que o povo africano não via nem adorava Deus como o povo americano fazia. Para os africanos, Deus estava em toda

parte, em todas as coisas, presente em todos os momentos, vivo em cada um de nós. Deus tinha muitos nomes, porque assumia muitas formas para que as pessoas O conhecessem, adorassem e honrassem. Bunny me explicou que, na verdade, só existia um Deus, mas que, em cada cultura, Ele tinha que se parecer com as pessoas que O adoravam. Por isso Buda era asiático e Jesus se assemelhava aos brancos. Isso significava que existia um Deus parecido comigo: negro e mulher.

Tudo passou a fazer sentido. O Deus da vovó queria me castigar, assim como ela. O Deus de Bunny queria dançar, cantar e me deixar feliz, como Bunny e seus amigos. O que eu não conseguia compreender era por que Deus não tinha posto um fim à loucura em minha vida. Por que não tinha castigado o tio Lee por beber tanto e brigar com a tia Nancy? Por que papai não teve os olhos arrancados por humilhar Ray e bater em mim? Por que Deus não curou a asma de Ray e impediu vovó

de ser tão má? Apesar do que Bunny me contou, eu tinha não apenas um conceito distorcido de Deus, mas também um relacionamento errado com Ele. Aprendi a rezar *para pedir* coisas, prometendo ter ou deixar de ter certos comportamentos. Não fazia ideia de quem era Deus ou de onde estava. Só sabia que quando eu realmente tinha precisado Dele, não O encontrara em lugar nenhum.

Foi só quando a patologia da minha família de origem se tornou uma doença que ameaçava minha vida, tanto a mental quanto a afetiva, que percebi que, se não existisse um Deus amoroso, piedoso e onipresente, eu não teria sobrevivido. Passei três quartos da minha vida acreditando que Deus tinha me abandonado, antes de descobrir que eu mesma me abandonara. Era essa a patologia. O padrão repetido. As lições recebidas. E, como já disse, eu era uma ótima aluna.

Se você acredita que não vale nada, simplesmente não tem como pagar as dívidas que surgem. A autodepreciação sempre nos deixa em débito com qualquer pessoa que nos dê um pingão de atenção, amor ou energia. Nessa forma de relacionamento falido, seus doadores exigem ou esperam mais de você do que você é capaz de dar ou está disposta a oferecer. Nesse momento preciso, decidem cobrar o empréstimo.

Eu acabara de engolir o último gole de refrigerante quando ouvi um barulho na cozinha. Enfieei minha pilhagem debaixo da cama e me pus de pé. Na verdade, pouco me interessava o que acontecia na cozinha, e sim se alguém descobrira meu saque. Eu tinha roubado. Pegara dinheiro do tio Lee. Já fizera isso muitas vezes antes, mas sempre me limitando a moedas. Cinquenta centavos aqui, trinta e cinco ali. Mas hoje o porre dele era tão grande, e tantas notas saíam do bolso,

que peguei logo cinco dólares e comprei um monte de coisas que tratei de esconder. Ray continuava trancado no quarto. Bunny saíra para dançar, e tia Nancy, para jogar cartas. Tinha esperança de que tio Lee ainda estivesse bêbado demais para notar o desaparecimento do dinheiro.

Tio Lee caíra na cozinha. Tentava se levantar quando cheguei e então eu mantive distância. Passara a odiar o cheiro de líquido estragado que exalava de seu corpo e era projetado pelo hálito. Parecendo satisfeito de saber que não estava sozinho em casa, ele voltou tropeçando para o porão.

Quando me chamou, vários minutos mais tarde, meu coração apertou. *Ele sabe! Ele sabe que eu tirei seu dinheiro.* Voltei a esconder a revista em quadrinhos debaixo da cama e descí as escadas que levavam ao porão com o coração disparado e ressoando em meus ouvidos. Ao vê-lo estatelado no chão, ficou evidente para mim que ele ainda

não fazia ideia do que eu aprontara.

Ele queria que eu descesse e conversasse com ele. Também queria que eu buscasse uns pés de porco guardados num pote na geladeira. Não conseguia decidir o que era pior – tocar no pé de porco ou me sentar perto do tio Lee e inalar o fedor da bebida. Pensei em lhe dizer que os pés de porco tinham acabado e que eu lhe prepararia um sanduíche, mas, até para mim, roubar e mentir no mesmo dia era demais. Assim, peguei dois grandes e suculentos pés do pote e os coloquei num prato com salada de batata. Durante o tempo que passei naquela casa, mesmo na época em que tia Nancy parou de falar com tio Lee, ela me obrigava a preparar um prato para ele jantar. Assim, eu aprendi a ser sempre boazinha com os homens. Então coloquei na bandeja o prato, o guardanapo, os talheres, um copo grande de água gelada, e a carreguei pelas escadas do porão para servir meu pai de mentirinha, o tio Lee. Enquanto descia,

rezava para ele não me perguntar sobre o dinheiro.

Tio Lee conseguira alcançar o sofá. Descansei a bandeja na mesinha de centro, evitando cautelosamente seu olhar de bêbado. Não lhe daria a oportunidade de detectar qualquer culpa em meus olhos.

– Sente-se, meu bem. Vamos. Sente-se aqui e converse comigo.

Dava palmadinhas na almofada do sofá. Rodeando a mesinha de centro, ainda evitando olhá-lo, vi pelo canto do olho quando ele mordeu um dos pés de porco. O cheiro forte de vinagre do banquete apetitoso do tio Lee juntou-se ao fedor da bebida pairando no ar, e à culpa de ser ladra, embrulhando meu estômago e formando um bolo em minha garganta.

– Por que não come esse?

Tio Lee foi estendendo o outro pé de porco na minha direção e deixou-o cair no sofá, entre as pernas. Em vez de usar as mãos para recolher o

lanche, agarrou-me o punho. Instintivamente, empurrei-o com a mão livre, o que lhe deu a oportunidade de agarrar meu outro pulso. Sem saber o que era, eu percebia que algo muito, mas muito errado, estava acontecendo. A mistura de cheiros penetrando em minhas narinas. O embrulho no estômago e o estranho sorriso na cara de tio Lee tinham deixado minha mente fraca e exaurido minhas defesas. Meu rosto estava perto demais do dele. Sua língua não tinha nada que estar em minha orelha. Por que grudava sua boca fedorenta e gosmenta na minha? Quanto mais eu me contorcia e tentava escapulir, mais forte ele apertava. Senti meu corpo enrijecer antes de ficar dormente.

– Pare de lutar comigo. Não resista. Vamos nos divertir. Vou lhe mostrar como se divertir.

Minha blusa foi rasgada. Minha calcinha, arrancada. Seu peso me esmagava no sofá. Ele ofegava. As mãos calosas apalpavam minhas partes íntimas. Ele estava me machucando,

dilacerando minhas entranhas. Ele me punia por eu roubar seu dinheiro e não havia nada que eu pudesse fazer a não ser ficar ali deitada, paralisada e culpada, ouvindo sua declaração de amor.

Não sei quando recobrei a consciência; só sei que, ao recobrá-la, consegui escapar do fedor, da dor e da culpa. Pensei no que meu pai faria se soubesse o que acontecera. Estaria Ray dormindo ou desceria as escadas e descobriria o que estavam fazendo comigo? Eu me perguntei para onde ele correria, onde se esconderia. Não havia armários no porão. Pensei em quanto tempo eu tinha ficado deitada ali e se teria de limpar o molho do pé de porco do sofá.

Não sei como fui parar na banheira do andar de cima. Não sabia direito o que fazer com o sangue fluando ao redor do meu corpo ou com a dor excruciante em minha cabeça. Eu me lembrei do vômito debaixo da mesa da cozinha. Eu deveria

limpar aquilo. Também precisava parar de sangrar. Já tinha sujado duas calcinhas. Um maço de papel higiênico resolveu o problema, enquanto eu limpava o chão da cozinha. Quando tia Nancy chegou, me encontrou sentada na beirada da cama, abraçada ao gato, semidesvairada.

Todas as brigas que eu tinha visto na casa finalmente serviram para alguma coisa. Eu sabia que precisava brigar por mim mesma. Isso não podia – não! –, não voltaria a acontecer comigo. Nunca mais! Nada de fedor de bebida na minha cara! Nada de língua em minhas orelhas! Nada de rasgar minhas entranhas. Nunca mais! Conteí a tia Nancy o que tio Lee, bêbado, fizera comigo. A princípio, ela apenas me encarou. Depois do que pareceu uma eternidade, deu as costas e se dirigiu ao porão. Eu ainda apertava o gato contra meu peito chato quando a ouvi chamar meu nome.

– Repita o que acabou de me contar.

Não sei se era um pedido ou uma ordem. Sabia

que era uma tortura. Alternando olhares para tia Nancy e as garrafas vazias no bar, relatei o que tinha ocorrido. A blusa rasgada e as calcinhas ensanguentadas serviam como provas, mas eu esperava que não fosse necessário chegar a esse ponto. Não chegou. Não porque a tia Nancy tivesse acreditado em mim e me tomado em seus braços para me confortar. Não, eu não precisava das provas porque o tio Lee negou. Negou ter me machucado, negou ter me penetrado, o que quer que isso significasse. Tia Nancy apenas o encarou sem indicar em quem acreditava ou o que planejava fazer. Então, sem uma única palavra raivosa para ele ou o menor gesto de consolo para mim, disse:

– Vá para o quarto. Anda, já para a cama.

A casa permaneceu em silêncio o resto da noite. Não houve gritos. Nenhum quebrar de garrafas ou de mobília. Nem música, nem televisão, nem água correndo. Nada. Apenas silêncio, durante todo o

tempo em que permaneci acordada. No dia seguinte, o silêncio se manteve, e muitos dias depois, ainda pairava no ar. Aquele silêncio despojou-me da minha dignidade, destruiu minha autoestima. Aquele silêncio reinou sobre mim e sobre a casa inteira pelos quatro anos seguintes, até poucos meses antes da morte da tia Nancy.

Minha madrasta sabia. Não sei como, mas sabia. Um dia, sentadas numa lanchonete, ela me olhou e perguntou:

– Por acaso o Lee alguma vez tocou em você? Já fez alguma coisa nojenta com você?

O silêncio me deixara surda, lerda e cega. De repente, recuperei a audição. Voltei a ver e a sentir cheiros. Só não podia entender por que ninguém me dissera nada até aquele momento.

– O tio Lee alguma vez enfiou as mãos debaixo de sua roupa ou algo parecido?

Senti minha cabeça balançar de um lado para o outro, indicando que não. Eu não queria dizer não,

mas meu corpo parecia não responder ao meu controle. Eu tremia e sacudia a cabeça de um lado para o outro. Nett me encarou. Disse que era minha amiga. Disse que eu podia confiar nela. Disse que ela percebera o modo como ele me olhava, e que não gostava disso. Eu podia sentir algo estranho brotando dentro de mim. Finalmente, reconheci que aquilo tinha importância, que eu tinha importância. Fiquei tão aliviada... Porém, minha cabeça dizia não e minha boca gritava:

– Pare! Pare!

Com quem eu estava falando? Com Nett? Com o tio Lee? Com o silêncio que me perseguira como um fedor? Não fazia o menor sentido. Eu queria contar a verdade. Queria contar tudo, mas o padrão de mentiras já se instalara e a patologia *de agir como se tudo estivesse bem* tinha me impregnado, ambos lutando contra minha profunda necessidade de confiar naquela mulher, que eu realmente acreditava que se preocupasse comigo.

Eu choramingava, tremia. Nett me ajudou a levantar e a entrar no banheiro feminino. Uma vez lá dentro, caí de joelhos e rastejei para um canto. Nett rastejou comigo. Sentou-se ao meu lado e me acalentou. Várias mulheres, ao nos verem, ofereceram lenços de papel. Outras entraram, nos viram, nos fitaram e saíram. Nós ficamos ali, sentadas, e eu fui embalada durante um tempão.

No dia seguinte, Nett me mandou de volta para a casa do tio Lee com o objetivo de juntar minhas coisas, prometendo me buscar antes do anoitecer. Ela cumpriu a promessa. Após uma breve conversa com o tio Lee e a Bunny, botamos todos os meus pertences na mala de um táxi e deixamos para sempre minha casa temporária. Ray se reuniu a nós duas semanas depois.

INVASÃO TERRITORIAL

*Você não joga fora uma vida
inteira só
porque uma parte está um
pouco danificada.*

– Personagem de Jeff Bridges em
Alma de Herói (Seabiscuit)

Muitas famílias do meu bairro tinham na sala de estar ou na cozinha aparelhos de TV quebrados. Uma família conhecida instalara a televisão em bom estado em cima da quebrada. Era costume usar o aparelho que não funcionava como mesinha de canto e colocar sobre ele enfeites ou retratos. Sempre achei um tanto esquisito guardar

alguma coisa quebrada, em vez de jogá-la fora e comprar uma nova. Até que, pensei na minha família. Quando você herda uma família que não funciona, não pode jogá-la fora e conseguir uma nova. Só o que pode fazer é encontrar pessoas e situações que lhes proporcionem aquilo que sua família não é capaz de lhe dar. Ou, como no meu caso, se você estiver convencida de que não vale nada e não tem nenhuma importância, pode procurar pessoas e situações que fortaleçam a patologia e os padrões implantados por sua família.

Voltar a morar com Nett pareceu quase normal. Meu pai ainda era anotador de apostas de corridas de cavalo e lutava pela sobrevivência nas ruas de Nova York. As apostas tinham sido legalizadas no estado, isto é, a atividade passou a ser lícita. Isso cortou pela metade o número de jogos feitos na rua e, conseqüentemente, a renda do meu pai. Ele passava o dia em casa e saía quase todas as noites.

Embora ninguém tenha explicado como, vovó voltou a cair nas suas boas graças. Agora ela passava vários dias da semana em nossa casa preparando o jantar e lavando a roupa enquanto Nett estava no trabalho. Apesar de continuar grosseira e áspera, nunca mais encostou a mão em mim, talvez por falta de oportunidade, pois eu me mantinha a pelo menos meio metro de distância o tempo todo. Eu andava ocupada com a escola, com as aulas de dança e com a busca da minha identidade como adolescente embrionária. No verão, já tinha encontrado meu “eu”, estava apaixonada e me tornara obcecada pelo homem que acabaria virando meu terceiro marido. Quando o verão terminou, seguimos caminhos diferentes, e então encontrei outro jovem, quase um homem feito. Teddy estava perto de completar 20 anos. Morava no último andar do nosso prédio. Fiquei tão espantada quando ele me disse que eu era atraente, que me deixei levar ao seu quarto

enquanto nossas mães trabalhavam. Aos 13 anos e meio, descobri que estava grávida. É claro que a essa altura, Teddy tinha desaparecido. Menti sobre a identidade do pai do bebê. Não fazia diferença. Eu ainda era uma desgraça para a família e servia de munição para os fofoqueiros da vizinhança. Vovó disse que sabia que cedo ou tarde isso iria acontecer. Meu pai nunca disse nada.

Nett ficou arrasada, mas não gritou nem me xingou. Disse que eu precisava terminar a escola e que ela não tinha condições de cuidar do bebê. Explicou quanto era difícil manter um teto sobre nossas cabeças e comida na mesa. Lembrou-me de como o apartamento era pequeno e o salário das babás, caro. Perguntou por que eu não tinha conversado com ela sobre sexo. Eu nunca falara com nenhum adulto a respeito de nada. Por que agora seria diferente? Apenas ouvi e chorei. Foi o momento em que me senti mais próxima de qualquer pessoa da minha família – e nem mesmo

existiam laços de sangue entre nós.

Nett encontrou um lar para mães solteiras em Jamaica, no Queens. Durante os seis meses em que morei ali, ela me visitava quase todos os sábados. Tracy nasceu três semanas depois do assassinato de Martin Luther King e imediatamente a entreguei para o sistema de adoção. Seis meses depois, minha filha morreu – e um pedaço de minha alma morreu com ela. Síndrome de Morte Súbita Infantil (SMSI). A agência de adoção tentou me convencer de que ninguém fizera mal a Tracy, mas não havia uma explicação lógica. Como em muitas outras ocasiões na minha vida, tive de engolir e seguir em frente com pouquíssima informação e praticamente nenhum apoio.

Depois de quase três anos, consegui me envolver com outro jovem, um atleta de 19 anos chamado Gary – outro fruto proibido, que eu queria, mas não podia ter. Ele era bonito e indiferente, só me dava atenção quando não havia

ninguém por perto. Levei um tempo para descobrir por que ele não falava comigo quando estava com os amigos. Quando enfim tomei conhecimento de que ele tinha outra namorada, eu já estava grávida de dois meses, terminando o segundo ano do ensino médio.

Gary viu nosso filho apenas três vezes: quando Damon nasceu, quando estava com três meses e na véspera de seu casamento com outra mulher. Na verdade, só descobri que ele ia se casar ao receber um telefonema de sua futura esposa dizendo que meu filho seria sempre bem-vindo em sua casa. Queria que Gary fosse um bom pai para meu filho, porque isso significaria ser um bom pai também para os filhos dela. Eu não sabia ao certo se estava sendo gentil ou sarcástica. Não importava. *Outra fantasia destruída!* Eu tinha me permitido acreditar que, quando o neném nascesse, Gary me escolheria e viveríamos felizes para sempre. Em vez disso, era como esperar

novamente por meu pai. Repetia a lição que aprendera na infância: quando os homens a magoam, você inventa desculpas. Os homens a abandonam, mas você não deve dizer nem uma palavra a ninguém. Se fizer tudo o que os homens querem, se lhes der cada coisa de que precisam e tudo quanto pedem, talvez eles fiquem. Isto é, caso você se submeta aos prazeres dos homens e sempre se comporte como se tudo estivesse bem... quem sabe?

Quando criança, não conhecia a lei do carma. Mas morar com vovó me ensinou muito sobre a lei de causa e efeito. Aprendi que algo em mim despertava na minha avó raiva ou aborrecimento. O efeito de sua raiva era, normalmente, algum ato de violência contra mim. Enquanto me disciplinava, que era como ela chamava o que eu considerava um massacre, todo o tempo vovó pedia a Deus que me consertasse, me mudasse ou tirasse o demônio de dentro de mim. Conversava

com Deus e dizia a Ele o quanto se empenhava e como eu era desobediente e cabeça-dura. A surra era uma coisa ruim, mas foi o condicionamento mental sobre quem eu era que criou uma impressão realmente duradoura. Segundo o princípio de causa e efeito eu era a causadora do que acontecia comigo. Assim, se me tratavam mal, era porque eu merecia.

Ao longo do tempo, decidi que deveria aceitar a punição verbal ou física sem questionar nem reclamar, pois havia algo em mim que enlouquecia os outros. Decidi que era essa a explicação para meus relacionamentos desastrosos com os homens. Alguma coisa errada em mim os estimulava a me abandonar. A peça que faltava no quebra-cabeça era: eu não sabia qual o erro nem como consertá-lo.

Em nossas famílias há uma palavra raramente discutida, apesar do seu efeito devastador tanto nos pais quanto nos filhos. *Negligência*.

Negligência física, emocional e psicológica, que resulta em debilidade num número bem maior de crianças e se manifesta como abuso passivo – quando a pessoa responsável pelo cuidado e pela criação de uma criança falha na proteção de seu bem-estar emocional e físico. E quer seja motivada pela pobreza, quer pelo descuido ou pela vida familiar caótica, a negligência infantil tende a ser mais comum e crônica que outras formas de abuso. Além disso, por ser tão sutil ou por parecer existirem explicações lógicas para o comportamento dos responsáveis, a negligência em geral acaba passando despercebida. E como o dano à criança não é intencional, aqueles que o percebem hesitam em interferir.

O começo da minha vida foi uma série de abusos que, sob as estritas orientações da assistência infantil como entendidas hoje, teriam mandado alguém para a prisão – e a mim, para um orfanato. Entretanto, naquela época, consideravam

que esse assunto não era da conta de ninguém que não fosse da família. Os abusos não aconteceram de uma hora para a outra. Não houve um trauma único, algo que tivesse despedaçado meu coração, esburacado meu espírito ou arruinado minha identidade. Mas as repetidas ocorrências de negligência, rejeição, violência e desilusão deixaram uma ferida escancarada em minha alma – reconhecida por todos, porém nunca mencionada.

Os danos que os adultos, passiva ou ativamente, infligem às crianças vão muito além da simples devastação. Eles são debilitantes. Drenam a força e a vitalidade do coração e da mente de crianças inocentes. Enfraquecem a vontade de viver e crescer. Distorcem e esgotam o direito concedido por Deus de explorar as possibilidades da vida e de usufruir a alegria de conservar a própria divindade. Incapazes de entender os comportamentos e as hipocrisias dos adultos indisponíveis e irresponsáveis encarregados de

zelar por seu bem-estar, as crianças se sentem inadequadas, frustradas e vitimizadas ao atravessarem a adolescência e ingressarem na vida adulta. Não posso falar do efeito nos meninos, a não ser do que vi acontecer com meu irmão. Ray morreu, aos 49 anos, por overdose de heroína. Dos 16 anos até o último suspiro foi viciado em drogas e em álcool. Como mulher, suportei o abuso e a negligência de adultos irresponsáveis a maior parte da minha infância. Posso afirmar, sem a menor sombra de dúvida, que foi exclusivamente a graça de Deus que salvou minha sanidade.

Também posso afirmar que tinha quase 30 anos quando me dei conta de que era insana. E 50, quando, por fim, me tornei sã. Passei vinte anos descobrindo padrões e resolvendo os quebra-cabeças herdados. Hoje compreendo que *cada uma das pessoas da minha família contribuiu para a minha insanidade e para a minha salvação*. Demorou até que eu tomasse

consciência de que sou quem sou por causa do que eles representaram para mim. Sei que a minha vivência, a minha história de vida, foi o *instrumento divino* que me transformou no que sou.

Fui uma criança negligenciada. Minha necessidade de ensinamentos, estímulos, educação e proteção foi persistente e consistentemente ignorada. Além de ter sido corrigida ou punida por algum ato resultante da inocência infantil, fui categoricamente rejeitada por meu pai, minha avó e até mesmo por meu irmão. Ainda não sei se agiam de maneira consciente ou se faziam o que faziam simplesmente por não saberem agir de outro modo. Posso afirmar que, aos 30 anos, quando meu pai acabou com a própria vida, ele nunca tinha me beijado. Sempre fui alimentada e vestida, mas também sofri abusos físicos e fui aterrorizada. Para minha avó, eu era um problema a ser resolvido; para a tia Nancy e o tio Lee, um

peso a carregar, e para meu pai, uma responsabilidade que podia ser ignorada, posta de lado e, enfim, jogada nas costas de outra pessoa.

Naquela época, os adultos aceitavam a pobreza e a discórdia familiar como normais, principalmente os de baixa renda e com grandes responsabilidades financeiras. Ao contrário de hoje, as crianças não deviam contar a ninguém o que se passava a portas fechadas. Não contávamos porque nos diziam para não contar. Não contávamos porque tínhamos vergonha – tanto de nós mesmas quanto de nossa família. Eu me envergonhava de não ter pais com o mesmo sobrenome e de tudo o que havia de errado comigo e que fazia com que os outros me tratassem tão mal. Vergonha de ser uma garota/mulher feia, abandonada, com tamanha carência de amor, que eu dormia com garotos e homens que me tratavam mal e que acabavam me deixando por outra mais bonita, melhor, mais merecedora de amor, ou por

qualquer outro motivo.

Uma peça do quebra-cabeça que descobri logo no início da minha jornada espiritual foi a inexistência do amor incondicional durante a minha infância. Essa ausência fez com que eu procurasse desesperadamente provar a mim mesma que eu merecia ser amada. Não queria ser como as adolescentes dos conjuntos habitacionais, engravidadas e abandonadas por algum vizinho adolescente. Ah, não! Eu era diferente. Sim, fiquei grávida e fui abandonada pelo pai da minha primeira filha, mas havia uma razão: os pais dele não queriam que ficássemos juntos. Eu era escura demais, eles diziam. Não foi culpa dele. Não importa. Desesperava-me tentando provar que algum homem me amaria e ficaria comigo. Esse homem era um negro maravilhoso, que tinha um emprego fixo e um futuro potencialmente brilhante. Seu nome era Carl. Depois de nos encontrarmos uma única vez, mantivemos um relacionamento por

correspondência durante dois anos, o período que ele passou no Vietnã.

Não recebia uma carta dele havia quatro meses quando, de repente, Carl apareceu na minha porta, trazendo um anel de noivado. Namoramos durante três meses. Ele parecia se dar bem com meu filho, era uma alma gentil como o meu irmão e parecia gostar sinceramente de mim. Não importava. Eu precisava saber que ele era aceitável aos olhos dos outros, perceber essa aceitação. Qualquer um provavelmente pareceria normal para mim, desde que pudesse soletrar o próprio nome, amarrar o cadarço de seus sapatos e não babar em público. Acreditava que o casamento com um militar iria me alçar a uma posição invejável em termos de respeitabilidade.

Três dias após o casamento adorável numa igrejinha, fiz as malas e me mudei para a Geórgia com um marido que mal conhecia. Ele tinha se alistado no Exército como mecânico por mais

dois anos e planejava seguir a carreira militar. Quando descobri que era viciado em heroína, eu estava grávida, e ele, preso e condenado a três anos de prisão por arrombamento. Fim do “felizes para sempre” e só estávamos casados havia quatro meses. Fui despejada de nossa casa na base militar e os cheques mensais deixaram de chegar. Em seis semanas, eu me vi sozinha em Fort Benning, na Geórgia, com meu filho de 2 anos, tentando escapar antes que um oficial jogasse minha mobília no meio-fio. Tinha trinta e sete dólares. Nett me enviou uma passagem de ônibus e eu voltei a morar no quarto extra de sua casa, em um conjunto habitacional no Brooklyn. Ao saltar do ônibus, Nett pegou Damon no colo e o abraçou e beijou. Depois me olhou e anunciou: “Você está grávida.” Eu nem desconfiara.

No meu segundo dia de volta ao Brooklyn, fui direto para a clínica de aborto no Kings County, o hospital público que atende à população pobre.

Não tinha emprego nem dinheiro, assim como perdera o direito ao seguro médico concedido à família dos militares. Logo, interromper a gravidez me pareceu a atitude economicamente correta. Lembro-me do orgulho ao marcar no formulário um “x” em “casada”. *Sim, isso mesmo! Sou casada!* Nenhuma necessidade de mencionar que meu marido era um drogado encarcerado. Sentia-me feliz só de estar acima do julgamento e da especulação da atendente encarregada da papelada. Sabia o que eles pensavam de gente como eu: pobre, negra, adolescente, mãe de um filho e com outro a caminho. Provavelmente achavam que eu nem mesmo sabia quem era o pai da criança. No meu caso, entretanto, aquele pequenino “x” certamente faria com que uma ou duas sobrancelhas se erguessem. E foi o que aconteceu.

– Onde está o seu marido?

Ninguém perguntou qual era o meu nome nem

qual era o meu endereço, apenas onde estava meu marido.

– No Exército. – Eu me perdera em minha própria fantasia.

– Então você tem seguro médico. Por que não foi ao hospital da base?

– O seguro foi cancelado.

– Por quê? Seu marido foi dispensado?

– Foi preso e falsamente acusado por um crime que não cometeu. – Eu realmente achei que a última parte me daria uma mãozinha.

– Você solicitou assistência social? Precisa dar entrada na papelada antes do procedimento e pode ser que você não tenha tempo.

De repente, aquele “x” no quadradinho não fazia a menor diferença. A atendente fazia perguntas, mas em seguida respondia ela mesma à maior parte delas, como se eu nem estivesse lá. Depois estendeu a mão e tirou um avental de hospital de um compartimento perto da mesa, apontando o

lugar no qual eu deveria tirar minha roupa antes de me submeter ao exame. De uma só tacada, meus piores medos haviam desabado em meu colo. Eu não era diferente das outras. No fundo, de alguma forma, era ainda pior.

Quando uma mulher considera a hipótese de aborto, todos os seus traumas repercutem na vida que cresce dentro de seu corpo. Abortá-la. Foi o que eu planejei fazer com a minha joia preciosa, minha Gemmia. Embora ao me olhar fosse impossível perceber, minha estrutura emocional estava distorcida e desconjuntada, devido à falta de estabilidade e segurança. Atravessei sofrimentos imensos, mas lutei com todas as minhas forças para garantir que eu mantivesse uma aparência saudável e harmoniosa, a fim de passar a impressão de que não faltava nenhum parafuso em minha cabeça. A verdade é que, apesar de ser mãe e esposa, eu era frágil, e minha mente vivia assombrada por crenças e pensamentos tortuosos.

Todas as distorções e disfunções possíveis numa vida humana tinham desabado sobre mim, mas houve um momento em que me senti pronta a me impor e a vencer a devastação. Não tinha sido uma decisão tomada após profundas reflexões. Eu achava que deveria abortar para salvar a mim e ao meu filho. Meu marido jogara fora nosso futuro por um punhado de droga. Achei que fosse minha obrigação encontrar um jeito de cuidar de mim e de construir um lar para a minha família. Queria me matricular na escola de enfermagem e comprar uma casa. Desejava ser diferente, droga! Queria superar a dor que experimentara a vida toda. Outra criança simplesmente não se encaixava nesse quadro.

Na primeira consulta, minha pressão sanguínea estava baixa demais, o que impedia o procedimento. O médico me mandou para casa com três remédios e instruções para que tomasse café da manhã todos os dias. Duas semanas depois

da ingestão diária de nove pílulas diferentes e de canjica e bacon ou cereais todas as manhãs, voltei à clínica. Dessa vez, estava determinada.

– Você já esteve aqui?

– Sim, faz duas semanas. Precisei tomar remédio para estabilizar a pressão.

– Alta demais para o procedimento, né? Ainda bem que descobriu a tempo. Quase todas nós temos pressão alta, mas você é muito jovem.

– Não estava alta. Estava muito baixa.

– Bem, você já deve estar com umas vinte e duas semanas agora. Talvez precise esperar.

Esperar o quê? Eu só esperava poder sair de lá o mais rápido possível, só isso.

Então veio o golpe seguinte. O médico me explicou que eu não poderia sofrer o procedimento cirúrgico normal usado para interromper uma gravidez entre treze e quinze semanas de gestação. A minha já estava muito avançada. Teria de ser feito um aborto induzido: injetariam água salgada

ou cloreto de potássio no saco amniótico, o que mataria o feto. Então eu daria à luz uma criança morta, de parto normal. Esse procedimento não poderia ser realizado até a vigésima quarta semana, já que o feto teria de estar inteiramente formado. Ele me disse ainda que eu poderia sentir o primeiro pontapé ou movimento antes disso. Droga!

Acho que voltei andando para casa. Ou talvez tenha tomado um táxi. Lembro que peguei meu filho no apartamento da vizinha e chorei sentada à mesa da cozinha, com ele em meu colo. Sua voz doce me dizia: “Não chora, mamãe” enquanto ele dava palmadinhas nas minhas costas, como eu já fizera tantas vezes com ele.

Minha madraستا chegou do trabalho e me encontrou com o rosto inchado e os olhos vermelhos.

– O que houve com você?

Contei a Nett tudo o que tinha acontecido no

hospital. Sem me dirigir nem uma única palavra, ela entrou no quarto para mudar a roupa. Jantamos em silêncio, à exceção das poucas palavras que ela trocou com Damon. Precisava de alguém com quem pudesse conversar, alguém que me guiasse pelo terreno da minha mente acelerada. Mas enquanto eu lavava os pratos, ela foi para o quarto e fechou a porta. Debrucei-me na janela e fiquei vendo os carros e as pessoas passarem até o amanhecer. Tinha aprendido que a janela era o lugar ideal para quem enfrentava problemas.

Pela manhã, minha madrasta saiu do quarto toda arrumada, pronta para o trabalho. Preparou o café novamente sem me dirigir nem uma palavra sequer. Comeu os cereais e bebeu o suco de laranja absolutamente quieta. Por fim, quando abriu a porta para sair, ainda com a mão na maçaneta, cravou seus olhos nos meus e com uma voz seca e firme, não pronunciou as palavras de esperança, consolo e apoio que eu tanto desejava,

mas disse apenas:

– Se fizer isso, nunca mais falarei com você. Ouviu? Nunca mais!

Seis meses depois, numa sexta-feira antes do dia das mães, dei à luz uma menina saudável, Gemmia, que significa “minha joia preciosa”. Pesava dois quilos e oitocentos, media quarenta e nove centímetros, e nascera em posição fetal, com as pernas dobradas para cima e os pés repousados nos ombros. Quando desenrolei a manta, achei que minha filha fosse deformada. Que eu estava sendo castigada pelo que planejara fazer com ela. Não era apenas outra criança. Era uma criança aleijada. Incapaz de encarar a realidade que eu criara, cismeiei que eles tinham trocado a minha filha e que *eu não queria aquele bebê!*

Uma das enfermeiras me disse para não me preocupar com as pernas do bebê, pois com duas semanas de exercício tudo estaria resolvido. Ela tinha total razão! E aquelas pernas fortes,

vigorosas e lindas me carregaram por quase todo o tempo de vida de Gemmia. A menininha que por pouco não viera ao mundo, que nasceu de uma mãe fragilizada mental e emocionalmente, não era apenas um ser humano. Era também um anjo disfarçado, que me ensinou sobre a vida, sobre mim mesma e sobre o poder do amor incondicional. Tudo o que minha filha me ensinou me proporcionou vida. E lhe custou a vida.

v

Todo domingo de manhã, o Criador, conhecido por todos como Deus, é anfitrião de um almoço semanal num lugar no outro mundo, tradicionalmente chamado de paraíso. Os convidados são almas em processo de vir a ser. Para essas almas o almoço de domingo é realmente um acontecimento, pois é nele que as almas decidem voltar à Terra.

Uma alma em processo de vir a ser é a verdadeira essência no centro de cada ser humano. É a chama de divindade que mantém todos conectados a Deus. No tempo divinamente fixado, a alma em processo de vir a ser assume uma missão de vida e concorda em se tornar a viva demonstração da natureza de Deus na forma humana. Em sua missão de vida, a alma defrontará com um ou mais aprendizados que irão ajudá-la a se tornar mais forte e sábia, mais útil e agradável a Deus. No almoço de domingo, Deus fornece detalhes das missões divinas disponíveis. A alma pode escolher ficar no céu com Deus ou assumir uma vida na Terra.

Todas as almas em processo de vir a ser sabem que é bom completar o aprendizado de uma missão de vida segundo as especificações de Deus. Também sabem que, no momento em que a missão se inicia, os compromissos de aprendizado são esquecidos. A alma deve trabalhar com dedicação

para manter sua conexão com Deus, ou corre o sério risco de afundar sob o peso das experiências da missão, o que não é nada positivo. Completar com sucesso um acordo de aprendizado exige habilidades. Adquirir as habilidades exige as ferramentas certas. Então, Deus fornece a cada alma as ferramentas necessárias, na forma de princípios. Usar esses *princípios* da maneira correta e na hora certa contribui para o desenvolvimento de uma alma com bom caráter humano e um coração conectado a Deus.

Enquanto as almas aguardam a definição há uma enorme expectativa no ar. Existirá alguma missão que se encaixe em suas habilidades e nas lições a aprender? Cada missão de vida fornece à alma a chance de brilhar no mundo – e todas as almas adoram brilhar. Por essa razão, algumas evoluem por meio de várias missões de vida. Essas são conhecidas como almas evoluídas e ocupam as primeiras posições da fila. Não que Deus tenha

favoritos. Nada disso. Deus ama igualmente todas as almas. O fato é que uma alma evoluída aprendeu muito sobre a vida e anseia pela oportunidade de aprender ainda mais. Sabe quanto a vida pode ser um processo prazeroso e que para experimentar a alegria numa missão de vida é preciso aprender e vivenciar a verdade: a verdade de Deus arraigada em cada uma das almas.

Considerando que o tempo não tem significado no plano de Deus, o almoço aos domingos demora quanto for necessário. Nesse período, Deus detalha centenas de milhares de missões de vida: o país no qual a missão começará, a língua que a alma precisará falar, a raça e o gênero a que pertencerá. Os desafios a ser enfrentados também são pormenorizados nesses almoços. Quando uma alma ouve a missão para a qual é convocada, uma luz se acende no centro de seu coração. Naquele momento, ela recebe um nome, que é plantado no coração de Deus.

Mais tarde, numa consulta pessoal, a alma em processo de vir a ser é impressa com instruções específicas sobre os dons exigidos para brilhar com fulgor na condição de ser humano. Deus também sussurra ao seu ouvido os princípios a dominar e as habilidades a aperfeiçoar para que ela possa navegar alegremente pelo processo à sua frente. Deus alerta que esses princípios serão revelados de diversas maneiras, nem sempre óbvias. Reconhecê-los é absolutamente essencial para uma vida plena, que agrade a Deus. No final, cada alma é abençoada com o amor de Deus e instruída a usá-lo em todas as situações com que se defrontar. O amor é o bálsamo de Deus, aprende a alma. É ele que a mantém em conexão com Deus e supera qualquer possível erro que ela, a alma, possa vir a cometer. E o suprimento de amor de Deus nunca diminui, não importa quanto seja usado.

Numa manhã de domingo, Deus leu uma missão

de vida envolvendo um homem chamado Horace Lester e uma mulher chamada Sahara Elizabeth Jefferson. Minha alma, uma alma evoluída, estava sentada muito perto de Deus quando essa missão foi oferecida. Deus deixou claro que seria uma missão muito difícil, pois havia lições a ser ensinadas, e não simplesmente aprendidas. Minha alma soube que aceitá-la significaria algum sofrimento e inúmeras perdas. Também soube que as experiências que eu acumulara seriam necessárias para servir ao plano de Deus: ensinar outras almas a aprender a confiar, a ter fé em Deus e a amar incondicionalmente.

Minha alma se alegrou e aceitou a missão de nascer por intermédio de Horace e Sahara, sabendo que Sahara não viveria muito e me deixaria para ser criada por uma avó que abusaria de mim e um pai que me abandonaria. Minha alma tinha consciência de que um dos anjos de Deus, na forma de madrasta, estaria ao meu lado para me

ajudar. Estava plenamente lúcida de que eu ficaria confusa sobre a minha identidade, perderia minha conexão com Deus e esqueceria o motivo de estar viva. Assim uma vida se torna um quebra-cabeça. Graças a Deus, porém, minha alma também estava certa de duas outras coisas importantes: que eu acabaria recuperando a fé e a confiança com que nascera, voltando para o meu Criador, à espera de instruções e que eu viveria para seguir o plano de Deus para minha vida, oferecendo o melhor de mim. Sabia ainda que, no processo de vir a ser humana, e em resposta a algumas de minhas experiências nessa condição, eu acreditaria ter me transformado no que muitos seres humanos chamam de *vítima*. No entanto, minha alma era bem mais esperta.

Eu cresci sem ter consciência de que era uma criança vítima de abusos. Só quando me tornei adulta é que me dei conta de ter sido negligenciada. Na verdade, tinha 30 anos quando

alguém me explicou que sempre que um homem adulto se impõe sexualmente a uma criança, isso é considerado estupro. Conteí à tia Nancy não por achar que tinha sido uma coisa errada, mas porque não tinha gostado, porque doera muito e porque não estava mais disposta a suportar o fedor de bebida apenas para ter um teto sobre a minha cabeça. Crianças são flexíveis e adaptáveis. Aprendem o que aceitar e o que esperar em resposta ao que veem, ouvem e aprendem com os adultos. Não acredito que crianças sem pais acordem todos os dias lamentando seu destino e se condoendo de ser órfãs. Até as que conheceram as alegrias e a segurança de uma vida familiar estruturada se adaptarão ao que o futuro lhes reserva, mesmo que isso signifique o desaparecimento da família conhecida. As crianças não passam de almas inocentes.

Acredito que Deus incutiu em todos nós o desejo de viver e de conhecer a vida em sua

expressão mais plena e gloriosa. As crianças querem viver, aprender e crescer. Sentem-se animadas e curiosas pelas maravilhas e mistérios da vida. Levam um bom tempo para perceber quando as pessoas à sua volta não se comportam tendo em vista seu bem. Como saber? Elas irão amar as pessoas mais desequilibradas e se adaptar às situações mais desestruturadas – por guardarem, talvez, alguma lembrança das palavras sussurradas por Deus enquanto ainda eram almas.

Em muitos casos, as crianças desejam ser como as pessoas que as criaram. Em outros, como no meu, querem ser qualquer coisa, qualquer pessoa, desde que diferente dos seres que as criaram. Enquanto tentam não ser iguais às outras pessoas, acabam se perdendo no processo de tentar ser elas mesmas. Por um bom tempo na vida eu não sabia quem era, mas sabia exatamente quem eu não seria: vovó, meu pai, tia Nancy e tio Lee. Também sabia que meus filhos jamais seriam obrigados a

viver o que eu vivera. Decidi que isso seria *inaceitável*! Não me passava pela cabeça que as almas de meus filhos também tivessem missões a cumprir e lições a aprender, exatamente como a minha.

Gemmia passou os primeiros seis meses de vida chorando. Chorava o dia inteiro e quase a noite toda. Chorava se eu a pegasse no colo e também se a deitasse. Muitas vezes chorava até ficar rouca e cair no sono, acho que para descansar a garganta. Assim que acordava, comia e recomeçava o festival de choro. Por muito tempo acreditei que chorasse pela ausência do pai, que aquela alma jovem e inocente chorasse a perda que eu me recusara a chorar. Ou talvez expressasse como eu tinha me sentido durante os nove meses em que a carregara no ventre. Vovó disse que ela provavelmente seria má. Eu sabia que não deveria lhe dar ouvidos. Em geral, tendo me assegurado de que Gemmia estivesse seca e alimentada, não me

restava outra opção senão deixá-la chorar. Nunca gritei nem me irritei, embora em algumas ocasiões eu ligasse o som da televisão no volume máximo, buscando abafar seu choro.

Meu filho certa vez teve uma ideia melhor. Sempre permiti que Damon me ajudasse a segurar a irmãzinha, a trocar suas fraldas e a alimentá-la. Ele ficava encantado com os seus pezinhos e não se importava com o fato de ela gritar quase o tempo todo. Eu lhe dera claras instruções para que nunca pegasse o bebê sem que Nett ou eu estivéssemos por perto. Um dia, eu lavava a louça, enquanto Gemia gritava, como de hábito. Achei que Damon estivesse assistindo a *Vila Sésamo*. De repente, me dei conta de que Gemmia estava quietinha. Imaginei que tivesse caído no sono, mas resolvi me certificar de meu palpite. A caminho do quarto, notei que Damon não estava vendo televisão. M...! Acelerei o passo. Na porta do quarto, eu o vi parado na ponta dos pés, espiando

o berço da irmã. Ele se virou exclamando animadamente: “Neném não chora. Neném não chora, mamãe.” Ele tinha razão, mas o motivo era horripilante.

Vi as mãozinhas e os pés de Gemmia balançando freneticamente e ouvi um som como o de um suave borbulhar. Ao olhar mais atentamente, descobri um monte de moedas na boquinha de minha filha. Damon tinha tirado as moedas do pratinho que eu mantinha na mesinha de cabeceira e as pusera na boca aberta de Gemmia. Ela sufocava! Com a máxima presteza, virei o bebê de barriga para baixo e bati em suas costas. Uma a uma, as moedas caíram, até que voltei a ouvir o som familiar: minha filha chorava novamente. Embalando-a nos braços, briguei com Damon. Em meio às lágrimas, ele continuou a repetir: “Neném não chora, mamãe. Neném não chora!” Ele passou uma hora de castigo no canto. Gemmia tirou um cochilo demorado e acordou sem emitir nem um

ruído sequer. Nunca vou saber se foi pelo choque de quase sufocar ou por algum misterioso poder de cura do cobre, mas, a partir daquele dia, Gemmia se tornou uma criança exemplar. Isto é, até aprender a se vestir e a se despir sozinha.

Gemmia era chata para comer e maníaca por limpeza. Quando aprendeu a comer sozinha, comia um grão de arroz ou uma ervilha de cada vez, e mastigava tudo cinquenta vezes, segundo a recomendação dietética saudável. Quase todos os dias, terminava o almoço na hora em que deveria começar o jantar. Não se importava de ficar sozinha na cadeirinha, mastigando e se divertindo o tempo que fosse necessário para terminar a refeição. Qualquer carne colocada no prato tinha de ser cortada em quadradinhos perfeitos. Se as bordas estivessem irregulares ou se os alimentos fossem amontoados no prato, ela não tocava na comida. Gemmia não comia nada com os dedos, porque, em nenhuma circunstância, admitia sujar

as mãos. E se por alguma razão deixasse cair molho ou qualquer outra coisa nela mesma, tirava toda a roupa e a deixava no chão perto da cadeira.

Tínhamos um quintal adorável na frente de casa e muitas vezes eu deixava Damon e Gemmia brincando lá fora, enquanto lavava os pratos ou pendurava roupa na corda. A cada dez ou quinze minutos eu ia ver as crianças e frequentemente encontrava Gemmia só de calcinha. Bastava uma gota – e falo sério quando digo uma gota – do picolé ou um pingo de sujeira em sua blusa ou saia para que ela se despisse. Simplesmente não tolerava sujeira! Tirava as roupas e as colocava na lata de lixo ou nas moitas.

Talvez algumas mães se preocupassem com o comportamento estranho de Gemmia. Mas para mim bastava que suas pernas fossem retas, e eu já estava feliz. Entretanto, devo admitir que quando ela começou a comer o cabelo, eu fiquei um pouco preocupada. Minha filha adquirira o hábito de

chupar dois dedos, o indicador e o médio. Enquanto se ocupava em chupá-los, segurava uma das tranças e a balançava para a frente e para trás até desmanchá-la. Quando conseguia, caso eu não estivesse olhando, arrancava um ou dois fios do cabelo e os comia. Isso era mesmo esquisito! Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, o cabelo de minha filhinha estava cheio de falhas. Eu não sabia o que fazer. A madrinha de Gemmia, minha melhor amiga na época, Ruth Carlos, encontrou a solução durante um fim de semana em que tomou conta dela.

Ruth descobriu que nem sempre Gemmia comia o cabelo. Em geral, o enrolava até formar uma bolinha, que ficava apertando nas pontas dos dedos. Era o que Ruth passou a chamar de enrolação! Gemmia adorava enrolar! Nunca soubemos o que ela de fato queria com aquilo, mas descobrimos uma imensa variedade de material para enrolar: colchas antigas, suéteres e até

tapetes, se catados ou raspados, produziam adoráveis bolinhas. Tirei as bolinhas de todos os suéteres velhos, meias e colchas que encontrei e as guardei numa bolsa de plástico, que carregava para todo lado. Quando os dedos de Gemmia iam para a boca, uma bolinha saía da bolsa. Elas impediram que Gemmia arrancasse os próprios cabelos. Nove meses depois, também deixou de chupar os dedos. Por via das dúvidas, guardei o estoque.

É natural que vocês se perguntem por que tanto trabalho para resolver um hábito tão nojento quanto arrancar e comer cabelo. Tenho duas respostas. A primeira é que me lembrei de como as minhas necessidades infantis tinham sido ignoradas e não atendidas. Estava determinada a dar a meus filhos tudo de que necessitassem para se sentir acolhidos, desejados e amados. A segunda é *culpa*! Aquela filha que eu quase abortara tinha se tornado uma imensa alegria em

minha vida e, ao olhar para ela, a culpa me invadia.

Gemmia era minha verdadeira joia preciosa, apesar de seus hábitos pouco comuns. Era carinhosa e gentil. Quieta e pensativa. Dona de uma memória afiada, aprendeu a usar o troninho em menos de um mês. Entendia-se às mil maravilhas com o irmão e quando Nisa, minha terceira filha, nasceu, Gemmia foi sua mãe-substituta: carregava-a no colo e a alimentava, atenta como um falcão. Gemmia também cuidava muito de mim. Adorava me beijar e massagear meus pés e minhas mãos. Era a única filha que subia devagarzinho em minha cama e dormia abraçada a mim. Aprendeu as letras do alfabeto praticamente sozinha, apenas assistindo a *Vila Sésamo*. Damon a ensinou a contar, prática que ela já dominava antes do primeiro ano.

Gemmia nunca foi de falar muito. Mesmo criança, não era tagarela. Quando adolescente,

limitava suas respostas a três ou quatro palavras. O que mais dizia aos irmãos era “Me deixem em paz!” ou “O que estão fazendo?”, ou ainda o clássico “Saiam já daqui!”. Na verdade, era tão quieta, que eu frequentemente repetia coisas que já tinha dito, sem saber se ela ouvira da primeira vez. “Eu já ouvi” ela dizia, então – não de modo ríspido nem seco, mas simples, suave e direto. Eu ouvi *você*. Era uma atitude tipicamente *gemmiana*. Suas maneiras eram sempre delicadas, tranquilas e agradáveis. Reconheci desde cedo que havia algo absolutamente especial e sábio em minha Gemmia.

Muito mais tarde, percebi que desconhecia muitas coisas sobre ela. Não por falta de interesse. Não que eu fosse negligente – ou seria por isso? Minha própria vida costumava ser tão caótica, que nunca me passou pela cabeça perguntar a meus filhos seus gostos ou aversões, suas necessidades ou desejos. Damon e Nisa verbalizavam tudo. Tinham tantas perguntas e opiniões, que era

impossível deixar de dar atenção aos dois. Gemmia, a criança do meio, frequentemente parecia perdida tendo ao redor de si o caos da minha vida e as necessidades dos irmãos. Por nunca demonstrar ter problemas, não procurei descobrir nenhum. Além disso, era confiável: eu sempre podia contar com ela. Fazia exatamente o que eu pedia, quando pedia. Nesse sentido, era muito parecida com meu irmão. Ao contrário de mim, ele nunca foi castigado por não ter obedecido às instruções.

Quando minha vida se tornou um desequilíbrio, Gemmia passou a exercer o papel de mãe-assistente. Com a maior boa vontade, ajudava preparando o jantar ou se encarregando do trabalho doméstico. Exercia domínio sobre os irmãos. Com pouquíssimas palavras, argumentava e os convencia da importância do que estava dizendo. Muitas vezes a ouvi dizer coisas como “Você sabe o que ela pensa sobre isso”. Assumi

que se referia a mim. Eram as mesmas palavras que meu irmão costumava usar para me alertar contra a vovó. Entretanto, sabia que Gemmia as dizia não com raiva nem com medo das consequências caso as coisas não atendessem às minhas expectativas. Falava, acredito, demonstrando preocupação, afeto. Gemmia me ofereceu o apoio que eu nunca tivera na vida. Apoiei-me nela como imaginava que a tia Nancy se apoiasse em mim. *Ai, meu Deus! A patologia!* Os padrões! Começava a reconhecê-los e agora eles tomavam conta da minha vida. Meus filhos enfrentavam o que eu enfrentara. Era totalmente inaceitável! E eu, completamente despreparada para tomar alguma atitude. Em vez disso, fiz o que tinha aprendido, o que presenciara ser feito. Agi como se não estivesse vendo, como se não pudesse ouvir e como se não soubesse o que estava acontecendo.

A ESTRUTURA DIVINA

*Tentando escapar de onde está,
é possível
que você corra tão rápido a
ponto de perder as
bênçãos ao longo do caminho.
Quando se dá
conta de tê-las perdido, a
maior parte de
sua vida transcorreu sem você.*

Como acontece com muitas pessoas, foi preciso que eu vivesse bastante para reconhecer minha necessidade de cura. Durante a maior parte da vida eu nem desconfiava de que minhas crenças a

meu respeito, a respeito dos homens, do dinheiro e de quase tudo que faz parte do cardápio da existência fossem consequências das experiências vividas. Era como se eu não pudesse receber nada de bom na minha vida nem acreditar nessa possibilidade. Quando uma coisa boa me acontecia, em geral eu dizia ou fazia algo para afastar ou prejudicar a experiência positiva. Não tinha habilidade para construir nem para manter relacionamentos sólidos, o que se tornava ainda mais evidente no relacionamento com meus filhos. Apesar de ser ótima provedora, eu era uma péssima mãe.

A diferença de idade entre meus filhos era de dois anos. Quando Damon tinha 6, Gemmia tinha 4 e Nisa tinha 2. Essa cronologia trazia algumas vantagens: Damon podia falar e explicar o que as irmãs faziam e as meninas podiam usar as mesmas roupas. À medida que cresciam, podiam cuidar uns dos outros. Nossa casa funcionava como um

campo de treinamento, em que o ocupante do posto mais alto na hierarquia se responsabilizava pelos recrutas. Todos tinham deveres específicos e quando um dos filhos cometia um erro, todos eram responsabilizados. Eu impunha rotinas, que sempre eram cumpridas. Tomávamos o café da manhã, almoçávamos e jantávamos sempre no mesmo horário todos os dias. Fazíamos compras às quintas-feiras. Sábado era dia de lavar roupa e no domingo à tarde passeávamos. Na minha cabeça, graças à vovó, era assim que deveria ser.

Quando íamos sair, as crianças tomavam banho e se vestiam. No inverno se sentavam na sala de estar e assistiam à TV enquanto eu me arrumava. Na primavera e no verão, podiam ficar na frente do prédio até eu terminar de me aprontar. Duas regras precisavam ser respeitadas. A primeira: eu não saía com crianças sujas. A segunda: eu tinha de ver os três juntos toda vez que olhasse pela janela. Crianças desobedientes não iam longe

comigo.

Num domingo de verão decidi que a praia seria o programa ideal para nós. Preparei sanduíches e separei as roupas de todos. Obedecendo à rotina, eles se vestiram e foram para fora. Demorei mais do que o previsto para me aprontar. Quando, depois de me vestir, fui à janela e não vi nenhum dos três, a raiva tomou conta de mim. Guardei tudo no carro, dei um grito de romper os tímpanos e esperei – trinta segundos, sessenta segundos, dois minutos. Nenhuma resposta. A essa altura, eu estava realmente irritada. Andei sob o sol escaldante chamando por eles. Dez minutos depois, retirei as coisas do carro e subi as escadas correndo, furiosa.

Voltei para buscá-los, decidida a fazê-los pagar caro aquela desobediência. Dei duas voltas no quarteirão e não encontrei meus filhos. No caminho de volta para casa eu procurava controlar o ódio que sentia quando vi o pé de Nisa saindo de

uma fileira de moitas que havia na frente do prédio.

Os pirralhos estavam se escondendo de mim! Que ousadia! Adiantei-me, pronta para atacar três criancinhas – eles tinham à época 8, 6 e 4 anos. A carnificina seria verbal, pois nunca bati neles. Afastando as moitas, preparada para soltar o verbo, notei que os três estavam deitados na grama, adormecidos. Eu não estava preparada para aquela cena. Vi o terror nos olhos dos três, muito evidente. Foi quando percebi que meus filhos tinham medo de mim.

Levei menos de dez segundos para entender que, enquanto me esperavam, eles tinham se sentado na grama fresca atrás das moitas, para escapar do sol, e então pegaram no sono. Como Damon sabia que precisava dizer algo, começou: “Não estamos sujos, mamãe. Ninguém nos incomodou. Você pensou que tinha acontecido alguma coisa com a gente?” As palavras de meu filho calaram fundo

em minha consciência porque aquele pensamento não tinha me ocorrido nem uma vez.

Acredito que algumas características maternas sejam inatas, enquanto outras tenham de ser ensinadas para que saibamos como agir. Mães são feitas para acalantar e apoiar os filhos e eu não sabia desempenhar essa função. Sabia que precisavam ser alimentados e protegidos de todo mal. Tinha consciência de que precisavam ser disciplinados e de que deveriam obedecer às ordens. Sabia que suas necessidades, sua segurança e seu bem-estar precisavam estar acima de qualquer instabilidade mental e emocional dos adultos. Mas não fazia ideia de que palavras encorajadoras e estímulos positivos eram necessários para manter abertos seu coração e sua mente. Acreditava que o mais importante e benéfico para eles era ensinar-lhes o que não fazer e listar todos os erros que cometessem.

Achei que estivesse sendo cuidadosa ao *não*

tomar as atitudes que tinham arruinado minha infância. Em vez disso, eu os estava derrubando. Um movimento em falso, um erro, uma coisa não feita ou feita pela metade... e eu discursava de vinte a trinta minutos, dizendo-lhes quanto a minha vida tinha sido difícil e por que era absolutamente necessário que fizessem tudo o que eu exigisse. Não xingava meus filhos, mas hoje sei que o tom da voz magoa mais que as palavras.

Talvez eles me suportassem porque, por mais desequilibrada que eu fosse, ainda assim era a mãe deles. Talvez fosse pelo fato de a comida ser boa, as camas estarem sempre limpas e, sobretudo, eles se sentirem seguros e queridos. Talvez a explicação para a sobrevivência de meus filhos aos meus anos difíceis seja o que Gemmia me disse muito tempo depois, num dia em que eu me culpava por tudo o que não dera a ela:

“É, seu comportamento era um pouco inconstante, mas às vezes você não tinha escolha.

Sei que você acha que não nos educou direito, mas não vejo assim. Sempre a considereei uma mulher linda, orgulhosa e forte. Vi você lutar para nos criar sozinha, dar duro para garantir que tivéssemos comida e um lugar onde morar. Sabia que, independentemente do que estivesse acontecendo, você nunca permitiria que algo de mau acontecesse comigo, e isso me bastava. O que eu não sabia era o duro que você dava para aprender a fazer tudo tão bem.”

V

Meu primeiro marido viu Gemmia quando ela tinha quinze meses. Foi um encontro breve. Por causa de seus problemas com a lei, mais do que pelo risco de condenação, ele se mudou. Só voltou a vê-la quando ela estava com 12 anos. Quando Gemmia tinha 2 anos, eu vivia um relacionamento fisicamente abusivo com meu segundo marido.

Imagino o que meus filhos pensaram e sentiram ao verem a mãe ser esbofeteada, empurrada e maltratada pelo homem que foram ensinados a chamar de papai.

Se as surras comesçassem e as crianças estivessem no mesmo ambiente, eu dizia a Gemmia: “Vá para o quarto e leve o bebê.” Imediatamente ela levava o irmão mais velho e a irmãzinha para um local seguro. Nessas ocasiões em que meu marido agia de forma agressiva, eu tentava com todas as forças manter Damon afastado, porque meu filho sempre procurava me proteger e eu receava que toda aquela ira se voltasse contra ele. Então, quando a violência terminava, nossas vidas continuavam como se nada tivesse acontecido.

No último confronto violento, Gemmia tinha 5 anos. Eu fritava peixe para o jantar quando meu marido chegou, depois de três ou quatro dias de ausência. Assim que ouvi o barulho da chave na

fechadura, preparei-me para o pior. As crianças ficaram muito felizes ao vê-lo. Correram ao seu encontro, seis pezinhos, uns pinguinhos de gente, e abraçaram seus joelhos. Ele estava concentrado em mim e disse, gritando:

– Onde conseguiu a p... do dinheiro para comprar comida?

Tentei ser afável, mas era difícil conter a irritação:

– Não se preocupe. O dinheiro não é seu. – Assim que a última palavra saiu dos meus lábios, eu soube que tinha cometido um erro. – Os três para o quarto!

Confusas, porém obedientes, as crianças dispararam pelo corredor. Isso me levou de uma irritação razoável ao mais *alto grau de exasperação*.

– Não grite na frente dos meus filhos depois de ter sumido todo esse tempo!

Nesse instante, ele andou na minha direção.

Continuei preparando o peixe, de costas para ele. Conhecia seu padrão de comportamento. Sabia que ele estava tentando desviar o foco da minha atenção de seu sumiço.

Ele me agarrou pelos cabelos, puxando-me para mais perto dele e berrando que eu devia considerá-lo idiota e que *sabia* que eu estava trepando com algum bacana – o que, é óbvio, ele inventou. Ameaçou levar as crianças e me deixar sem nada.

– Nada? Você que é nada! Como pode saber se estou trepando com outro se não passa tempo suficiente em casa? – Essa foi a melhor resposta que me veio à mente.

Soltando meus cabelos, ele me agarrou pelo pescoço. Instintivamente, peguei a frigideira quente e a atirei por sobre o ombro. Embora nem toda a gordura fervente do peixe tenha atingido seu rosto, boa parte caiu no bonito casaco preto de caxemira que ele estava usando. Tentei escapar na

cozinha estreita, mas, com o chão coberto de gordura, eu escorregava e patinava, enquanto ele gritava e soltava palavrões.

– Olhe só o que você fez com o meu casaco! Você tentou me queimar! Eu vou queimar seu rabo!

Ao avançar para mim, escorregou e caiu, batendo as costas na geladeira. Ganhei tempo para alcançar o corredor. Já a meio caminho do quarto, ele conseguiu me agarrar novamente pelos cabelos. Vi as crianças paradas na entrada do quarto quando a primeira bofetada me atingiu. Caí. A lembrança seguinte é de tê-lo em cima de mim, apertando meu pescoço. Meus ouvidos zuniam e eu via manchas escuras entremeadas com lampejos de luz. *Ele está tentando me matar. Ele vai me matar.* No exato momento em que esses pensamentos cruzaram minha consciência já quase perdida, um milagre aconteceu: ele começou a chiar e seu corpo amoleceu. Meu segundo marido sofria de asma crônica.

Mesmo assim, eu não conseguia me mexer, porque seus noventa e cinco quilos caíam flácidos sobre mim. Damon chorava, no final do corredor. Gemmia, de pé ao lado dele, estava paralisada de terror. Quando consegui recuperar o fôlego, sussurrei: – Peguem o remédio do papai. Peguem o remédio do papai no meu quarto. – Gemmia correu e encontrou a bombinha na penteadeira. Ao entregá-la, lágrimas grossas escorriam por seu rosto.

– Está tudo bem, meu bebê. Mamãe está bem. – Mas nada estava bem, a expressão dos olhos de minha filha provava que nada estava bem.

Como pude, coloquei a bombinha na boca dele e a pressionei. Ele conseguiu respirar fundo e isso diminuiu seu peso. Devagar, saí de baixo dele, que continuou caído no chão, tentando respirar. Peguei meus três filhos e os levei correndo para o quarto, onde armei uma barricada. Nós nos sentamos na cama e choramos. Eles choravam por mim,

imagino. Eu chorava pelo horror em que minha vida se transformara.

Depois desse dia, ainda levei quase um ano para terminar o relacionamento e durante esse tempo, não esqueci nem por um instante aquele olhar de Gemmia. Nunca tinha me considerado uma mulher que coloca o homem acima dos filhos, mas era exatamente nisso que eu havia me transformado.

Sabia que vivia uma relação perigosa. Embora ele aceitasse meus filhos, se preocupasse com eles e em geral os sustentasse, era ciumento e agressivo, infiel e mentiroso. Eu sempre quis que meus filhos tivessem um pai, qualquer pai, e ele se mostrara disposto a embarcar na minha fantasia. *Em que eu estava pensando, afinal?* Pensava em proporcionar às crianças algo que eu nunca tivera. Entretanto, esquecia que estava mostrando às minhas filhas o que elas deviam e podiam esperar de um homem. E não me dava conta de que

ensinava ao meu filho o que os homens podiam e deviam fazer. Julgava-me uma criatura sem valor, e já deveria me sentir satisfeita só pelo fato de um homem, mesmo aquele homem violento, me querer.

V

Gemmia tinha 7 anos quando entrei para o Medgar Evers College, que pertence à faculdade pública de Nova York (NYCU). A experiência abriu um mundo totalmente novo para mim e para meus filhos. Trabalhava durante o dia, no período em que eles estavam no colégio. Às seis da tarde, quando o programa de atividades extracurriculares terminava, eu os buscava e os levava comigo para as minhas aulas. A pequena faculdade no Brooklyn acolhia crianças. Enquanto eu assistia às aulas, meus filhos esperavam no corredor, brincando ou fazendo o dever de casa. Isso durou até a metade do meu segundo ano, quando Damon e Gemmia

começaram a insistir em que já eram grandinhos e podiam cuidar de si mesmos. Tinham muitos trabalhos escolares e queriam passar as noites em casa. Damon tinha 11 anos, Gemmia, 9 e Nisa, 7. Com a ajuda de uma vizinha prestativa, isso parecia possível.

Assim começou minha experiência de maternidade por telefone. Eu me levantava todos os dias a tempo de preparar o café da manhã e o jantar antes de sairmos – eu para o trabalho e as crianças para o colégio. Depois da aula, eles voltavam para casa de ônibus, se trancavam em nosso apartamento e ligavam para o meu trabalho. Quando eu chegava à faculdade, ligava para casa e instruía Gemmia a servir o jantar. Minha vizinha ia até lá verificar se tudo corria bem e se certificar de que haviam feito os deveres e de que não tinham posto fogo na casa. Ao voltar para casa, por volta das dez e meia da noite, eu encontrava a cozinha limpa, as crianças na cama e as panelas

vazias. Pouquíssimas vezes guardavam jantar para mim.

No meu primeiro ano, fui eleita presidenta do grêmio estudantil e comecei a passar muito mais tempo na faculdade. Mais ou menos na mesma época, também consegui o emprego de instrutora de dança no colégio de meus filhos. Três tardes por semana ensinava a meus próprios filhos a paixão da minha vida: a dança. Damon e Nisa tinham ritmo e logo aprenderam. Gemmia, então com 11 anos, tinha dois pés esquerdos e um corpo comprido e anguloso que se recusava a acompanhar a batida. Sem problema: a gente daria um jeito!

Na ocasião, meu pai deixara Nett e tinha quatro outros filhos – cinco, contando com o que a amante levava para o relacionamento. Ele e a nova família moravam a poucos passos da escola. Muitas tardes, depois da aula de dança, eu deixava as crianças na casa dele enquanto assistia às aulas

noturnas. Ficava agradecida por elas conviverem com o avô. Todos o amavam, principalmente Gemmia, que era a favorita de meu pai. E ele era o amor da vida dela.

O bom foi que dessa forma meus filhos ganharam tias e tios. Se o tempo estivesse ruim, meu pai pedia: “Deixe as crianças aqui hoje à noite.” Isso me liberava do trabalho na cozinha. Também me possibilitou que eu me envolvesse mais nas atividades do grêmio.

Eu trabalhava em tempo integral, criava três filhos, lutava pelos interesses dos estudantes e ainda era uma das melhores alunas da turma. Pela primeira vez em muito tempo me sentia realmente satisfeita comigo e me formei no ciclo básico com a máxima qualificação possível: a distinção *summa cum laude*, oferecida aos alunos que obtêm médias altíssimas. Achei que finalmente estivesse usando minha inteligência, meus talentos e minhas habilidades num desafio que valesse a pena e que,

no longo prazo, traria benefícios para meus filhos. Finalmente eu estava acreditando que fosse lúcida, estável e que tivesse um papel a desempenhar. Em contrapartida, às vezes não fazia ideia de quem eu era ou do que queria. E, num grau mais profundo, com bastante frequência ainda não tinha consciência de certas áreas dentro de mim que faziam tudo para atrair a atenção, a aceitação e a aprovação do meu pai, que continuava a me ignorar.

Mas não me dei conta de tudo isso que estava conquistando nem de como me sentia até concluir meus primeiros dois anos de ensino superior no Medgar Evers – e da forma como os concluí: com honra, como presidenta do grêmio e oradora da turma. Meus três filhos subiram ao palco comigo. Minha madrasta, Nett, também foi. Mas meu pai e meu irmão faltaram. Os dois homens mais importantes da minha vida e do meu coração voltaram a me desapontar.

Gemmia percebeu que havia algo errado. Tanto ela quanto Damon não paravam de me elogiar, dizendo que eu estava bonita. Mais tarde, naquela noite, enquanto eu chorava em minha cama, Gemmia se enroscou em mim e sussurrou: “Gostaria muito que vovô estivesse lá hoje. Ele ficaria tão orgulhoso...”

A faculdade de direito era mais difícil e exigiria muito mais do meu tempo. Gemmia me disse que se eu a ensinasse a cozinhar, ela prepararia o jantar. E foi o que aconteceu. Nos finais de semana, eu e ela fazíamos compras e lavávamos roupa. Descobrimos que é possível ler um bocado nas lavanderias automáticas. E tudo caminhou bem até novembro.

Nada de bom pode vir de um telefonema às cinco da manhã. Era minha madrastra. Estava se sentindo muito mal e precisava que eu fosse imediatamente à casa dela. Em noventa minutos estávamos na sala de emergência do hospital, onde

permaneceríamos por dez horas. O diagnóstico não foi conclusivo e sugeriram mantê-la internada para que fosse submetida a mais exames. Agradei a Deus o Fiat barulhento que eu me dera de presente ao me formar. Tinha custado apenas oitocentos dólares e durante as semanas seguintes levou-me à faculdade de direito, ao hospital e de volta para casa, enquanto os médicos estudavam o caso de Nett.

Em meados de dezembro, as crianças estavam praticamente morando com meu pai. Eu passava os dias na faculdade e as noites no hospital. Falava com as crianças, sobretudo com Gemmia, de três a quatro vezes por dia, garantindo-lhes que sua vovozinha estava melhorando. Mas não era verdade.

Parei de frequentar a faculdade por ocasião das festas de fim de ano. Nett não melhorava e os médicos não chegavam a nenhuma conclusão. Dia após dia, e na maioria das noites, eu me sentava e

ficava olhando e ouvindo as máquinas bombearem vida para o corpo de Nett. Rezava para que ela não morresse. Era a única pessoa que tinha me encorajado. Não conseguia nem mesmo imaginar viver sem ela.

Nett continuava internada no hospital, em março, quando meu pai morreu. Gemmia se deitou no chão, encolhida, ao saber da notícia por mim. A morte do avô significou a perda de seu primeiro amor. Damon batia na cabeça, insistindo que não era verdade. Nisa se agarrava a mim, chorando, enquanto eu me esforçava para erguer Gemmia do chão. Tentar consolar meus filhos abriu as represas de minhas próprias lágrimas. Chorei com eles e por eles.

V

Após o falecimento do meu pai, Gemmia virou uma mocinha. Era agradável e gentil com todos.

Mostrava-se confiável e autossuficiente, além de ocupar o posto de mãe-assistente em nosso lar. Os irmãos obedeciam mais a ela do que a mim. Eu era a que gritava, sempre apressada, constantemente histérica por algum motivo. Gemmia mantinha-se estável e controlada. Um dia, enquanto eu a observava ajudando a irmã com um dever de casa difícil, me dei conta de que aquela criança não era apenas gentil e paciente, mas também brilhante. Foi então que descobri que tinha perdido grande parte de seu crescimento. Na verdade, tinha perdido grande parte de sua vida.

Quando penso no passado, recordo que minha participação na vida de Gemmia foi como tirar retratos num piquenique: você consegue várias fotos distintas, sem conexão com o conjunto. Lembro-me de que ela adorava ler. Ainda posso vê-la sentada em algum canto da casa com um livro nas mãos toda vez que eu a chamava para desempenhar alguma tarefa ou fazer alguma

compra. Adorava frango, mas odiava ervilhas. Já adulta, costumava brincar comigo sobre os danos psicológicos e emocionais sofridos por eu tê-la forçado a comer tantas ervilhas.

Ao recordar, percebo que Gemmia amava tudo o que eu amava. Eu adorava música. Ela adorava música. Eu adorava costurar e, embora nunca tivesse me dado o trabalho de ensiná-la, ela aprendera sozinha e costurava roupas para as bonecas com os trapos de tecido que eu deixava. Eu adorava cozinhar. Gemmia era minha ajudante. Ela comprava as marcas de que eu gostava, nos lugares em que eu gostava de fazer compras. Raramente eu precisava repetir alguma coisa. Era como se ela antecipasse o que eu iria pensar, dizer ou desejar, e se encarregasse de tomar as providências para que eu ficasse satisfeita com o resultado. Ela não só intervinha para me ajudar quando eu estava feliz, mas também aprendeu rapidamente como interferir quando via que eu

estava deprimida. Depois dos poucos meses complicados do início de sua existência, nosso relacionamento deixou de ter qualquer tipo de cobrança. Em meio a todas as loucuras de minha vida, era exatamente disso que eu precisava: poder ser com alguém simplesmente quem eu era.

Não sei ao certo o momento em que começou, mas Gemmia ia completar 14 anos quando notei que ela passava muito tempo dormindo. Como eu não tinha conhecimento dos sintomas da depressão, essa possibilidade não me ocorreu. Em vez disso, ameacei, intimidei e finalmente proibi que ficasse na cama. Como era uma menina obediente, ela seguiu minhas ordens: permaneceu acordada e desanimada, respondendo a todas as perguntas com um sussurrante “não sei”. Não era provocação nem rebeldia. Eu percebia seu desespero e não fazia ideia de como ajudá-la.

Um dia, no cabeleireiro, minha querida amiga Tulani contou que queria ensinar as meninas a arte

do cuidado natural dos cabelos. Meio de brincadeira, eu disse que Gemmia poderia ser sua primeira aluna. O resultado? Durante os dois anos e meio seguintes, Tulani cuidou de Gemmia. Ensinou-a não apenas a tratar dos cabelos, mas também a administrar um negócio. Ensinou-a a se vestir e a criar um estilo próprio. Ao contrário de mim, Tulani sabia exatamente o que faz uma mulher parecer e se sentir bem. Inventiva que era, minha amiga falava uma linguagem que Gemmia compreendia e da qual eu não tinha a menor noção! Apesar de querermos desesperadamente estar onde nossos filhos estão e compreender o que eles sentem e fazer o que estiver ao nosso alcance por eles... é fundamental conhecermos nossos limites e termos consciência de que chega um momento em que não temos aquilo de que nossos filhos necessitam. Foi preciso que uma amiga boa e íntima quase uma irmã, ocupasse o lugar que me cabia junto a Gemmia.

Mais ou menos na mesma época em que notei o sono excessivo de Gemmia, percebi a presença frequente de um menino em nossa casa. Certo dia, aproveitei uma oportunidade para um interrogatório tipicamente materno.

– Posso saber o que está rolando entre você e esse zé mané?

– Que mania de arrumar apelidos esquisitos. Por que você faz isso? – Gemmia reagiu imediatamente.

– Não mude de assunto. Ele é seu namorado?

Nisa não resistiu à tentação de entregar a irmã mais velha:

– Você sabe que ela está falando do Jimmy e também sabe muito bem que ele é seu namorado. Eu vi vocês dois se beijando.

Minha boca ficou seca de repente. Puxa, eu ainda nem discutira as coisas mais simples da vida com nenhuma das minhas filhas!

– Você gosta dele?

– Gosto, ele é legal.

– Espero que ele seja mais do que legal, se vocês andam se beijando. – Gemmia riu com o comentário. – Vocês já fizeram outra coisa além de se beijar?

Nisa abafou uma gargalhada.

– Não! – exclamou Gemmia.

– Precisamos ter aquela conversa da sementinha?

– Não, por favor, já tive essa conversa um milhão de vezes.

– Com quem? – Fiquei horrorizada por alguém ter falado com minha filha algo de que eu me esquecera.

– Com vovô, com mama Tulani, com todo o mundo. Vocês adultos têm tanto medo de sexo, que não param de falar nisso, como se eu fosse idiota.

– Não tenho medo de sexo. Simplesmente receio o que pode acontecer se você fizer sexo. Mas não é essa a questão. O fato é que você tem um

namorado e eu nem sabia e quero me certificar de que você esteja segura.

– Estou segura e ainda não fiz sexo.

Nisa parecia nervosa.

Mais tarde, liguei para Tulani. Ela me contou que os dois se encontravam havia meses. Disse que ele parecia ser um bom garoto, muito educado, e que adorava Gemmia. Mas existia uma pergunta que não queria se calar: *Por que ela não me contou?* Eu me mostrava disponível? Não. Acessível? Também não. Essa constatação me levou às lágrimas. De tão envolvida comigo mesma e com os meus problemas, tinha negligenciado as necessidades das pessoas mais importantes do mundo para mim: meus filhos. Não dormi direito naquela noite. Assim que ouvi movimento no quarto de Gemmia, fui ao seu encontro e confessei minhas falhas.

– Filha, sinto que falhei com você. Que não lhe dei o que você precisava ter. Desculpe-me, sinto

muito. Mesmo. – Ela me fitou como se eu tivesse perdido o juízo. E de certa forma, eu perdera mesmo. – Quero dizer, sou sua mãe. Como não percebi que você tinha um namorado? Devia ter conversado com você sobre sexo. Devia ter dito quanto você é importante para mim.

Eu me mostrava incoerente. Gemmia não parecia impressionada ao perguntar:

– Posso saber do que você está falando?

– Estou falando de você e de mim, e de não estar ao seu lado quando precisou de mim.

– Mamãezinha, você sempre esteve ao meu lado. Você estuda. Você trabalha. Põe comida na mesa e nos veste. O que mais espera de si mesma?

O que era isso? Por acaso minha filha estava me dando uma lição de moral? Sim! E era exatamente o que eu precisava ouvir. Então, por que fiquei tão irritada?

– Você não precisa me dizer o que faço. Estamos falando sobre o que você anda fazendo

sem mim!

– Não, estamos falando sobre o seu sentimento de culpa. – Gemmia não falava muito, mas quando o fazia, era certa.

– Culpa? Que culpa? Não sou culpada de nada.

– Não disse que você é culpada. Disse que se sente culpada. Você se sente culpada por não estar em casa sempre e por não reparar que nós entendemos o que está fazendo. Sabemos por que você faz tudo isso e morremos de orgulho de você.

Nós duas chorávamos. Não perguntei a Gemmia por que ela estava chorando, mas minhas lágrimas eram de culpa! Culpa por subestimar meus filhos. Culpa por me subestimar e subestimar o que lhes ensinara. Culpa porque, apesar de estar ralando como uma condenada, não me respeitava. Naquele momento, minha filha me repreendia. Era coisa demais, às seis horas da manhã.

– Mãe, nunca vou desapontá-la ficando grávida, por exemplo. Não sou você. O fato de isso ter

acontecido com você não significa que tenha que acontecer comigo. Está bem?

Reuni forças para dizer: – Está bem. Obrigada.

v

Num ameno domingo de setembro, deixei Nova York e meus filhos para trás e me mudei para a Filadélfia, para exercer a advocacia. É óbvio que Gemmia assumiu o comando, aos 16 anos. Damon tinha se mudado para a cidade de Nova York: concluíra o ensino médio e morava com o pai, que surgira do nada, depois de 18 anos, e o levaria embora. Nisa acabara de começar o ensino médio e parecia adaptada. Eu precisava me mudar para a Filadélfia, não apenas para assumir o novo emprego, mas também para encontrar um lugar onde pudéssemos morar. Quatro meses depois, Gemmia e Nisa chegaram ao bairro tranquilo e residencial que eu escolhera. Eu as matriculei

numa boa escola e começamos uma nova vida.

Por mais culpada que me sentisse, por mais ausente em termos emocionais que me considerasse, nas datas especiais eu sempre preparava uma surpresa para meus filhos. Na formatura de Gemmia, eu parecia mais animada do que ela. E mais orgulhosa. No outono, ela iria para a universidade. Ganhara uma bolsa de estudos integral de quatro anos na Morgan State University.

Eu fiz seu vestido de cetim branco, tomara que caia, com um corpete pérola de brocado. Prendi seu cabelo num coque e o enfeitei com flores brancas na lateral. Gastei meus últimos 15 dólares numa carteira também de cetim branco. Ela se recusou a me deixar vê-la enquanto se vestia. Chamou-me de irritante. Então me sentei diante da máquina de costura, caso fosse necessário fazer algum ajuste de última hora.

Jimmy chegou pontualmente com uma

maravilhosa orquídea. Esperamos juntos Gemmia descer as escadas – e eu chorei! A menininha quieta de dois pés esquerdos enormes tinha se transformado numa linda jovem. De pernas lindas. Seios lindos. Pele linda. Cabelo maravilhoso. Antes que eu pudesse realmente cair em pranto, Gemmia mandou que eu parasse de chorar e buscasse a câmara. Obedeci prontamente. Parada na frente de minha filha, mais uma vez senti que mal conhecia aquela visão maravilhosa.

NÃO SOU PRISIONEIRA DE NINGUÉM!

*Quando você se sente
desprotegida, sem apoio
e despreparada para cuidar de si
mesma, a
sensação é de ter sido atropelada
por um trem.
A melhor maneira de descrever
a experiência
é: uma terrível colisão direta
entre seu
querer ser e seu nunca poder ser.*

Quando me mudei de Nova York para a Filadélfia, achei que estivesse deixando tudo de ruim para trás. Mal tinha consciência de que eu carregava mais bagagem do que o caminhão de quase quatro metros que fez nossa mudança.

Na verdade, achei que uma nova profissão, um novo emprego e uma nova cidade trariam sensações de bem-estar. Sair da pobreza e chegar aos tribunais foi um grande feito. Em vez de celebrá-lo, concentrei-me no fato de que minhas filhas e eu dormíamos em colchões no chão. Castiguei-me por ter deixado para trás a mobília gasta quando acreditava que meu novo salário no escritório de defensoria pública seria suficiente para comprar móveis novos. Hoje tenho a exata medida daquela realidade: meu salário mal dava para a comida e a conta de luz. Em vez de me sentir bem por morar numa casa de verdade, num bairro sem gangues pelas esquinas, fiquei obcecada por não ter família nem amigos com

quem pudesse comemorar meus feitos. Em vez de estudar para o exame da Ordem dos Advogados, eu me culpava pelo que julgava faltar em minha vida. Meu sabotador interno travava um jogo mortal com meu passado. Essa fratura em minha alma era tão profunda, que nem acontecimentos felizes nem a graça divina pareciam capazes de destruir as mentiras que eu contava a mim mesma a meu respeito. Por vezes, apesar da evidência tangível e surpreendente de que eu era alguém, parecia determinada a acreditar no que minha avó me disse que eu seria: uma inútil.

Há ocasiões em que nos tornamos pessoas tão envolvidas com nossa vida material, que nos esquecemos da existência da vida espiritual. Devo confessar que, de tão sobrecarregada com os eventos da rotina, eu não me lembrei de cuidar das necessidades do espírito. Apesar de ter deixado de frequentar igrejas, rezava constantemente, mas em geral para pedir. Pedia a Deus que desse um jeito

no que eu considerava errado em mim e na minha vida.

Vários anos antes, eu fora iniciada na religião iorubá. Era sacerdotisa na tradição de minha linhagem matriarcal. Guardiã da cultura de uma antiga civilização, dona de conhecimentos que me permitiam usar minha herança espiritual como fonte, e não apenas como referência. Gostaria de poder contar que assumi esse papel com grande orgulho e por opção consciente. Infelizmente, não posso. Apesar de conhecer a cultura e a tradição espiritual de meus ancestrais, o motivo de eu ter buscado essa iniciação foi um homem – um homem por quem tinha sido abandonada. Eu acreditava que o amasse. Quando ele decidiu me deixar e romper a união de cinco anos, uma amiga sugeriu que eu consultasse uma médium, na tentativa de superar a dor.

A dor nos leva a tomar atitudes muito estranhas. A médium me disse que eu perdera aquele homem

e toda a minha sorte por não seguir meu destino. Meu destino era ser sacerdotisa e guiar outras pessoas em sua jornada espiritual. *É isso aí! Falou!* Em detalhes minuciosos, ela narrou fatos de minha vida que eu jamais contara a ninguém. Também me falou da infelicidade que eu deveria esperar se não seguisse o caminho correto. Então me disse aquilo que eu queria ouvir: que a única maneira de eu ter o homem dos meus sonhos era renunciar à minha vida e me tornar sacerdotisa. Um ano e seis meses depois, fui iniciada. O homem nunca voltou, mas sua partida me levou ao meu lugar, a serviço de Deus.

Como consequência da minha iniciação, passei a conhecer intimamente o poder e a necessidade do ritual e da cerimônia. O ritual era algo pelo qual minha alma africana ansiava – e ela floresceu quando participei dele. Conheci o poder de render homenagens a meus ancestrais e de receber de bom grado sua essência em meu íntimo. Soube da

necessidade de evocar os nomes de mulheres poderosas – de dentro e de fora da minha linhagem familiar. Ao me reunir com elas, aprendi a ouvir a sabedoria que jorrava em minha mente.

Tanto minha essência africana quanto a americana estavam ligadas à cerimônia que virou rotina quando eu, serenamente, me dediquei a ela. Houve um tempo em que acendia uma vela para meus parentes falecidos todas as quartas-feiras. Sentava-me e ouvia o que passara a reconhecer como suas vozes sussurrando em meu coração. Muitas vezes, vi em minha mente uma bonita mulata que me convidava a me aproximar. Só quando minha tia me mostrou uma foto eu entendi que a mulher de minha visão era Sahara, minha mãe biológica. Houve época em que eu acendia incenso e velas no meu escritório ou em qualquer sala em que trabalhasse. Convocava os anjos de Deus e os espíritos de meus ancestrais a guiar cada uma de minhas palavras e decisões. Ligara-

me intimamente à eficácia de disciplinas que me inspiravam a ouvir, a orar e a orientar minha vida, humilde e espiritualmente, com os pés no chão.

Então, levei um homem para minha casa e deixei que seus sapatos ocupassem o espaço em que antes reinava o meu altar. Para acomodá-lo, perdi o rumo do que me mantinha sã, enraizada, segura. Abandonei o compromisso com os princípios e as práticas que unificavam meu espírito, e me tornei confusa e consumida pelos acontecimentos da minha vida.

Em algum ponto entre meu primeiro rompimento com Eden, que me levou às pressas para a igreja, e a entrada no ramo do direito, eu tinha sucumbido à crença de que o trabalho espiritual era desnecessário e, para ser franca, nada frutífero. Toda a minha reza não tinha trazido Eden de volta para a minha vida. Velas e incensos não tinham contribuído para me deixar mais rica nem inteligente. Na época, não compreendi que os

desafios e as dificuldades são oportunidades para o fortalecimento da fé. Acreditava que era fiel porque rezava em meio período, esperando recompensas em tempo integral. Não fazia ideia de que quando Deus lhe dá uma incumbência você não pode selecionar apenas a parte que for do seu agrado, a mais fácil. Deus me concedera dons e talentos que eu desperdiçava perseguindo um fruto proibido. Deus me mantivera viva e sã, em meio a indescritíveis abusos e negligências. Deus tinha algo imenso guardado para mim e eu precisava permitir que Ele me preparasse. Entretanto, com muita frequência, em uma espiral descendente, eu interpretava mal minha vida e chegava à conclusão de que a série de infortúnios e acontecimentos devastadores jamais teria fim. Esforçar-me por modificar o que não me supunha capaz de modificar me exauria. Em vez de me dedicar às práticas espirituais, em busca de disciplina e força, voltei-me para as atividades que exigiam

meios e métodos humanos. Não sabia que era a opção errada. Ainda não ouvira dizer que Deus só pode fazer *por você* o que pode fazer *através de você*.

Para mim, o rompimento com Eden significou deixar para trás os relacionamentos neuróticos e vazios do Brooklyn. Adeus aos homens casados, aos homens separados! Adeus aos homens que queriam confundir minha cabeça, iludir meu coração ou dormir com outras mulheres. Queria alguém disposto a ficar comigo por simples prazer. Aprendera algumas coisinhas sobre homens e sobre mim mesma com aqueles relacionamentos. Nada de espiritual, mas apenas coisas que eu precisava saber. Tomei a determinação de superar a dor de amar pela alegria de ser amada.

Depois de me mudar, voltei à rotina espiritual. Comecei a escrever um diário e iniciava o dia com uma oração. Comecei mesmo a compartilhar o que

sabia sobre a tradição iorubá com meus primeiros afilhados, pessoas que me procuravam em busca de conselhos, apoio e treinamento espiritual. Durante muito tempo estudara a Bíblia; agora estudava novamente a Palavra de Deus, sem grandes dificuldades, e conseguia uma conexão profunda entre o que lia e o que praticava como iorubá. Reconhecia e compreendia que a Bíblia falava das contradições e das ambiguidades da minha vida, da vida de todo mundo. Percebia que as histórias e as parábolas que meus ancestrais usavam com o objetivo de preparar jovens para as provas da vida estavam todas ocultas em suas linhas sagradas. Eu adorava os avisos, as lições e as promessas reveladas na Bíblia.

De alguma forma, essas práticas e crenças voltavam a brotar em mim. Eu podia ver, sentir e compreender a unidade de todas as coisas espirituais – não as religiosas, mas as espirituais. As linhas que separavam os africanos dos cristãos,

a Antiguidade da Nova Era e o certo do errado tinham se embaralhado. Vi e senti o Espírito. Busquei e honrei a verdade. Conectei os preceitos do mundo antigo com minhas necessidades no novo mundo. Em meio a tudo isso, meus olhos espirituais se abriram e minha identidade espiritual foi renovada.

v

Realmente, achei que adoraria a carreira de advogada. Entretanto, é preciso ser aprovado no exame da Ordem dos Advogados para exercer a profissão. Antes disso, somos encarregados apenas de trabalhos burocráticos e do preenchimento de dúzias e dúzias de papeladas. Como eu não tinha feito o exame na Pensilvânia, não podia representar ninguém na corte, embora pudesse comparecer a audiências. Basicamente o trabalho consistia em entrevistar clientes no

escritório e preencher os formulários. Também conversava com clientes no tribunal e preenchia mais formulários. Ia à prisão, à fedorenta e quente prisão, encontrar clientes e preencher formulários. Depois voltava ao escritório e distribuía a documentação entre as pessoas já aprovadas no exame da Ordem. Os advogados seniores adoravam meu trabalho.

De vez em quando a papelada continha a história verdadeira. Eram os donos dessas histórias que eu queria ajudar depois que fosse aprovada no exame da Ordem dos Advogados.

Patrícia tinha discutido com outro inquilino do prédio. Surgira uma faca. O inquilino fora esfaqueado e Patrícia fora presa. Em nosso primeiro encontro, ao ler o relatório, presumi que ela conseguiria sair pagando a fiança: iria a julgamento, receberia liberdade condicional e eu nunca mais voltaria a vê-la. Caso encerrado. Eu tinha colocado toda a papelada em ordem e

aguardava a audiência quando uma mulher baixinha bateu no meu ombro.

– A senhora é a defensora pública?

– Sou, sim.

– A senhora vai cuidar do caso de Patricia Muller?

Algo naquela mulher me encantou. Embora ela falasse baixinho e de modo calmo, senti uma energia que reconheci, apesar de não conseguir explicar direito como – naquela época, ainda não.

– Ela é filha do meu pastor e estou aqui para testemunhar a seu favor! – continuou a mulher.

Era isso! Uma carola. Uma daquelas matronas poderosas que rezam o dia inteiro. Conhecia aquela energia porque já a sentira muitas vezes, quando criança, ao frequentar a igreja com a vovó. Essas mulheres eram acolhedoras. Elas amparavam e cantarolavam com os lábios cerrados. Elas se afligiam. Eram capazes de mover montanhas.

– Ela precisa ir para a cadeia?

– Não, senhora. É preciso apenas pagar a fiança.

Ela explicou que o pastor e a mulher estavam voltando da Carolina do Sul e que demorariam no mínimo oito horas. Quando seria necessário pagar?

– Provavelmente irão convocá-la diante do juiz daqui a uma hora. Se você não puder pagar a fiança agora, precisará pagar depois, e só então ir ao centro de detenção buscar a jovem.

– O Senhor sabe o caminho.

– Tenho certeza de que sabe.

O próximo grupo de acusados chegou uma hora depois. A Srta. Muller não estava nele. Ao olhar por cima do ombro para dar à senhora um aceno de reconforto, eu a vi de olhos fechados, balançando-se de um lado para o outro. Quando o terceiro grupo chegou, sem a Srta. Muller, eu ria sozinha. *As orações daquela mulher*

influenciavam todo o sistema judicial. Chamei os advogados de defesa e me propus a assumir o turno seguinte. Embora isso significasse ficar de pé por 16 horas, eu me senti obrigada a acompanhar aquele caso até o fim.

Assim que me sentei ao lado da matrona, seus olhos se descerraram. Antes que eu pudesse abrir a boca, ela me perguntou se eu poderia avisar à Patricia que a irmã Carol estava lá e que os pais dela já estavam a caminho. Expliquei que não tinha permissão para falar com os prisioneiros antes de sua chegada à sala do tribunal.

– Prisioneira? Patricia não é prisioneira de ninguém.

– Quero dizer, os acusados. Não tenho permissão de falar com eles enquanto são mantidos sob a custódia da polícia.

– Mas a senhora é advogada, certo?

– Sim, senhora. Quero dizer, na verdade não sou advogada, porque ainda não fiz o exame da

Ordem, mas posso me apresentar ao juiz.

– Você vai passar no exame, mas hoje precisa entrar e dizer à Patricia que eu estou aqui.

Valia a pena tentar. Conhecia os policiais em serviço e talvez eles me deixassem ir.

Desci ao subsolo, onde os acusados ficavam detidos. Quando cheguei à cela, notei que Patricia estava sozinha. De acordo com a papelada, sabia que havia ao menos 212 acusados ali, mas Patricia tinha uma cela só para ela. Sentada no chão, num canto, estava presa havia onze horas. Dei-lhe o recado da irmã Carol. Ela começou a chorar.

– Por que está chorando? Seus pais estão a caminho e a irmã Carol controla o prédio inteiro.

– Estou com tanto medo...

– Medo de quê?

– Eu não fiz o que ele disse. Eu não o apunhalei.

– Então por que está com medo? Você sabe o que fazer.

– Não sei, não!

– Como assim? Você é filha de um pastor e não sabe o que fazer? Garota, é melhor começar a rezar.

Ela me olhou como se eu tivesse perdido o juízo. Comecei:

– O Senhor é meu pastor.

Ela continuou: – Nada me faltará.

Recitamos juntas, em voz alta, os salmos 23 e 91. Depois, simplesmente oramos. A única coisa que nos fez parar foi o aviso do policial de que o julgamento teria início. Ao sairmos, os prisioneiros das outras celas gritavam:

– Reze por mim também! Senhorita, senhorita, reze por mim também!

Duas horas mais tarde, o pastor e a mulher chegaram. Dez minutos depois, Patricia Muller entrou na sala do tribunal. Quando o juiz tentou estabelecer sua fiança em cinco mil dólares, lembrei-lhe de que a prisioneira tinha ficado catorze horas detida, ou seja, duas além do prazo

máximo. Olhei para a audiência. O pastor Muller, sua mulher e a irmã Carol, de pé, balançavam-se de um lado para o outro. O juiz liberou Patricia Muller sem fiança. Quando ela desceu, uma hora mais tarde, o pastor me agradeceu e me convidou para ir à igreja. Eu fui.

Durante as semanas seguintes, percebi que estava no lugar certo, na hora certa, fazendo a coisa errada.

De repente, após meses e meses de agonia e muitas orações, eu sabia, no fundo da minha alma, que não nascera para ser advogada. Sabia que meu destino não estava integrado ao sistema de lei dos homens. Meu destino era encontrar e ensinar o processo de se conectar com a lei de Deus. Depois de vinte e um dias de jejum e purificação, abandonei a defensoria sem qualquer objetivo ou propósito. Sabia que tinha feito a escolha certa.

Sem dúvida era um colírio para os olhos – e foi ele quem me viu primeiro. Atravessando os corredores da Temple University, eu tentava encontrar o Departamento de Religião. Pretendia fazer um doutorado. Ao que parece, eu tinha passado por sua sala diversas vezes em minhas andanças e quando a aula terminou ele decidiu que eu precisava de ajuda.

– Está perdida?

– Com certeza. Estou procurando o escritório do Dr. Stewart e já estou atrasada para a reunião.

– Imagino que sim. Você está no andar errado. Venha comigo.

Ele era bonito. Cheirava bem. Dispusera-se a me ajudar a encontrar meu caminho. Aquele dia tinha tudo para ser muito agradável.

– Sou Fahim Majid. E você?

– Eu sou Iyanla Vanzant.

Tínhamos chegado ao destino e ele disse:

– Ei, mestre. Trouxe uma linda senhorita para conhecê-lo.

Quando me apresentei, meu acompanhante pediu licença e se foi.

Depois da reunião, dirigia-me ao elevador, quando, para minha agradável surpresa, o Sr. Cheiroso apareceu.

– Está me seguindo? – perguntei.

– Claro.

Enquanto caminhávamos até meu carro, ele me contou tudo sobre o programa de doutorado. Era também estudante com especialização em religião e faltava uma matéria para sua tese. Servira como imame na comunidade de Connecticut por vários anos, antes de sofrer um esgotamento nervoso. Deixara a mesquita e a esposa e passara os últimos dois anos e meio tentando achar seu rumo. Trocamos telefones ao nos despedirmos.

Durante os três meses seguintes, conversamos todos os dias, várias vezes por dia. Quando

comecei o curso, nos víamos diariamente. Ele era para mim a representação do que um homem bom poderia e deveria ser. Abria para mim a porta do carro e qualquer outra porta. Prestava atenção ao que eu dizia e respondia a tudo o que eu lhe perguntava. Melhor ainda, aceitava completamente meus pontos de vista religiosos e espirituais. Nem sempre concordávamos, mas ele me dava espaço para discutir e praticar aquilo em que eu acreditava.

Quando já saíamos havia uns nove meses, a relação começou a ficar séria. No começo, tentamos negar. Ele foi o primeiro a se abrir:

– Acho que me apaixonei por você e não é isso que quero.

– O que você quer? – Eu não estava pronta para declarar nada.

– Não tenho certeza.

– Já rezou buscando a resposta?

Afinal, éramos ambos estudantes de religião. As

orações eram nosso primeiro recurso de auxílio e defesa.

– Fui além disso. Discuti o assunto com meu imame.

– O que ele disse?

– Que eu continuasse a rezar até receber uma resposta.

– Então, qual é o problema?

– Nenhum. Apenas queria que você soubesse o que penso.

– Bem, obrigada.

O homem era bom demais para ser verdade.

Ao longo das semanas seguintes, sempre que nos encontrávamos, a conversa era a mesma. Ele listava todas as razões para não querer dar o próximo passo. Eu o ouvia e o tranquilizava dizendo não nutrir expectativas. Então, um dia, acabamos no seu apartamento e passei a noite lá. Na manhã seguinte, ele foi correr e me deixou sozinha com a mente repleta de dúvidas. Se eu

xeretei? Que pergunta! Claro que sim! Se encontrei algo? É óbvio! Encontrei calcinhas na gaveta da cômoda. Encontrei lembretes e listas escritos com uma letra que não era a dele. O absorvente íntimo debaixo da pia do banheiro foi a gota d'água.

Quando ele voltou, eu estava arrasada, com o coração partido. Embora ele insistisse em perguntar o que tinha acontecido, continuei afirmando que estava tudo bem. Ele me deixou em casa, despediu-se com um beijo e foi para Nova Jersey ver os filhos. Passei o final de semana tentando adivinhar o que estaria acontecendo e como eu deveria agir. Pensei comigo mesma: *Ele não assumiu nenhum compromisso com você nem você com ele. Qual é o problema?* O problema é que eu estava à beira de um padrão recorrente e calamitoso em minha vida: conhecer um homem, dormir com ele, apaixonar-me e ser desprezada. Sabia que não queria viver novamente a experiência de dividir um homem.

Rezei muito e recebi a orientação de que precisava: *Pare de procurar amor fora de você*. Como não gostei daquela orientação, voltei a ser humana. Pretendia aparecer em sua porta numa clara manhã de segunda-feira, bem cedo, e falar sobre minhas descobertas. Esperei dentro do carro, no estacionamento, durante uns quinze minutos, até cessar o tremor de minhas pernas. Foi o tempo que bastou. Ao pôr a mão na maçaneta da porta do carro, ergui os olhos e vi o Sr. Maravilha saindo do prédio com uma mulher. Eles se beijaram. Ele entrou num carro, e ela, em outro. Eles se afastaram e eu fiquei no estacionamento, estupefata.

Ao chegar à minha casa, ele já tinha passado por lá e deixado um bilhete. Devo ter me sentado um tempão com a mão no telefone, à espera de sua ligação. Finalmente, ele ligou.

- Você não vem à escola hoje?
- Não. Precisei resolver uns assuntos.

- Tudo bem. Quer que eu passe aí mais tarde?
 - Não. Tenho um compromisso.
 - Você está bem?
 - Claro! Estou ótima. Falo com você depois.
- Droga! Eu tinha recuado.

À noite, eu já superara o choque. Apesar de ainda não investir por completo em minha orientação espiritual, não podia acreditar que aquele homem fosse a minha tentativa de encontrar o amor. Meu padrão de relacionamento perdia força e eu deixava a raiva de lado. Já não me sentia magoada. Tinha encerrado com ele e com o antigo padrão.

É fundamental saber a verdade para se responsabilizar pelo próximo passo. Sabia que não estava mais disposta a ser conivente com minhas mágoas e decepções. Também não estava disposta a me consumir de desgosto por um homem que tinha planos diferentes dos meus. Escolha dizer *não* a algo que acabaria explodindo na minha cara.

Finalmente, obrigada Senhor! Eu tinha desenhado minha linha na areia e não pretendia recuar e desenhar outra. Lição aprendida. Padrão rompido. Amém e axé!

A MENTIRA PESSOAL

*Àqueles que o demônio tenta,
ele não conta mentiras,
e sim meias-verdades.*

A mudança para Maryland representou mais que um novo começo. Foi a oportunidade divina de me encontrar, de começar a praticar algumas lições aprendidas e de ensiná-las ao mundo. Meu primeiro livro tinha sido publicado e vendia bem. Eu era reconhecida como uma palestrante popular e cheia de energia. Minha família de amigos da Filadélfia estava perto o suficiente para que eu

pudesse contar com o seu apoio.

E então havia minha família biológica. Meu filho estava na cadeia. Minha filha caçula engravidara pela segunda vez e era eu que estava criando seu primeiro filho. Gemmia esperava um filho de Jimmy e, embora ela tivesse se recusado a se casar com ele, parecia que eles tinham um relacionamento sólido.

Apesar do sucesso, eu travava uma luta interna. Sentia-me culpada por meu filho estar preso. Envergonhava-me de Nisa ter dois filhos e não ter marido nem estudo. No fundo do meu ser, reinava aquela crença destruidora de que eu não merecia nada de bom e de que coisas não tão boas acabariam por me engolir.

Quando a editora Simon and Schuster publicou meu segundo livro, *Acts of Faith: Daily Meditations for People of Color* [Atos de fé: meditações diárias para pessoas de cor], minha vida disparou a toda a velocidade. Na primeira

viagem para promover o livro, passei por dezesseis cidades, me hospedei em hotéis cinco estrelas e falei para audiências que pareciam me admirar.

Estava em Charlotte, na Carolina do Norte, quando Gemmia me ligou, às dez da noite, para me avisar que tinha entrado em trabalho de parto. Só consegui um voo para as sete horas da manhã seguinte. Cheguei ao hospital quinze minutos depois do nascimento de Niamoja, minha neta. Quando olhei dentro dos olhos de minha filha, fui invadida por ondas de culpa e fracasso como mãe. Aquele tinha sido um dos dias mais importantes da vida de Gemmia e eu perdera o momento precioso – por quinze minutos. Jimmy também não estivera presente. Deixara Gemmia sozinha para acompanhar um amigo que precisava alugar um carro. Quando voltou ao hospital, o bebê já tinha nascido. *Que tipo de homem vai alugar um carro enquanto a filha está para nascer?* Os

emocionalmente indisponíveis, claro! Vislumbrei o padrão familiar. Eu o vi. Eu o senti. E o neguei.

V

Logo após o nascimento de minha neta, fui eleita a melhor autora-revelação de não ficção pela *American Booksellers Association*. A Associação me levou a Chicago, me instalou num hotel quatro estrelas e me entregou o prêmio diante de mais de mil pessoas. Pouco antes de me levantar para receber o prêmio, coloquei o dedo na ferida: eu estava apática. Não sentia orgulho nem empolgação ou felicidade. Algo tomara conta de minha mente e do meu corpo, deixando em seu lugar apenas o vazio.

Pronunciei um discurso curto, agradecendo às pessoas que tinham me ajudado a tornar aquilo possível, e voltei a me sentar. Acredito que meu sentimento fosse de total gratidão, mas eu me

sentia incapaz de aceitar meu próprio mérito. Por um breve momento brinquei com a possibilidade de investigar o que estava acontecendo comigo. Mas mudei de ideia.

Meu livro seguinte, *The Spirit of a Man: A Vision of Transformation for Black Men and the Women Who Love Them* [O espírito de um homem: uma visão de transformação para homens negros e para as mulheres que os amam], foi um descarrego, a inspiração de algo ou de alguém lá do alto, em resposta à culpa e à vergonha que eu experimentava por causa da prisão de meu filho. Eu tentara e desejara tanto que ele fosse diferente de meu irmão e de meu pai! Apesar de tê-lo tido aos 16 anos, queria que ele fosse a prova viva de meu bom desempenho no papel de mãe. Cada ligação a cobrar da prisão da Virgínia destruía mais um pouquinho aquele sonho. Na lista de sonhos desfeitos constavam o fato de Nisa, minha filha mais moça, ter sido mãe pela primeira vez

aos 16 anos e o de Gemmia, a mais velha, criar seu bebê praticamente sozinha.

Todas essas decepções e fracassos toldavam meu crescente sucesso. Saber das experiências de Damon atrás dos muros da prisão e assistir à luta de minhas filhas pela sobrevivência me partia o coração. Precisava descobrir por que isso acontecia comigo, com eles, com nossa família. Era necessário desencavar as peças do quebra-cabeça danificado, os padrões de vida temerários que eu lhes ensinara.

O livro começa com uma oração muito simples que hoje reconheço como um pedido de ajuda.

“Senhor, o que está havendo? Por que isso está acontecendo comigo e com meus filhos?”

Foi assim que o escrevi: sentei-me na beirada da cama, repetindo mentalmente essa frase sem parar. Quando ouvi as primeiras palavras do que agora reconheço como a resposta de Deus ao meu pedido, não soube exatamente como agir. Quando

os pensamentos e sentimentos continuaram a fluir, peguei um lápis e me pus a anotá-los. Em poucas horas, tinha preenchido páginas de informações – algumas, compreendi, mas a maioria, não.

Lembro-me de Gemmia entrando no meu quarto com o neném. Tentei, de modo incoerente, explicar o que se passava. Gemmia sabia que eu tinha um dom ao qual não me entregava inteiramente. Com aquele jeito calmo e amoroso que era só dela, minha filha disse: – Seria bom para todos, inclusive para você, se colocasse isso no computador, e não nesse bloco de hotel.

Segui seu conselho. Eu me sentei na frente do computador teclando tudo o que ouvia, sem me preocupar se estava fazendo sentido ou não. Gemmia providenciou bastante água, frutas e alguma comida. Passei três semanas no quarto. No fim, tinha um original e um modo totalmente novo de escutar o Divino Espírito de Deus.

Meu agente adorou o original e leiloou o livro,

que foi comprado pela Harper San Francisco por cento e cinquenta mil dólares. Eu agora tinha contratos lucrativos com duas editoras. A Simon and Schuster reconheceu que meu próximo livro poderia vir a ser um sucesso e me pressionou para que o entregasse logo, numa tentativa de vencer a Harper San Francisco no mercado. *The Value in the Valley: A Black Woman's Guide through Life's Dilemmas* [O valor no vale: guia da mulher negra para enfrentar os dilemas da vida] obteve críticas positivas e boas vendas.

The Spirit of a Man, um livro maravilhoso, serviu para confirmar que a maioria dos homens não lê literatura de autoajuda. Foi um fracasso de vendas, o que me fez duvidar da minha linha de comunicação com Deus. Pouco importava. Eu precisava seguir adiante. Um ano depois da publicação de *The Value in the Valley*, escrevi *Faith in the Valley* [Fé no vale], um livro de poderosas mensagens inspiradoras para mulheres,

destinado a lhes permitir superar as dificuldades da vida. O mundo editorial, como a maior parte do mercado de entretenimento, adora duplicar sucessos. *Faith* atingiu boas vendas, mas longe do estouro esperado pela Simon and Schuster. De volta à estaca zero. Mergulhei no torpor.

Quando digo que me movia *rápido*, enfatizo a palavra “rápido”. Escrevia e viajava pelo país com minhas palestras, e tinha começado a dar aulas e seminários em Maryland e em Washington. Gemmia era meu braço direito. Gerenciava os negócios e me estimulava a cobrar pelas aulas e seminários. Orquestrou meu visual, mudando meu estilo africano tradicional por trajes mais contemporâneos, realçados com bijuteria de inspiração africana. Fazia tranças em meus cabelos e me encorajou a raspar a cabeça, quando não conseguiu mais dar conta de tantos afazeres.

Foi Gemmia quem me incentivou a criar um grupo de orações para me assessorar em todas as

aulas e seminários. Se eu pretendia chamar meu trabalho de espiritual, ele precisaria ter raízes profundas nas práticas espirituais básicas que tinham salvado a minha vida, tais quais a oração e a meditação. Comecei a pesquisar. Então, uma pessoa da família convidou um amigo, que trouxe outro e, antes que eu percebesse, éramos catorze formando uma equipe a que demos o nome de *Inner Visions*.

Há vinte e cinco anos, quando o movimento espiritual não passava de um embrião, não se ganhava dinheiro com isso. Ou talvez seja mais apropriado dizer que uma pessoa de cor recebia muito pouco dinheiro por esse trabalho, a não ser que fosse um pregador. Faço essa distinção porque minha carreira despontou mais ou menos na mesma época em que Marianne Williamson e Deepak Chopra começaram a dar palestras país afora, sempre em estádios lotados. Embora eu já tivesse publicado e vendido mais livros do que os dois,

ainda não tinha sido convidada a participar dos programas *Today Show* e *Good Morning America*. Quanto ao da *Oprah*, nem em sonhos. Contentava-me em desempenhar minhas funções numa escala bem mais reduzida. Repetia para mim mesma que o fundamental era executar um bom trabalho – o resto não tinha a menor importância. Entretanto, num lugarzinho lá no fundo, numa vala de detritos, algo continuava despejando no meu cérebro: *você não é suficientemente boa*.

Quando acreditamos que ser quem somos e fazer o que fazemos não é suficientemente bom, essa crença contamina todo o nosso desempenho. Pessoas de todos os cantos do país comentavam como tal livro meu ou tal palestra minha tinha transformado sua vida. Eu ouvia suas palavras, mas não conseguia acreditar no que diziam. Lá no fundo, achava que estivessem enganados ou mentindo.

A comparação é uma forma de violência.

Quando você acredita não ser boa o suficiente, acaba se comparando aos outros. Eu vivia me comparando a outros médiuns ou gurus de autoajuda. Comparava a renda e a aclamação pública que eles tinham com a minha falta dos dois. Acabei me tornando cada vez mais apática em relação ao que me acontecia de bom. Punia-me por não fazer as coisas certas, do jeito certo, e por não ganhar o dinheiro de que precisava para levar uma vida confortável. Minhas aulas estavam sempre lotadas, assim como os seminários. Eu andava constantemente ocupada, ocupada, muito ocupada. E dura, dura, muito dura.

Continuava me perguntando quando chegaria afinal meu tempo de prosperidade. Não fazia ideia de estar sentada nele. Não conseguia enxergar, pois meus pensamentos e crenças a meu respeito não tinham sofrido nenhuma mudança. Na minha mente, parte de mim ainda se sentia uma impostora, a mãe adolescente feia e inútil,

sobrevivendo graças à assistência social, mas fingindo ter tudo sob controle. Lá no fundo eu era uma *merda*, viera da *merda*, e a *merda* que eu fazia nunca mudaria. Obviamente, não falava disso com ninguém. Apenas seguia minha vida. Nos momentos de bênção, quando servia àqueles que me procuravam para usufruir os dons que me tinham sido concedidos, eu era um instrumento maravilhoso, mas fora do palco eu me sentia cada vez mais apática.

No mundo editorial, eu me tornara a galinha dos ovos de ouro. Descobri como meu trabalho era lucrativo quando minha primeira editora reeditou meu primeiro livro, *Tapping the Power Within* [Conectando-se com o poder interior], com uma capa tão parecida com a do best-seller *Acts of Faith* que os livros quase se confundiam. Pouco depois, a mesma editora decidiu publicar *Interiors* [Interiores], um original escrito anos antes para as participantes do meu programa de dons da vida.

Depois de iniciado o processo de edição, percebi que o objetivo daquele livro tinha sido minha própria cura. Não o tinha escrito para o mundo. No entanto, a editora ignorou minha solicitação de adiar o lançamento e o livro acabou sendo publicado contra a minha vontade. Processei aquela empresa minúscula, independente, de propriedade de negros, por quebra de contrato e infração de direitos autorais. Foi uma experiência terrível. Uma traição da mais alta ordem. Recusei reconhecer o livro, autografá-lo ou permitir a entrada de um exemplar em minha casa.

Consegui outro agente e meu novo advogado reviu todos os meus contratos com a Simon and Schuster, que reeditou *Acts of Faith* em capa dura e me pagou um adiantamento considerável. Meu agente, meu advogado e meu editor começaram então a reformular minha carreira na área editorial. Todos pareciam perceber que, apesar de minha mensagem ser universal, eu a limitava ao

destiná-la unicamente ao público negro. Decidi então passar para o mercado de autoajuda, bastante próspero na época.

Mas não foi fácil. Lá estava eu processando uma editora independente cujos donos eram negros e sendo solicitada a retirar de meus títulos a referência “negro”. Era assustador. Entretanto, Gemmia e eu acabamos decidindo embarcar nessa. Achamos que não havia nada de errado em expandir meu trabalho, ampliando meu público. Eu era simplesmente Iyanla. A questão consistia em saber quem era Iyanla. Ou melhor: em quem ela se transformara?

V

Quando a dúvida persiste em sua consciência, isso indica um problema bem mais profundo. O verdadeiro problema é o que eu chamo de *a mentira pessoal*. Todo o mundo tem a sua: a

história que contamos a nós mesmos sobre quem somos e o que merecemos ou não merecemos ao longo de nossa vida. *Sua mentira pessoal é resultado de todos os pedaços defeituosos de seu quebra-cabeça: todos os elementos de sua história, todas as suas experiências, tudo o que lhe ensinaram a seu próprio respeito, misturado a tudo o que você inventou sobre si mesma.* Ela circula em todo o seu ser e determina cada movimento seu. É resultado de tudo o que foi estocado em seu palco interior, de suas percepções e concepções erradas sobre a vida e de como você se encaixa no contexto geral.

A mentira pessoal também é conhecida como sua crença fundamental. Ela opera em sua consciência de tal forma, que você acaba transferindo para os outros a mentira sobre si mesma. Quando isso acontece, vemos refletido no outro exatamente aquilo que evitamos reconhecer ou negamos a nosso próprio respeito – ou ainda, o

que nos recusamos a admitir sobre nós mesmos. Vamos imaginar que sua mentira seja que você é má; em consequência, você verá os outros como maus. Ao mesmo tempo, será incapaz de reconhecer que exista ou possa existir algo de ruim em você. Se a sua mentira pessoal é que você é idiota, verá os outros dessa maneira e imaginará que você é melhor ou mais inteligente que os “idiotas” ao seu redor.

Ao projetarmos a mentira, vivenciamos muitos conflitos internos. Infelizmente, a maioria de nós não tem consciência da mentira. Não fazemos ideia de que estamos sendo guiados por um pensamento inconsciente, que trabalha contra nossos melhores interesses e nossos maiores esforços.

Minha mentira pessoal, minha crença fundamental, era *não sou suficientemente boa*. Em consequência, nada do que era meu parecia satisfatório. Isso fazia sentido para mim. Esse fora meu aprendizado durante a infância. Como adulta,

sentia uma persistente insatisfação com tudo o que fazia. Sempre achei que eu precisasse fazer mais, dar mais e ser mais, pois nada jamais era suficiente.

Ter deixado de receber ajuda do governo e entrado para a faculdade de direito não era suficientemente bom. Também não bastava receber adiantamentos de seis dígitos e ser uma das palestrantes mais requisitadas do país, em vez de publicar eu mesma meus livros e vendê-los de porta em porta. A única coisa que me proporcionava relativa paz era saber que alguém tinha lido um livro meu ou ouvido uma fita minha e me agradecia a ajuda. Em meu trabalho, eu era profundamente conectada com o Espírito e capaz de compartilhar meu aprendizado mais profundo. Ao tomar conhecimento de quanto as pessoas tinham aprendido comigo e de como eu as ajudara a mudar sua vida, eu suspirava aliviada, acreditando que talvez estivesse me tornando

suficientemente boa, afinal. Mas o sentimento sempre durava pouco.

Quase quatro anos tinham se passado sem notícias de Eden. Quando ele me procurou, estava morando em Atlanta. Precisava de uma informação e eu não estendi a conversa. Finalmente tinha começado a respirar. Deixara de ser a menininha assustada num corpo de mulher. Era uma adulta que morava em outro estado, escrevia livros e dava palestras pelo país. *Iyanla chegou!* Ao menos era isso que eu dizia a mim mesma.

Quando Eden voltou a ligar, a conversa foi mais descontraída e demorada. Ele pediu que eu fizesse uma apresentação num evento que ele estava organizando. Isso significava a possibilidade de vê-lo cara a cara. Não senti medo, pois dentro de mim tinha clara consciência de todo o esforço para chegar onde chegara. Tinha rezado e me curado, amadurecido, mudado. Gostava muito mais de mim. Gostava da pessoa em que me transformara e

me orgulhava do que tinha alcançado. Sabia que, em algum lugar do meu ser, ainda amava o homem por quem me apaixonara quando menina. Mesmo assim, fui a Atlanta.

Apesar de me dar conta de que continuava a gostar da aparência e do cheiro de Eden, forcei-me a não pensar sobre isso. Quando voltei para casa e ele começou a ligar, primeiro uma vez por semana, depois todos os dias, realmente fiquei feliz, mas me impedi de refletir sobre o assunto. Como também tentava ignorar o fato de ele ter rompido um compromisso, logo depois de voltarmos a nos falar.

Havia muito em jogo. Minha vida. Meu trabalho. Minha sanidade. Meu coração. Aquele desespero de amar ou ser amada chegara ao fim. Não precisava mais provar nada a mim mesma nem a ninguém. Mas precisava controlar o brilho dos meus olhos ao vê-lo entrar na sala. Isso, sim, era um problema.

Seis meses de papo para lá e papo para cá. Quando dei por mim, estava em Atlanta, na cama dele. Dessa vez, conversamos a respeito do que estava acontecendo. Dessa vez, fizemos planos. Dessa vez, chegamos ambos à conclusão de que era nosso destino ficarmos juntos. Em sua viagem seguinte a Washington, ele me levou para jantar num pequeno restaurante mexicano. Quando o garçom trouxe a comida, trouxe também uma caixinha preta. Ao vê-la, preendi a respiração, exatamente como no primeiro beijo. Ele *me pedia em casamento*. Aceitei, sobre as *quesadillas* de frango.

v

Nosso casamento começou com uma elaborada cerimônia espiritual na Nigéria. Uma vez que eu tinha sido iniciada como sacerdotisa na tradição iorubá, era exigido que Eden também fosse

iniciado, para que estivéssemos “igualmente unidos”. Passamos sete dias seguindo uma série de rituais destinados a limpar nossas transgressões passadas e abrir o caminho para um novo começo harmonioso. Ele dormiu num catre de um lado de um quarto de tijolos, e eu, num catre similar do lado oposto.

Todos os dias bem cedo, as mulheres da aldeia me levavam para as cerimônias. No terceiro dia, durante minha ausência, os homens foram buscá-lo para as cerimônias. Quando as mulheres me levaram de volta para o quarto, vi uma fila de homens passando pela varanda do segundo andar do complexo. Meu padrinho e vários outros homens da aldeia cercavam alguém que me pareceu ligeiramente familiar. Essa pessoa acenou. Eu retribuí o aceno e perguntei a uma das mulheres quem era a pessoa.

Ela deu aquela risada cordial tipicamente nigeriana e exclamou: – Quem é? Minha irmã,

aquele é o seu marido!

Voltei a olhar. Os homens tinham raspado a barba de Eden. Eu nunca o tinha visto sem barba. Ele tinha um lençol branco preso na cintura e uma toalha branca enrolada na cabeça. De repente, meu coração começou a bater com tanta força, que eu era capaz de ouvi-lo. Fui tomada por uma incontável vontade de chorar. Era como se meu coração estivesse se partindo, embora eu não compreendesse por quê. Ao mesmo tempo, uma voz gritava dentro da minha cabeça: *Não posso me casar com esse homem! Não sei quem ele é!*

Foi uma reação tão surpreendente, que fiquei imóvel no meio do pátio. Uma das mulheres me empurrou. Engoli as lágrimas, dei as costas para o estranho e me deixei ser conduzida de volta ao nosso quarto. Sentei-me na beirada da cama, enquanto elas dançavam ao meu redor, celebrando.

— Seu marido está sendo preparado para você. Seu marido está sendo preparado para a sua vida.

Dance, minha irmã, dance!

Tentei me erguer, mas o choque do que ouvira tinha me deixado tonta. Quando as mulheres saíram do quarto, chorei. Só voltei a ver Eden no dia seguinte. Ele recebera a sagração e, assim como eu, era agora um sacerdote iorubá. A voz em minha cabeça se fora, e tentei me convencer de que tudo daria certo. Mais uma vez eu teria um casamento lindo com um desconhecido.

Disse a mim mesma que o homem com quem estava me casando – que me traía em nosso primeiro relacionamento, que tinha me deixado por outra e voltara para mim no momento em que sua sorte o abandonara – era minha oportunidade de ouro, a prova, a ser exibida tanto a mim quanto aos outros, de que eu era merecedora do amor de meu pai. A verdade é que tudo nele me lembrava de meu pai. Eu carregava dentro de mim muitas questões não resolvidas com meu querido papai ausente. Os homens com quem me casara tinham

sido almas que se apresentaram como voluntários para passar um tempo em minha vida e me ensinar algo que eu precisava aprender.

Eu começava a ter sucesso, mas, em termos emocionais, uma parte minha ainda se sentia um fracasso. Para os que me viam, eu parecia incrível. Ganhava mais dinheiro do que algum dia julgara possível. Viajava pelo mundo, fazendo coisas que jamais considerara ser capaz de fazer. Meus filhos estavam crescidos e cuidavam das próprias vidas, graças aos pedaços quebrados de mim que eu lhes dera. Eu amava Deus, mas não O conhecia de verdade – não na época. Ainda não. Passava por um processo de transformação, mas até então não tinha muita certeza de quem eu era.

Finalmente possuía uma casa e um marido. Achei que isso fosse fazer com que eu me sentisse plena e completa e que dali para a frente tudo daria certo. Eu me enganei.

*O amor não morre facilmente.
É algo vivo. Floresce apesar de todos
os obstáculos da vida, à exceção de um: o
desprezo.*

Meu novíssimo marido criticava quase tudo em mim. Certamente não era intencional. Na verdade, é provável que ele acreditasse estar me ajudando, me apoiando. Mas pessoas como eu, que cresceram sendo acusadas de só fazerem e dizerem coisas erradas, percebem a desaprovação, mesmo que ela não seja proposital. Meu marido tinha um modo de se expressar, naquele tom de voz macio e gentil, que despertava em mim a constante sensação de estar sendo criticada e de fazer tudo errado. Coisas como “*Por que você sempre...*” Ou “*Por que não para de...*” Quando eu estava realmente chateada ou preocupada com algo, e

buscava o apoio de Eden, ouvia um curto “Ah, por favor!” ou “Por que você sempre faz uma tempestade em copo d’água?” Esses comentários me deixavam insegura e arrasada.

Mas o que mais me abalava era o que ele não dizia. O modo como me olhava, sem abrir a boca, deixando claro que meus pensamentos, sentimentos ou ações eram inaceitáveis. A forma como respondia às minhas perguntas com outras perguntas me devolvia ao ciclo vicioso da autocrítica.

E o que dizer daquele jeito de mergulhar no silêncio, sinal de alerta para o fato de que ele possuía alguma informação ou opinião que eu desejava?

– O que foi? – Era assim que eu normalmente começava a conversa.

– O que a faz pensar que aconteceu alguma coisa?

Isso não era resposta.

Assim como na infância eu costumava avaliar se era seguro pedir algo que desejasse à vovó, agora eu precisava tomar uma decisão em resposta à resposta dele: ou verbalizar minhas observações sobre seu comportamento, o que ele iria desconsiderar, ou mentir dizendo “Nada, só estou perguntando”. Em geral, eu optava pela primeira atitude. Sempre que fazia uma pergunta sobre seu distanciamento emocional ou sobre sua relutância em compartilhar o que estava pensando, a conversa descambava para uma discussão. Na maior parte das vezes, um desentendimento insignificante, tolo, em que ambos tentávamos ter a última palavra e provar que estávamos certos. Acabamos nos tornando bons nisso. Na verdade, tão bons, que, no final, tudo o que conseguíamos lembrar era como tinha sido ruim.

Agora compreendo que tínhamos diferentes percepções do mundo, apenas isso. Para ele, a vida era uma série de aventuras divertidas a ser

vivida sem planos nem previsões para o futuro. Para mim, a vida era um campo de batalha: era melhor estar preparada a todo o momento para defrontar com forças mortais, se o desejo é de permanecer viva. Ele via o lar e a família como um paraíso seguro com uma porta giratória: cada um podia entrar e sair para compartilhar tudo o que tinha. Para mim, o lar, na melhor das hipóteses, era um refúgio temporário, onde as pessoas de dentro podiam ser tão perigosas quanto as de fora. Um lugar onde o conforto buscado deveria ser momentâneo, porque nunca se sabia quando o abrigo seria arrombado ou destruído. Para ele, o lar sempre fora um lugar seguro, porém solitário. Para mim, sempre significara um lugar perigoso e triste.

Ele via a *nossa casa* como a *minha casa*, pois tinha sido eu que a comprara. Apesar de ter o próprio escritório, uma televisão gigante para assistir a seus programas de esportes favoritos e

uma mulher que adorava cozinhar para ele, meu marido reclamava que se sentia um peixe fora d'água em nossa casa. Quando se mudou de Atlanta, depois do fracasso de um imenso projeto no qual estava trabalhando, tinha assumido dívidas pesadas. Eu via a nossa casa como o fruto do meu trabalho árduo, algo de que era merecedora, que construía e desejava compartilhar com ele. Queria que usufruíssemos seu conforto. Queria que fôssemos felizes, droga!

Para ele, dinheiro era um mal necessário. Quando se tem, gasta-se; quando não se tem, pede-se emprestado. Eu considerava o dinheiro meu bilhete premiado para sair da miséria, o meio de preencher todos os vazios da minha alma. Algo que requeria planejamento e trabalho duro para ser obtido e muita luta para ser conservado. Ele me achava maníaca por trabalho e uma mulher dramática e controladora que dedicava pouco tempo ao que verdadeiramente importava: ficar ao

lado dele. Eu me considerava uma empreendedora de sucesso, que trabalhava com afinho para construir algo novo para mim: liberdade pessoal e financeira. Eu o via como meu parceiro, alguém que se beneficiava de minhas intenções e planos e que, portanto, deveria me apoiar.

No início de nossa segunda tentativa, ele morava em Atlanta, em um ambiente propício a seu trabalho como ativista comunitário. Juntava as pessoas certas para fazer com que as coisas acontecessem. Em Maryland, eu também estava no meu elemento, no meu meio. Dava aulas, administrava seminários, viajava para palestras e escrevia livros. Conversávamos sobre todos os assuntos por telefone. Compartilhávamos nossos pensamentos, esperanças e sonhos. Nosso erro foi não planejarmos a vida a dois. Sabíamos que estreitávamos os laços, que ficaríamos juntos, mas nunca discutimos nossos planos de vida. Ele me disse o que queria e eu lhe contei sobre o que já

vinha fazendo. Em vez de construirmos uma vida juntos, unimos duas vidas no mesmo lugar e tentamos encaixá-las.

Ele trouxe seus pertences para a minha casa. Fiz o possível para abrir espaço para recebê-los, mas alguns simplesmente não cabiam – nem no espaço, nem na decoração. Determinados objetos importantes para ele eram lixo para mim. Outros ele queria pôr onde eu simplesmente não os queria. Era como se ele tentasse ocupar o território e eu, como mulher independente, não quisesse me submeter, não me permitisse ceder. O que eu não compreendi foi como o fato de ter seus pertences guardados nas caixas fez com que ele se sentisse deslocado, como um invasor, e não um companheiro.

Eden levou seus vários anos de experiência como ativista comunitário para um negócio já estabelecido. Levou suas ideias para um sistema já em andamento e de razoável sucesso; sua energia

masculina para uma organização predominantemente feminina. Sua intenção era criar para os homens o que eu construía para as mulheres: um processo e um lugar seguro para o crescimento pessoal e espiritual. A diferença é que eu investira muito no trabalho árduo, tanto interno quanto externo, para construir minha marca. Ele apenas começava. Não botara a mão na massa. Na maior parte do tempo, observava apenas o que estava sendo feito ao redor.

É claro que eu tinha alguns problemas pessoais a resolver. É verdade que passava muito tempo ao telefone, em aviões e hotéis, mas estava construindo uma instituição que serviria ao mundo ainda muito depois de eu tê-lo deixado. Meu trabalho se transformara numa oportunidade para mim, para nós, de criar uma vida de que gostássemos e um futuro para nossos filhos e netos. Mas nossa visão de mundo era diferente. Reagíamos de formas diferentes. Discutíamos a

esse respeito com critérios muito distintos.

A reação de meu marido diante de qualquer argumentação era se fechar e me excluir. Agora me dou conta de que eu sentia o mesmo abandono emocional que experimentara com meu pai e meu irmão. A atitude de meu marido era ficar quieto. Se o silêncio persistia por muito tempo, ele perguntava se podia compartilhar seus pensamentos e sentimentos comigo. Só que, àquela altura, eu já estava tão magoada, tão cheia de raiva e medo, que dizia “claro”, sabendo que esperava apenas o momento certo para atacá-lo verbalmente. E eu era mestra no ataque. Tinha desenvolvido essa habilidade na infância.

Na maioria das vezes, quando o silêncio se instalava, eu me concentrava no trabalho ou ia ao shopping. Comprava o que não era necessário nem desejado, só para ter com que me ocupar e não voltar para casa. Quando nos falávamos, ele me provocava chamando-me de workaholic e

“shoppaholic”. Criticava-me por ter coisas demais ou por tentar fazer coisas demais. Suspeito que ele não tivesse a menor ideia de que eu consumia e gastava em excesso por medo de não ter aquilo de que precisasse quando precisasse. Calculo que seria simplesmente absurdo pedir que ele se desse conta de que eu mantinha a despensa lotada de comida por medo de passar fome. Uma infância de privação e sacrifícios desperta o receio permanente da falta, mesmo que ela não exista. Meu marido nem sequer imaginava o conflito e o caos que o sucesso provocava em minha mente.

V

Meu marido e eu tínhamos várias peças de quebra-cabeça que se encaixavam, embora com dificuldade. Eram padrões e patologias que pareciam se entrelaçar. Desenvolvemos um talento especial para cutucar o outro nos seus pontos mais

vulneráveis. Os pais de Eden eram divorciados. Os meus nunca se casaram. Após o divórcio, minha sogra começou a trabalhar, e ele se tornou uma criança solitária, sempre trancada em casa. Nas famílias em que fui criada uma pessoa geralmente ficava em casa e queria que eu trabalhasse para ela. Ambos crescemos acreditando que não deveríamos nem poderíamos pedir o que quiséssemos e que éramos obrigados a nos contentar com o que tínhamos.

Ele convivera com mulheres suaves, gentis e recatadas. Eu, com mulheres duras, agressivas ou vítimas de espancamento. Ele, por fim, acreditava que as mulheres serviam para apoiar os homens e satisfazer a seus desejos. Eu passara a acreditar que as mulheres deveriam *esperar* que os homens fossem embora e se empenhar para mantê-los felizes quando eles estivessem por perto. Esse era um ponto em que nossa visão da vida coincidia. Mas havia um problema – *essa visão era uma*

afrota ao meu espírito! Odiava assumir a responsabilidade de sustentar um homem e de fazer todo o trabalho, o tempo todo. Infelizmente, como eu sempre negara meus sentimentos, não tinha noção da intensidade desse ódio.

Quando nos casamos, eu pagava aluguel e planejava comprar uma casa. Meu segundo livro, *Acts of Faith*, vendia muito e eu poupava dinheiro para a entrada, embora tivesse gastado boa parte no casamento. Precisaria de mais seis a nove meses para juntar a quantia que julgava necessária. Como meu marido ainda não trabalhava em tempo integral, assumi a responsabilidade de ganhar e de poupar o dinheiro que faltava. Não conversamos a respeito. Supus que isso tivesse ficado subentendido. O proprietário da casa em que morávamos demonstrou interesse em vendê-la e aceitou um depósito de mil dólares para selar o acordo. Foi combinado um adicional de duzentos dólares por mês para o pagamento da entrada. Em

um ano, eu teria pagado dez por cento do preço pedido. Negócio fechado.

Então, um belo dia, do nada, a mulher do proprietário apareceu na minha porta para avisar que eu tinha trinta dias para deixar a casa. Casados havia cerca de dois anos, deparamos com a possibilidade de ficarmos sem teto. Minha carreira de escritora começava a decolar. Já agendara várias palestras lucrativas. Minhas aulas e seminários viviam lotados. No entanto, eu estava a um passo de ir para o olho da rua. Simplesmente não fazia sentido. Com seu modo gentil, meu marido apenas dizia:

– Tudo vai dar certo, não se preocupe.

Não se preocupe? Por acaso ele não sabia que aquela situação trazia à tona todas as feridas de minha infância? Que eu tinha sido transferida de um lugar para outro, sem pertencer a lugar nenhum, sendo sempre mandada embora? Como não me preocupar? Ele só podia ter

enlouquecido. Mas fiquei quieta. Agi como se achasse que ele daria um jeito. Entretanto, no íntimo, sabia que nada poderia estar mais longe da verdade.

Meu primeiro sentimento foi de vergonha. *Aqui estou eu, a senhora Iyanla, inspiradora das massas e sem lugar em que morar*. Depois, de medo. *As pessoas vão saber! Vão descobrir que fui despejada e falarão mal de mim*. Em seguida, fui assaltada por um ataque de fúria mental por ter despendido milhares de dólares na cerimônia do casamento. Então, pensei em meus filhos. Gemmia e Niamoja moravam comigo. Meu filho, também: ele acabara de ser libertado da prisão e estava vivendo no porão da minha casa. Nisa ainda estava na Filadélfia, mas, e se tivesse que voltar para casa? Meus filhos precisavam de um lugar em que morar. Mesmo que a minha vida pessoal estivesse ruindo, era meu dever cuidar da minha família.

Então, fui à luta. Aceitei todas as ofertas recebidas. Agendei mais três cursos. Tinha apenas trinta dias para encontrar algo. Buscávamos casas e apartamentos, dispostos a nos mudar para o primeiro lugar que encontrássemos. Faltando cinco dias, eu praticamente não dormia nem comia. Meu marido parecia despreocupado. Comia. Dormia. Quando conversávamos a respeito, vinha sempre com a mesma intuição profunda:

– Tudo vai dar certo, não se preocupe.

Faltando três dias, decidimos colocar a mobília num depósito e nos mudar para um hotel. Eu estava apavorada. Tínhamos um bom contato com um hotel local, que hospedava as pessoas que vinham participar de meus cursos. Oferecemos uma taxa semanal e eles se mostraram mais do que dispostos a nos receber. Então tive uma ideia brilhante: em vez de usar um depósito, por que não guardar a mobília no prédio do escritório? Isso mesmo! Eu alugava um prédio de dois andares

com quase setecentos metros quadrados e havia três salas vazias, que ainda não tínhamos reformado. Todos, inclusive meu marido, concordaram que essa solução seria a ideal. Afinal, seria apenas temporário. Com certeza encontraríamos um lugar dentro de uma ou duas semanas.

Meu marido alugou um caminhão. Quero dizer, eu dei o dinheiro para que ele alugasse o caminhão. Numa clara e ensolarada manhã de sábado, transferimos todos os pertences de minha casa para o prédio do escritório. Enquanto carregava e descarregava a mobília, eu chorei. Tranquei-me no banheiro e despejei toda a minha dor. Claro que não disse nem uma palavra a ninguém. De vez em quando, Gemmia me abraçava e repetia: “Está tudo bem. Lembre-se do que me ensinou. A gente aguenta qualquer coisa durante um tempinho. Isso é só um tempinho.”

Moramos no hotel por duas semanas, pagando

um pouco mais de mil dólares por semana. Procurar uma casa ou um apartamento para alugar tinha se tornado um emprego. Meu marido e eu fizemos uma lista do que realmente queríamos. Ele fechou os olhos e me contou como seria sua casa perfeita. Anotei tudo o que ele disse. Depois, ele fez o mesmo comigo. Todos os dias adicionávamos detalhes à lista. Foi uma experiência maravilhosa e uma das poucas vezes em que realmente trabalhamos juntos com o objetivo de criar algo para nossa vida em comum. Mas também nos demos conta de que gastar com hotel muitos dólares por semana nos distanciava cada vez mais da realização do nosso sonho. Eu ainda era a única que trabalhava em tempo integral e dividir um quarto com uma criança de 6 anos estava destruindo nossa vida sexual. No começo da terceira semana, tive outra ideia que na época também me pareceu magnífica: já que nossa mobília estava no prédio do escritório, por que

não nos mudávamos para lá? À noite podíamos pegar tudo de que fôssemos precisar e guardar pela manhã, antes da chegada dos funcionários.

Meu filho alugara um apartamento a três quartos do escritório, no qual poderíamos tomar banho. Maravilha! Todos acharam que fosse uma maneira esplêndida, embora desconfortável, de poupar dinheiro e agilizar a compra de uma casa. Deixamos o hotel naquele mesmo dia.

Na primeira noite no escritório, meu marido preparou para nós um aconchegante colchão no chão da minha sala, usando todos os lençóis e mantas que tinha encontrado. Gemmia fez o mesmo na sala dela. Brincamos com as crianças até elas caírem no sono, voltamos para nossas salas e nos deitamos no chão com os homens que amávamos. Eu teria aceitado a situação sem problemas, se meu marido não tivesse agido como quem quisesse fazer amor. Assim que ele deu início às suas demonstrações, acho que perdi a cabeça. Não, não

foi naquela hora. Foi depois de eu ter me submetido a seus desejos e de ele ter dormido.

Naquele momento, não reconheci meu padrão interior, e não podia acreditar no que estava acontecendo. Quando estamos em pleno processo de cura, não reconhecemos o padrão porque, se o fizéssemos, nós estacionaríamos.

Deitada no chão do meu escritório, repensei na minha vida. Sobrevivera a horrores inimagináveis na infância para me tornar uma adulta razoavelmente sã. Depois de viver graças à ajuda do governo, conseguira estudar e me formar em direito, praticar a advocacia, abandonar a profissão e iniciar outra, como promissora especialista motivacional. Criara meus filhos praticamente sozinha – e os três eram o que eu consideraria “boa gente”. Pensei nas pessoas que tinha ajudado como advogada, como escritora e como ser humano comum. Pensei nas cidades que visitara, nos milhares que tinham me ouvido falar.

E agora eu estava ali, deitada no chão do meu escritório, ao lado do homem que eu amara e desejara por toda a minha vida. Ele parecia contente, sexualmente satisfeito, e dormia a sono solto. Eu, ao contrário, percebia que me perdera em algum ponto do caminho.

Algo acontece no coração e na mente de uma mulher quando ela percebe que não pode contar com o homem que ama. Descobri que estava perdendo o respeito por meu marido e que isso não era bom. Também não era bom o fato de ele se sentir à vontade dormindo no chão da empresa que eu batalhara tanto para fundar. Não era bom ele acordar toda manhã, dobrar os lençóis, escondê-los como se não existissem e caminhar pelo corredor até o escritório dele. Não era nada bom o fato de que ele fizesse parte da folha de pagamento de minha empresa e não tomasse nenhuma iniciativa em busca de um emprego, sabendo, como sabia, que precisávamos de dinheiro para

comprar uma casa. Não era nadinha bom que eu tivesse me casado com um homem que não podia e não parecia querer cuidar de mim ou de nossa família. É obvio que eu não disse nada, mas meu coração começou a endurecer em relação a ele. E é lógico que ele não dizia nada quando eu me mostrava ríspida ou o ignorava o dia inteiro.

Passamos quase três semanas dormindo no chão e tomando banho no apartamento de meu filho antes de eu ter outro estalo luminoso. Entrei no escritório de Gemmia, onde, como sempre, ela trabalhava sem descanso, me sentei na frente de minha filha e lhe disse que talvez fosse hora de ela se mudar. Gemmia tinha 25 anos, crédito no banco, e não havia motivo para permitir que a bagunça da minha vida atingisse a dela. Expliquei-lhe que entenderia perfeitamente se ela e a família se mudassem para um lugar só deles. Ainda nos veríamos todos os dias, já que trabalhávamos juntas. Quando ela começou a dizer que não queria

me abandonar, pedi desculpas por mantê-la refém de minha loucura. Não era responsabilidade dela tomar conta de mim.

Essa foi uma das conversas de coração aberto, de mulher para mulher, de amiga para amiga, que enriqueceram tanto meu relacionamento com Gemmia. Eu conversava com ela como gostaria de poder conversar com meu marido e ela tinha a mesma abertura comigo. Nossos olhos estavam marejados de lágrimas, mas não nos entregamos a demonstrações de carinho. Em vez disso, duas mulheres fortes se sentaram, uma tentando não chorar na presença da outra, até Gemmia romper o silêncio:

– Iyanla Vanzant, você é uma mulher maravilhosa, e ele não merece você.

Quatro dias depois, Gemmia tinha um apartamento lindo, um caminhão de mudanças parado na porta, e eu, um lugar para morar. O apartamento tinha um sótão. Meu marido e eu não

apenas a ajudamos a se mudar, como também nos mudamos com ela. Apesar de tudo, ter Eden ao meu lado durante aquela fase difícil me ajudou – e muito. Gostaria de ter compreendido que seu silêncio não era fruto de indiferença. Ele simplesmente se sentia feliz por estar comigo, não importava onde estivéssemos. Ele achava que nosso amor era tudo de que precisávamos para superar uma fase ruim. Contudo, eu me sentia sozinha, desamparada, abandonada. Se tivesse tido outro tipo de pai, talvez não pensasse tão intensamente que o meu marido não me fazia bem. Talvez não tivesse me corroído de preocupação, temendo o dia em que ele fosse me deixar. Porque tinha certeza de que um dia ele partiria. Gostaria que as mulheres da minha vida tivessem me ensinado a compartilhar, a cooperar e a entender que o mais forte deve carregar o outro, até que ele tenha recuperado a energia. Gostaria de ter sabido o que dizer e como dizer para que ele

compreendesse que eu sentia medo e vergonha. Eu tinha uma amiga a quem poderia pedir conselhos, mas não me abria com ela sobre casamento. Era impossível para mim! Eu não estava disposta a reconhecer que me enganara e escolhera o homem errado. A negação assume muitas formas. Dentre elas, o silêncio.

Moramos três meses com Gemmia, enquanto eu tentava juntar dinheiro e procurávamos uma casa. Aprimorávamos nossa lista de desejos quase todos os dias e ela era usada como critério na avaliação de cada propriedade que visitávamos. Um dia, prestes a apresentar uma proposta para uma casa *quase* perfeita, tive outra iluminação: *eu precisava rezar*.

Eu era uma mulher meditativa, dedicada à oração. Havia pouquíssimas coisas que eu fazia sem antes me entregar a uma oração profunda, contemplativa, consciente de que receberia uma orientação divina. Graças a isso eu me tornara a

mulher que eu era! Graças a isso tinha curado tantas feridas profundas em minha alma. Mas no período de mudança drástica, perdi a noção de quem eu era.

Desde o casamento, desde que recebera um marido na minha vida, passara a rezar pouco e a meditar menos ainda. Às vezes isso é normal: quando nos apaixonamos, esquecemos o que até então nos dava força. Eu e meu marido costumávamos rezar juntos, mas isso não alimentava tanto a minha alma quanto a oração profunda e contemplativa. Eu precisava de solidão. De sossego. Precisava me entregar a meus pensamentos, sentimentos e desejos. Disse a mim mesma que tendo meu marido por perto seria impossível rezar como precisava fazer. Mas agora, diante da monumental decisão que afetaria o resto da minha vida, eu tinha de orar. Eden respeitou meu espaço, saindo do quarto ou ficando ao meu lado em silêncio.

Deus não faz nada pela metade. Quando você entrega a Ele seus desejos mais sinceros, Ele os realiza. Quando confia a Deus seus sonhos, eles se materializam de um jeito ainda *melhor* do que você esperava. Em poucos dias, obtive a resposta que buscava: aquela não era a casa ideal. Quando conversei com meu marido, ele concordou comigo, e então continuamos procurando. Essa era uma das coisas que eu adorava nele: Eden respeitava quem eu era quando sentia que eu estava sendo autêntica.

No final de semana seguinte, uma amiga me deu o telefone de um corretor de imóveis. Explicamos o que buscávamos e ele nos levou a uma área em Maryland que não conhecíamos. Era a casa perfeita, que praticamente caiu do céu. O contrato foi fechado na sala de reuniões do meu escritório, a mesma em que três meses antes meus netos dormiam no chão, num castelo construído com lençóis. Quando você está alinhada com os desejos do seu coração, tudo funciona.

O difícil é ficar atento ao que foi aprendido ao longo do caminho. Aprendi que por um tempo curto realmente podia fazer *qualquer coisa*. Aprendi que, apesar de achar que não tivesse sido boa mãe, meus filhos me amavam e me respeitavam. Aprendi que ainda tinha várias feridas não cicatrizadas, por causa do meu relacionamento com meu pai e com as mulheres que me criaram. Aprendi que me casara com um homem que tinha uma visão de vida bem diferente da minha. E, sobretudo, aprendi que sentia medo – medo de ter cometido um erro. *Eu me casara com o homem errado pelos motivos errados. Ou com o homem certo pelos motivos errados. Ou com o homem errado pelos motivos certos.* Na verdade, pouco importava a opção correta. Eu me casara e seria julgada por isso.

LEVADA AO PONTO DE RUPTURA

*Quando Deus olha em minha
direção,
mudanças estão a caminho.
Ele testa minhas forças na
coxia,
antes de me colocar em cena.*

– Diário de Iyanla Vanzant,
fevereiro de 1994.

Houve um período de aproximadamente três anos em que não tomei conhecimento do que acontecia dentro de mim ou à minha volta. O

relançamento de *Acts of Faith*, concomitante ao lançamento de dois novos livros – *Enquanto o amor não vem* e *Um dia minha alma se abriu por inteiro* –, levou meu nome à lista dos mais vendidos do jornal *The New York Times* e exigiu que eu viajasse quatro ou mais dias por semana, toda semana, mês após mês, durante mais de dois anos.

Foi durante essa época que o Espírito e eu nos tornamos completos estranhos. Quase todos os dias eu deixava de lado minhas práticas espirituais e minha fé. Orava e meditava, mas já não tinha certeza daquilo em que acreditava nem de como me sentia sobre o que acreditava. O que me salvou e manteve viva a minha fé foi a possibilidade de escrever, de me apresentar ao público e de orientar quem me pedisse ajuda. Então sentia a presença viva do Espírito em meu ser. Nessas ocasiões, pouco importavam o fracasso de meu casamento e a minha baixa autoestima. Imbuída de

um propósito, realizava meu trabalho, ciente, sem sombra de dúvida, de que Deus me apoiava. Ainda assim, por algum motivo, eu me esgueirava da Sua presença quando se tratava da minha própria vida. Então, em meio à loucura da minha mentira pessoal, recebi o telefonema que mudaria minha vida para sempre. Fui convidada a participar do *Oprah Winfrey Show*.

Consciente da importância de não perder a oportunidade única, fui ao salão fazer o cabelo e as unhas, coloquei minha melhor roupa e voei para Chicago, disposta a agarrar com tudo a chance de ouro da minha vida. Compareceria ao programa para falar sobre amor e relacionamentos. Lição número um: nunca fale em público sobre algo que será apresentado em cadeia nacional e internacional, se não tiver certeza de dominar o assunto. Eu andava deixando de lado meu relacionamento com Deus. Meu casamento estava à beira do fracasso. Naquele momento em que

minha relação comigo mesma era um desastre total, estava escalada para o programa da Oprah, convidada a falar sobre coisas que ainda tentava desvendar.

A sensação era de total torpor até a chegada à porta do estúdio. Foi quando um pensamento fugaz cruzou minha mente:

Ela vai fazer o seu programa.

Que programa? Eu não tenho um programa.

Então o segurança acenou para que eu entrasse e a sensação se dissipou.

Tudo transcorreu maravilhosamente bem no palco. Houve empatia entre nós duas. Sentei-me na frente da Oprah, expondo o que eu sabia ser verdadeiro sobre amor e relacionamentos, embora ainda não tivesse dominado o assunto em minha vida pessoal. Deixei o estúdio como entrara: entorpecida.

Em casa, encontrei Gemmia fora de si de tanta alegria. Ela sabia que algo fantástico entrara em

ação a partir daquela única apresentação. Minha filha sempre tinha razão. Poucos meses depois, Oprah criou um programa de TV intitulado *Change Your Life* (Mude sua vida), do qual participava um grupo de especialistas, e me convidou para integrar esse grupo. Eu estaria no programa uma vez por mês, falando sobre amor e relacionamentos, meus assuntos específicos. Ah, quanta alegria! Que êxtase!

Trabalhando com alguns dos diferentes produtores do programa, apareci em vários quadros muito populares. Um deles, sobre a história da minha vida, foi particularmente tocante para vários espectadores. Era grande o número de pessoas que sabiam meu nome, mas poucas conheciam minha história. Minha família inteira estava na audiência e compartilhei aspectos da minha vida que conseguira curar, mas que nunca expusera em público. Oprah, excelente entrevistadora, fez uma série de perguntas

pertinentes. A que realmente chamou minha atenção foi:

– Como você sabe que resolveu um problema?

Do fundo de minha alma, respondi:

– Você sabe que está curada quando consegue contar a história sem que ela desperte nenhuma dor.

Um dos melhores programas do período em que trabalhei para Oprah foi dirigido ao público masculino. Os produtores reuniram homens de diferentes faixas etárias, dentre eles meu marido, para falar dos desafios enfrentados com as mulheres. Também participaram mulheres que estavam dispostas a falar sobre suas decepções com os homens. Minha tarefa era ajudar os dois lados a se entender. O programa deveria ser inspirador, revelador e instrutivo e parecia transcorrer tranquilamente até que um dos convidados comentou que as mulheres só queriam saber do dinheiro dos homens e do que eles tinham

a oferecer. Apresentei vários contra-argumentos, mas ele e alguns outros insistiam em me contradizer. Então, para deixar bem clara minha posição, cavei ainda mais a cova do meu casamento. Com toda a sinceridade de que era capaz de demonstrar, disse em cadeia nacional:

– Isso pode ser verdadeiro para algumas, mas não para todas as mulheres. Eu amo meu marido, e ele não tem dinheiro. O que tem é um coração enorme e muito amor por mim. Isso é o que verdadeiramente importa.

Ao falar, apontei para meu marido e a câmera o focalizou. Eden parecia à vontade, ou talvez eu quisesse acreditar que meu pronunciamento não iria causar nenhum arranhão em seu ego masculino. Eu tinha agido de modo inocente, porém foi um desastre. Nunca falamos sobre isso, mas eu soube, por amigos, que meu marido ficou arrasado. Apesar de meus inúmeros pedidos de desculpas, ele nunca se recobrou da humilhação não

intencional que eu lhe causei.

É verdade que ao aparecer no programa da Oprah, você pode deslanchar ou se destruir. Se de um lado aquela apresentação foi a gota d'água que arruinou meu casamento, também injetou uma dose de adrenalina em minha carreira. Em todos os lugares aonde ia, eu me tornara “aquela que trabalha no programa da Oprah”. No aeroporto, era cercada por gente que pedia fotos e autógrafos e meus livros desapareciam das estantes. Novas edições saíam para atender à demanda.

Toda organização que tinha alguma ligação com amor, relacionamentos, preservação do meio ambiente ou outro assunto qualquer, me convidava para dar palestras. Minha agenda de viagens triplicou. Os telefones do escritório não paravam de tocar. Meu marido e eu mal nos falávamos e pela primeira vez na vida eu começava a acreditar em mim mesma. Afinal, eu era amada e reconhecida. Tinha algo a dizer e as pessoas me

ouviam. Com os pagamentos em dia, ainda sobrava algum dinheiro. Podia comprar qualquer coisa sem verificar a etiqueta de preço. As pessoas sabiam meu nome quando eu entrava num restaurante ou numa loja. Apesar disso tudo, eu vivia preocupada com o futuro.

V

O valor do cheque referente aos direitos autorais dos meus livros que eu recebi depois de uma temporada no programa da Oprah era tão alto, que tive medo de tocá-lo. Tirei uma cópia. Chorei. Depositei o cheque no banco e mal consegui dormir, temendo que o dinheiro não estivesse lá na manhã seguinte. Mas estava.

Quando eu e meu marido compramos nossa casa, eu estava determinada a fazer dela ainda mais do que um sonho realizado. Comecei reconstruindo a cozinha. Em seguida, quis uma

sauna com banheira de hidromassagem e decidi construir um anexo envidraçado na lateral da casa. Meu marido parecia animado até o início da obra. Depois, ficou quieto. Perguntei umas três ou quatro vezes o que tinha acontecido, até que obtive uma resposta sincera.

– Essa casa é sua, não nossa.

Sentia-se mal por eu pagar tudo e ele não poder contribuir. Então lhe falei da nossa parceria, que tudo era nosso, que queria tornar a casa o mais confortável e bonita possível e desejava a participação dele. Por fim, disse que não importava quem estava pagando. Mas a verdade é que ele tinha de participar, pois eu nunca parava em casa.

Durante as férias de verão, depois de minha temporada inicial no programa da Oprah, gravei meu primeiro disco, com o objetivo de transformar em música a mensagem do livro *Enquanto o amor não vem*. Aquele projeto me proporcionou algo

que havia tempos eu não experimentava: *alegria!* Foi pura magia. Divino.

Também iniciara negociações para aumentar minha participação no programa da Oprah. Só duas pessoas tinham sido convidadas para a temporada seguinte do *Change Your Life*, e eu era uma delas. Numa reunião com Oprah e seu advogado, conversamos sobre meus planos para o futuro. Oprah me perguntou se eu queria ter um programa meu, ou se preferia esperar. Relembrei a mensagem recebida no primeiro dia, ao entrar no estúdio. *Ela vai fazer o seu programa.* Mas também ouvi: *Quem você pensa que é para estar sentada aqui?* Tentei ignorar a voz.

– Prefiro esperar. Quero estar preparada – respondi. Então Oprah disse que eu seria presença constante em seu programa.

Quando algo fantástico e inacreditável acontece em sua vida e você não acredita ser suficientemente boa para merecê-lo, consciente ou

inconscientemente você encontra um jeito de sabotar seus sonhos. O meu foi totalmente inconsciente. Minha vida mudara tanto, que eu mal me reconhecia. Passava pelas transformações sem nenhum envolvimento emocional. Felizmente contei com a proteção de Gemmia e de minha equipe fantástica. Reunira um grupo de mulheres que me amavam como verdadeiras irmãs e me apoiavam. Foram elas que, com Gemmia e meus netos, mantiveram minha sanidade. Quando o medo e a dúvida se infiltravam, elas me encorajavam. Atendiam aos telefonemas e respondiam às cartas. Recebiam as centenas de pessoas interessadas em minhas aulas e seminários. Insistiam na importância de construir uma instituição espiritual em âmbito internacional. Tornaram-se a família que sempre desejei e nunca acreditei que teria. Tornaram-se o lugar macio no qual eu pude me recostar ao me dar conta de que meu casamento ruía.

Entre gravações e palestras, eu voltava para casa. Lembro-me da vez em que aterrissei nela, meu santuário, pouco antes do anexo que eu mandara construir ficar pronto. Era tão lindo! Graças às paredes de vidro, deitada na banheira de hidromassagem, eu via os bosques que cercavam a casa. A única parede sólida, de mármore azul, combinava com os azulejos do chão. O interior da banheira, também azul, era iluminado por luzes giratórias. Devido à sauna de cedro, pairava no aposento um cheiro de terra. Estava quase tudo pronto. Aí então meu marido e eu poderíamos flutuar na banheira e, quem sabe, voltar a nos entender.

Parti para uma viagem de três dias e quando liguei para casa na noite seguinte, ninguém atendeu. Várias ligações, nenhuma resposta. Não me preocupei. Como sabia que meu neto estava com meu marido, fiquei tranquila. Quando Eden retornou minha ligação, já passava da meia-noite.

Tinha saído para jantar com Jerry, seu melhor amigo, e com meu neto. Depois, como a banheira de hidromassagem ficara pronta, resolveram tomar um banho. De repente, senti um sobressalto.

– Quem entrou na banheira de hidromassagem?

– Eu, Oluwa e Jerry. Uma delícia! Você vai adorar.

– Você está me dizendo que deixou Jerry entrar na banheira com meu neto?

– Isso mesmo.

– Ficou maluco?

– Como assim?

Jerry tinha aids e já apresentava os sintomas! Não devia estar numa banheira de hidromassagem, principalmente naquela, com meu neto e meu marido.

– Olhe aqui, ele é meu melhor amigo e eu lido bem com a doença dele.

– Não deveria!

– Não se pega aids assim.

– Ele suou?

– Acho que sim.

– Então, meu amor, o suor é um fluido corporal, e é assim que a aids se propaga. Você deve estar doido.

– Não, não estou, mas você está!

Não sei direito quem bateu o telefone na cara do outro primeiro. Só sei que nós dois desligamos.

Nesse momento tive consciência de que meu marido já rompera ou estava a um passo de romper com nosso casamento. O homem com quem acreditava que iria passar o resto da vida me comunicava, numa exibição defensivo-agressiva, a profundidade e a extensão de sua raiva. Eu não sabia como lidar com a situação. Então, simplesmente deixamos o assunto de lado. Ao voltar para casa no dia seguinte, liguei para o empreiteiro e pedi que ele fosse até minha casa para esvaziar a banheira. Quando meu marido voltou, havia água renovada, quente e borbulhante

à nossa espera. Ele foi para a cama. Sentada sozinha na banheira, eu chorei.

v

Quando a gravação do meu disco fosse concluída, ele seria lançado no programa da Oprah e em seguida eu faria um tour por dezesseis cidades, com o objetivo de trabalhá-lo. Os produtores da Harpo, a empresa de produção da Oprah, queriam exclusividade para promover o disco e anunciar o tour. Concordei, até saber que isso significava que eu não poderia participar do programa do meu amigo Tavis Smiley na Black Entertainment Television, a BET.

Tavis e eu nascemos no mesmo dia. Todo ano, no nosso aniversário, eu aparecia no seu programa e discutíamos nossos planos para o ano seguinte. Os produtores queriam que eu abrisse mão dessa participação para que minha primeira

apresentação pública da temporada fosse no programa da Oprah. Tavis e eu discutimos o assunto e combinamos não falar sobre o disco. Apesar de eu ter explicado isso aos produtores, eles insistiram para que eu não comparecesse ao programa. Mas eles não sabiam com quem estavam lidando: eu jamais aceitaria que alguém decidisse o que eu poderia ou não fazer.

Oprah me mandou um recado: disse que, como era meu aniversário, eu poderia fazer o que bem entendesse. Fiquei muito alegre por contar com o apoio dela, mas percebi que, embora sutilmente, algo havia mudado. Os produtores passaram a demonstrar um pouco menos de cordialidade e condescendência em relação às minhas sugestões para o programa. Decidi orar e torcer para que tudo desse certo. Eu mal sabia que estava acionando as engrenagens para sabotar tudo com que sonhara e por que tanto me esforçara. Lição número dois: você não recebe bênçãos em tempo

integral por devoção em meio expediente.

O disco estreou no programa da Oprah, como planejado. Pouco depois, recebi um bilhete da vice-presidenta da Buena Vista Television, escrito à mão. Fiquei totalmente encantada. Ela elogiava meu trabalho, me desejava boa sorte, disponibilizava seu número de telefone e me convidava para almoçar em data à minha escolha. Liguei imediatamente. Talvez tenha pensado em deixar um recado comunicando o recebimento da mensagem. Talvez tenha pensado em como era bom ter o número de telefone particular de uma executiva da TV. Talvez simplesmente não tenha pensado. Minha mentira pessoal de não ser suficientemente boa de forma nenhuma poderia deixar passar essa boa chance de autodestruição.

Não esperava que ela atendesse, o que aconteceu ao segundo toque. Quando me apresentei, ela soltou um gritinho e agradeceu o telefonema. Disse que vinha tentando entrar em

contato comigo havia algum tempo, mas fora avisada de que eu representava um negócio de seis dígitos com a Harpo. Imaginava que eu não estivesse disponível para um programa de televisão. Em vez de optar pela descrição, expliquei que, apesar de ter um relacionamento profissional maravilhoso com a Harpo, meu contrato não era de seis dígitos.

Poucos dias depois, ela me ligou. Eles tinham planos para um programa de televisão sobre relacionamentos e acreditavam que eu poderia ajudar a desenvolvê-lo. Garantiu que tudo o que desejavam era “sugar meu cérebro”. Quando me disse o nome da mentora da ideia, fiquei boquiaberta. Por que cargas-d’água a famosa Barbara Walters precisava da minha contribuição? Aparentemente, não vinham obtendo sucesso com o programa e a Sra. Walters achava que eu poderia ajudá-las a criar um novo estilo.

Estou com tudo, pensei. A garota pobre, feia e

sem valor do Brooklyn falando com a executiva de uma das mais importantes redes de televisão que, em nome de Barbara Walters, me pergunta o que fazer. Isso não podia estar acontecendo comigo! Mas estava. Fiquei atônita. Morta de medo. A autossabotagem se colocara a postos para entrar em ação.

Eu andava tão ocupada, que perdera contato com a minha voz interior e com o meu próprio eu. Meu casamento, meu relacionamento mais íntimo, seguia ladeira abaixo. Que melhor maneira de inflar meu ego murcho do que ter as duas mais poderosas mulheres da televisão falando *comigo*, *me* agradando, querendo fechar negócios *comigo*? Não foi esse meu primeiro pensamento, mas devo admitir que a pergunta me passou pela cabeça. Por trás disso tudo, agora percebo, estava minha tentativa de curar a garota pobre, problemática, feia e má, necessitada de provar a si mesma e ao mundo que era, sem sombra de dúvida,

suficientemente boa. Alguém disse certa vez que os que são enterrados vivos não morrem. Ardem lentamente. Exalam um fedor prolongado que invade as partes mais secretas da nossa vida. Estimulam a patologia e acionam os padrões. O único motivo possível de eu ter sobrevivido ao que sentia foi ter me lembrado de orar. *Oh, Deus! Por favor, ajudai-me! Por favor! Dizei-me o que fazer!*

Eles mandaram uma passagem aérea para Nova York e me instalaram no Plaza. Durante uma adorável refeição, Barbara Walters e três outros executivos da rede “sugaram meu cérebro” e inflaram meu ego. De volta à minha casa, recebi o primeiro de uma série de telefonemas em que pediam que eu considerasse a oferta de estreitar um novo programa. Minha resposta era: “Não, obrigada. Estou feliz onde estou.” A executiva que me contatava disse que compreendia e que só pedia que eu a avisasse, caso mudasse de ideia. A

rede passara por mudanças e eles precisariam tomar decisões em breve. Se eu mudasse de ideia no decorrer de mais ou menos uma semana, poderia ligar. Deu o número do telefone de casa. Isso me incomodou, mas também me intrigou. *Por que essas pessoas estão atrás de mim? O que querem de mim? O que tenho que elas desejam?*

A não ser que você saiba que tem valor do jeito que é, sempre será levada a buscar mais. Saber que você tem valor é uma das funções da consciência. O desenvolvimento da sua autovalorização é diretamente proporcional ao relacionamento que você mantém com sua verdadeira identidade. Até que você acredite profundamente no seu *próprio* valor, independentemente de seu poder ou riqueza, sempre haverá um vazio em seu espírito. Eu tinha mais do que um vazio. Tinha uma cratera que não poderia ser preenchida por nenhuma realização, dinheiro ou conhecimento. *Não sou e nunca serei*

boa o bastante para merecer esse tipo de atenção. Era a mentira pessoal, a crença íntima que dirigia a minha programação e me encorajava a sabotar minha vida, com o intuito único de provar, de uma vez por todas, que eu não era suficientemente boa para ter ou preservar o que surgisse em meu caminho. Parte de mim sabia que minha vida tinha um propósito, aquele de que a médium me falara havia tantos anos: guiar outras pessoas em sua jornada espiritual. Era isso que eu queria: estar a serviço dos outros, ajudar as pessoas. Entretanto, parte de mim se recusava a acreditar que eu pudesse ter potencial para isso.

Depois do quarto ou quinto telefonema, concluí que a oferta merecia minha atenção. Havia uma lição a ser aprendida, embora eu não soubesse qual era. Decidi retomar minha prática espiritual de orações e jejum. Comprometi-me a rezar e a jejuar por sete dias – ou até receber a orientação necessária. Precisava decidir se ficava na Harpo

ou se saía para ter meu próprio programa. Preferia perseverar onde estava, mas como lidar com aquele buraco negro em meu espírito que precisava ser preenchido?

Na sexta manhã, acordei pensando *A hora é essa*. Eu me sentei na cama e disse em voz alta: “Não vou deixar a Harpo.” Como se alguém sussurrasse em meu ouvido, tornei a escutar: “*A hora é essa!*” Hora de quê? Concluí que a mensagem significava que era hora de andar com as próprias pernas. Então voltei a defrontar a crença de não ser boa o suficiente para caminhar sozinha. Isso significava que eu estava me esquivando da oferta porque era o medo que definia a minha escolha. Mas eu não queria *mesmo* deixar a Harpo, que me oferecia uma oportunidade de ouro. Por que abandonar uma bênção tão enorme quanto a que me caíra no colo? Então tive um pensamento egocêntrico: *Prove que é suficientemente boa! Conte a Oprah o que está*

acontecendo e lhe pergunte se ela está disposta a apoiar seu programa. Na ocasião, pareceu uma boa ideia.

Passei do pensamento à ação com alguns pequenos ajustes devastadores: não revelei a Oprah quem fizera a oferta. Apenas disse que era alguém muito importante no meio televisivo. Compartilhei com ela – julguei na ocasião que com sinceridade, – os motivos de desejar ter meu próprio programa, embora tivesse dito o contrário em nosso encontro anterior. Pedi o que acreditei que seria o próximo – e apropriado – estágio: para criar um piloto para um programa que eu apresentaria. Oprah pareceu aceitar meu pedido. A produtora executiva perguntou de quem partira a oferta. Eu lhe respondi que não tinha importância. O que contava para mim era seguir a orientação que eu recebera após os dias de orações e jejum. Em vez de me pressionar, ela disse apenas que em breve eu receberia notícias da Harpo. Oprah

permaneceu em silêncio.

Uma semana mais tarde, eles me disseram que eu deveria aceitar “a oferta”, pois era evidente que meu objetivo diferia do da Harpo. Meu advogado recebeu uma ligação curta com o mesmo recado. Também ficou chocado e confuso, pois, na verdade, eu não recebera uma oferta formal da equipe de Barbara Walters. Sim, eles tinham me sondado, mas eu os ignorara, afirmando estar satisfeita na Harpo. Como ninguém abre mão de um sonho com tanta facilidade, eu procurei a produtora executiva da Harpo em busca de uma explicação mais satisfatória para a decisão de me dispensar. Quando finalmente consegui falar com ela por telefone, ela soltou o verbo:

– Nós lhe oferecemos a oportunidade de ouro da sua vida. Oferecemos uma oportunidade única, e você tem a audácia de me dizer que alguém “importante” lhe fez uma oferta? Alguém importante! Quem é mais importante do que nós?

Por ter rezado e meditado acha que alguém importante pode fazer mais por você? Não sei o que pretende, mas com certeza não é o mesmo que nós.

Mal consegui dormir e comer nas duas semanas seguintes. Esperei e rezei, mas não recebi nenhum outro sinal. Nem uma palavra, um bilhete, um cartão da Harpo. Comigo, apenas a culpa. Como é possível ser tão idiota? *Olhe só o que você fez! Ferrou todas as suas chances!* Cada pensamento me nauseava mais que o anterior. Enquanto muitas vezes eu ficara quase indiferente à alegria de participar do programa da Oprah, minha consciência da dor de ser demitida foi aguda. A dor era um sentimento que eu aprendera a prever e a esperar. A alegria era uma emoção estranha na minha vida.

Quando sua vida começa a ruir, nem sempre ocorre tudo de uma vez só. Uma bofetada do Universo pode ser mais misericordiosa. Não fazia

ideia de que aquilo seria apenas o início de um colapso que se estenderia por sete anos. Estávamos em outubro de 1999 quando o seixo lançado por Oprah causou uma inconfundível ondulação no rio de minha vida. Em 25 de dezembro de 2003, a tijolada divina atingiu minha cabeça. E não parou por aí.

EU E MICKEY MOUSE

*Quando você não sabe quem é,
grandes
são as chances de não saber o que
quer.*

*Quando não sabe o que quer,
não há a menor chance de
consegui-lo.*

Quase um ano se passara desde a última vez em que tivera notícias da Harpo. À exceção de alguns amigos íntimos e de Gemmia, ninguém mais sabia da dor que eu carregava no coração e na alma, em consequência do ocorrido. Maior que a dor,

porém, era a vergonha. Como explicar que Oprah Winfrey a colocou no olho da rua? Nutria por ela uma lealdade um pouco bizarra. Não falava sobre o que acontecera porque não queria que ninguém fizesse mau juízo de Oprah. Também sentia vergonha de admitir minha culpa. Em vez disso, me convenci – e a todos – de que eu deixara o programa por livre e espontânea vontade, para me dedicar mais à escrita e, talvez, a um programa meu.

Então, recebi uma ligação da equipe da Buena Vista. Eles disseram que, como eu não trabalhava mais com a Oprah, gostariam de conversar comigo sobre lançarem meu programa. Isso trouxe uma pitada de verdade à minha fantasia. Deu-me algo em que concentrar minha energia. Forçou-me a sair de casa e a me afastar da depressão e da tristeza.

As negociações contratuais correram céleres. Ganharia mais dinheiro do que jamais imaginara. Uma vez fechado o negócio, eu e Gemmia

começamos a planejar o futuro. Ainda tinha a maior parte do valor do cheque polpudo que eu recebera pelas apresentações no programa de Oprah. Então fiz algo que ambas planejávamos havia anos: comprei um prédio. Finalmente teria um centro espiritual, um lugar onde o trabalho prosseguiria bem depois que eu tivesse deixado de existir. Decidimos pagar o prédio à vista e pedir um empréstimo para as reformas. Criamos um plano de negócios, convocamos um conselho de diretores e fomos ao banco. Com a promessa do futuro salário estabelecido em meu contrato, o banco me concedeu um empréstimo no mesmo valor pago pelo prédio: 1,3 milhão de dólares.

Ao ver tantos zeros associados ao meu nome, fiquei tonta. Mas Gemmia, dona de um tino para negócios que eu jamais desenvolvera, se sentia totalmente à vontade. Eu tinha medo de ter dinheiro e medo de perdê-lo, caso tivesse. Para ela, o dinheiro não passava de um meio para

atingir determinado objetivo – e o nosso, como o tínhamos antevisto, era bom. Sua calma me proporcionou o alívio de que precisava para seguir adiante. Gemmia e meu gerente cuidaram de todos os detalhes. Eu apenas compareci e assinei onde me foi indicado.

Sentia imenso orgulho de mim mesma. Na verdade, só de pensar no assunto, sentia um pouco de alegria brotar dentro de mim. Todos na Inner Visions estavam exultantes. Um dos membros do conselho confeccionara uma faixa de tecido que estampava o meu retrato e a frase: “A futura casa da Inner Visions Internacional.” Depois a pendurara na lateral do prédio. Eu sorria na foto e sorria por dentro – pela primeira vez em muito tempo. Incontáveis vezes, a caminho de casa, passava pelo prédio e olhava meu retrato sorrindo para mim. Então me permitia pensar em como tinha progredido. Assinara um contrato bastante lucrativo com uma das maiores redes de televisão

e estava prestes a dar início a um novo projeto para a minha editora. Era dona de um prédio, o sonho acalentado havia tempos. Tinha dinheiro no banco. Tudo funcionava bem em quase todas as áreas da minha vida, exceto em casa. Lá, descíamos a ladeira com cautela. Não falei muito sobre o prédio com meu marido, a não ser para comentar sobre um espaço para seu programa para homens. Quanto mais sucesso eu obtinha, mais intuía sua apreensão e seu ressentimento. Fiel ao meu padrão de comportamento, eu dominava a arte de me encolher em sua presença.

V

Mil novecentos e noventa e nove foi um ano muito lucrativo para mim. O que significou um imposto de renda altíssimo em 2000. Eu não fazia ideia do valor, até me reunir com meu fiel contador de tantos anos. Ainda vibrava de alegria

com a compra do prédio, quando ele me informou que eu devia ao Governo Federal 1,3 milhão de dólares. Esse era o exato valor pago pelo prédio, o mesmo que depositara como garantia do empréstimo para as obras de reforma. Também era a exata quantia que eu já não tinha no banco.

Minha mentalidade ainda era de funcionária: alguém tinha tirado o dinheiro do meu salário e despachado para o Governo em meu nome. Naquele ano, aprendi que, como empresária, precisava pagar taxas trimestrais. Meu contador e gerente comercial, com os dados fornecidos por Gemmia, elaborou um plano de pagamento do Imposto de Renda. O que nenhum de nós calculara foi o valor abocanhado pelo leão em se tratando de uma convidada do programa da Oprah. Eu passara para outra faixa no Imposto de Renda. Ainda pensava como indigente, meu carro era um Honda, mas, na verdade, eu me tornara milionária. Quem poderia supor?

A Buena Vista não poupou gastos para alavancar o programa *Iyanla*. Os escritórios da produção e o estúdio ficavam em lados opostos da rua, em um lugar de aluguéis altíssimos, em Nova York: Upper Manhattan. Eu tinha à minha disposição uma assistente, um cabeleireiro, uma maquiadora, um apartamento e um carro com motorista. Começara a trabalhar com Bill Geddie, o produtor executivo, e Mindy Moore, minha supervisora de produção, semanas antes de chegar a Nova York. Discutíamos o conteúdo, o formato, o estilo e, o mais importante, a diretiva do programa. Começava a me animar. Em pouco tempo, viveria o sonho acalentado durante tantos anos.

Todos me garantiram que Mindy e Bill, assim como Barbara Walters e os executivos de Los

Angeles, compreendiam minha visão e estavam comprometidos com o sucesso do programa. Eu era sua última e a maior descoberta. Mas no dia de minha chegada a Nova York eu me dei conta de que nem tudo era bem o que parecia.

Para começar, não havia espaço para mim nos escritórios da produção. Deixaram claro que eu passaria a maior parte do tempo no estúdio, onde teria um escritório e um camarim. Enquanto ele não ficava pronto, eu poderia me instalar numa salinha perto do enorme escritório de Mindy.

Logo depois, fiquei sabendo que todos os produtores do programa já haviam sido contratados, sem que a escolha tivesse sido submetida à minha apreciação, como fora combinado nas conversas anteriores. O problema é que muitos deles não conseguiam nem mesmo pronunciar meu nome e apenas um entre os seis tinha lido um dos meus livros. *Ei, abram a porta, que eu quero sair!* O programa deveria ter como

base os meus livros! Como, se os produtores não faziam ideia do seu conteúdo? Assunto resolvido! Liguei para Gemmia e pedi a ela que me enviasse exemplares de todos os meus livros e várias fitas de áudio. Fui de escritório em escritório e presenteei cada um dos produtores com o conjunto da minha obra, encorajando-os a se familiarizar com minha linguagem e meu estilo. Eles pareceram gratos.

Para tornar maior o desafio, dos seis produtores, só um era negro. Entre os outros cinco, apenas um era mais velho que eu. Não sabia ao certo se eles eram capazes de entender a vida que eu levava. Sabia que Bill Geddie, um homem branco, na faixa dos 40 ou 50 anos, era totalmente alheio à minha realidade e que Mindy passara basicamente toda a sua carreira na redação. A situação era incompatível com as discussões mantidas anteriormente, mas, sem saber como resolver o impasse, decidi me calar.

Meu escritório e meu camarim rapidamente se tornaram meus santuários. Ali, com meu assistente, Jeff, com Channel, minha cabeleireira, e Lydia, minha amiga querida contratada para funcionar como meus olhos e ouvidos voltados à minha plateia, eu me recolhia todos os dias para conversar, comer e rezar. Todo o trabalho importante acontecia no prédio da produção – a “casa-grande” como o apelidamos –, quando nos reuníamos no escritório de Mindy ou na sala de reuniões. Não demorei a perceber que, antes da maioria das reuniões, Mindy e Bill já tinham deliberado em particular. A função de ambos durante as reuniões era me convencer a aceitar as decisões que tinham tomado. Sem dúvida pediam minha opinião, e também a dos demais produtores, mas, no final, a melhor ideia, a de Bill, sempre vencia. Minha função era ler o teleprompter e passar a mensagem. Nada do que eu imaginara.

Lembravam-me a todo o instante que os

programas diurnos eram dirigidos a donas de casa da classe média do sul do país, e não aos telespectadores e leitores que até então tinham sido o público-alvo do meu trabalho.

As mulheres que assistiam aos programas diurnos buscavam informações sobre tratamentos de beleza e educação dos filhos, assim como respostas às suas perguntas secretas sobre relacionamentos. Buscavam escapar. Não tinham interesse em me ver solucionar os problemas da comunidade negra. Aquela era minha oportunidade de passar a atingir uma audiência maior e mais lucrativa. Achei que já tivesse feito isso. Fiquei confusa.

Bill e Mindy me garantiram que se eu fizesse uma temporada do programa de acordo com a fórmula deles, na segunda eu poderia começar a apresentar os temas sobre os quais escrevera. Meu programa precisava da participação de especialistas, de modo que eu não passasse a

impressão de ser dona da verdade. Não podíamos fazer um programa inteiro focado apenas em um assunto, porque isso tornaria difícil manter a audiência. Precisávamos de blocos – dois temas principais e dois paralelos – para segurar as pessoas naquele canal. “Telespectadores fiéis”. Era o que buscavam e tínhamos uma temporada para conquistá-los. Não mostraríamos meus livros na televisão, pois poderiam pensar que meu foco era a comunidade negra. Não queríamos isso de maneira alguma.

Fui preparada para um programa da grade diurna pelo melhor professor de oratória da indústria televisiva. Depois de anos falando em público para milhares de pessoas, no primeiro dia do programa, perdi o passo. Falei alto demais. Ri demais. Fiquei pouco à vontade naquelas roupas e me esqueci do teleprompter. *Foi um desastre! Eu fui um desastre!* Depois do programa, Barbara Walters conversou comigo. Embora gentil, apontou

os erros que eu não deveria repetir. Ensinou-me truques para manter a calma e a concentração e o que dizer quando me esquecesse de olhar o teleprompter. Ouvi tudo de maneira sincera e com atenção e já no dia seguinte coloquei seus ensinamentos em prática.

Infelizmente, segundo o professor, eu ainda estava muito aquém do padrão – ainda me mostrava insegura e continuava falando alto demais. Ele me ensinou o tom certo e me deu dicas de como me posicionar e direcionar o olhar. Explicou que tudo se resumia à câmera e a passar credibilidade. Precisei de cerca de três programas para notar que *se tratava de mudar quem eu era e me transformar no que queriam que eu fosse*. Àquela altura eu me convencera de que não sabia nada e estava destinada ao fracasso. Gemmia passou aquela primeira semana em Nova York comigo e percebeu meu medo. Repetia constantemente: “Seja você mesma. Se não

gostarem, você pode voltar para a sua vida.”

Suas palavras faziam sentido, mas ela não tinha ideia de como me perturbavam. Não podia lhe dizer que eu não tinha mais uma noção clara de quem eu era. Não podia lhe dizer que experimentava a sensação de estar me afogando num copo d'água. Não ousava contar a verdade a ninguém. Havia muito em jogo naquela aventura. Gente demais depositara esperanças e sonhos no meu êxito. Eu estava disposta a qualquer coisa para transformar o programa num sucesso, mesmo que isso significasse seguir ao pé da letra as ordens de Bill e Mindy. Não era apenas difícil, era também doloroso. Entretanto, não havia outra opção. Ao voltar para casa nos finais de semana, eu ia pensando em quanto me sentia perdida.

Hoje, ao recordar, percebo que houve alguns momentos brilhantes no *Iyanla*. Os programas de que mais me orgulho – com Deepak Chopra, o Dr. Wayne Dyer, Marianne Williamson e o Dr.

Michael Eric Dyson – deram de 10 a 0 nas muitas transformações de visual e receitas culinárias que precisei apresentar. Contudo, ainda estremecia só de pensar que concordara em acomodar uma pessoa famosa e respeitável como o Dr. Dyer no auditório, e não no palco. O argumento usado pela produção era que, aos olhos do público, seria uma maneira de torná-lo mais acessível. Tempos depois, descobri que um dos executivos da rede não gostava dele. Os momentos brilhantes eram frequentemente embaçados pela sordidez existente por trás dos bastidores.

Embora quase uma década já se tenha passado desde o final do *Iyanla*, ainda me lembro do dia em que Bill Geddie cuspiu na minha cara. Não cuspiu de fato, mas o efeito teria sido o mesmo. Eu apresentara um programa a respeito da falta de controle das mães sobre os filhos. Ao falar com uma das mães, usei o estilo Iyanla de ser: ou seja, direto, sem meias-palavras. Embora ela tenha

entendido e aceitado minha posição, Bill declarou que eu me mostrara agressiva. Garanti que não era verdade e pedi a ele que, por favor, confiasse na minha intuição.

Plantado à minha frente, com o cigarro entre os dedos, ele sussurrou daquele seu jeito sibilante:

– Chega. Não confio na sua intuição. Para mim, ela parece um tanto fora de sintonia.

Foi como uma cusparada em meu rosto, e tive de me controlar. Quem reagiu não foi a menina brigona do Brooklyn, que não levava desaforos para casa. Ao que tudo indicava, ela abandonara o prédio. A figura que emergiu foi a da adolescente desestruturada que queria provar, a todo o custo, que era boa o bastante para aparecer na televisão e fazer jus a tudo o que conquistara. A lutadora do Brooklyn teria dito uns belos desaforos ao Sr. Geddie. A adolescente desestruturada mal conseguiu chegar ao banheiro antes de se debulhar em lágrimas.

Por que não consegui me defender? Por que não pude defender o que sabia ser verdadeiro sobre mim e dentro de mim? Por quê? Porque nunca me ensinaram. Por isso. Porque nunca, nem uma vez na vida, me disseram que eu tinha o direito de afirmar meu poder e meu conhecimento, de me orgulhar do dom que Deus concedera a mim. O dom de ver e ouvir além do mundo físico, que sempre foi o fundamento de todo o meu trabalho.

Todos os insultos, as crueldades e as mágoas que eu acumulara desde sempre vieram à tona, e chorei todas as lágrimas reprimidas a vida inteira. Foi a purgação necessária para que eu me preparasse para a pessoa em que eu estava me transformando. Infelizmente, naquele momento, não tinha consciência disso e ainda ocupava o papel de vítima. Lydia, que nunca me vira chorar, enraiveceu-se e entrou em pânico. Channel chorou comigo. Jeff, que adoraria socar Bill, sentou-se e orou. Quando consegui me controlar, sabia que

alguma coisa teria de mudar. Não poderia contar a história a Gemmia, porque ela perderia o controle e seria capaz de armar uma cena. Meu marido não tinha o hábito de me defender. Eu não poderia abandonar o programa, porque temia ser processada. Sobre minha cabeça pairava o débito de um milhão de dólares à Receita Federal, em prestações mensais de trinta mil dólares. Claramente, eu precisava do emprego. Entretanto, compreendi que se não conseguisse ajuda e apoio imediatos, jamais teria condições de terminar a temporada.

Um dia após o ataque de fúria de Bill Geddie, entrei em contato com Steve Hardison, homem brilhante, sensível e paranormal, e o convidei para ser meu consultor. Tínhamos nos conhecido no curso de mestrado em estudos espirituais na Universidade de Santa Mônica. Steve podia ler meu coração. Pedi que fosse a Nova York tomar conhecimento da situação.

Bill logo se mostrou extremamente desconfiado do cara branco, alto e bonito que me acompanharia por dois dias. Expliquei que Steve era meu consultor e estava ali para me ajudar a me enquadrar no mundo da televisão. Dentro dos estreitos limites estabelecidos por Bill, Steve conversou com quem pôde e se familiarizou com a operação rotineira do programa. Antes de voltar para casa, no Arizona, passou suas impressões e fez um esboço de como íriamos trabalhar. Ele me disse:

— Iyanla, essas pessoas não sabem quem você é. Não sabem porque você nunca lhes disse. A maioria respeita você e o seu trabalho no *Oprah*, mas não conhece sua visão de mundo. Se quiser que esse programa funcione, precisa levá-los a partilhar sua visão e fazer com que esse processo seja um fator de crescimento para você. Senão, é melhor cair fora. Se esse processo não lhe der vida, vai roubar sua vida, e não há nada no mundo

que justifique tal sacrifício.

Ao longo dos três meses seguintes, Steve me orientou, ensinando-me a me defender de mim mesma e a me posicionar de modo firme sobre o que pretendia transmitir no *Iyanla*. Foi uma das experiências mais intensas da minha vida. Por isso, o programa não passou da primeira temporada.

Durante a terceira semana de filmagem, o drama do 11 de Setembro destruiu o World Trade Center. Não gravamos durante três dias. Eu tinha algumas ideias de como ajudar as pessoas na tragédia, mas nem Bill Geddie nem os executivos da rede deram muita atenção às minhas sugestões. Foi só depois que levei o assunto à Sra. Walters – o que fazia apenas em casos de extrema importância – que ficou combinado que eu sairia às ruas para conversar com as pessoas. Uma semana depois do atentado, o estado da cidade dificultava que houvesse plateia. Todos temiam ir a Nova York e

o objetivo dos que estavam ali não era assistir à gravação de um programa de TV. Então foi tomada a decisão de contratar figurantes. Ninguém me contou nada. Descobri por puro acaso, quando um produtor deixou escapar que o maluco na primeira fila não deveria mais ser contratado. Eu só suspeitei quando, passado um mês, eu continuava a ver sempre as mesmas pessoas na plateia. Quando perguntei o motivo, disseram que era preciso diversificar, porque o público que comparecia ao programa era formado basicamente por negros. E que, além disso, costumavam usar roupas africanas e turbantes. Precisávamos tomar cuidado para não passar a impressão de que o *Iyanla* era um programa “negro”. Fiquei atônita.

Trabalhava com Steve havia cerca de um mês, quando aconteceu meu segundo confronto mortal com Bill Geddie. Após alguma insistência de minha parte e de certo apoio de Mindy, concordamos em rodar uma série de programas

baseados nos princípios do meu livro *Enquanto o amor não vem*. Uma vez por semana, falaríamos sobre relacionamentos e eu levaria um especialista no assunto, para não dar a entender que eu era uma sabichona que queria fazer tudo sozinha. Fiquei tão animada por afinal ter a chance de usar meu trabalho, meus conhecimentos no programa, que esqueci completamente que *eu* era uma especialista na questão de relacionamentos saudáveis. Apesar de nem sempre vivenciá-los, entendia tudo do assunto e era isso que importava na televisão. E seria o oposto do que eu vinha fazendo, ao discutir assuntos que não dominava. Em todo caso, trouxe de Michigan um casal negro com quem já tinha trabalhado. Apesar de bastante bom, o programa precisava ser aprimorado, como tudo na vida. Essa seria a pauta da reunião de produção na qual a equipe inteira estaria presente. A reunião em que Bill Geddie reinou absoluto.

Tudo começou muito bem. O produtor se

mostrou entusiasmado ao discutirmos como tornar o programa mais empolgante. As ideias fluíam e estávamos prestes a estabelecer um plano, quando Bill lançou a bomba. Ele era o único de pé na sala. Andava ao redor da mesa, dando palpites aqui e ali. Ao passar atrás de mim, virou-se e disse:

– Vamos mudar os entrevistados.

– Por quê? – perguntei. – Não foi isso que combinamos.

– Bom, eu acho que precisamos de um pouco mais de variedade.

– Tudo bem, mas você disse que eu poderia escolher os entrevistados, já que seria eu que iria trabalhar com eles.

– É, mas esses não deram certo.

Comecei a ficar um pouco irritada. Conhecia aquele casal e o trabalho que eles desenvolviam. Além disso, trouxeram alguma diversidade para o palco.

– Não deram certo por quê? – Voltei-me para a

produtora. – Você acha que não deu certo? – Infelizmente, aquela produtora, como todas as outras, permaneceu muda. Eu não.

– Bill, você parece ter esquecido que sou eu quem trabalha com eles, e ainda não me deu qualquer razão que prove que a presença deles não está funcionando. – Eu o tinha imprensado contra a parede, então ele precisava dizer a verdade.

– Não gosto deles. São chatos e parecem com você, com todo aquele blá-blá-blá sobre espiritualidade. Precisamos encontrar outra pessoa, e ponto.

A afirmação percorreu a sala como um aspirador gigante, sugando todo o ar dos produtores. Graças aos ensinamentos de Steve, a adolescente magoada que ainda habitava a minha consciência nem chegou a reagir. Em seu lugar, a garota boa de briga do Brooklyn renasceu e reagiu. Eu tinha planos para os programas. Alguma coisa dentro de mim estava pronta e disposta a lutar por

esses planos.

– Bill, não se trata do que você quer, mas do que funciona para o programa. Acho que a equipe convidada funciona e quero prosseguir com ela.

Ele dera a volta completa na mesa e estava quase atrás de mim quando terminei a frase. Ele parou, inclinou-se sobre mim do alto do seu um metro e noventa e cinco e sussurrou:

– Deixa eu te explicar como funciona. Sou o produtor executivo. Sou eu que decido o que e quem aparece no programa, e estou dizendo que não quero aqueles dois de volta.

Na ocasião, ao erguer o rosto e encarar o homem branco e grandalhão que, curvado sobre mim, esbravejava aquela ordem, eu ainda não sabia o que aquilo significava, mas hoje identifico a situação como uma *Experiência de transição*. Uma luta pela sobrevivência. Mais um homem usava seu tamanho e posição para me forçar a fazer o que ele queria. Algo em mim desejava

gritar e lhe arrancar os olhos. Por outro lado, sabia que minha *vida* como apresentadora de um programa de entrevistas em cadeia nacional corria perigo. Iria me sacrificar para agradá-lo? Ou o enfrentaria?

Foi então que percebi que algo lá no fundo tinha mudado e encontrara a cura.

Com muita frequência, alegamos saber alguma coisa. Embora tenhamos uma noção do que fazer e do que não fazer, por algum motivo não modificamos nosso comportamento. De vez em quando, parece que não conseguimos fazer o que sabemos. A isso se dá o nome de cura mental. Algo mudou no nosso modo de pensar, mas ainda não atingiu outros níveis do nosso eu – o coração e o espírito. A cura mental ocorre com certa frequência e não é uma cura total. Não é suficiente para substituir ou mudar a forte influência de uma patologia herdada ou do modo de comportamento. Para mudar nossa reação a uma forma patológica

de comportamento, a cura deve ocorrer em três níveis: mental, emocional e espiritual. Só depois de atingir esse grau de cura é que nosso comportamento muda. Eu estava curada!

Ecoando em minha mente, eu ouvia a voz de Steve: *Se esse processo não lhe der vida, vai roubar sua vida, e não há nada no mundo que justifique tal sacrifício.* Minha visão na produção era a única maneira de dar vida ao programa. A visão era a coisa mais importante naquele momento. O ar pesava em meio ao silêncio. Eu sabia que precisava recuar, mas também sabia que precisava lutar por mim mesma. Passando os olhos pela sala, vi dez bichinhos assustados. Mindy, ao meu lado, mexia numa folha. Eu estava sozinha. Esse seria o meu voo para a liberdade.

Naquele momento, outra parte do meu ser brotou. Uma mulher sábia, uma guerreira, ganhou vida dentro de mim. Não um soldado ou uma lutadora de rua entrando numa briga apenas pela

sobrevivência. Ah, não! Era uma guerreira bem-treinada e majestosa, pronta para batalhar por sua cura. Eu podia sentir a energia, o poder e a confiança subirem por minha coluna, trazendo meus batimentos cardíacos para o ritmo normal e acalmando o tremor do meu corpo. Quando a guerreira falou, causou um choque tanto em mim quanto em todos os presentes.

– Vou lhe dizer uma coisa, Bill. Se quiser outra equipe, trabalhe você com eles, não eu.

– Ah! Então quer sabotar o programa?

– Não, não quero sabotar o programa. Quero honrar a palavra dada aos especialistas que escolhi e quero que mantenha sua palavra, pois você me garantiu que eu poderia escolhê-los.

– Bem, vou dizer uma coisa: cancelaremos todos os programas.

Ah, não! Você não pode fazer isso! Sinto muito! Por favor, não faça isso! Reconheci aquela voz interior: a do meu eu “não sou suficientemente

boa”. Aquela parte minha sempre pronta a ceder e abrir mão. A parte que não queria lutar pelo que realmente contava para mim. A parte que voltara a cometer um erro e a despertar a raiva de um homem. A parte prestes a morrer de morte natural.

A mulher sábia retomou a palavra:

– Por mim, tudo bem, porque no final do dia o nome em jogo será o meu. O nome do programa é *Iyanla* e deve haver alguma parte da Iyanla no programa.

Como é que uma sala cheia de mulheres se recobra do ataque de um homem poderoso? Pois vou lhe dizer. Não é fácil! Mindy finalmente quebrou o silêncio, propondo outro tópico. Bill, vermelho como um pimentão, deixou a sala. Capítulo encerrado, mas história inacabada.

Atravessei a rua e fui para o meu santuário. Dessa vez não foi a menininha chorosa que contou sua experiência para Jeff e Lydia. A mulher sábia e guerreira explicou o ocorrido e falou de seus

planos. Pediu a Jeff que orasse com ela. Enquanto ele rezava, a mulher sábia telefonou para a sede da Buena Vista e pediu para falar com a executiva encarregada do programa.

– Não trabalho mais com Bill Geddie. Ele precisa ser dispensado da produção. Trabalhar com ele seria o mesmo que sorrir para o homem que me estuprou quando eu era criança, e eu me recuso a isso.

A executiva ficou em silêncio por um bom tempo. Quando falou, disse que examinaria o caso e me ligaria. Perguntei quando o faria. Ela prometeu me telefonar naquele dia mesmo. Agradei e desliguei. Jeff continuava rezando.

Pouco depois, a Sra. Walters ligou. Já informada das novidades, queria pedir desculpas. Fez o possível para me convencer de que Bill latia, mas não mordia, e que eu não devia me sentir ameaçada. Foi como se, por sua boca, falassem todas as mulheres da minha vida, as que tinham me

mostrado que não fazia mal todos os homens abusarem, negarem, descartarem ou nos humilharem. Ela era a tia Nancy. Era Nett. Era a garotinha assustada dentro de mim, morrendo de medo de fazer besteira. Eu a ouvia, mas não a escutava. Com toda a educação, disse que não iria trabalhar com ele. Iyanla voltara! Renascera de onde havia sido enterrada. Na verdade, essa era uma Iyanla que nem eu mesma conhecia. Objetiva. Corajosa. Sabia que, independentemente do que acontecesse ou do modo como acontecesse, eu sobreviveria.

Graças à Gemmia e à minha equipe incrível, a Inner Visions continuava funcionando enquanto eu gravava o programa em Nova York. Voltava para casa todo final de semana para encontrar meu marido e meus netos e, geralmente, também para dar aulas. Antes do que quer que fosse, entretanto, ia ao meu escritório na Inner Visions e chorava. À exceção daquele ataque de choro durante a

primeira discussão com Bill, nunca mais ousei chorar em Nova York. Fazer isso significaria que Jeff sentiria ganas de socar quem estivesse por perto e Lydia poderia xingar alguém. Não chorava nem em casa. Meu marido repetia que eu precisava ser grata, que estava agindo de modo dramático e que deveria tentar me dar bem com as pessoas, pelo sucesso do programa. Ele não tinha a menor noção!

Meias-verdades e contradições criam uma atmosfera de dúvida, suspeita, medo, insegurança e instabilidade – tudo isso era totalmente familiar para mim. Naquele momento, não reconheci o padrão e não podia acreditar que estivesse acontecendo de novo.

Às vezes, quando estamos em processo de cura dos padrões viciados e das patologias, quem nos observa chega à falsa conclusão de que há algo terrivelmente errado conosco. E existe mesmo, mas não é o que eles pensam. Poucos

compreendem como dói ser julgada e criticada quando se está em processo de aprendizado ou atravessando uma crise de cura.

Talvez você imagine que os mais próximos lhe darão ajuda, encorajamento, apoio e proteção. Mas, uma vez que não sabem como agir, eles fazem comentários maliciosos, brincadeiras fora de propósito e falam de você na sua frente ou pelas costas. E como você está em pleno processo de cura, não consegue desconsiderar os comentários. Na maioria das vezes, o motivo pelo qual somos criticados é o que está sendo curado e a insensibilidade dos outros torna tudo pior.

Quando estamos sozinhos e amedrontados, entre pessoas que tentam nos transformar naquilo que querem que sejamos, é muito difícil sentir gratidão. Meu marido simplesmente não compreendia ou não queria compreender. Então, para evitar outra discussão sobre minhas falhas de personalidade, eu chorava no escritório, cercada

pelas mulheres que me amavam e respeitavam. Só então podia ir para casa e agir como se tudo estivesse ótimo. Era autodestrutivo. Era exaustivo. Não podia durar muito tempo.

Depois do confronto, passei um bom tempo sem encontrar Bill. Mindy falava com ele por telefone. Eu e ela estreitamos nossa aliança, mas suspeitei de que Bill ainda desse as cartas. Nesse meio-tempo, comecei a procurar pessoas que pudessem me dar retorno sobre produção para a televisão e me ensinar como tornar o programa viável. Uma bênção inesperada veio na forma de um bilhete enviado por um produtor do Discovery Channel. Oferecia ajuda e pedia que eu telefonasse para ele. Liguei e ele se tornou meu anjo secreto. Conteí que estava amedrontada e exausta. Lembro-me de ter dito que me sentia condenada ao fracasso por não saber como fazer televisão. Sua resposta foi o balde de água fria de que eu precisava:

– Você não precisa saber como fazer televisão.

Para isso existem os produtores. Você só precisa saber como ser a Iyanla.

Essas eram as palavras que eu tinha de ouvir. Eu transformara meu programa de TV numa réplica do meu ambiente familiar, onde eu achava que cabia a mim fazer tudo o que os outros queriam: agradar, evitar confrontos e manter todo o mundo feliz. Este é um desafio que todos enfrentamos na vida: nos tornarmos conscientes de que entramos no padrão da nossa patologia, em vez de estarmos encarando os problemas e as pessoas. De alguma forma, eu deixara que Bill Geddie se tornasse meu pai e todos os homens da minha vida, assim como a equipe representava as mulheres que me criaram. Ao tentar ser apresentadora de televisão, me esqueci de ser eu mesma: uma profissional forte, perspicaz, compassiva, espiritualizada, perita nos princípios espirituais e nas leis do universo. E, por não me dar conta disso, virei prisioneira do padrão, em vez de lutar pelo meu propósito:

conduzir as pessoas pelo caminho espiritual. Não fazia parte do meu objetivo de vida operar transformações físicas e colocar amêndoas de molho em cadeia nacional!

Steve e eu vínhamos trabalhando com afinco para que o foco desejado para o programa se tornasse mais claro, a fim de que eu pudesse compartilhá-lo com as pessoas no comando: sem sua aprovação, seria forçada a recuar. Durante o intervalo do feriado, comecei a colocar no papel minha visão para o programa. O plano era entregar uma cópia a todos os executivos no final da temporada e deixá-los saber que, a não ser que pudéssemos entrar em acordo, eu não continuaria. Nesse meio-tempo, Mindy era a minha única aliada. Acabamos nos tornando cada vez mais próximas, ambas com o objetivo de consolidar o direcionamento.

Meu primeiro embate com Mindy aconteceu quando ela tentou me convencer a incluir um

quadro no qual se ensinava a remover manchas de ovos de um chão de linóleo. Recusei-me. Ela disse que sua reputação estava em jogo, porque usara seus contatos para conseguir a presença do especialista em limpeza no programa. Eu rebati, dizendo que meu nome e minha reputação é que estavam em jogo. O segundo embate ocorreu quando um produtor fechou com dois convidados, autores de um livro baseado no *Enquanto o amor não vem*. Ambos de 23 anos. No teleprompter apareceu uma pergunta que eu deveria fazer sobre o motivo de as mulheres permanecerem em relacionamentos nocivos. Conforme lia a pergunta, tive uma iluminação, ali mesmo diante dos convidados e do público. E me vi dizendo:

Por que Iyanla Vanzant está perguntando a essas duas pessoas algo sobre o qual vem escrevendo há uns quinze anos? Por que estou perguntando coisas cujas respostas conheço? Já escrevi as respostas a essas perguntas.

As palavras saíram antes que eu notasse. Os convidados ficaram chocados e eu, horrorizada. Mas não pelo que dissera, e sim por ter percebido, naquele exato momento, quanto me afastara de minha identidade. Que eu treinara aquelas pessoas para manipular minha fragilidade, simplesmente por não me achar boa o suficiente, em vez de honrar minhas forças espirituais intuitivas. Consertei a situação e dei andamento ao programa. Depois disse a Mindy que só entrevistaria quem tivesse publicado pelo menos metade dos livros que eu publicara ou que fosse especialista em assuntos sobre os quais eu nunca escrevera. Ela se mostrou resistente à sugestão.

Naquela tarde, Mindy e eu tivemos um diálogo longo e muito choroso. Foi uma conversa esclarecedora. Ela revelou as negociações que fizera à minha revelia. Mindy disse que não sabia por que estava se sentindo tão mal. Eu sabia: nós duas tínhamos plena consciência de que o fim se

aproximava. Ela realmente acreditava no programa e queria que desse certo. Garanti que se a sobrevivência do programa *Iyanla* fizesse parte dos desígnios de Deus, isso aconteceria. Assumi a responsabilidade por toda aquela confusão. Eu abandonara por muito tempo meu poder e minha voz. Entrara num processo do qual não me orgulhava. Treinara pessoas para acreditar que eu aceitaria qualquer coisa para aparecer na televisão. Pedi que me perdoasse e lhe garanti que nós duas ficaríamos bem se o programa terminasse. Dois dias depois me foi dada a chance de honrar essas palavras.

A primeira temporada de *Iyanla* chegava ao fim quando entreguei minha proposta por escrito aos executivos. Pedi uma reunião para discuti-la. Nunca veio uma resposta. Em vez disso, recebemos uma avalanche de e-mails de espectadores reclamando porque o programa não passava mais em Los Angeles. Ninguém no

escritório, incluindo Mindy, tinha conhecimento disso. Quando liguei para o escritório de Los Angeles, a executiva alegou que tentava descobrir o que estava acontecendo. Los Angeles era um dos nossos maiores mercados e sem ele não havia como o programa sobreviver.

No dia seguinte, recebi um telefonema informando que haveria uma conferência por telefone com todos os executivos, incluindo a Sra. Walters. A sábia guerreira que havia em mim estava calma. Ela sabia que minha vida e meu sentido de valor e autoestima eram mais importantes do que um programa de TV. Ao mesmo tempo, a menininha histérica dentro de mim achava que as pessoas estavam zangadas e que ela acabaria metida numa baita confusão. Estava muito chateada porque, mais uma vez, fracassara em obter a aprovação do papai. Iyanla, a mulher, mãe e esposa, voltou para o apartamento e começou a arrumar as malas. Essa Iyanla tentava entender o

que acontecera, por que acontecera e como lidaria com a situação. Afinal, reunira força suficiente para examinar as peças do quebra-cabeça, consciente de que daria um jeito de todas se encaixarem.

A ligação foi breve. A rede cancelou o programa. Lamentavam, mas os índices de audiência não justificavam a continuação... Lutaram para mantê-lo no ar, mas... E lá se foi blá-blá-blá.

Expressei minha gratidão pela oportunidade. Depois, pedi licença para conversar com a equipe. A nova programação já tinha sido definida. Isso significava que toda a minha equipe, os técnicos e os produtores poderiam ficar desempregados por uma temporada inteira. Atravessei a rua e fui procurar Mindy no escritório da produção. Ao chegar, ela e Bill Geddie conversavam com todos os produtores e a equipe na sala de reuniões. Enquanto eu ficara presa ao telefone, eles tinham

contado tudo o que acontecera. Dei uma olhada de esguelha, virei as costas e atravessei a rua para informar a equipe técnica. Os que ainda estavam lá também já sabiam.

Quando telefonei para Steve, ele não se mostrou surpreso.

– Sempre soubemos que havia a possibilidade de não comprarem sua proposta. Não se preocupe com a resposta à sua solicitação. Agora, você pode trabalhar sua visão de mundo para que ela dê vida, em vez de roubar sua vida. Você vai ficar bem?

Eu não tinha certeza de que voltaria a ficar bem, mas obviamente respondi que sim. Primeiro Oprah, agora isso. Será que eu era a única pessoa a ser dispensada de dois programas de televisão num período de dois anos? Não sabia o que sentir e tinha a impressão de que a sábia guerreira também abandonara o prédio. Na sua ausência, conscientemente resolvi mergulhar na apatia.

Antes que pudesse arrumar o quebra-cabeça, a patologia atacou.

Terminamos a semana de gravações. Depois que as câmeras foram desligadas e deixei o estúdio pela última vez, nunca mais vi nem ouvi falar de Mindy ou de Bill. A Sra. Walters ligou para minha casa naquela noite. O que me disse foi bastante revelador. Ela lamentava o que tinha acontecido, sobretudo porque, como tudo corraera tão bem quando eu trabalhava com Oprah, ela se sentia mal por ter ido tudo por água abaixo.

– Foi minha escolha e, sinceramente, sou grata pela oportunidade que me deram.

Elogiou meu talento e meus dons, mas admitiu que nunca tinha querido fazer o programa *Iyanla*. No entanto, Bill insistira, e parecera tão interessado no *Iyanla*, que, como sua sócia, ela tinha achado que era sua obrigação apoiá-lo.

Continuou afirmando que eu realmente deveria ter meu próprio programa de TV. Mas acreditava

que eu deveria estar em um lugar onde pudesse ser a verdadeira *Iyanla*.

– Bem, tenho certeza de que, se é disso que preciso, conseguirei, um dia.

Olhei para o vazio. De repente, as peças que faltavam no quebra-cabeça se encaixaram. A patologia familiar voltara. Aquele programa *Iyanla* não tinha nada a ver comigo nem com minha visão do mundo.

Então, recordei as palavras de despedida da Sra. Walters:

– Se eu puder ajudá-la, *Iyanla*, prometa me ligar. Promete?

– Prometo, mas a senhora promete que atenderá ao telefone?

– Sempre que você chamar. Prometo.

Com isso, encerrei minha relação com a Buena Vista, a Disney Television e a Barwall Productions. Percebi que o programa *Iyanla* não tinha sido feito para durar. Não passara de uma

experiência de aprendizado. Acabava de receber dez milhões de dólares para um treinamento sobre a arte da hipocrisia na televisão e o poder da patologia de minha família de origem. Tive que rir. Mickey Mouse me pagara dez milhões de dólares para me ensinar uma convincente lição. Algo de bom deveria vir disso tudo. Só podia. O problema era que eu precisaria prestar mais atenção na pessoa que eu era e ao que desejava criar para a minha vida.

AQUIETE-SE E TENHA FÉ

*Dobro os joelhos diante do Pai
para pedir a
Ele que conceda, segundo a
riqueza
de Sua glória, força interior
pelo seu Espírito.
– Efésios 3,16*

Gemma e vários outros integrantes da equipe da Inner Visions foram a Nova York ajudar a retirar as coisas do meu escritório e do meu apartamento. Por um lado, fiquei grata por ir embora do que sempre considerei um inferno; por outro, me senti um absoluto fracasso. Por um lado,

fiquei feliz em voltar para minha casa em Maryland, onde era amada e respeitada simplesmente por ser quem era. Por outro, voltei para enfrentar um casamento falido e um pagamento de trinta mil dólares à Receita Federal todo dia primeiro do mês. E desempregada. Meu estilo de vida sofreria uma transformação radical e eu não fazia a mínima ideia de como seria nem de como me sentiria. Só me restava orar para que, quando ocorresse, eu estivesse pronta e fosse capaz de suportar as mudanças.

Era hora de pensar em como dar uma guinada em minha carreira e colocar minha vida de volta nos trilhos. O problema é que eu estava física, emocional e mentalmente esgotada. Entre deixar o *Oprah*, fazer o tour para promover o CD e começar e deixar o *Iyanla*, eu tivera três ou quatro noites bem-dormidas. Vivia movida a adrenalina e medo. Fazia uma refeição a cada dois ou três dias e ganhava de dois a três quilos por mês. Achava-

me feia, gorda e estava solitária. Gemmia sabia disso. Ela se tornou meu colo reconfortante, a voz da razão e minha tábua de salvação. Não era de estranhar o ciúme do meu marido. Fazíamos tudo juntas e ela sabia mais de meus negócios que ele.

Steve e Ken Kizer, meu treinador de respiração, tentavam me ajudar a sobreviver ao labirinto de emoções que eu buscava evitar e no qual sufocava. Tanta coisa acontecera tão rápido, que eu não conseguia expressar meus sentimentos. Quando eu e Gemmia conversávamos sobre todos os acontecimentos, nós nos aborrecíamos, e eu me calava, buscando manter a sanidade. Seu primeiro pensamento foi *que se danem*. Recriaríamos o programa em outro canal. Afirmei que não sabia ao certo se tinha sido talhada para a televisão. Concordamos em que era hora de voltar a nos concentrar no desenvolvimento da Inner Visions.

Infelizmente, os negócios iam mal. As solicitações para palestras se tornavam cada vez

mais escassas. Além disso, como eu não aparecia mais na TV, o preço cobrado era mais baixo. Alguns meses após o encerramento do programa, precisei demitir funcionários. Vários se recusaram a partir – aceitavam receber metade do salário ou até mesmo trabalhar de graça. Quando demiti dez, perdi apenas três. Quando demiti outros sete, perdi apenas dois. Os que podiam, ficavam. Os que não podiam, acabavam se tornando nossos maravilhosos voluntários.

Um dia, Gemmia teve uma ideia genial: ela se lembrou de quanto eu fizera outras pessoas ganhar. Editoras ou redes de televisão, todos com quem trabalhei, ganharam dinheiro às minhas custas. Ela queria que eu pensasse em como direcionar minha energia para ganhar dinheiro para mim; queria que eu compreendesse meu valor e merecimento. Por que, minha filha me perguntou, eu achava que precisava de alguém que me apoiasse, promovesse e pagasse? Eu era autônoma, e precisava fazer com

que meu nome e meu talento trabalhassem a meu favor. Gemmia disse que eu precisava fazer uma entrevista de emprego na “Deus Ltda.” e deixar que esse fosse o foco do meu trabalho.

Ela tinha toda razão. Eu ainda era dominada pela mentalidade da mãe que recebia auxílio da Previdência Social e acreditava que alguém tivesse de preencher um cheque em seu nome. Mas aprendera que os executivos só gastam dinheiro quando têm certeza de que irão ganhar mais dinheiro. Se a editora e a rede de televisão se mostravam dispostas a me pagar um milhão de dólares, isso significava que deviam embolsar dois ou três milhões. Não fazia ideia de quanto ganhavam, mas sabia que não era por gostar de mim que me pagavam. Era um investimento. E num produto valioso: *eu!* Por que tinha sido tão difícil aceitar isso?

Levei a questão para Ken e Steve. Ambos usaram palavras diferentes para explicar a mesma

coisa: que em algum lugar, durante a jornada da minha vida, eu me desvalorizara para ser aceita. Ken disse que eu apanhara tanto por ser quem era, que decidira ser “menos” para me manter a salvo. Eu me sentia culpada por ser forte, inteligente e lúcida, o que enlouquecia os adultos da minha vida. Eu precisava representar o papel de incapaz, confusa e dependente, pois aprendera que, se eu não fosse assim, poderia sair machucada.

Steve disse o mesmo de forma diferente. Para ele, aprendi a não gostar de mim porque as pessoas ao meu redor, por alguma razão, também não gostavam. Aceitara tudo o que disseram a meu respeito, além do que eu mesma inventara, em resposta ao que ouvira. Nada do que me fora dito no correr da vida jamais confirmou meu poder. A isso devem ser acrescentados racismo, a violência do abuso suportado e o número de separações e perdas experimentadas. Era surpreendente que eu ainda conseguisse amarrar meus sapatos e soletrar

meu nome. Segundo Steve, eu era um legítimo milagre e Deus me criara para uma missão muito especial. Eu precisava aprender a me amar, a fazer escolhas que me valorizassem e a aceitar minha verdadeira identidade. Nossa, como foi bom ouvir isso! E a sábia mulher dentro de mim me disse que, se eu já não estivesse dando pequenos passos nessa direção, ainda estaria na TV Mickey Mouse.

– Por onde vai começar, Iyanla? – perguntou Steve.

– Bem, é claro que devo começar. Mas já fiz isso antes. Explorei as profundezas da mente, do coração e da alma e cheguei até aqui.

– Sempre há mais coisas a fazer, Iyanla. Sempre há mais.

Eu já tinha realizado um bocado de trabalho interno e estudado quase tudo o que os mestres tinham a ensinar. Mesmo assim *eu chegara ao meu limite*. Achava que sabia muito, e, de certo modo, sabia mesmo.

Mas precisei lembrar a mim mesma que talvez não saibamos de verdade aquilo que não conseguimos concretizar. Uma coisa eu aprendera: todo o tempo em que estivera envolvida na batalha da minha infância ou na busca da aceitação de meu pai e da aprovação dos meus maridos, eu perdera a verdadeira presença do “Pai” em minha vida. Ken, Steve, meu amigo produtor e vários outros homens entraram na minha existência para me dar o apoio, a orientação e a proteção a que eu tanto ansiava. Apesar disso, eu estava tão ocupada procurando tudo isso em outro lugar, que tinha ignorado que o que buscava sempre estivera ao meu alcance. Tive amigos fantásticos que me amaram incondicionalmente, e não tive de dormir com eles para conseguir seu apoio ou sua aprovação.

Com essa verdade, veio a consciência de que eu abandonara meu centro espiritual. Deixei pelo caminho muito de mim mesma *fazendo* coisas, em

vez de *sendo* eu mesma. Em termos emocionais, adquirira o vício de me aterrorizar e me maltratar com meus próprios pensamentos. Não era preciso que ninguém me fizesse mal. Eu mesma me prejudicava de toda forma possível, ao duvidar do meu poder. Era a patologia da minha infância, e de tal forma entranhada nas fibras do meu ser, que eu já não reconhecia meus pensamentos e comportamentos habituais.

Nada disso me impediu de realizar um grande trabalho mundo afora. Conhecia os princípios e as leis espirituais que dão sentido à vida. Mesmo quando não os praticava de modo constante, ensiná-los e compartilhá-los com outras pessoas reforçava seu extraordinário valor. A questão era: o que me impedia de praticá-los na minha vida, todos os dias? Quer saber a verdade? *A preguiça espiritual tinha tomado conta de mim.* Por conhecer os princípios em termos intelectuais, eu fingia que poderia retroceder e fracassar na minha

prática espiritual diária. O que eu era capaz de admitir para mim mesma era que, quando estamos incumbidos de guiar os outros, devemos permanecer puros e cristalinos. Isso significa que Deus iluminará nossa paisagem interior para mostrar o que andou escondido da nossa vista. O objetivo não é nos castigar. Trata-se de aperfeiçoar nosso autoconhecimento. Nada acontece fora de nós que não se passe em nosso interior. Assim opera a lei de causa e efeito.

Gemmia também acreditava nisso. Durante dias, nós duas discutimos como havíamos abandonado nossa prática. Juramos entrar nos trilhos. Para ela, isso significava organizar melhor seu tempo. Para mim, queria dizer limpar, ou talvez purificar, minha casa interna.

Durante 24 horas, mente e corpo precisam comer, trabalhar, descansar e se divertir. Entretanto, em nossas vidas aceleradas, vivemos correndo contra o tempo. Pegamos emprestadas as

horas de um dia e as empurramos para o próximo. Alguns dias, trabalhamos horas a fio e não descansamos o suficiente. Em outros, comemos mais que o necessário e não nos divertimos o bastante. Na maioria das vezes, trabalhamos e comemos e nos esquecemos do descanso e da diversão. Depois de décadas agindo assim, a mente e o corpo ficam confusos e deixam de funcionar em sua capacidade máxima. Esses desequilíbrios resultam em “des-compasso”: colapso mental, emocional e físico. Acho que isso também ocorre com o coração.

O que as pessoas normalmente chamam de estresse, acredito ser a revolta do coração, que só suporta determinada quantidade de dor, desilusão e aborrecimento. Ele comunica à mente: *Ei! É melhor relaxar, ou então...* Havia anos meu coração vinha alertando minha mente, mas por algum motivo ela simplesmente não lhe dava a mínima. Eu me treinara para escalar a montanha, e

não para tomar o elevador. Tudo só tinha valor se eu sofresse. Durante muito tempo eu desejara ser espancada e humilhada sem perder o sorriso. Se a mente e o coração são os alicerces sobre os quais sustentamos as experiências de nossas vidas, meus alicerces desmoronavam e eu precisava tomar uma providência.

A mulher sábia retomara seu posto. Ela me lembrou de todas as coisas que eu já sabia e me encorajou a colocá-las em prática. Ao mesmo tempo, reconheci que se erguia dentro de mim a guerreira. Ela não tentava lutar, porque isso cabe aos soldados. Guerreiros têm outro grau de honra para preservar. A guerreira estava preparada para batalhar tanto do lado de dentro quanto do lado de fora para salvar o reino. O reino era constituído por minha mente e meu coração. O trabalho principal da guerreira era proteger minha alma.

Voltando para casa, no carro, experimentei pela primeira vez a mulher guerreira dentro de mim.

Liguei para meu marido.

– Alô – disse ele.

– Você ainda me ama?

– Uau! De onde surgiu isso?

– Você ainda me ama?

– Amo sim.

– Você quer salvar nosso casamento?

– Quero, mas não sei como.

– Você precisa saber como salvá-lo? Ou está disposto a fazer tudo o que for preciso?

– Quero salvar nosso casamento e estou disposto a tudo o que for preciso. Você ainda me ama?

– Claro. Você foi o primeiro homem que amei, e quero salvar nosso casamento.

Choramos. Eu soluçava tanto, que fui forçada a parar no acostamento. Seu pranto vinha de um lugar nele que eu desconhecia. Pela primeira vez em muito tempo, eu vivia um momento de intimidade com meu marido. Foi ao mesmo tempo

formidável e assustador.

- Quando vai voltar para casa? – perguntou ele.
- Estou a caminho.
- Estarei à sua espera.

Sabendo, como eu sabia, que chegara ao meu limite, compreendi que não iria adiante sozinha. A mulher sábia falou: *“Iyanla, sua intuição a trouxe aqui.”* Esperei. Orei. O que eu precisava fazer foi sussurrado em meu coração.

Sentada no carro, em pleno acostamento, enxugando o nariz com a barra da saia, liguei para uma amiga, uma irmã, que era pastora de uma igreja em Washington, juntamente com o marido, também pastor. Contei que passava por um momento delicado e que meu casamento estava em crise. Perguntei se ela e o marido gostariam de aconselhar-nos, a mim e ao meu marido, e nos ensinar a viver juntos. Ela respondeu que falaria com o marido e retornaria a ligação. Pedi que orasse comigo, e ela o fez.

A ligação seguinte foi para Ken, em Richmond. Perguntei se ele gostaria de trabalhar comigo e com meu marido para que pudéssemos resolver os problemas que estavam atrapalhando nosso casamento. No seu estilo típico, Ken respondeu:

– Cacete! Vamos chutar uns traseiros iluminados! Pode vir, meu docinho!

Nos quinze minutos seguintes, permaneci sentada, absolutamente imóvel. Fui levada de volta à realidade pelo som do telefone. Era a mulher do pastor.

– Combinado. Que tal às quartas-feiras? Qual o melhor horário para vocês?

Voltei a chorar. Pus o carro em movimento e me dirigi para casa. Queria muito ligar para Gemmia, mas sabia que não poderia. Não estava certa de que ela concordaria com o que eu me dispunha a fazer, porque também vinha enfrentando problemas com Jimmy.

Gemmia teve o mesmo namorado durante toda a

vida. Tinha 15 anos quando o conheceu e 30 quando o largou. Sua separação coincidiu com meu afastamento do programa *Iyanla*. Como em quase tudo, Gemmia não alardeava seus desafios. Confessou que estava farta dele e de suas mentiras. Que mentiras? Isso ela não contava. Eu percebia sua tristeza, mas, assim como eu, minha filha sabia esconder as emoções. Assim como eu, ela se recusava a deixar que algo a abalasse. Mantinha muitos detalhes em segredo. Anotava no diário os sentimentos despertados por tudo de bom ou de ruim que lhe acontecesse, preservando sua privacidade.

A maioria das pessoas considerava Gemmia quieta e tímida. Tímida não era. Quieta, não sei ao certo. Entretanto, ela escolhia as palavras com muito cuidado. Era observadora e tinha a sabedoria de uma pessoa bem mais velha. Uma sabedoria que me salvara muito mais vezes do que sou capaz de lembrar. Gemmia era pé no chão,

centrada, como tantas vezes sonhei em ser. Sempre afirmou que queria ser como *eu*, pura e dona de um propósito espiritual. Entretanto, em sua presença, eu me sentia a aluna.

O que Gemmia possuía – e eu não – era uma eficiente válvula de desligar. Quando terminava, terminava mesmo. No mesmo dia em que confrontei Bill Geddie na Buena Vista, ela soube que precisava tomar uma decisão sobre a vida dela. Se sua mãe podia fazer uma escolha daquelas para defender as próprias crenças, tendo arriscado tudo por que tinha trabalhado, pensou Gemmia, com certeza ela poderia dizer a um mero homem que decidira não tolerar mais seu mau comportamento.

Eu não fazia ideia de que tivesse inspirado minha filha adulta. Sabia que ela me amava e respeitava profundamente. No entanto, pensar que meu comportamento pudesse infundir-lhe coragem, estímulo e apoio era algo que eu nunca imaginara.

Na verdade, brincávamos dizendo que ela era a mãe e eu era a filha. Gemmia me ensinou muito sobre mim, sobre a vida e sobre ter total consciência do próprio eu.

Gemmia entendia de moda como poucos. Certa vez, disse que eu parecia ter estacionado nos anos 1960, me levou à Bloomingdale's e me ensinou a me vestir. Admito que as roupas que escolheu me deixaram com uma aparência dez anos mais jovem.

Eu a ensinei a cozinhar. A partir do básico, ela atingiu novos patamares. Eu a ensinei a fritar galinha. Ela me ensinou a congelá-la. Eu a ensinei a preparar bolos. Ela inventava um sabor diferente e novos formatos. Enquanto eu aprimorava o básico, Gemmia ousava, experimentava outros temperos e ervas e dava a seus pratos mais sofisticação e imponência. A cobertura de mel no peru e o recheio de maçã do pão de milho foram as provas de que ela estava pronta para assumir a comemoração do dia de Ação de Graças, cujo

jantar foi transferido para sua casa quando ela completou 29 anos. Mas eu mantive o privilégio de me encarregar do Natal, sua festa favorita. Para Gemmia, a arrumação da árvore na véspera, o embrulhar dos presentes até altas horas da madrugada, enquanto me via cozinhar, enchia nosso Natal de alegria, era um momento mágico. Gemmia sabia que de tantas coisas que eu não sabia... Costumava observar como ela se comportava com gente zangada e irritada: tinha sempre um sorriso nos lábios. Era especialista em lidar com as pessoas. Pouquíssimas vezes respondeu a uma reclamação sem sorrir. Alguém me disse que, quando falava com ela, tinha a impressão de que suas palavras estivessem sorrindo.

Gemmia também era uma excelente mãe – bem melhor do que eu sonhara ser. Era paciente e carinhosa com Niamoja, sua princesa. Fazia questão de que ela e a filha tivessem dias

dedicados a fazer coisas especiais. As terças eram consagradas a preparar bolos. Sexta-feira, quando Gemmia não estava trabalhando ou viajando comigo, era dia de cinema. Faziam pipoca e deitavam no chão da sala de estar diante da televisão. Também iam a teatros e a museus. De vez em quando, me convidavam a acompanhá-las.

Um dia, perguntei onde aprendera a ser tão boa mãe. Sem pestanejar, ela respondeu:

– Só tive uma. Onde acha que aprendi? Você só pensa no que fez de errado, mas estou viva graças aos seus acertos.

Deixei o aposento e chorei.

Se me perguntassem, eu diria que não ensinei a minhas filhas nada de bom sobre relacionamentos. Com jeitinho, Gemmia discordava. De vez em quando ela me lembrava de algum comentário meu sobre os homens ou de alguma atitude que eu tomara em meus relacionamentos que lhes ensinaram importantes lições. Eu gostaria de ser

perfeita. Gemmia aceitava o fato de eu ser humana. Segundo ela, tinha aprendido um bocado com minha humanidade.

Gemmia me contou que sabia quanto o fato de enfrentar Bill Geddie tinha sido um passo importante para a minha independência – não dos homens ou da dominação, mas do medo. Do medo de perder algo, do medo de que ele fosse me magoar, do medo de não conseguir viver sem ele. Disse que esses também eram os medos que ela sentia. Os medos que enfrentava num relacionamento com o único homem com quem tivera intimidade. Ela o amava e sabia que o modo como ele se comportava a mantinha aprisionada. Quando eu a pressionei para obter detalhes, ela me deu aquela olhada típica e mudou o assunto.

Gemmia, minha filha, mãe, professora e melhor amiga, abriu meus olhos, coração e mente como poucas pessoas o conseguiram. Era estranho saber que eu e minha filha tínhamos chegado ao mesmo

ponto em nossos relacionamentos com os homens. E que eu não sabia como orientá-la – nem a mim, em relação ao próximo estágio.

V

Ao chegar a minha casa, encontrei Eden sentado numa das duas cadeiras de balanço em nosso quarto, diante da lareira. Ao entrar, me dei conta de que raras foram as ocasiões em que nos sentamos ali juntos. Pela primeira vez em muito tempo, meu marido me abraçou. Não era um abraço do tipo “quero fazer amor”, nem do “vamos acabar logo com isso”. Era um abraço profundo e sincero de “estamos juntos nessa”, que fez meus joelhos estremecerem. O modo como me abraçou, acariciou e me acalentou fez nascer em mim esperança e um pouco de excitação. Quando nos afastamos, ele disse que tinha passado o dia pensando em nós dois.

Eu lhe contei da minha crise no acostamento da estrada e de como o Espírito Santo me orientara sobre a atitude certa a tomar. Antes que pudesse contar o plano, ele disse que o Espírito Santo também falara com ele. Por um segundo, vacilei entre falar e deixá-lo assumir o comando. Ao me lembrar de como ele acabara de me abraçar, decidi ouvi-lo.

– Preciso ir embora, Iyanla. Preciso ir em busca da minha visão, dar um rumo à minha vida, voltar a cortejá-la e recomeçar esse casamento do zero.

Que diabos você está falando?, pensei.

– Ando ressentido por não contribuir para o nosso casamento. Não estou conseguindo me manter sozinho. Se vamos continuar casados, preciso ser capaz de me manter.

Isso não me parece nada bom! Outro pensamento que não expressei em voz alta.

– Sinto que o Espírito Santo me orienta para dar um tempo, organizar minha vida. Só então

poderemos ter uma vida em comum.

Resolvi romper o silêncio.

– Em que entidade espiritual você está se apoiando para guiá-lo?

– O que quer dizer?

– Quero dizer que quando você recebe orientação do Espírito Santo, precisa se certificar de que o que esteja ouvindo venha do Espírito Santo, e não de algum espírito passando a caminho do McDonald's.

– Não estou entendendo.

– O que estou perguntando é se existe um critério que garanta que a mensagem ouvida foi uma orientação divina.

Ele ficou na defensiva:

– Você não é a única com quem o Espírito fala, sabia?

– Não estou duvidando de você, mas sei que quando o Espírito Santo opera, tudo o que nos é transmitido envolve alinhamento e o que você está

dizendo não bate com a mensagem que eu recebi. Isso me deixa desconfiada.

– Bem, o que lhe disseram? – Seria uma disputa.

– Não estou negando o que você ouviu; digo apenas que não combina com o que recebi e com o que me foi confirmado.

– Então diga o que ouviu.

Compartilhei com ele o plano de uma terapia com o pastor e a esposa e o trabalho de respiração com Ken.

– Não sou da mesma opinião e preciso do seu apoio. Não se trata apenas de você. Trata-se do que preciso fazer por mim, para então fazer o que é melhor para nós. Você sempre fala em encontrar a visão. Bem, faz tempo que eu não tenho uma. Preciso ser capaz de olhar para você e saber que no nosso relacionamento estamos em pé de igualdade. No exato momento, não é isso que sinto.

Pronunciou mais algumas palavras que não consegui escutar, de tão ocupada em ouvir meu

coração ecoando em meus ouvidos. Então era isso! O fim chegara. Como não ouvi a próxima pergunta que ele me fez, não disse nada.

– Está vendo como você não presta atenção em mim e nos meus sentimentos?

– Perdoe-me, estava tentando ouvir.

– Então o que está ouvindo? – Ele sabia de uma frequência que eu podia sintonizar para obter informações quando precisava.

– O que estou ouvindo é que, se você deixar esta casa, nunca mais voltará.

– Não acredito! Acredito que essa seja a atitude a tomar para salvar nosso casamento. Preciso encontrar minha visão. Preciso cortejá-la, namorá-la de novo. Eu vou voltar.

Ele levava a sério o que dizia. Não havia nada que eu pudesse fazer para convencê-lo a mudar de ideia. No entanto, decidi jogar a última cartada:

– Você está propondo a separação. Isso não é de Deus. Deus é união. Deus é prosseguir na

caminhada e derrubar os obstáculos. Não precisamos de ajuda para nos amarmos. Precisamos de ajuda para aprendermos a viver juntos. É isso que o pastor e a mulher podem nos ensinar. É o que Deus propõe que aprendamos.

– Não acredito no que você está dizendo. Estou pedindo que confie em mim.

Então mais uma orientação foi sussurrada em meus ouvidos.

Deixe que ele assuma as rédeas. Parecia o sussurro de um amigo muito querido. *Deixe que ele assuma as rédeas.*

Nesse momento, o telefone tocou. Era a mulher do pastor. Meu coração ficou apertado ao explicar-lhe que meu marido não desejava fazer a terapia. Prometeu-me que ela e o marido orariam por nós dois.

Passamos o restante do dia conversando e arrumando as malas. Ele não sabia para onde iria. Falamos sobre nossos erros e receios. De vez em

quando parávamos para enxugar as lágrimas. Ele primeiro. Depois eu. Ele chorava de medo de estar cometendo um erro. Eu, por saber que ele cometia um erro. Mas precisava apoiá-lo. Prometi esperar por ele, independentemente do tempo que demorasse. Ele pediu um ano – um ano para encontrar sua visão e voltar para mim.

Pedi que me perdoasse se, de algum jeito, eu tinha minado sua confiança. Reconheci minha frieza e minha mesquinha. Tentei explicar meus medos, que se multiplicaram depois de termos dormido juntos no chão do meu escritório. Eden denunciou todas as minhas demonstrações de indiferença por atos ou palavras. Depois, caiu em si e se calou.

Foi só quando ele começou a colocar as malas no carro que fiquei de fato abalada. Trinta e sete anos da minha vida amando aquele homem estavam prestes a terminar. Por estranho que pareça, enquanto eu desmoronava, ele parecia se

fortalecer. Parecia mais alto e centrado.

V

Durante os primeiros quatro meses de separação passamos mais tempo juntos do que quando dividíamos o mesmo teto. O clima parecia mais descontraído entre nós – a pressão relaxara. Não nos forçávamos mais a permanecer juntos. Em vez disso, optávamos por *estar* juntos. Conversávamos ao telefone várias vezes por dia. Saíamos para jantar. Passamos muitas noites íntimas juntos. Quando precisava que alguém tomasse conta do meu neto, ele se mostrava prestativo. E quando estava por perto, continuava a desempenhar suas tarefas domésticas: jogar o lixo fora, varrer as folhas e me ajudar nas compras de supermercado. Deixamos de ser marido e mulher e passamos a ser namorados.

Apenas os amigos mais próximos sabiam da

nossa temporária separação. A maioria se calou sobre o assunto. A maioria não incluía Gemmia. Quando lhe contei, ela apenas comentou:

– Já era hora.

Pedi desculpas, mas não estava sendo sincera. Achava que eu não deveria me preocupar, pensando como, quando ou se ele voltaria. No momento, deveria me preocupar com o fato de não ter um acordo pré-nupcial.

– Ele não quer nada. Jamais aceitaria qualquer coisa de mim.

– Claro que não; já pegou tudo o que podia.

– O que quer dizer? Ele não tirou nada de mim.

– Bem, se dignidade e respeito não importam para você, então ele não levou nada.

Depois da observação de Gemmia, passei mais noites do que gostaria sentada na beira da cama, esperando ver os faróis do carro de Eden iluminando a estrada. Levei cerca de nove meses para me acostumar à ideia de que ele não voltaria

para casa.

V

Diversas vezes ouvi dizer que uma separação é uma oportunidade de crescimento. O colapso do meu casamento levou à evolução da minha vida espiritual. Precisava orar para me concentrar. Precisava meditar para impedir que minha mente planejasse um assassinato. Precisava ler os mestres, os textos antigos, para compreender o que estava vivenciando. Meu espírito se fortalecia. Ótimo! Porque eu travava uma gigantesca batalha contra a minha carne. Não podia aceitar que o casamento ao qual tanto me dedicara tivesse chegado ao fim. Encontrei o sinal definitivo no último lugar que esperaria.

Nosso casamento era de verdade? Bem, talvez não. E, ao mesmo tempo, era tão bom quanto ou melhor do que qualquer casamento conhecido. Ele

não me batia. Geralmente eu sabia onde ele estava, e quando ficávamos sem brigar ele sempre se mostrava um cavalheiro. Eu podia confiar em que meu marido fosse cumprir com suas promessas. Infelizmente, isso não era muito. Mas afinal, foi o que aprendi a esperar de quase todos os homens da minha vida. E tinha certeza de que ele era um bom exemplo para meu neto. Engano meu.

Quando meu marido e eu nos casamos, Gemmia se ofereceu para criar Oluwa, meu neto. Quando lhe contei sobre a proposta de Gemmia, ele reagiu de imediato: “De jeito nenhum!” Oluwa ficaria conosco. Ele queria ter a oportunidade de fazer por meu neto o que não fizera pelos próprios filhos. Assim como nosso casamento, criar uma criança seria uma bênção, a oportunidade de uma segunda chance concedida por Deus. Eu tinha certeza de que meu marido amava Oluwa. Infelizmente, ele era tão antiquado em tantos aspectos, que seu amor era mais espartano do que

generoso.

Levava Oluwa a reuniões e encontros onde não havia outras crianças e esperava que ele ficasse sentado quietinho. Acontece que Oluwa não era uma criança sossegada. Meu marido se mostrava muito impaciente com as crianças modernas. Em sua irritação, socava as orelhas de Oluwa ou dava-lhe cascudos, o que meu neto detestava. Eu ficava dividida. Como queria que Oluwa fosse criado por uma figura paterna forte, poucas vezes interferia.

Quando estávamos sozinhos, eu sugeria um modo mais gentil de disciplinar Oluwa. Achei que dividíssemos a criação do menino e que então devêssemos discutir pontos de vista para chegarmos a um acordo. Ele me acusou de ter jogado Oluwa nas costas dele por não querer lidar com ele. Não era essa minha interpretação – nem a de meu neto.

Um dia Oluwa e eu passeávamos no shopping

quando ele anunciou:

– Yeye, vou encontrar um marido para você.

– Sêrio? – perguntei, demonstrando interesse. –

Por que você faria isso, se eu já tenho um marido?

– Baba não se comporta como se quisesse ser seu marido. Ele trata você mal e eu não gosto disso. Ele me trata mal também.

– Verdade? Achei que você adorasse ficar com ele. Por que acha que ele o trata mal?

Ele deu uma longa explicação sobre socos na orelha e cascudos na cabeça, reuniões demoradas e outras amolações.

– Mas ele sempre assistiu aos seus jogos de futebol.

– É, e depois parou de ir e nunca pediu desculpas.

– Oluwa, Baba ama você. Talvez fosse melhor contar para ele como se sente.

– Não, vou achar outro marido para você, um que trate você e a mim melhor do que ele.

Meu coração ficou apertado, mas isso foi antes de ele soltar a bomba.

– Você precisa de um marido que trate você como ele trata a Srta. Brenda.

– Quem é a Srta. Brenda?

– É amiga do Baba. Ela vai sempre ajudar ele no escritório. Ele fala bem carinhoso com ela e sempre sorri. Acho que ele gosta dela e por isso você precisa de outro marido.

Mal podia acreditar que Eden levasse meu neto quando saía com outra mulher. Não queria ouvir, mas Oluwa tinha mais a dizer:

– E sabe do que mais?

– Não, Oluwa. O que mais?

– Ele sempre compra almoço para ela. Nunca compra nada para você. Sabia que Baba nunca trouxe nada para você nem para mim?

– Isso não é verdade, Oluwa, ele já lhe deu presentes e sempre o leva para tomar café da manhã fora.

– Não leva nada. Só sai para comer porque você não está em casa para cozinhar. Se estivesse, ele não me levaria a lugar nenhum.

– Por que diz isso? Acho que ele te levaria para sair mesmo que eu estivesse em casa.

Ao ouvir isso, ele se deteve. Voltou o inocente rostinho de 10 anos para mim e disse com uma maturidade bem além de sua idade:

– Yeye, pensei que você fosse inteligente. Você vive ajudando as pessoas em todos os lugares. Gente que nem conhece gosta de você. Estou dizendo que Baba não gosta de você e que você precisa de outro marido.

Enquanto caminhávamos pelo shopping, expliquei que ele deveria conversar com Baba sobre seus sentimentos. Ele disse que não faria diferença, porque Baba nunca prestava atenção.

– Yeye, eu sou seu neto, não dele. Ele me aguenta, mas não gosta de mim. Você faz tudo para mim e para Baba. Se eu fosse esperar ele fazer

alguma coisa, estaria morto. Acredite em mim: eu estaria morto.

Imaginei a manchete: “Autora consagrada tem ataque de nervos em shopping.” Para não dar vexame, sugeri que comêssemos uma pizza. Na verdade, eu precisava me sentar.

Será que eu tinha um casamento? Por mais difícil que fosse admitir, não tinha. Era uma ligação de codependência. Um vício, talvez. Vício significa adotar conscientemente comportamentos destrutivos e negativos. Em muitas ocasiões, é descrito como obsessão ou compulsão. *Eu era obcecada por um casamento duradouro.* Tomei muitas atitudes compulsivas e impulsivas para tentar manter o casamento, inclusive ignorar todos os sinais de que ele não dera certo. Afinal, passaria o resto da vida tentando provar ser merecedora do amor daquele homem?

Poderia fazer por meu neto o que não podia fazer por mim: acabar com o padrão doentio de

expor crianças a relacionamentos problemáticos. Quando reencontrei meu marido, contei minha conversa com Oluwa. Ele achou engraçado. Perguntou por que eu dera ouvidos ao menino. Expliquei que seu comportamento era não apenas inadequado, mas também pouco íntegro. Ele reagiu perguntando quem era eu para falar de integridade. Reconheci a isca. Ele tentava me arrastar para o vale do que havia de errado com Iyanla e eu me recusei a abocanhá-la.

Em vez disso, pedi o divórcio.

Ele me perguntou se era isso que eu queria. Respondi que não, mas não via possibilidade de mudança. Ele deixou claro que eu é que precisava mudar. Tivemos uma discussão muito breve e muito sórdida, antes de ele se levantar e ir embora. Meu comportamento usual, de viciada, seria chamá-lo e me desculpar. Mas não naquele dia! Naquele dia, decidi manter a frieza. Recusei-me a me permitir querer alguém que demonstrava não me

querer.

V

A televisão se tornara meu novo amante. Além das minhas orações e reflexões antes de dormir, a televisão era o meio de entorpecer a mente, de exorcizar as imagens distorcidas do que ele andava fazendo ou deixando de fazer em seu apartamento ou em outro lugar. Na maioria das noites, tomava um demorado banho quente, usava um hidratante perfumado no corpo, vestia minha camisola de vovó, me enroscava na cama e deixava meu amante me cobrir de cores, sons e imagens. Assistia a filmes já vistos vinte ou trinta vezes, como se fossem novidade. *A cor púrpura* era uma das minhas preliminares favoritas. *O fugitivo*, outra. Infelizmente, o clímax não me deixava exausta nem querendo mais. Quando chegava ao fim, simplesmente chegava ao fim.

Nada de beijos. Nada de abraços. Nada de risadas debaixo das cobertas. Em vez disso, virava de lado e pegava o controle remoto. Em geral, caía no sono na terceira parte e acordava a tempo de ler os créditos.

Naquela noite de domingo em particular, não foi diferente. Nenhum dos meus filmes favoritos passava na TV, por isso procurei algo que me derrubasse rápido. Fui acordada com um peso incrível no peito. Meus olhos se abriram. Então me dei conta de que não conseguia me mover. Deitada de costas, presa à cama por algo ou alguém que eu podia sentir, mas não ver. *Ai, meu Deus! Alguém está assaltando minha casa! Devem ter me drogado!* Tentei ouvir algum barulho, mas só escutava o palpitar do meu coração. Tentei mexer as pernas. Meus braços estavam estirados ao lado do corpo. Imaginei que estavam amarrados, mas não havia cinto, corda, nada que eu pudesse sentir. *Talvez eu estivesse sofrendo um enfarte ou um*

AVC! Preciso alcançar o telefone. Esse pensamento me levou à descoberta de que também não podia mexer a cabeça. Esticando meu pescoço ao máximo, olhei a mesinha de cabeceira onde estava o telefone, ainda incapaz de mexer os braços. Vi o relógio. Meia-noite e quarenta e um. Minha mente voava. Meu coração ainda batia. Tentei respirar fundo para me acalmar. Voltei a sentir o peso: dessa vez pressionava com mais força meu peito, minha barriga, depois minhas pernas. Precisava mexer as mãos para pegar aquele telefone!

De repente minhas narinas foram invadidas pelo perfume de sândalo. O perfume que meu marido usava todos os dias. Estranho, a fragrância era reconfortante. Não sei o que estava acontecendo, mas tinha a ver com ele.

Então começou. Senti o calor de sua respiração em meu pescoço. Parecia que suas mãos ou as de alguém alisavam e acariciavam meu corpo. A

pressão aumentava e diminuía. Então ouvi uma voz de mulher. Ela gemia. Agora ele gemia. *O que está acontecendo? Estou tendo um sonho erótico?* Estiquei o pescoço de novo. Meia-noite e cinquenta e oito. As carícias e os gemidos começavam a se intensificar e podia jurar que a cama estivesse subindo e descendo de um jeito muito íntimo. Fechei os olhos, determinada a não morrer e a não sucumbir ao pânico.

Eu parecia flutuar, como se fosse uma viagem no tempo. Então as imagens começaram a inundar minha mente. Eu podia ver os dois se acariciando, se beijando, fazendo amor. Meu coração parou de bater, meu estômago se contraiu, despertando uma intensa onda de náusea. Independentemente de meus olhos estarem abertos ou fechados, as imagens não desapareciam. Tudo começou a fazer sentido. Ele estava em algum lugar, fazendo amor com outra mulher e, sem que houvesse uma explicação, eu tinha me conectado à energia deles.

Por mais nojento e desconcertante que fosse o pensamento, ter consciência disso me acalmou. Apesar de bizarro, pelo menos eu não estava morrendo.

Fiquei ali deitada pelo que me pareceu um século, examinando as horas de vez em quando: uma e sete; uma e quatorze; uma e trinta e seis. As imagens inundavam minha mente, passavam diante de mim como um filme na televisão. Afinal, a pressão sumiu. Minhas mãos se moveram e cobriram meus olhos. Meu corpo voltara a ser meu. Gritei e me virei de lado em posição fetal. As imagens pararam tão rápido quanto tinham começado. A náusea sumiu. Ainda podia detectar o perfume de sândalo pairando no ar. Olhei para o relógio. Uma hora e cinquenta e sete.

Trêmula e abalada, peguei o telefone. As mãos tremiam, mas não a ponto de me impedir de discar. Liguei para o celular dele. Nada. Antes de entrar a gravação, desliguei e voltei a ligar. Nada ainda.

Lágrimas jorravam de meus olhos. Em meio a gritos e gemidos, continuei discando o número. Lá pela décima ou décima primeira vez, decidi deixar um recado.

– Não sei onde você está, mas sei o que está fazendo. Eu senti. Eu vi. Pude sentir o seu cheiro e o dela em mim. Você precisa me telefonar.

Aguardei vários minutos, acreditando que ele ouviria o recado, torcendo para que acreditasse em minhas palavras. Droga. Nem eu acreditava no que acabara de dizer. O perfume de sândalo me provocou enjoo. Corri para o banheiro. Deveria vomitar ou tomar um banho para limpar essa sujeira? Decidi pelo banho e entrei no chuveiro ainda vestida. Pegando sabão, xampu e tudo ao meu alcance, desesperada, esfreguei meu corpo e a camisola. Apenas quando o cheiro de sândalo se transformou em lavanda, e depois em citronela, ousei rasgar a camisola, permitindo que caísse aos pedaços no chão. O som do chuveiro não foi

suficiente para abafar meus gritos. Ouvi Oluwa me chamando.

– Yeye, Yeye, o que foi?

O som de sua voz me fez retornar à realidade.

– Estou bem, meu amorzinho. Volte para a cama. Desculpe-me de ter acordado você. Mil desculpas.

– Não sabia do que na verdade me desculpava: se do que acabara de acontecer ou de ter feito tanto barulho, a ponto de acordar um menininho de 10 anos.

Ao sair do banho, fui até seu quarto. Ele voltara a dormir. Peguei o telefone. Dessa vez liguei para meu padrinho iorubá, Bale, no Panamá. Ele também não tinha conseguido dormir e atendeu ao terceiro toque. Com a maior calma possível, entre lágrimas e gemidos, contei minha experiência. Depois de pôr tudo para fora, ele me disse que tomasse um chá e depois lhe telefonasse novamente. Preparei um chá de camomila, sentei-me à mesa da cozinha e liguei de novo para o meu

padrinho.

Ele começou lamentando o que acontecera comigo. Bale também era padrinho e mentor espiritual de meu marido. Ele nos levava à África para que nos casássemos. Quando você se une espiritualmente a alguém através de um ritual, ele me disse, não pode mais se conduzir da maneira como escolher. Deve respeitar o que lhe foi dado. Lembrou-me de que meu marido e eu não tínhamos ido apenas a um juiz de paz. Tínhamos ido a uma vila antiga e nos unido num ritual sagrado, celebrado por pessoas que carregavam milhares de anos de tradição no DNA. Perguntou se eu sabia onde encontrar meu marido. Claro que eu não sabia. Pediu que eu voltasse a ligar e deixasse um recado avisando que ele deveria telefonar para o padrinho o mais rápido possível. Assim que desliguei, obedeci. Três dias depois, ainda sem notícias dele, voltei a ligar.

Percebi a hesitação em sua voz. Pediu notícias

de Oluwa. Perguntei se ele estava doido. Não tinha recebido meus recados? Permaneceu em silêncio. Perguntei o que estava acontecendo. Respondeu que não sabia o que eu queria que ele dissesse. Dei início a um discurso bombástico sobre a forma sagrada como tínhamos nos unido. Lembrei-lhe, como nosso padrinho me lembrara, que não éramos apenas casados. Eu era uma sacerdotisa e ele, um sacerdote. Se quisesse pôr fim ao nosso casamento ou convidar alguém a participar dele, era preciso agir da maneira correta. Precisava ligar para o nosso padrinho e obter instruções. Ele prometeu que o faria e depois ficou em silêncio. Bati com o telefone.

Os incidentes à noite continuaram, às vezes com mais intensidade, outras com menor. Passei a ter medo de ir para a cama. As noites insones deixavam marcas no meu rosto e no meu corpo. Duas semanas se passaram e ele ainda não fizera a ligação para o Panamá. A experiência era tão

estranha, que eu relutava em compartilhá-la com alguém. Como contar que você é capaz de sentir seu marido fazendo amor com outra mulher? Como explicar que não apenas podia sentir o cheiro, mas também ouvir e ver? Não dá. A solução é guardar o segredo, se perguntando se estava sendo possuída por uma entidade diabólica.

Rezava implorando por ajuda e libertação, mas nada. Às vezes, três ou quatro noites seguidas, eu era obrigada a ser uma intrusa na vida sexual de meu marido e de outra mulher. Quase todas as noites, eu me deitava com a Bíblia. Não ajudou.

Uma noite, desesperada, lembrei os métodos da Igreja do Novo Testamento. Nua, com o rosto voltado para o chão, prostrada, implorei a Deus, aos anjos, aos ancestrais, a todos os profetas e guardiões, que me livrassem daquilo que tomara conta do meu corpo e do meu quarto. Na Igreja do Novo Testamento, esse ritual é chamado de “invocar o sangue de Jesus”. Foi o que fiz.

Invoquei, confessei e me arrependi. Repeti tudo o que tinha aprendido sobre a soberana misericórdia de Deus. Deitei no chão orando, chorando, implorando, com a boca cheia de fiapos do tapete, até sentir o relaxamento em cada fibra do meu ser. Naquele momento, não me importei se era uma sacerdotisa iorubá, uma cristã, ou qualquer outra coisa. Simplesmente precisava de uma força superior, algo que me ajudasse a me livrar daquela experiência. E deu certo. Algo mudou. Levantei-me, vesti o pijama e fui para a cama. Pela primeira vez em semanas, dormi feito um bebê.

Demorei vários dias até voltar a sentir aquela energia negativa. Imediatamente, comecei a orar, pedindo a intervenção divina. Imediatamente, a energia sumiu. Por mais terrível que tenha sido suportar a experiência, ela me fez perceber e experimentar de modo mais intenso a presença de Deus. Minha fé aumentou. Abriu meu coração e minha mente. Permitiu que eu mergulhasse mais

fundo nos mistérios dos relacionamentos e do sexo. Ajudou-me a compreender a interconexão entre todos os elementos e pessoas. Também me levou ao tribunal para o divórcio.

Entrei com o pedido de divórcio alegando diferenças inconciliáveis e adultério. A sensação era de quase indiferença ao entregar os papéis à atendente. Ela carimbou o formulário e me dispensou. Foi só quando entrei no carro e me preparei para colocar a chave na ignição que desmoronei. Eu me sentia derrotada e totalmente depauperada. Parecia tão injusto. Mas afinal, tudo tem como objetivo o nosso crescimento. *Droga!*

Eu sabia que ele receberia os documentos em dois ou três dias e me perguntei o que faria, pensaria ou diria. Mas não tive notícias durante uma semana e quando Eden me ligou, não mencionou nada. Então lembrei. Eu deveria enviar-lhe uma cópia autenticada dos documentos e levar a notificação de entrega de volta ao

tribunal. Fantástico! Mais uma vez cabia a mim resolver tudo.

Entretanto, na manhã em que acordei planejando tomar as providências, recebi uma mensagem clara. *Aquiete-se. Deixe que ele tome as rédeas.* Só podia ser brincadeira. Deixar que ele tomasse as rédeas? Para quê? Para me conduzir às suas façanhas sexuais? Aonde mais me conduziria?

Então, como se projetadas numa tela de cinema que tivesse sido baixada diante de mim, vi as palavras dos Provérbios 3,5: “Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento.” Aquiete-se e tenha fé. *Ai, meu Deus!* Naquele momento entendi que o “ele” que devia tomar as rédeas não era Eden, mas Deus. Eu estava sendo inspirada para permitir que Deus tomasse as rédeas da minha vida. *Mas Eden falava em partir! Era o que Deus queria?* Fiquei em dúvida, porém decidi confiar. Não dei entrada no pedido. Talvez essa iniciativa devesse partir de

Eden. Talvez houvesse algo maior que eu pudesse ver ou saber. Independentemente do que estava acontecendo, confiaria e seguiria adiante.

Lembrei que possuía uma poderosa ferramenta para usar como apoio e cura: a Técnica de Libertação Emocional.

Não recordo quando nem como ouvi falar da TLE, mas lembro como ela me ajudou a manter a calma em algumas circunstâncias bastante difíceis. Apesar de essa técnica ter me ajudado de verdade e de a ter usado durante um tempo, acabei por deixá-la de lado, convencida de que não poderia ser ajudada por algo tão simples.

A maneira mais fácil de descrever a TLE é dizer que se trata de uma espécie de acupuntura sem agulhas. O método consiste em dar leves batidas com as pontas dos dedos em áreas específicas do corpo, enquanto certas afirmações são repetidas, a fim de desbloquear ou bloquear a energia de um trauma mental ou emocional. A essa

altura, mais que estressada, eu voltara a ser uma pessoa entorpecida, que era a única forma que eu conhecia de me proteger. No entanto, para seguir adiante, devia manter a mente clara e o coração aberto. Minha prática diária de batidinhas se tornou o bilhete de entrada para um lugar cujo caminho eu desconhecia.

ALMAS GÊMEAS

Deus Amado:
Por favor, ponha fim aos nãoos.
Todos os não posso, não devo,
não tenho.
Por favor, apague da minha
mente
os pensamentos de que não sou
boa o suficiente.
– do livro *Everyday I Pray* (Todos os dias
eu rezo)

Comecei a concentrar minha atenção na Inner Visions e no instituto de treinamento que tínhamos inaugurado. Precisava e queria escrever um livro.

Precisava porque meu contrato assim o exigia. Meu último livro, *Everyday I Pray*, chegara às livrarias duas semanas depois do 11 de Setembro e as vendas estavam fracas. Dois anos mais tarde, eu precisava voltar ao mundo editorial. Meu editor concordou, mas argumentou que os dois anos de ausência, combinados com as vendas escassas e com o fato de eu não aparecer mais na televisão, diminuía meu valor no mercado.

Ou seja, eu não valia mais o que me pagavam, foi o que entendi. Mas eles me garantiram que não era nada disso, que não se tratava do meu valor, mas dos meus leitores. Precisaria reconquistar meu público para gerar as vendas do passado. Senti-me insultada. Eles se mantiveram firmes.

Negociamos um valor decente para três livros, o que demonstrava que ainda depositavam fé em mim. Eu estava pronta para escrever e precisava do dinheiro. Sabia que tinha detalhes a acertar, se pretendia seguir em frente, livre dos erros

passados.

A primeira coisa que precisava acertar era minha saída da Harpo. Desde aquela época, aprendera muito sobre mim mesma e sobre o mundo da televisão e como acostumava ouvir histórias sobre o acontecido que me deixavam chocada, horrorizada e humilhada, desejei acertar os ponteiros com Oprah.

Então lhe escrevi uma carta que começava com um pedido de desculpas. Desculpei-me de não ter honrado a palavra dada a Gayle quando ela me pediu que eu não permitisse que outros canais de televisão me persuadissem a deixar a Harpo. Pedi desculpas por ter sido ingênua e por não ter revelado quem me fizera a proposta. Se eu tivesse dito a verdade, talvez ela pudesse ter me aconselhado. Conteí o que a Sra. Walters me dissera no dia em que o programa terminou. Pedi desculpas por ter sido usada como um fantoche e expliquei que estava em processo de me perdoar.

Garanti que não queria nada dela. Eu a considerava uma irmã a quem tinha ofendido e esperava apenas que ela me perdoasse. Não me importava se ela iria ou não responder à minha carta. Eu tinha consciência de que devia ser responsável por minhas atitudes, se realmente quisesse me livrar da culpa e da vergonha que tinha experimentado.

Duas semanas depois, recebi um recado pedindo que eu telefonasse para a Sra. Winfrey. Ela me agradeceu a carta. Conversamos sobre o programa *Iyanla* e sua produção. Antes de desligarmos, ela voltou a me agradecer. Disse que eu não tinha sido a primeira a ser seduzida, mas que fora a única a me desculpar. Disse que só uma mulher especial tomaria tal iniciativa. Prometeu que quando viesse à minha cidade nos encontraríamos para comer bolinhos de caranguejo.

Ao desligar, foi como se um peso de cinquenta

quilos tivesse sido retirado de meus ombros. Fiquei sentada, imóvel, por muito tempo. Então, pensei que se Oprah Winfrey me achava uma mulher especial, era melhor eu começar a agir como tal.

v

Mesmo nos períodos mais difíceis, Deus sempre encontra um jeito de nos enviar uma bênção. A minha, ou melhor, as minhas, foram catorze mulheres lindas e fortes. De origens e idades diversas, possuíam duas coisas em comum: todas me amavam e apoiavam minha visão. Juntas, montamos o corpo docente e a equipe de seminários da Inner Visions. E transformamos a vida de homens e mulheres no mundo inteiro, dos Estados Unidos à África do Sul.

Unidas, nos apoiávamos e encorajávamos. Em companhia umas das outras trabalhávamos e nos

divertíamos. O fato mais importante foi termos assumido o compromisso de servir a Deus e ao povo de Deus usando nossos talentos, dons e habilidades. Quem sabe ainda não escreveríamos um livro sobre nossas façanhas, como vivíamos planejando fazer? Sem cada uma das minhas irmãs, eu nunca teria conseguido atravessar alguns dos dias mais escuros e difíceis da minha vida.

Encontrei Ebun Adelona quando eu era uma jovem sacerdotisa iorubá e vivia em Nova York. Ela procurava uma conexão mais profunda com suas raízes africanas. Foi Ebun quem me apresentou ao conceito de alimentação saudável e aos benefícios da boa nutrição. Participei da minha primeira aula de meditação com ela. Enfermeira formada, estava seriamente comprometida com a cura total da mente, do corpo e do espírito.

Quando me mudei para Maryland, encontrei Muhsinah – Mama Muhsinah, como a chamávamos.

Era a mãe terra entre nós. Alta, sempre com um sorriso estampado no rosto, Muhsinah era imperturbável e, em geral, via algo positivo mesmo no mais perfeito canalha. Também cuidava das crianças. Qualquer criança na sala acabava sentada em seu colo ou dormindo aconchegada a seu peito. Eu chegara atrasada para uma palestra e estava perdida quando ela me viu. Apresentou-se a mim e me levou a um lugar onde várias pessoas reunidas me aguardavam. Depois disso, Muhsinah passou a se colocar à disposição sempre que eu dava um seminário ou uma aula em Washington. Nós três viramos uma equipe. Na verdade, éramos quatro: Gemmia, Muhsinah, Niamoja e eu. Três mulheres e um bebê. Fazíamos quase tudo juntas, na firme crença de que nos conhecíamos de outras vidas.

Por muitos anos, tive a honra de ser palestrante e mediadora de seminários na The African American Women on Tour Conference [Mulheres

negras em conferências itinerantes]. Depois de meu primeiro discurso apresentando meu trabalho, voltei a ser convidada todos os anos para conduzir seminários. Mulheres vindas de todas as partes do mundo participavam da conferência e a energia era elevada.

Perguntei a Muhsinah se ela conhecia algumas pessoas que pudessem conduzir a vigília e orar pelos participantes durante o seminário. Eu ouvira falar da vigília quando criança, durante minhas idas à igreja com a vovó. Quando algo importante acontecia na igreja, quando um dos membros ficava doente ou enfrentava algum tipo de problema, as pessoas se reuniam para velar. Sentavam-se em torno de uma mesa ou na sala de estar da casa de alguém e oravam. Quando criança, foi uma das mais entediantes experiências de que participei: ficar sentada horas a fio enquanto vovó e as outras rezavam. Como não entendia nada de orações e ninguém se dava o trabalho de me

explicar, era chatíssimo. Agora, como experiente mediadora de seminários, compreendo a absoluta necessidade de oração constante quando nos dedicamos a um trabalho de cura espiritual.

Muhsinah entrou em contato com Helen. Professora e tradicional participante da Igreja Batista, Helen admitiu não ter compreendido o que lhe pediamos, mas entendia de orações. Descobri Judith a caminho da sala do seminário. Grande fã de meu trabalho, perguntou se eu precisava de ajuda. Enquanto ela caminhava apressada ao meu lado, perguntei:

– Você sabe rezar?

– Acho que sim.

Disse então ela o número da sala do meu seminário e pedi que me encontrasse lá.

Judith apareceu com a amiga Almasi, dona da pele mais linda que eu já vira. Ficamos as seis posicionadas de pé no centro da sala, enquanto as participantes formavam uma fila lá fora.

Expliquei-lhes que cada uma delas iria se sentar em um dos cantos da sala e rezar. Rezariam pela paz no ambiente e pela cura de cada mulher que estivesse ali. Em seguida, rezamos todas juntas, antes de assumirmos nossos lugares. Helen, a batista, em um canto. Almasi, em outro. Também Judith, iorubá como eu, e ainda Muhsinah, que, católica, parecia encantada por participar de trabalhos espirituais dessa natureza. Gemmia, à mesa, encarregava-se da música, elemento importantíssimo em meu trabalho. Niamoja, que participou do seu primeiro seminário com seis semanas de vida, dormia no carrinho. Quando as mulheres começaram a entrar na sala, eu me senti bem. Estávamos prontas. A equipe de seminários da Inner Visions estava formada.

Eu tinha conhecido AdaRa no primeiro dia em que cheguei a Maryland. Apesar de muito magra, ela era especialista em energia. Trabalhava com a energia da luz e da cor. Era uma verdadeira

promotora da cura e das artes de cura. Pedi que se juntasse à equipe. Ela se sentiu honrada com o convite.

AdaRa me apresentou sua aluna Janet, que era enfermeira, como Ebun. Janet era muito quieta. Em raríssimas ocasiões abria a boca, a não ser que lhe pedissem para orar. Tinha o dom de ficar parada e aquietar a mente. Ela trouxe outro nível de energia à equipe.

Viviana era massagista e terapeuta de cólon. Organizava meditações mensais, abertas ao público, na lua cheia. Como Janet, era mestra em meditação, e entrou para o corpo docente da Inner Visions. A equipe crescia, bem como a marca Inner Visions.

Lydia, nossa irmã porto-riquenha, uniu-se ao grupo quando comecei a presidir conferências mensais em Nova York, no Aaron Davis Hall. No dia de nossa primeira palestra, ela estava sentada do lado de fora, esperando para comprar o

ingresso. Quando chegamos – três mulheres e um bebê –, ela perguntou se queríamos ajuda para descarregar o material. Apaixonou-se por Niamoja e a seduziu com uma caixinha de balas Tic Tac, com a devida permissão de Gemmia. Esse foi o início do caso de amor entre as duas – e entre nós.

Todos os meses, por quase quatro anos, Lydia aparecia no Aaron Davis Hall para nos ajudar a descarregar a van. Quando começamos a vender livros no evento, ficou encarregada da função. Quando um participante enfrentava problemas com ingressos ou assentos, era ela quem os resolvia. Também se tornou meus olhos e ouvidos, percorrendo todo o teatro até a coxa, com o intuito de me manter informada de tudo o que acontecia.

Cerca de um ano depois do início dessas apresentações mensais, atingimos um marco importante. Lydia e Gemmia chegaram ao camarim no qual Tulani e eu trocávamos de roupa antes de

subirmos ao palco. Tulani abria cada palestra com músicas que acabaram se tornando nossa marca registrada. Como as duas raramente iam até lá, sua entrada intempestiva me deixou preocupada, achando que algo terrível tivesse acontecido.

– Estamos com um problema – disse Gemmia.

– Ai, meu Deus! O que houve? – Tínhamos investido tanto tempo, energia e dinheiro nas palestras... e elas começavam a render frutos.

– Como não sabia direito o que fazer, achei que devesse falar com você – continuou Gemmia.

Fui ficando cada vez mais nervosa, pensando que alguém se machucara. De repente o rosto de minha filha se abriu num sorriso:

– A casa está cheia! Lotada! E tem uma fila de gente lá fora querendo entrar.

Lydia completou:

– A casa está lotada, Mama. Não tem lugar vago, nem um que seja.

Para isso tínhamos orado. Saíramos do

vermelho e o evento agora se pagaria! Milagre! Não. Era a resposta às orações. Começamos a pular como malucas, gritando: “A casa está lotada! Obrigada, meu Deus.”

A gerência do teatro deixou mais cinquenta pessoas entrarem, desde que se dispusessem a ficar de pé. Foi uma noite incrível, uma palestra incrível e uma conquista incrível para as três mulheres e o bebê.

Ao longo dos anos, a equipe passou a incluir duas terapeutas de massagem: Danni, de Detroit, e Yawfah, de Atlanta. Não éramos mais um grupo de mulheres que promovia seminários. Tínhamos nos tornado uma família.

Aos poucos, nossos maridos e filhos foram se incluindo no processo e o grupo se transformou em uma comunidade solidária. Os pais também nos herdaram e as irmãs se tornaram parte do grupo, oferecendo-se como voluntárias. Era como uma grande rede de proteção, em que uns cuidavam dos

outros e todos participavam intensamente das alegrias e aflições.

Até que enfim eu tinha uma família na qual podia confiar e com a qual podia contar. Todos imbuídos da mesma visão e trazendo alguma contribuição valiosa para o grupo. Construimos uma comunidade formada por pessoas de mentes semelhantes. Formamos uma família unida pelo amor incondicional.

Sem o amor e o apoio da equipe comunitária, a Inner Visions não existiria. Foi por causa do amor e do apoio dessas mulheres que aprendi a me amar e me respeitar.

Elas me amavam, me respeitavam e tinham grande estima por mim. Graças a elas, foi possível deixar minha casa e meu negócio e viajar por toda parte. Com elas, recebi a graça de fazer algum trabalho milagroso no mundo. Com elas, atravessei alguns dos períodos mais sombrios da minha vida. E, graças a elas, sobrevivi.

A primeira turma de estudantes a entrar no Inner Visions Institute era formada por um grupo entusiasmado e dinâmico. Resolver os problemas iniciais do currículo nos manteve – a mim e ao restante da equipe – bastante ocupadas. Gemmia contava com o apoio de Jimmy. Apesar de separados, ele continuou a trabalhar para mim e o relacionamento entre os dois era amigável. Ele cuidava de Niamoja nos finais de semana e Gemmia perguntou se também poderia cuidar de Oluwa. Jimmy aceitou.

Com as crianças sob os cuidados de Jimmy, Gemmia e eu nos entregamos à tarefa de montar uma instituição de ensino. Cada uma de nós tinha alunas pelas quais éramos responsáveis. Gemmia era excelente instrutora e maravilhosa terapeuta de vida. Suas alunas estavam entre as melhores do

grupo, com progressos admiráveis.

Um dia Gemmia veio me contar que uma das alunas estava interessada em Jimmy e que ela não sabia direito como lidar com a situação. A garota perguntara se haveria problema em sair com ele. Todas as alunas do Instituto sabiam que Gemmia e Jimmy eram pais de Niamoja e que tiveram um longo relacionamento. Poucas tinham conhecimento de que esse relacionamento chegara ao fim. Gemmia, com sua clássica diplomacia, lembrou à estudante que ela não se matriculara ali para encontrar um namorado, e sim para se estruturar e aprender a ser uma terapeuta de vida. Sugeriu que o relacionamento fosse adiado até que a jovem completasse os estudos.

O Instituto Inner Visions era um ambiente de ensinamento e de cura, fundado na confiança entre o corpo docente e as alunas que buscavam ajuda para superar os bloqueios mentais e emocionais que atrapalhavam suas vidas. Enquanto vários

outros programas voltados para a psicologia e a espiritualidade apresentavam regras restritas sobre envolvimento pessoal entre a equipe e os estudantes, não tínhamos considerado a necessidade de criar uma política específica para casos como esse, já que a maior parte da nossa equipe e de nossos alunos era formada por mulheres. Jimmy era um dos dois únicos integrantes do sexo masculino. Como meu assistente administrativo, ele tinha acesso ao histórico pessoal de nosso corpo de estudantes, que era predominantemente feminino. Em termos de responsabilidade profissional, parecia inadequado a um membro da equipe se envolver com uma estudante que tinha como objetivo no Instituto trabalhar seus problemas pessoais. Essa estudante era conhecida por se envolver em relacionamentos proibidos, motivo de esse caso ter se tornado um desafio para Gemmia e um problema administrativo para mim.

Certo dia, estávamos iniciando uma aula de final de semana e essa estudante estava presente. Era hábito dos alunos trazer problemas e desafios que estivessem enfrentando para ser discutidos. Conversei com o corpo docente buscando orientação sobre a maneira de lidar com a estudante, caso o assunto fosse mencionado. Decidimos que não deveríamos esperar que a iniciativa partisse dela. Era melhor chamá-la e lidar com o problema, de modo a estabelecermos parâmetros para todo o grupo. Não podíamos imaginar que algo bem mais sério nos aguardasse.

Chamei a estudante e perguntei como tinha sido seu mês e quais dilemas ela vinha atravessando. Creio que ela imaginou que eu já soubesse. Eu sempre dissera às alunas que quando perguntava algo era porque já conhecia a resposta. Isso era fruto da minha formação em direito. A regra entre os advogados era nunca fazer uma pergunta, a não ser que a resposta fosse conhecida.

Inadvertidamente, estava a um passo de quebrar essa regra fundamental.

– Então, querida, o que tem feito?

– Eu me mudei.

– Que bom! Mais alguma coisa?

– Bem, acho que estou física e sexualmente atraída pelo meu vizinho.

– Sério? Fale mais sobre isso.

– Bem, eu sinto atração por ele.

– E o que isso significa?

– Significa que estamos tendo relações sexuais e que eu desejo ir além disso.

A resposta me fez perder o rumo da linha de investigação planejada. As estudantes ficaram boquiabertas e os membros do corpo docente permaneceram impassíveis, inclusive Gemmia. Continuei. Não havia opção. Fazia parte do processo.

– Então você está tendo relações sexuais com seu vizinho e deseja mais. O que esse

relacionamento significa para você?

Podia sentir o ardor e o medo emanandos da estudante e o pânico inerte do corpo docente. A moça admitiu que sabia estar agindo mal, já que havia um relacionamento entre o homem e sua instrutora. Confessou que mentira e que, na verdade, estavam morando juntos. Não tenho certeza do que mais ela disse, porque toda a minha preocupação estava concentrada em Gemmia. Mas o que se seguiu me levou a um novo nível de pavor.

Outra estudante se levantou, indicando que também tinha algo a comunicar. Dei-lhe permissão para falar.

– Eu também tive relações com Jimmy.

Disse que sabia ser errado e que tinha avisado a outra estudante de que ambas estavam sendo usadas. Fiquei literalmente sem palavras. Quando uma terceira estudante se levantou dizendo que também mantivera um envolvimento pessoal com

Jimmy, o caos se instalou na sala. Todas eram alunas do grupo de Gemmia. Todas tinham total conhecimento do relacionamento entre minha filha e Jimmy. As demais estudantes estavam furiosas. O corpo docente estava enojado. Senti que precisava restabelecer a ordem. Não ousei olhar na direção de Gemmia.

Tratava-se, eu disse a elas, de um assunto de integridade. Tanto a integridade do programa quanto a do corpo docente estavam em questão. Assumi toda a responsabilidade por algo assim ter acontecido sem o meu conhecimento. Conversei com as estudantes sobre sua integridade e a opção de se entregarem a tal comportamento. Examinamos as razões que as levaram a agir desse modo. Para uma, era a excitação do proibido. Para outra, a vingança contra uma irmã que roubara seu namorado. Para a terceira, não passava de uma gratificação idiota, inconsequente.

Uma vez discutida a questão com as estudantes,

voltei minha atenção para Gemmia. Ela continuava sentada, inabalável, como se não tivesse nenhuma relação com aquilo. Eu a chamei até o microfone que havia no centro da sala. Pedi desculpas por ter tratado do assunto de modo tão impessoal. Expliquei que um dos riscos de trabalharmos juntas é que eu era, em primeiro lugar, sua supervisora imediata e, depois, sua mãe. Ela mostrou compreensão. Expliquei que se por um lado a mãe desejava correr e abraçá-la, a profissional precisava se concentrar na integridade do programa e nas necessidades das nossas alunas. Ela reafirmou que compreendia e disse que me perdoava – e perdoou. Minha filha era uma mestra, uma vencedora, e por mais orgulho que sentisse dela, meu coração de mãe sofria.

Precisei fazer a Gemmia perguntas duras. Precisei tratá-la como uma aluna que criara uma situação que necessitava de cura. Nós duas sabíamos que essa era a função do nosso trabalho.

– O que isso representa para você, meu amor?
Por que está passando por essa experiência?

– Por causa do meu falso orgulho. O relacionamento acabou, eu sei. De certo modo, o que Jimmy faz ou deixa de fazer não me diz respeito. Por outro lado, o fato de isso ter sido exposto dessa maneira demonstra que não deixei claro para ele como eu sou nem qual o nível do nosso relacionamento. Não fui honesta comigo, nem com ele, nem com ninguém. Fui orgulhosa demais e não reconheci que tinha acabado.

– Mais alguma coisa?

– Sim. Isso também diz respeito a traição. De muitas formas, sempre fui traída pelas pessoas amadas. Bem, é óbvio que esse homem me traiu. Eu perguntei a ele sobre essa mulher e ele mentiu. Meu pai me traiu ao sair de casa sem olhar para trás. Meu irmão me traiu, minha irmã me traiu e minha mãe me traiu.

– O que pode dizer sobre a sensação de ter sido

traída por mim?

A essa altura, todas na sala choravam. Acho que choravam diante da grandeza de Gemmia. Ela não se curvou. Não se acovardou. Manteve a coluna ereta. Sustentou seu olhar no meu. Sua voz era forte e clara ao se preparar para derrubar sua heroína. Todos os membros do corpo docente ficaram de pé com as mãos estendidas à frente. Algumas dirigidas na minha direção, outras, na de Gemmia. Cercavam o espaço da sala e nos enviavam amor. Eu podia senti-lo e precisava de cada grama dele.

– Uma das razões para não ter posto fim ao relacionamento foi o orgulho. Não queria ser como todas as outras mulheres que conheço, mulheres que se permitem ser usadas, desonradas e desrespeitadas pelos homens. Menti para mim mesma, dizendo que eu era diferente. Não sou diferente. Portanto, imagino que fui traída por ter me traído.

Além de excelente professora, Gemmia também era uma aluna notável. Aprendera todas as lições que eu lhe ensinara – as boas e as não tão boas. Magnífico era o fato de saber como aplicar a si mesma os princípios espirituais para a sua própria cura. Não era uma vítima. Mas ainda não terminara. Ela precisava dizer mais coisas. Eu precisava ouvir mais.

– Pode me dizer onde ou como aprendeu a trair a si mesma?

– Com minha mãe. Minha mãe me ensinou a mentir a mim mesma, a negar meus verdadeiros sentimentos e a manter sempre a expressão alegre. Minha mãe foi a primeira pessoa que me traiu. Ela mentiu a respeito de meu pai. Mentiu a respeito de tantas coisas, que não dá nem para contar. E, por alguma razão, a maioria das mentiras que me contou envolvia um homem.

Eu não conseguia me mover e não ousava respirar.

– Não me interpretem mal. Minha mãe é uma boa pessoa, uma pessoa maravilhosa, mas há coisas que ouvi e vi quando criança que interpretei como traição. Ela colocava os homens, as pessoas e o trabalho acima de mim, de meu irmão e de minha irmã.

Agora, Gemmia chorava. Esse era um bom sinal. Sinal de que a energia se movia em seu corpo. Eu sabia muito bem que não deveria chorar, nem movimentar a energia ou mover uma fibra do meu ser.

– Em termos racionais, eu compreendo que isso é o que minha mãe devia fazer. Ela foi convocada a realizar coisas nesta vida. Mas quando criança eu não entendia nada disso. Só sabia que minha mãe tinha coisas importantes a fazer, o que significava que eu ficaria com alguém, ou sozinha e assustada. Em termos racionais, sabia que ela me amava, mas mesmo assim me parecia traição.

– Há mais alguma coisa? – As palavras quase

não saíram de minha boca.

– Ajudei minha mãe a construir esse lugar. Dedico todo o meu tempo, energia e meios para criar esse sonho, o sonho dela. Então, um dia, eu ouço um discurso em que ela agradece a todas as pessoas envolvidas. Citou cada um pelo nome. Depois disse que gostaria de agradecer em especial ao marido, pois sem ele nada disso teria sido possível. Foi como se enfiasse uma faca em meu coração. Pensei comigo mesma que ela tivesse enlouquecido! Esse homem não fez nada além de tirar o dinheiro dela, usar o nome dela, se beneficiar de todo o meu trabalho árduo com ela e desfilar ao lado dela como um idiota, e ela lhe agradece em público. E me ignora. Essa, acredito, foi a máxima traição. Isso, acredito, foi o que desencadeou a situação atual. Está na hora de limpar toda essa merda. Não me sinto bem fazendo isso, mas está na hora.

Acho que nunca antes tinha ouvido Gemmia

dizer um palavrão. Não sei o que aconteceu em seguida, quem disse o quê a quem, mas sabia que as feridas estavam cicatrizando. Sei que nós duas trocamos palavras de perdão. Primeiro ela se perdoou, depois perdoou à mãe, ao homem e, por fim, às alunas. Lembrou-as de que somos todos humanos e de que, portanto, faz bem ensinar o que precisamos aprender. Disse às três estudantes envolvidas que as amava e que prestariam contas de suas escolhas a alguém superior a ela ou a mim. Pediu-lhes que reconsiderassem seus padrões de conduta e aconselhou-as a procurar a cura. Minha filha era uma mestra, pura e simplesmente.

Os dias seguintes foram estranhos em todos os níveis. Como membro do corpo docente, eu precisava restabelecer a confiança e lidar com as alunas. Como administradora, precisava pensar na possibilidade de uma acusação de assédio sexual contra um membro de minha equipe, o que arruinaria a reputação do programa. Como mãe,

precisava encontrar um jeito de apoiar minha filha. Como mulher, precisava me curar. Falei com meu padrinho, com minha melhor amiga, com o corpo docente e com a equipe. Contratei um consultor para cuidar da parte administrativa. Um cheiro de podre pairava no ar, como uma nuvem.

Por conta das relações emaranhadas entre mim, Gemmia e Jimmy, era necessário proteger-me, e também à organização, de possíveis obrigações em várias frentes. Depois de uma série de reuniões, decidimos não demitir Jimmy. Em vez disso, ele seria suspenso por sessenta dias e se submeteria a um aconselhamento psicológico. Cada uma das três estudantes foi transferida para outros grupos. Gemmia e eu continuamos a ir todos os dias ao escritório, na tentativa de resolver os problemas, tanto profissionais quanto pessoais.

Quando afinal conversamos sobre o ocorrido, Gemmia acabou compartilhando seus sentimentos mais íntimos comigo, sua mãe. Disse que, embora

eu me culpasse, ela não me culpava. Mas por que nunca tinha falado comigo sobre essas questões?

Gemmia ainda procurava entender. Os sentimentos eram intensos demais. Estava confusa. Tanta coisa mudara... Eu me tornara outra pessoa. Ela não conhecia a profundidade de sua raiva. A conversa durou horas e se prolongou dias a fio. Gemmia se mostrava, de várias maneiras, mais fortalecida e lúcida do que eu. Ela me lembrou de tudo o que eu lhe ensinara, dissera, mostrara. Era um desafio que devíamos enfrentar juntas. Todas as noites, depois de voltarmos para nossas casas, passávamos horas ao telefone, até uma de nós – ou ambas – desabar. Cada ligação terminava com “Eu amo você” e “Nos vemos amanhã.”

Jimmy rejeitou Gemmia e suas preocupações, dizendo que não estavam mais juntos e que, portanto, não era da conta dela o que ele fazia de sua vida. Mas, para Gemmia, levar alunas para casa, na frente de Oluwa e Niamoja, era da sua

conta. Ameaçar a confiabilidade do trabalho ao qual sua mãe dedicara a vida era da sua conta. Desonrá-la e à sua mãe diante das estudantes era da sua conta. Ele, porém, não interpretava assim.

Comigo, Jimmy se mostrou frio e maldoso. Pedi que ele deixasse de lado sua pose de assistente administrativo e explicasse seu comportamento em termos pessoais. Afinal, tinha morado na minha casa por mais de quinze anos, eu o amava e tratava como um filho, comprara a casa em que ele morava agora e o carro que dirigia. Como ele justificava seu comportamento?

A agressão começou. Simplesmente nada disso era da minha conta. Não tínhamos um relacionamento. Nunca nos comportáramos como mãe e filho. O carro e a casa podiam ter vindo de qualquer um. Quanto à Inner Visions, era apenas um emprego, e eu, sua chefe. Ele não achava que devesse se reportar à chefe sobre sua vida pessoal.

Por um momento, fui tentada a sentir pena e inventar desculpas para ele. Afinal, era o pai de minha neta, crescera sem mãe, com um pai emocionalmente indisponível e dissera que nunca tinha tido uma família de verdade. Nós éramos sua família. Tudo isso passou pela minha cabeça antes de eu me obrigar a encarar a realidade. Esse homem era um obstáculo ao meu bem-estar. Como não percebera antes? Eu inventara desculpas para ele, como fizera com o meu pai, meu irmão, meu marido e todos os outros homens com quem me envolvera.

Minha amiga Shaheerah me alertou contra o fato de que chega um momento em que a história psicossocial de uma pessoa tem pouca ou nenhuma consequência. Chega um momento em que é preciso não aceitar o comportamento, a atitude, ou seja lá o for que nos faça mal. Aceitei a presença de Jimmy em minha casa por causa do seu relacionamento com Gemmia. Também tomei

consciência de que qualquer mãe que realmente se fizesse respeitar, jamais teria permitido que a filha morasse durante anos em sua casa com um homem com quem não tivesse assumido um compromisso. Ele morara conosco por conveniência, não por comprometimento. Eu tinha fracassado comigo e com minha filha de modo desastroso.

Gemmia decidiu tirar umas semanas de folga para desanuviar a mente. Partiria para uma vigília de quarenta dias de oração e jejum. Eu a deixei em paz, como ela me pediu que fizesse. Atendia a seus telefonemas, mas não tomava a iniciativa de ligar. Estava atolada em minhas múltiplas loucuras: o processo incompleto de divórcio, os pagamentos à Receita Federal, meus sentimentos de culpa e vergonha por ter sido tão ausente tanto da minha vida quanto da vida de minhas filhas e o que precisei fazer para reparar esses erros.

A estudante que dissera estar morando com Jimmy logo deixou a casa dele. As outras estavam

empenhadas em se curar por terem participado da traição. O corpo docente e eu nos esforçamos ao máximo para manter o método espiritual de cura. Muitas de nós começamos a fazer terapia. Fiz tudo o que pude para continuar levando dinheiro para a organização. O consultor administrativo permaneceu conosco.

Quando Gemmia retornou ao trabalho, parecia ótima e disse que se sentia purificada. Perdera peso e cortara os cachos. Estava pronta para assumir seu posto e continuar a desenvolver o programa. Era uma inspiração para todas nós.

Por fim, Jimmy deixou de atender às exigências da suspensão e foi demitido por justa causa. Então percebi por quanto tempo eu aturara lixo desnecessário na vida. Com sua partida, o mau cheiro se dissipou. Era muito, muito triste, mas ao mesmo tempo revelador. A maior parte da vida, Niamoja vira o pai todos os dias. Embora as visitas tivessem sido negociadas, era uma mudança

e Gemmia se empenhou ao máximo em ocupar o tempo e os pensamentos da filha, de modo a camuflar a perda. Daí em diante, Gemmia e Niamoja se tornaram inseparáveis. Embora as circunstâncias que promoveram essa simbiose tivessem sido trágicas, era lindo de ver. Niamoja tinha uma mesa e uma cadeira no escritório da mãe. Dia após dia, depois da escola, as duas se ocupavam dos deveres escolares. Então voltavam para casa, onde desenvolviam atividades pessoais – dia da cozinha, noites de cinema.

Quando fazíamos hora extra, tanto Niamoja quanto Oluwa ficavam lá, junto com os filhos e os netos de outros membros da equipe. Gemmia montou um cantinho especial para as crianças, com livros, jogos, uma televisão e, é claro, guloseimas. Enquanto as crianças brincavam, discutíamos a reestruturação da nossa organização.

Fiquei encantada e satisfeita com a desenvoltura desse grupo de mulheres dedicadas. Por nos

amarmos, criamos um ambiente seguro e aconchegante para as crianças. De vez em quando meu marido passava para ver Oluwa, mas pouco nos falávamos. Parecia surreal Gemmia e eu assumirmos o papel de mães solteiras.

O Instituto ia bem, mas rendeu pouco naquele primeiro ano. Eu dava o máximo de palestras possível, porém a falta de aparições na televisão se refletia na venda dos livros. Tinha caído mais de setenta e cinco por cento e o que arrecadávamos não era suficiente para cobrir o custo do programa. Mais uma vez, precisei demitir funcionários. E mais uma vez, eles se recusaram a partir. Gemmia e eu reduzimos nossos salários. Graças a Deus ela me encorajara a poupar para emergências. Se mal conseguíamos dar conta da folha de pessoal, o pagamento das prestações à Receita Federal estava fora de cogitação.

Quando achamos que tínhamos resolvido os problemas que ameaçavam a organização, o laço

financeiro apertou ainda mais. Meu gerente administrativo estava preocupado com o fato de Gemmia e eu não termos um plano de saúde e insistiu para que cortássemos outro cargo. Abriu mão de metade do seu salário para pagar as taxas mensais. O comprometimento com a Inner Visions e o programa que criávamos era geral. Faríamos todo o necessário para mantê-lo em funcionamento. Conseguimos novo acordo com a Receita Federal, ou seja, continuávamos batalhando, imbuídos da fé de que tudo daria certo. Isto é, até todos sermos atingidos por um golpe que não tinha qualquer relação com dinheiro. Tinha a ver comigo. E tudo a ver com Gemmia.

AS COISAS DESMORONAM

*Se a chuva não cai, o milho não
cresce.*

– Provérbio iorubá

Quando as coisas começam a desmoronar, desmoronam rápido. A espiral descendente parece acontecer da noite para o dia, ainda que, de fato, leve anos.

No final do verão de 2002, Gemmia descobriu um enorme nódulo em seu corpo. Embora não doesse, ela se preocupou. O médico disse que os resultados dos exames de sangue eram

inconclusivos e que precisaria solicitar outros.

Na mesma época, meu editor cobrou o original cujo prazo de entrega vencera. Eu vinha escrevendo, mas com toda a reviravolta na minha vida, as ideias simplesmente não fluíam. Por algum estranho motivo, meu processo criativo nunca parecia se encaixar nas datas contratuais. Decidi mandar Oluwa e o filho de meu irmão para um acampamento de férias, procurando ter tempo e espaço para terminar o texto.

Passei dias digitando palavras sem nenhum sentido, porque não conseguia aquietar a mente. Numa consulta de Gemmia ao ginecologista, foi encontrada uma grande massa, embora não conseguissem determinar se no ovário ou no útero. Pediram uma ultrassonografia. Prometi encontrá-la na clínica, mas me perdi no centro de Washington e não achei o local. Quando por fim cheguei, ela já estava a caminho de casa. Pude perceber em sua voz que ou ela ficara chateada comigo ou não se

sentia bem. De qualquer modo, as notícias não eram boas. A massa era tão grande, que não conseguiam vê-la na tela. Seria necessária uma ressonância magnética, agendada para a semana seguinte.

V

Eu embarcara no trem para Nova York, onde iria participar de um programa radiofônico que faria um tributo à tragédia do World Trade Center. Acabara de me sentar quando o celular tocou. Era Erika, a melhor amiga de Gemmia, avisando que minha filha estava sentindo muita dor. Quando Erika passou o telefone para Gemmia, ela não parecia bem, mas insistiu para que eu viajasse.

Faltavam onze minutos para a partida do trem. Inquietei-me por alguns instantes e, em seguida, liguei para Muhsinah. Ela disse que estava a caminho da casa de minha filha. Sobravam sete

minutos. Liguei para a casa de Gemmia. Almasi atendeu.

– O que você está fazendo aí?

– Gemmia me ligou dizendo que não estava se sentindo bem. Parece que está com muita dor.

– Estou indo para aí.

– Ela não quer que você venha. Estou preparando um chazinho para ela. Se forem gases, vai passar. Pode viajar. Vamos ficar bem.

Faltavam três minutos para o trem deixar a estação. A equipe do programa me esperava e já anunciara minha presença. Era um programa importante, em cadeia nacional, e eu precisava dele para divulgar meus livros. Quer saber? É a vida: essas coisas acontecem. Liguei para o número de Erika.

– O que está acontecendo?

– Akmal está aqui com ela.

Akmal era um amigo íntimo, acupunturista, adepto da tradicional medicina chinesa. Gemmia

vinha tendo consultas com ele desde que descobrira o nódulo. Se tinha telefonado para Almasi e para Akmal, devia estar péssima.

– Eu devo ir?

– Se fosse minha filha, eu já estaria aqui.

Saltei do trem um minuto antes da partida. A caminho da casa de Gemmia, liguei para a Dra. Carol Mussenden. Minha amiga havia quinze anos, ela é uma das melhores ginecologistas e obstetras da cidade. Ela me encorajou a levar Gemmia a um hospital no qual trabalhava. Liguei para a casa de Gemmia e pedi a Akmal que a levasse ao hospital. Eu iria ao encontro deles.

Cheguei primeiro e esperei. Gemmia entrou, curvada por uma dor insuportável, mal conseguindo andar. Indiferente ao seu sofrimento, a recepcionista nos fez um monte de perguntas idiotas antes de decidir nos ajudar. Não, não estava grávida. Não, não usava drogas. Não. Não. Não. Não bebia. Não fumava. Não usava nem

Tylenol. Por favor, pode lhe dar algum remédio para acabar com a dor? A solução era um tratamento intravenoso. Isso significava que lhe dariam uma injeção. Gemmia tinha horror a injeções. Odiava agulhas. Mas naquele dia parecia aceitar qualquer coisa. Claro que brigou com a enfermeira que a apalpava e espetava, tentando encontrar uma veia. Eu lhe disse para respirar e desviar o olhar. Quando ela começou a gritar, também gritei.

Demorou horas até ela ser levada para a ressonância magnética. Ao entrarmos, a sala parecia uma geleira, e o técnico, sem sombra de dúvida, estava irritado. Pediu que Gemmia se deitasse esticada, mas ela não conseguia. Doía demais. Chamei a Dra. Mussenden. Ela receitou outra dose dos adoráveis medicamentos para eliminar a dor e tudo transcorreu bem depois disso. Duas agonizantes horas mais tarde, o médico de plantão olhou a imagem e, em seguida,

nos fitou.

– Vamos precisar interná-la.

– Por quê?

– Melhor conversar com a sua médica.

– Por quê?

– A enfermeira virá em seguida para informá-la da transferência para o quarto.

– Pode me dizer o que está acontecendo? Sou a mãe dela.

Gemmia recobrava e perdia a consciência. Quando a enfermeira finalmente apareceu, perguntei quais medicamentos ela tinha tomado. Depois de verificar o prontuário, respondeu que tinha sido morfina. Morfina? Por que morfina? Minha filha não tomava nem aspirina.

Quando levaram Gemmia para o quarto, ela estava gelada. Recobrou a consciência no exato momento em que a Dra. Mussenden chegou. As duas se beijaram e se abraçaram. A médica disse a Gemmia que era necessário passar a noite no

hospital, pois haveria alguns testes a ser feitos pela manhã. Ao sair do quarto, acenou para que eu a acompanhasse.

– A situação não é boa, mas ela é jovem e forte.

– O que ela tem?

– Não temos certeza. Existe uma massa bastante grande. O exame de sangue indica a presença de um carcinoma, mas ainda não podemos determinar sua localização nem sua extensão.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que ainda temos um longo caminho a percorrer.

Meu coração parecia prestes a sair pela boca e minha cabeça girava. Estava disposta a passar a noite no corredor. A Dra. Mussenden deve ter notado minha tonteira.

– Agora se acalme, ou vai acabar no leito que há ao lado do de Gemmia.

– Vou me acalmar quando alguém me disser que minha filhinha vai ficar boa.

– Bem, só posso lhe dizer que, graças a Deus, tudo é possível. É provável que ela durma a noite inteira. Solicitei uma batelada de exames que serão feitos pela manhã. Também preciso trazer um oncologista, que irá definir o que é. Não se preocupe. Eu lhe asseguro que ela estará em boas mãos.

Voltei para o quarto. Gemmia ainda dormia. Acaricieei seu cabelo e beijei seu rosto. Podia sentir um oceano de lágrimas subindo em meu corpo. Não tenho certeza de ter dito isso em voz alta ou em silêncio, mas as palavras foram bastante claras: *Deus, por favor, não permita que minha filha morra. Por favor!* Saí em busca do elevador. Precisava encontrar Muhsinah e Akmal. Esperava impacientemente pelo elevador, quando a porta se abriu e Muhsinah apareceu. Desabei em seus braços. Sentamos no peitoril da janela enquanto eu lhe contava o que a médica dissera. Era câncer. Um tumor. Quando o elevador parou

novamente no andar, Akmal saiu. Muhsinah lhe reproduziu os fatos e ele me garantiu que quando o tumor fosse localizado saberíamos como proceder.

Antes de ir embora, a Dra. Mussenden repetiu que Gemmia provavelmente dormiria a noite inteira. Disse que eu deveria ir para casa descansar um pouco. Dentro de mim, lutavam sentimentos desencontrados. Deixar Gemmia sozinha no hospital? Akmal me convenceu de que tinham lhe dado tanta morfina, que ela nem sabia onde estava. Às duas da madrugada, deixamos o hospital. Em casa, contei a Erika, minha empregada, o que estava acontecendo e lhe pedi que se ocupasse de Oluwa e de Niamoja. Decidimos dizer-lhes que Gemmia precisaria ficar no hospital para uns exames. Tomei um banho, me deitei um pouco e às cinco e meia da manhã já seguia de volta para o hospital. Queria estar ao lado de minha filha quando ela acordasse.

Quando cheguei ao hospital, às 7h10, já tinham

colhido o sangue de Gemmia, que estava acordada. Deixei apenas que soubesse que ainda não tínhamos certeza do órgão afetado – se o útero, se os ovários. Ela não queria se submeter a uma cirurgia, pois pretendia ter mais filhos. Eu não tinha respostas às suas perguntas sobre como tinha acontecido e o que pretendiam fazer com ela.

Ao meio-dia, já tínhamos percorrido todos os departamentos do hospital e consultado, no mínimo, seis médicos. Às seis da tarde, ainda não havia qualquer informação. Eram oito e meia da noite quando a Dra. Mussenden entrou no quarto. Puxou uma cadeira e pediu que eu me sentasse. Eu me enrosquei na cama com Gemmia e a acolhi em meus braços.

O tumor crescia a partir do cólon e já inha tomado um dos ovários. Havia uma grande chance de ela perder ambos os ovários e, possivelmente, também o útero. Tanto Gemmia quanto eu soltamos um profundo suspiro: “Ai, meu Deus!” Precisavam

de mais exames. A Dra. Mussenden prosseguiu dizendo que teríamos uma definição sobre a cirurgia em um ou dois dias. Uma vez realizada a intervenção cirúrgica, Gemmia provavelmente precisaria fazer quimioterapia, mas sem radiação. Ela já vira casos piores e convocara os melhores médicos que conhecia. Tínhamos alguma pergunta? Ambas mergulhamos no silêncio, apesar de gratas por sua presença. Ela se despediu informando que nos veria pela manhã.

Primeiro liguei para Almasi. Ela teria serenidade para avisar à equipe. Quando falei com Erika, ela desmoronou. Liguei para meu marido e avisei que precisaria de sua ajuda para cuidar de Oluwa. Eden deu sinais de irritação, até eu lhe dizer o motivo. Respondeu que tinha algumas reuniões marcadas, mas daria um jeito. Disse que eu não me preocupasse: sempre fomos unidos em momentos de crise. Em seguida, entrei em contato com Damon e Nisa. Depois de avisar todas as

peessoas próximas, virei-me para encarar Gemmia. Ela estava pálida.

– No que está pensando?

– Só estou me perguntando se vou morrer.

– Que pensamento bobo! É melhor pensar *Eu não vou morrer*. Agarre-se a esse pensamento.

– Por acaso você está me orientando?

– Não. Quero dizer, sim. Não sei.

– Ótimo. Pode me orientar e venha me dar um beijo.

Não sei quem começou, mas ambas choramos. Por um bom tempo. Chorávamos quando a enfermeira entrou para injetar o remédio contra a dor. Chorávamos quando ela voltou para medir a temperatura. Gemmia chorou até vomitar. Parei de chorar para poder limpá-la. Uma vez controladas as lágrimas, juramos nunca mais repetir isso. Gemmia ficou muito quieta.

– No que está pensando?

– Só estou pensando no que vou dizer a

Niamoja.

Então ambas voltamos a desabar no choro.

Os quatro dias que se seguiram foram de pura tortura. Cada médico tinha uma opinião diferente. Era preciso decidir se na cirurgia o cólon seria totalmente removido, o que significava uma bolsa do lado de fora do corpo para recolher o material fecal, ou se removeriam apenas a área afetada do cólon, bem como os ovários. Gemmia não quis a bolsa. Parecia ter deixado de lado a preocupação com a morte. Só estava preocupada com a qualidade de vida. Ensinei tudo o que sabia sobre a TLE e praticávamos todos os dias, afirmando que ela viveria, sem especificar como nem onde.

Conhecemos o cirurgião no dia da operação. Ele era um amor. Prometeu fazer o melhor possível, mas também garantiu que faria o necessário para assegurar que ela sobrevivesse e levasse uma vida normal. Segui-o quando ele saiu do quarto. Agarrei sua mão e expliquei o que

Gemmia representava para mim. Não era apenas minha filha, era também minha melhor amiga. Ele voltou a garantir que faria o melhor possível. Segurei seu braço, encarei-o no fundo dos olhos, e proclamei:

– Quero que você imagine estar operando sua mãe, sua filha ou alguém que signifique tudo para você no mundo. Não quero o melhor de você. Quero a excelência infalível que Deus lhe deu! Está bem?

Ele me encarou por alguns segundos antes de responder.

– Gostaria que minha mãe fosse como a senhora. Sim, estamos entendidos. Darei à sua filha tudo o que tenho.

Dezessete pessoas seguiram a maca até o centro cirúrgico. Quando as portas se fecharam, caí ajoelhada. Duas enfermeiras me ajudaram a ficar de pé e me acompanharam à sala de espera. Não tivemos notícias por duas horas. Então a Dra.

Mussenden saiu para informar que, até aquele momento, haviam removido o tumor, os ovários e o apêndice. Esperavam o relatório do patologista para decidir o próximo passo. Eu sabia que precisava rezar. Precisava bater na porta do Senhor para pedir-Lhe orientação e não perder o juízo. Quando estamos completamente perdidos, só o Senhor pode apontar a direção certa. Se mantivermos a serenidade por um bom tempo e solicitarmos esclarecimento e indicação do rumo, a resposta virá, mesmo que seja para acalmar-nos o suficiente apenas para que possamos encontrar nosso caminho.

Outras duas horas e meia se passaram. Precisavam remover vários centímetros do cólon. Havia alguns pólipos no estômago. A quimioterapia se encarregaria deles. Gemmia seria trazida para a sala de recuperação em poucos minutos. Eu tinha passado pelas quatro horas mais longas da minha vida, e o Senhor me guiara

durante o processo. Gemmia voltou a comer alimentos sólidos em três dias. Seu exame de sangue parecia bom. Permaneceu uma semana no hospital e, ao receber alta, levei-a para minha casa. Nada como dormir na cama da mamãe quando não nos sentimos bem. Mas Gemmia tinha perguntas a que o doutor não podia responder... “Por quê?”, “Quando começou?”, “Como isso pôde acontecer a uma semivegetariana?”, “Ainda tinha câncer?”, “Ficaria boa?”

Armada com o diagnóstico oficial – polipose adenomatosa familiar, uma rara forma de câncer de cólon hereditária – comecei a pesquisar na internet. Péssima ideia! A sobrecarga de informações me deixou estupefata. Comecei a compartilhar o que encontrava com Gemmia, mas ela estava fraca demais e, sinceramente, muito assustada para se importar com o que quer que fosse. Precisava de um plano de recuperação imediato. Mais do que isso, ela precisava ficar no

canto dela. Após uma semana em minha casa e na minha cama, levei Gemmia para sua casa. Niamoja ficou encantada. Apesar de gostar de minha casa, sentia falta do seu quarto e de seus brinquedos.

Gemmia já voltara para casa havia cerca de uma semana quando discutiu o plano de recuperação comigo. Não queria se submeter à quimioterapia. Antes, tentaria algum método natural. E foi exatamente o que fizemos. Começamos o tratamento com acupuntura e oxigenioterapia hiperbárica. A acupuntura era um verdadeiro desafio para quem detestava agulhas. A oxigenioterapia foi mais fácil. Gemmia se instalava numa câmara de oxigênio por trinta minutos, duas vezes por semana, o que lhe trouxe muita energia.

Durante as primeiras três semanas, fiz o possível para levar Gemmia a todas as consultas. Viviana e Muhsinah ficavam com ela quando eu saía para resolver algum assunto ou tentava

escrever. Ebun e Yahfaw receitaaram uma dieta à base de sucos e todos os dias uma de nós preparava sucos de frutas e legumes frescos. Eu fazia todas as compras e pagava as contas. Os cofres da Inner Visions estavam praticamente vazios. Da equipe, sobraram Almasi e Helen, que se esforçavam ao máximo para que o barco não afundasse. O restante tinha sido dispensado e o corpo docente ensinava para quase ninguém. Como a maioria dos tratamentos naturais não é coberta pelos planos de saúde, Gemmia e eu esvaziávamos nossas poupanças. A dela secou primeiro. Eu limpei todos os meus investimentos e usei o dinheiro para manter a minha casa e a dela.

Os três meses seguintes se arrastaram interminavelmente. O estado de espírito de Gemmia era inconstante. Um dia se sentia fantástica; no outro, mal conseguia sair da cama. Eu corria de uma casa para a outra. Mais uma vez o prazo se esgotava para a entrega do original.

Quando não estava diante do computador pesquisando um novo tratamento, eu ficava pendurada ao telefone falando com alguém sobre o mesmo assunto.

Dispensei minha empregada doméstica para poupar dinheiro. Quase todos os dias eu levava Oluwa à escola, ia para a casa de Gemmia e passava o dia com ela.

Um dia, Gemmia me ligou dizendo que eu não precisava ir até lá, pois ela ia sair, tinha o que fazer. Acreditei ser o início de sua recuperação total. No dia seguinte, Gemmia apareceu em minha casa. Parecia bem e cheia de energia. Juntas, passamos uma adorável manhã batendo papo antes de ela despejar a bomba: decidira começar a quimioterapia. Seu exame de sangue mais recente indicara que ela ainda tinha câncer. Queria acabar com ele porque ia se mudar.

Mudar? Mudar para onde? Venderia a casa e se mudaria para Los Angeles. Queria estudar com o

reverendo Michael Beckwith e abrir o próprio negócio. Procuraria um médico ao chegar a Los Angeles. Precisava do meu apoio. “Bem, é claro, pode contar comigo”, respondi, sem entender a razão da mudança.

Gemmia me contou que vinha pensando nisso havia um tempo, mas não queria afastar Niamoja do pai. O problema de saúde a ajudara a compreender que, aos 30 anos, não poderia mais viver a minha visão. Precisava buscar uma visão própria, que fosse só dela. Era formada em aromaterapia e desejava continuar os estudos e iniciar uma linha de produtos. Planejava completar os estudos para se tornar pastora, iniciados aos 19 anos. Estava pronta a assumir seu papel de mulher e sair da barra da saia da mãe.

Perguntei sobre a quimio. Tinha certeza? Sim, falara com a médica e começaria na semana seguinte. Era sua intenção fazer uma série de quimio e depois se preparar para a mudança.

Eu a acompanhei às sessões de quimioterapia. A sala estava cheia de homens e mulheres, velhos e jovens, alguns carecas, outros não, sentados em cadeiras, lendo, cochilando ou conversando com os acompanhantes. Muito diferente de tudo o que eu tinha imaginado. As enfermeiras eram muito engraçadas e nenhuma delas pareceu surpreender-se quando eu perguntei se podia rezar sobre a medicação que seria administrada.

Na quarta semana de tratamento, fomos almoçar fora e um dia nos presentamos com um passeio pela Sack's da Quinta Avenida. Terminado o tratamento, Gemmia voltou a morar sozinha e ia ao escritório da Inner Visions uma ou duas vezes por semana. Ainda precisava de muito repouso, mas parecia ter deixado a doença para trás. De acordo com a médica, a fase crítica passara e ela não precisou de consultas no decorrer dos três meses seguintes.

Gemmia logo tratou de se ocupar, trabalhando

na linha de produtos e estudando para obter um certificado de terapeuta em aromaterapia. Colocou a casa à venda e começou a empacotar tudo. Voltara a ter vida. Antecipou a mudança para janeiro. Queria ter seu canto o mais rápido possível. Sendo mãe e sábia, decidi me calar. Mas Gemmia confundiu meu silêncio com outra coisa, o que nos fez percorrer um caminho pelo qual nunca tínhamos passado.

VERDADE E CONSEQUÊNCIA

*Precisamos aprender a não
desistir
quando necessidades não são
satisfeitas
e compromissos são rompidos.
Desistir é se recusar a permitir
que
erros sejam corrigidos e
demonstrar
relutância em perdoar a si mesmo
ou a
alguém que necessite de perdão.*

Lidar com a doença de Gemmia abriu novas feridas no meu coração e na minha mente. Feridas de culpa e medo, de fracasso e desamparo. Não havia nada que eu pudesse fazer quanto ao fato de minha filhinha ter câncer. Nada que pudesse fazer quanto ao modo como ela escolheu lidar com o câncer. E, com certeza, nada que eu pudesse fazer quanto ao fato de Gemmia querer se mudar para o outro lado do país levando minha neta com ela.

Minha única alternativa era dar pancadinhas leves em certas áreas do meu corpo e criar afirmativas na tentativa de me convencer de que tudo corria exatamente como era esperado. Em alguns dias, a dúvida e o medo eram tão intensos, que, ao concluir minha prática de TLE, o corpo doía. Em outros, eu dava pancadas tão fortes, que tinha a impressão de que começaria a sangrar. Nunca sangrei e, ao final, sempre me sentia melhor.

De certo modo, aceitava o fato de Gemmia querer se mudar. Ela era uma jovem brilhante e talentosa que se daria bem em qualquer lugar. Por mais que eu detestasse Los Angeles, a ideia de visitá-la duas ou três vezes por ano e de recebê-la em Maryland para dar aulas e participar dos seminários me confortava. Fiquei animada com a possibilidade de ela estudar com o reverendo Michael e fazer parte de sua igreja, uma comunidade grande, adorável e variada.

Mas ficou ressoando em minha cabeça a declaração de Gemmia sobre o motivo de se mudar para Los Angeles: “Até agora, vivi sua visão, e não a minha.” Com a maior serenidade possível, busquei saber um pouco mais. Por acaso se sentia presa numa armadilha? Fora forçada a tomar parte da minha visão e da minha missão? Às vezes ela respondia de modo claro e sincero. Outras, parecia hostil e alegava que eu estava tentando convencê-la a não se mudar.

Gemmia sabia que eu dera o melhor de mim como mãe, o que significava que não guardava mágoas. No entanto, minha filha nutria sentimentos confusos sobre o modo como fora criada e raiva por tudo o que deixara de receber quando criança. O que a criança tinha ouvido, visto e compreendido frequentemente não correspondia ao que de fato acontecera. Durante seu restabelecimento, Gemmia confessou sentir muito, mas muito orgulho de mim e do que eu conseguira na vida, sem quase nenhuma ajuda. Afirmou que eu podia contar com ela, que o que ela vira e sentira ao longo da vida a conduziu à Inner Visions.

Quando comecei a Inner Visions na Filadélfia, Gemmia e Nisa me ajudaram a dobrar e a enviar o folheto de uma página. Ao conversarmos sobre o passado, ela se lembrou de que naquele momento precisei decidir entre a compra dos selos para o envio dos folhetos e a comida para o jantar. Lembrou-se do meu primeiro discurso e da minha

primeira entrevista na mídia. Lembrou-se dos sacrifícios a que se submetera para me apoiar. Não, ela não se sentira presa numa armadilha, pois a empresa também fazia parte do seu sonho. Mas seu sonho não se restringia a isso. Orgulhava-se de fazer parte da construção de algo que, do nada, alcançara projeção nacional e ótima reputação. Tudo o que fizera, tudo o que doara, tinha sido de boa vontade. Mas então surgiriam mais revelações que me deixariam literalmente sem ar.

Gemmia falou sobre traição. A mais séria, segundo ela, tinha sido a minha falha ao não revelar quem era seu pai e o modo como acabei contando. O pai de Gemmia, meu primeiro marido, deixara Nova York quando ela era uma criança de 3 anos. Fiquei sem notícias durante quase dez anos. Quando ele voltou a Nova York, quis ver a filha. Ela disse que, um dia, quando tinha 12 anos, encontrou aquele homem em nossa casa. Quando perguntou quem era, lembrava-se de eu ter

respondido: “Esse é seu pai, seu pai de verdade.” Ele partiu de novo, eu não toquei mais no assunto e ela teve medo de perguntar. Minha lembrança era diferente, mas isso não importava. Eu lhe mentira sobre seu pai e nunca explicara aquela ausência. Agora queria manter um relacionamento com o pai e percebia que não precisava de minha permissão para isso.

Gemmia estava coberta de razão. Como qualquer pai ou mãe, tentei proteger meus filhos. Queria o melhor para eles. Quando surgiu um homem disposto a assumir uma família já pronta, embarquei na fantasia do “felizes para sempre”. Agora reconhecia meu erro. Na ocasião, era jovem, tola e emocionalmente imatura. O pior era ter repetido o padrão segundo o qual fora criada, envolvida nas mentiras e nas fantasias dos outros. Conversar com Gemmia deixou perfeitamente claro que eu, de maneira inconsciente, tinha repetido a mesma patologia em que sempre vivera.

Eu havia criado uma rede de mentiras. Sabia quanto tudo o que vivera tinha me ferido e jurara não repetir a situação com meus filhos.

Como filha do meio, disse Gemmia, ela sempre fora ignorada e rejeitada. Damon e Nisa eram insubordinados e exigiam minha atenção. Gemmia acreditou que eu repararia nela se ela fosse boa aluna, obediente e prestativa. Quando criei a Inner Visions, ela encontrou a chance de atrair minha atenção de um modo que o irmão e a irmã não poderiam. Ela nunca se sentiu importante em minha vida até darmos início, juntas, à Inner Visions.

Eu não fazia a menor ideia de que ela estivesse representando para atrair minha atenção. Julguei que estivesse sendo autêntica. Era esperta para sua idade e naturalmente brilhante. Ouvindo a versão de minha filha sobre sua vida, entretanto, eu me dei conta do que acontecera. Eu nunca tinha prestado atenção nela nem a elogiado o suficiente. É claro! Na minha infância eu fora elogiada

pouquíssimas vezes.

Ao ouvi-la, tomei consciência de que a história de Gemmia era a *minha* história. Eu a submetera às mesmas situações que eu enfrentara, excetuando-se a violência física. Como tinha sido possível? Como pude ser tão cega? *Tão idiota?* Achava que tinha mudado meus padrões o suficiente para poupar meus filhos da minha tragédia. De acordo com Gemmia, eu agira como se fosse a cópia exata das pessoas que me criaram.

A verdade do que minha filha me disse cavou um buraco em meu coração. Pior ainda: deixou a sensação de que meu trabalho não passava de uma farsa. Eu era uma farsa! Uma impostora! Vendia ideias e ensinava atitudes que não praticava. Achei que nunca mais teria o direito de abrir minha boca diante do público.

Se o que Gemmia afirmava era verdade, isso reforçava muito o que meu marido me dissera. Ele costumava me acusar de não praticar o que

pregava. Sei muito bem que grande parte do que ele dizia estava relacionado com suas próprias carências. Apesar disso, as palavras dele se somaram às de Gemmia, assumindo igual significado. Eu não era quem imaginava ser. E se não era, *quem diabos eu era?*

Com esses pensamentos rodopiando em minha cabeça, concluí que não fora meu marido quem destruía nosso casamento. Fora eu. Talvez fosse verdade tudo o que ele dissera a meu respeito. Eden sempre reclamara de nunca ser considerado prioridade. Costumava me acusar de ver tudo apenas do meu ponto de vista. Acusava-me de ser manipuladora e desonesta. Segundo Gemmia, algumas dessas acusações eram verdadeiras. Eu rebaixara e rejeitara o único homem que tinha amado de verdade e agora ele deixava a minha vida. Frequentemente eu tinha me perguntado por que era sempre orientada a *ficar quieta* e deixá-lo *assumir as rédeas*. Talvez fosse o modo de Deus

me manter sob controle, por saber que um dia eu teria essa conversa com Gemmia e veria tudo claro. *Ai, meu Deus! E se fosse tudo responsabilidade minha? Minha culpa! Minha maldade! O que eu fizera?*

Era com a mente tomada por esse turbilhão que eu tentava escrever um livro. Um livro que ensinava a purificar mentes e corações das mentiras pessoais. Esse era o livro que *eu* deveria ler. Um livro no qual acreditava poder compartilhar verdade, ao mesmo tempo que aprendia a lição a cada passo do processo. Infelizmente, não conseguia colocar as palavras no papel. Quando o fiz, criei um caos. Em vez de reconhecer que minha escrita era fruto da turbulência emocional que estava vivendo, mergulhei no poço fundo da vergonha.

Na tentativa de não me sentir indefesa, culpada e com raiva de mim mesma, decidi jogar a culpa em Deus. Se eu era tão complicada, se tinha

causado tantos danos às pessoas que amara, por que tinha sido guiada para servir ao próximo? Por que fora levada a uma posição de prestígio, para depois ser destruída? Quase todo o meu dinheiro tinha acabado. Tinha sido desacreditada publicamente ao perder dois programas de televisão. Meu casamento estava em frangalhos. Concluí que, de alguma forma, ao longo do caminho, eu tinha me perdido. A voz que eu aceitara como orientação divina devia ser, na verdade, a voz do meu ego conduzindo-me direto à destruição. Recebia punição divina por ser incapaz de perceber a diferença entre a voz de Deus e as vozes das minhas próprias deformações. Decidi que estava sendo punida por todas as escolhas e decisões erradas da minha juventude: eu mentira, roubara dinheiro do governo, tivera três abortos e fora para a cama com um homem casado. Fracassara em honrar compromissos, chegava quase sempre atrasada e vivia em conflito

por ser ao mesmo tempo cristã e iorubá. Talvez tivesse infligido danos incomensuráveis a meus filhos. Talvez tivesse cometido um erro ao tirar meu neto de Nisa. Meu único filho se perdera em consequência do que eu fizera como mãe. Era tudo culpa de Deus, não minha!

Deus abençoe Ken Kizer e Steve Hardison. Esses homens ficaram ao meu lado durante o turbilhão que eu produzia em minha mente. Ken me disse que essa era uma reação normal diante dos acontecimentos dos últimos sete meses. Garantiu que eu não era uma farsa nem uma impostora. Dispunha-se a dar testemunho do poder e da veracidade do que eu ensinara ao mundo. Quanto à culpa, bem, isso já era outra história. Ele sabia que a culpa era meu calcanhar de aquiles. Estava em meu DNA. De acordo com suas palavras, o desabafo de Gemmia surgira em função da busca de sua alma, em meio à experiência de ter a própria vida ameaçada. Isso também, afirmou, era

normal. O que minha filha sentia e pensava não me dizia respeito, a não ser que eu tivesse tido a intenção consciente de magoá-la e feri-la.

Ken fez com que eu me lembrasse de que, como acontece com todos os seres humanos, antes de encarnar, a alma de Gemmia escolhera a mãe que teria aqui. Sua alma tinha escolhido nascer nas circunstâncias capazes de fazê-la crescer, aprender e se curar. Ele achava que nós duas formávamos uma equipe fantástica. Tínhamos desempenhado um trabalho maravilhoso juntas. Agora nosso relacionamento e as circunstâncias de nossa vida tinham mudado. Era difícil. Assustador. E ele estava certo de que nós duas voltaríamos a ver tudo com clareza e equilíbrio.

Não pode haver mudança sem caos. Toda mudança efetiva e duradoura vem como resultado de sacudir as bases do que está estabelecido. Mudar faz bem e eu não precisava me punir por causa do passado. Cada uma das circunstâncias

vividas levará à mudança que ambas vivenciávamos e isso era positivo. Passei muitas horas conversando com Ken e tentando recuperar meu equilíbrio.

Steve e eu conversamos sobre meu casamento. Ele não acreditava que toda a culpa recaísse sobre os meus ombros. Na época, eu não percebera que as pessoas se unem com base nas necessidades de suas almas e de seu currículo espiritual. Eu sabia que os problemas não resultavam do casamento em si. Ao contrário, eram consequência de nossas vivências anteriores. Revivi minha experiência na África, a sensação de não conhecer de fato o homem com quem estava me casando e reconheci que pensava nele fundamentada na mágoa e na necessidade, e não em uma escolha livre e saudável.

Amar Eden como o amei não tinha quase nada a ver com ele. Eu procurava no meu marido ter mais do que jamais possuía. Inconscientemente achava

que se conseguisse conquistar seu amor e aceitação, isso de algum modo significaria que meu pai me amava e me aceitava de verdade. A escritora mundialmente conhecida, professora e palestrante, não se casara com o homem que amava. A menina de 13 anos perdida, confusa, feia e má se casara com o homem que julgava totalmente fora do seu alcance: seu pai.

Mais uma vez, Gemmia foi minha professora. Eu me curava em consequência da doença de minha filha. Obtinha dela muito mais do que jamais lhe dera. Segundo Ken e Steve, isso acontece quando os pais são conscientes e abertos. Os filhos trazem para a vida os problemas inconscientes dos pais. O modo como os pais lidam com os filhos cria uma linha direta com as doenças que eles necessitam curar. Isso me levou a outra questão que, embora fosse necessário, eu tinha medo de perguntar. Apesar de tentar escondê-la no fundo da mente, ela insistia em vir à tona. O fato de esses

dois homens me aproximarem tanto da verdade tornou indispensável conhecer a minha responsabilidade no câncer de Gemmia. Que papel, se é que havia algum, eu representara em sua doença? Por mais que eu precisasse saber, infelizmente nem Ken nem Steve podiam me dar a resposta.

A ESPIRAL ASCENDENTE E DESCENDENTE

*Embora parte de mim se agarre
à crença de que sou, sempre fui,
e sempre serei indigna, ainda
quero me amar e me aceitar.*

Gemma ficara curada! Seis meses se passaram desde a cirurgia e quase três desde o final da quimio. Estava bem – e sua aparência, melhor ainda. Mantinha-se ocupada empacotando as coisas, preparando-se para vender a casa e trabalhar em sua linha de produtos. Embora fosse ao escritório com menos frequência, continuou a

dar aulas no Instituto.

No dia em que ligou para dizer que estava enjoada, fiz o possível para não entrar em pânico. Garantiu que não era o câncer, mas uma comida chinesa. Queria que eu buscasse Niamoja na escola. Quando cheguei, Gemmia suava em bicas e sentia dores terríveis. Precisei lutar contra os fantasmas em minha mente. Disse-lhe que, se não melhorasse, eu a levaria ao hospital.

Duas horas mais tarde, apesar de fraca e vomitando, Gemmia não quis sair de casa até eu jurar que não a deixaria no hospital. Jurei, mas de dedos cruzados. Afinal, descobriu-se que era mesmo uma intoxicação alimentar, porém o exame de sangue revelou algo mais. O clínico recomendou que consultássemos o oncologista. Meu coração se apertou. Não podia estar acontecendo de novo!

Dez dias depois, a tomografia computadorizada revelou que o câncer voltara. Começamos outra

série de sessões de quimio e eu rezava sobre tudo o que ela usava. Dessa vez, depois de cada sessão de quimio, ela sentia náuseas intensas. Eu sempre ficava em sua casa até ela e Niamoja jantarem. Então voltava para a minha, ajudava Oluwa com o dever da escola e escrevia durante algumas horas antes de me deitar. Em geral, Gemmia conseguia se levantar no dia seguinte ao tratamento, mas demorava dois dias para voltar ao normal, quando já era hora de fazer outra quimio. O cabelo não caía, mas ela perdia peso com facilidade. E regredia em termos emocionais.

No princípio, fingi não perceber. Mas, então, tornou-se óbvio para todos. Sempre que eu chegava perto, ela se desviava. Quando tentava tocá-la, ela bloqueava minha mão. Então começou a levantar a voz para mim. Um dia me chamou de louca. Outro, de insurportável. Sabia que ela se sentia muito mal, mas fiquei arrasada. Muitas vezes eu pedia licença e ia para casa. A menos de

dez minutos de distância, o telefone tocava: “Mamãe, você vai voltar?” Gemmia nunca tinha me chamado de mamãe, nem quando criança. Inúmeras vezes, eu dava meia-volta, ia para sua casa e me sentava ao seu lado até que ela adormecesse. Porém, havia outro problema. Uma das medicações a mantinha acordada. O médico receitou um remédio para dormir que lhe causava alucinações. Ela me ligava às três ou às quatro da madrugada e pedia que eu fosse imediatamente para lá, porque tinha gente na sua cama. Às vezes, eu ia. Em outras circunstâncias, a acalmava e conversávamos ao telefone até o amanhecer.

Yawfah a mantinha num severo regime de sucos, com o objetivo de debelar os efeitos da quimio. Lá pela quarta semana da segunda rodada de quimio, a situação começou a degenerar. Gemmia pouquíssimas vezes deixava a cama. Estava vinte quilos abaixo de seu peso normal. Voltara a sentir dor e raras vezes dormia à noite.

A única atividade que Gemmia manteve foi trançar o cabelo de Niamoja todas as semanas. Era perita na arte das tranças e Niamoja tinha o cabelo mais farto que já conheci. O ritual costumava levar cerca de quatro horas e as duas se deleitavam com esses momentos. Por isso, fiquei totalmente alarmada quando Gemmia me pediu que lavasse e trançasse o cabelo de Niamoja, pois ela estava fraca demais. Isso me deixou muito, mas muito assustada mesmo.

No entanto, a essa altura, Gemmia mal conseguia andar. A situação piorava a cada dia. Agora estava pesando quarenta e três quilos. Raras vezes dormia mais de duas horas por noite. A única coisa que conseguia segurar no estômago era mingau de aveia, o que a deixava furiosa. Gemmia adorava comer, e estava farta daqueles sucos. Não importava o que eu dissesse, sempre discutia comigo. O ambiente entre nós ficou tão tenso, que Yawfah se ofereceu para me substituir e me dar

uma folga. Gemmia adorava Yawfah e Yawfah não aceitava desaforos!

Fiquei ao mesmo tempo aliviada e enciumada ao ver como Gemmia se comportava com Yawfah. Mais uma vez, Yawfah soube fazer coisas que eu não sabia. Massageava Gemmia até ela pegar no sono e atendia a qualquer sinal ou chamado dela. Durante dez dias permaneceu lá e, quando foi embora, Gemmia chorou. Era evidente que minha filha associava a mim tanto o câncer quanto o que quer que sentisse. Ou ao menos era o que demonstrava.

Já fazia um tempo que eu não recebia uma ligação às três da madrugada. Quando o telefone tocou, soube que havia algo errado. Gemmia soluçava. “O que foi, querida? Conte o que houve.” Ela não conseguia falar. A caminho de sua casa, liguei para ela e Gemmia me disse que estava cansada, apavorada. Sentia que a vida chegava ao fim e a sensação era de incompletude.

Então me fez uma pergunta muito estranha. Quis saber se eu a desejara quando engravidei. *Ó Senhor!* Contei-lhe sobre a clínica de aborto e como Nett me impedira de consumir meus planos. Disse que, embora a quisesse, não sabia se poderia sustentá-la, pois seu pai estava preso e eu me apavorei com a ideia de criar dois filhos sozinha. Também lhe expliquei que a lembrança de não ter sido desejada talvez se devesse ao fato de eu ter passado muito tempo considerando a possibilidade do aborto. Ela disse que compreendia e que esse podia ser o motivo de não conseguir visualizar a vida além dos 30 anos. Disse, que por mais que tentasse, não conseguia.

Assim que cheguei, corri para o quarto, tomei-a em meus braços e a apertei com toda a força possível. Quando ela recuperou o fôlego, perguntou:

– Vou morrer?

– Você quer morrer? Está preparada para

morrer?

– Não, mas não consigo acreditar que eu vá melhorar.

– Por quê?

– Olhe isso. – Foi então que me mostrou o umbigo. Havia nele uma pequena massa branca semelhante a uma cicatriz inflamada.

– Há quanto tempo isso está aí? Dói?

– Uma semana, mais ou menos. E não, não dói.

– Já falou com o médico?

– Não.

– Então, antes de começarmos a planejar o enterro, vamos perguntar ao médico o que é isso.

– Como você é boba.

– Aprendi com você.

Nós nos enroscamos na cama e nos embalamos. Então eu soube. Soube naquele instante, mas não podia nem mesmo me permitir pensar no assunto. Eu era a mãe dela. Enquanto minha filha acreditasse na vida, eu também acreditaria, com

ela e por ela. *Fora com esses pensamentos!* Eu a apertei mais forte. Fora com essas *drogas de pensamentos!*

– Mamãe.

– Fale, minha querida.

– Pare de me apertar, ou vai acabar com a minha vida.

– Meu Senhor! Sinto muito. – E caímos na risada, um riso lacrimoso.

ASSUNTO MALRESOLVIDO

*A autopiedade, em seus
estágios iniciais,
é macia como um colchão de
plumas.
É só quando se intensifica
que se torna desconfortável.*

– Maya Angelou

Como é possível a uma mãe ver um filho morrer? Como fazer para aceitar? De jeito nenhum. É inconcebível. Os dias passam e você sente um enorme nó de desespero na garganta. Às

vezes consegue colocar um sorriso no rosto. Quando perguntam como você está, mente e balbucia qualquer resposta ridícula na qual nem você mesma acredita. Quando perguntam como sua filha vai, diz apenas que torce pelo melhor. Nos momentos de fraqueza, liga para a melhor amiga, que é sábia o bastante para ouvi-la chorar, apenas, sem fazer falsas promessas. Então, sua amiga reza por você. E você ouve a oração e deseja com todas as forças ser capaz de acreditar no que está sendo dito. Junta cada fibra de fé que sobrou e se força a acreditar. Caso contrário, se o nó de desespero em sua garganta se tornar apertado demais e quase impossível de suportar, faz o que está a seu alcance para rogar a Deus por si própria. Entretanto, não é uma oração sincera. É uma súplica, um pedido, uma oração cheia de raiva na qual nem você acredita. Eu perdia a fé rapidamente, mas meu rosto permanecia sereno.

As amigas vieram de todos os lados, mas eu me sentia completamente só. Devo dizer que quando ligava pedindo ao meu marido distante que me ajudasse a cuidar de Oluwa, ele normalmente me atendia. Mas a energia entre nós se tornara agradavelmente desagradável. Nunca mais nos olhamos nos olhos.

Certa tarde, depois de ele ter ficado com Oluwa, fiz uma pergunta – não me lembro qual foi – e ele explodiu.

– Sabe de uma coisa? Um dos motivos de ser tão difícil viver com você eram os dramas contínuos. Você sempre tem algum drama em sua vida.

– Como?

– Quero viver em paz e você parece que não sabe viver assim.

– Não entendo direito o que você quer dizer

com drama.

– Você não entende porque está sempre inventando dramas.

– Está falando da doença de Gemmia? É esse o drama? Ou está se referindo ao fato de eu ter gastado cada centavo da minha poupança para cobrir as despesas da casa dela e da minha? É esse o drama? Por que não me explica?

– Por que não contou a ninguém aonde ia? Por que desapareceu de repente?

Agora eu sabia sobre o que ele estava falando! Uma semana antes, de tão desesperada, eu mal conseguia encontrar o caminho de volta para casa. Minha mente voava a mil. Já fazia uns dois ou três dias que não pregava o olho. Uma manhã, ao rezar, ouvi: “Vá até o mar. Arrume a mala e saia.” Obedeci. Levei minha Bíblia, duas camisolas e fui até Ocean City, em Maryland, onde passei três dias hospedada num hotel, dormindo e lendo as escrituras sagradas. Durante o dia, caminhava na

praia. À noite, lia. Pensei em ligar para casa, mas como sabia que Gemmia e Oluwa estavam sendo cuidados, decidi permanecer em silêncio. Ao voltar, fui direto para a casa de Gemmia. Ela me disse que tinha ligado para Eden porque achou que estivéssemos juntos.

– Ficou chateado por eu ter ido embora sem dizer nada?

– Você deixou todo o mundo preocupado. Achei que tivesse acontecido alguma coisa séria.

Contei o que acontecera e como me sentira guiada a permanecer em silêncio. Ele não pareceu se importar. Revirou os olhos, entrou no carro e acelerou.

Numa tarde quente de domingo, cerca de duas semanas mais tarde, Yawfah estava com Gemmia e eu estava em casa. Tinha acabado de preparar um chá gelado e me sentei no deque do lado de fora do quarto, pensando em não pensar. Quando ergui o rosto e o vi, fiquei agradavelmente surpresa. Ele

parecia preocupado, mas falou apenas de trivialidades. Então, comunicou que daria andamento ao processo de divórcio. Não moveu nem sequer um músculo do corpo.

– Não é o que você quer? – perguntou ele.

– Não, não é, mas a essa altura a bola está com você.

– Não, você deu entrada nos papéis. – Então, afinal ele os recebera.

– Nunca preenchi os documentos. Estava com raiva e dei entrada no pedido, mas fui orientada a ficar quieta e deixar você assumir o controle.

– Não entendo por que deseja permanecer casada comigo. Sinceramente, não entendo.

– Por favor, me perdoe. No momento estou exausta demais para brigar. Estou enfrentando a possibilidade de perder minha filha. Brigar com um homem que nem ao menos gosta de mim não me parece uma opção.

– Eu amo você, Iyanla. Apenas acho que não

fomos feitos para viver como marido e mulher. Você acha que podemos ficar juntos?

– Esse é um sonho que acalento desde os 13 anos. Amei você a vida inteira. Mas, no momento, não tenho forças para brigar nem por você nem com você. Não é a hora.

– Nunca é a hora. Pensei em tomar essa atitude faz tempo, quando você ainda tinha o quadro no programa da Oprah, mas achei que não fosse a hora certa. Então você começou seu programa e aquele também não era o momento apropriado. Acho que nunca será a hora certa para uma coisa dessas.

Depois que ele partiu, simplesmente continuei tomando meu chá, sem esboçar reação alguma.
Fim!

A deterioração do estado de Gemmia não era o

único problema a tomar conta da minha cabeça. Eu não cumprira o acordo para o pagamento do Imposto de Renda. Não tinha dinheiro. Só me restara um funcionário. Almasi e eu fazíamos o que podíamos com cada centavo que entrava das vendas dos livros e das fitas. Buscamos manter o pagamento do corpo docente e prosseguir com as aulas no Instituto. O aluguel de 5.700 dólares por mês da Inner Visions estava três meses atrasado e o proprietário começava a demonstrar certa agressividade. Outro desafio era a editora. Queriam que eu entregasse o original, ou cancelariam o contrato e me processariam, exigindo a devolução do adiantamento. “Desgraça pouca é bobagem” passou a fazer total sentido em minha vida. Assim como “Deus nunca nos dá um fardo maior do que aquele que podemos carregar.”

Mas agradeço a Deus os bons contadores! O meu entrou em contato com as pessoas certas e conseguiu que me concedessem um ano de anistia.

Demos um jeito e conseguimos pagar um mês de aluguel ao proprietário. Isso o acalmou, mas não por muito tempo. Entreguei o assunto à equipe de orações e pedi que rezassem, rogando que ele fosse compreensivo.

Quanto ao livro, não podia fazer nada. Redigira mais de seiscentas páginas e ainda não havia o que valesse a pena ser publicado. Sentia como se estivesse prestes a encerrar minha carreira de escritora. Tudo aquilo por que trabalhara parecia se transformar em fumaça e, por alguma razão, eu não estava chateada. Tinha feito e ainda fazia o melhor possível.

Estava surpresa com o preço das frutas e dos legumes frescos. Não era de admirar que os pobres não gozassem de boa saúde. Gemmia precisava de mais ou menos dezoito quilos de cenoura por semana para o suco. Além disso, Yawfah queria que tudo fosse orgânico, para se certificar de que nenhum produto químico

desconhecido entraria no corpo de minha filha. Três quilos de uvas é uma coisa. Três quilos de uvas orgânicas representam cerca de oito dólares a mais. Fazia tempo que eu não contava os tostões, vendia garrafas ou pegava dinheiro emprestado. Toda a minha poupança se evaporara. A de Gemmia, também. Certo dia em que estava se sentindo bem, minha filha saiu de casa para dar entrada em um pedido de pensão alimentícia para Niamoja. Disse-me que durante toda a vida Jimmy nunca lhe dera dinheiro. Comprava uma coisa aqui e outra ali, mas nunca pusera dinheiro em suas mãos e ela já estava cansada disso. Uau! Outro padrão familiar. Os pais de meus filhos também nunca contribuíram financeiramente. Depois de Jimmy faltar às audiências por várias semanas, ela obteve uma pensão de cento e cinquenta dólares por mês. *Que vitória!*

Apesar de ter amigos e conhecidos em boa situação financeira, eu não conseguia pedir ajuda.

Eu ajudara tanta gente, investira em tantas pessoas... Agora que precisava de ajuda, não tinha para onde correr. No entanto, contava com pessoas que me amavam e apoiavam. Apesar de não terem dinheiro, essas amigas me ofereceram o que possuíam: tempo e algumas cenouras. Então, eu me concentrei nas bênçãos recebidas. Era preciso manter uma atitude positiva, pois Gemmia parecia ter se tornado hipersensível em relação a mim e a tudo quanto estivesse relacionado comigo.

Ela contava aos outros que eu estava enlouquecendo. Disse que eu saía, passava horas fora e voltava como se nada tivesse acontecido. O que ela não sabia, mas os outros, sim, era que muitas vezes eu me perdia, de tão esgotada física e emocionalmente, e errava o caminho para casa. Uma noite, não vi o retorno. Levei uma hora de lágrimas para recuperar o controle e encontrar o caminho de volta. Também ouvi dizer que Gemmia andava furiosa com o que estava acontecendo na

Inner Visions. Dedicara os últimos doze anos de sua vida a dar o melhor de si para construir o lugar e eu o estava arruinando, segundo ela. Era isso que minha filha dizia pelas minhas costas. O que me dizia na cara, em geral, era bem pior.

Quando Gemmia contou que tinha ligado para o pai, fiquei feliz por ela. Ele lhe prometera consertar os armários da cozinha e cuidar de outros reparos, a fim de preparar a casa para a venda. Eu me alegrei, pois, como ele era um bom carpinteiro, pouparíamos algum dinheiro. Então ela disse que precisava comprar o material que ele iria usar. Foi um balde de água gelada, mas não pronunciei nenhuma palavra. Aquele homem que nunca dera um centavo que fosse nem a minha filha nem a mim pedia que ela comprasse o material? Que vergonha! Pensei, mas não disse nada. O pior é que Gemmia parecia achar tudo natural.

Ele avisou que passaria no sábado para pegar o dinheiro. Quando ela disse que não o teria, ele

pediu que avisasse quando tivesse. Fiquei furiosa, mas continuei quieta.

Num sábado, ele apareceu para levá-la à igreja. O serviço religioso durou das dez da manhã às três da tarde. Gemmia chegou depois das cinco da tarde, morta de fome, mas parecia feliz por ter passado um tempo com o pai. Sem sombra de dúvida eu ensinara minha filha a aceitar dos homens o pior dos tratamentos. Ensinara que as migalhas eram banquetes saborosos e que ela deveria se alegrar quando elas lhe fossem oferecidas. Fiquei furiosa com o pai dela. E indignada comigo!

Contei a Yawfah. Ela concordou com meus sentimentos, mas disse que isso era algo que Gemmia precisava fazer. Contou que as duas tinham conversado muito sobre seus sentimentos e que Gemmia ainda era uma ávida escritora de diários. Yawfah criara a rotina de anotar no diário o que Gemmia expressava. Então conversamos

sobre outro assunto que eu vinha evitando.

Qualquer terapeuta espiritual do planeta provavelmente dirá que a raiz de todo câncer é uma semente de raiva. Quando a raiva envenena o espírito, promove o câncer no corpo físico. Algumas pessoas expressam a raiva que sentem. Outras, apesar de vivenciá-la a vida toda, a reprimem. Camuflam a raiva. Sim, eu sabia que Gemmia sentia raiva. Também sabia que grande parte dela era dirigida a mim. Agora que sua resistência andava tão baixa, e ela estava emocionalmente vulnerável, seus verdadeiros sentimentos vinham à tona. Gemmia mencionou que não tinha notícias do pai havia algumas semanas. Percebi a tristeza por trás da observação. Perguntei se podia ajudar. Ela disse que não, e não voltamos ao assunto.

Apesar disso, resolvi intervir. Liguei para ele e deixei uma mensagem clara e direta, dizendo que Gemmia estava muito vulnerável e que ela

precisava confiar nele. Sugerir que mantivesse mais contato e cumprisse suas promessas, porque ela não precisava de mais nenhuma decepção. Quinze minutos depois, Gemmia me telefonou.

– Sei que você não quer me prejudicar e que pensa que está sendo prestativa, mas não quero que se meta na minha vida.

Eu precisava lidar com o assunto de modo muito suave.

– Tudo bem, mas pode me dizer do que está falando?

– Estou falando de você ter dito ao meu pai que eu não confio nele.

– Não foi isso que eu disse, Gemmia.

– Quero saber por que você acha que precisa falar em meu nome. Sou adulta e, graças a você, sei cuidar de mim.

– Posso explicar o que eu disse a ele?

– Sim, explique.

Contei sobre a razão do telefonema. Não queria

que ela se desapontasse. Não entendia por que ele tinha ligado para ela e dado uma informação errada.

– Se eu precisar que você faça algo por mim, eu ligo para você e peço. Se precisar que diga algo por mim, eu aviso. Nada disso é da sua conta.

A essa altura, ela chorava.

– Gemmia, por favor, me perdoe, desculpe-me. Você tem toda razão. Seu relacionamento com seu pai não é da minha conta. Acho que queria que ele soubesse como tudo isso é importante para você.

– Como pode saber o que é importante para mim? Você nunca me perguntou. Faz o que bem entende quando acha importante. Nada disso é da sua conta; não se meta na minha vida.

Preciso dizer que meu coração ficou em frangalhos? Preciso descrever a dor e o remorso que experimentei naquele momento? Eu estava dando meu sangue, minha vida, e era assim que ela me tratava. O que fizera de tão terrível?

Então Erika, amiga de Gemmia, ligou. Ao que tudo indicava, as duas estavam juntas e ela ouvira a conversa. Queria saber se eu estava bem. Não, não estava. Erika explicou que Gemmia queria muito preservar a relação com o pai. Então me deu uma punhalada no coração.

– Sabe que Gemmia a culpa por ele não ter participado da vida dela? E que sente muita raiva pelo modo como você sempre falou dele?

– Eu e ela já discutimos isso. Por que o assunto voltou à tona?

– Não sei, mas acho melhor você ficar longe dos dois por um tempo.

– Como assim? Ficar longe dela?

– Acho que ela não quer vê-la por enquanto, Iyanla.

– Isso é uma loucura! Foi ela quem disse isso?

– Sei como tudo está sendo difícil para você. Difícil para ambas. Sim, ela disse. Mas sabe como Gemmia está no momento. Na certa, amanhã

mudará de ideia.

– Obrigada, Erika. Obrigada por ligar.

V

Passaram-se onze dias sem que Gemmia me procurasse. Achei que fosse enlouquecer. Yawfah falava com ela pelo menos três ou quatro vezes por dia. Segundo Yawfah, minha filha se corroía de remorso. Sabia quanto me magoara, mas também estava com raiva. Tudo isso, de acordo com Yawfah, era normal. Tinha relação com a doença. Era efeito da medicação. Fazia parte do processo de cura. Eu precisava aguentar firme e não levar para o lado pessoal. Em vez de obedecer, voltei a ligar para o pai de Gemmia. Conte-i-lhe que Gemmia não queria me ver e que estava sozinha em casa. Que seria um ótimo momento para ele ficar ao lado dela. Soube depois, por Gemmia, que ele nunca ligou. Nem

retornou minha ligação.

Quando Gemmia finalmente telefonou, disse que a bola em seu umbigo era um tumor. Crescia. Tinha ido ao médico. Ele ainda não queria operá-la. Sugerira mais seis semanas de quimio. Ela obedeceria, pois queria estar em Los Angeles no dia 15 de janeiro.

Começaria as sessões na semana seguinte. Ofereci minha companhia. Perguntou se eu dispunha de tempo. Nunca voltamos a falar sobre o pai dela. Os armários da cozinha não foram consertados.

VIDA E MORTE

*Às vezes, quando você cai, o
melhor é
permanecer deitada, parada,
torcendo para
ninguém passar por cima de você.*

*Se não passam e
você continua ali por tempo
suficiente, procurando
ficar bem quieta, respirando
devagar, recusando-se a
choramingar, Deus a levantará
e realizará
uma cirurgia em sua alma.*

A tensão entre nós duas, de alguma forma, relaxou, mas minha filha andava quieta e distante. Eu não fazia ideia do motivo – se era por causa da nossa discussão ou porque ela estivesse se sentindo muito mal. Embora negasse, Gemmia continuava a perder peso. À medida que emagrecia, o tumor parecia cada vez maior. Já estava protuberante, do tamanho de uma noz. Apesar disso, ela andava de bom humor. Caixas de mudança lotavam seu quarto e a sala de estar. Vendeu tudo o que não queria mais, inclusive roupas e sapatos.

A quimio naquele dia não foi das piores. Rezando, como sempre, pedi que seu sofrimento cessasse e que ela fosse preenchida pelo Espírito Santo, que lhe proporcionaria plenitude e bem-estar. Terminado o tratamento, voltamos para casa sem que houvesse incidentes. Yawfah viria mais tarde e sua chegada sempre animava Gemmia.

Na manhã seguinte, o telefone tocou. Era minha

amiga Susan, de Nova York, querendo notícias de Gemmia. Recebera um telefonema do Dr. Nyuen, famoso acupunturista, insistindo para que levássemos Gemmia até ele, para a continuação do seu tratamento.

Revelei a verdade a Susan: não tinha dinheiro para levar Gemmia a Nova York e pagar o tratamento. Ela ouviu em silêncio antes de dizer: “Se puder convencê-la a vir, eu cuido do resto. Já vi do que esse homem é capaz e é por isso que estou insistindo.”

Yawfah ofereceu-se para consultar Gemmia, enquanto eu saía para comprar mais uvas. Quando voltei, tudo já tinha sido resolvido. Bem cedo na manhã seguinte, Susan enviou uma limusine e um motorista que nos levaria a Nova York. Gemmia, Yawfah, Lydia e eu nos acomodamos no carro e, quando chegamos ao consultório médico, soubemos que tanto o tratamento quanto os chás de ervas tinham sido pagos. Para garantir que

Gemmia continuasse o tratamento, puseram uma suíte de hotel à nossa disposição. Foi uma bênção que superou os meus sonhos.

Lydia e eu voltamos para cuidar das crianças e Yawfah ficou em Nova York com Gemmia. Falava com elas duas vezes ao dia. A boa notícia era que os tratamentos de acupuntura ajudavam Gemmia a dormir. A má era que a dor a fazia acordar. No terceiro dia, eu não conseguia parar de chorar, sentindo-me péssima por ter deixado Gemmia em Nova York. É claro que ela amava Yawfah, que tinha um jeito especial de confortá-la, mas eu era a mãe dela, e deveria estar ao seu lado. No quinto dia, Gemmia não conseguia segurar nada no estômago e o Dr. Nyuen sugeriu um fim de semana em casa, uma consulta ao oncologista e o retorno na segunda-feira.

Fui esperá-las no aeroporto. No caminho, meu corpo inteiro tremia, incontrolavelmente. Vi Yawfah primeiro, com seu porte altivo e o lindo

turbante africano. Depois, vislumbrei um funcionário do aeroporto empurrando uma cadeira de rodas. Nela, minha Gemmia, *minha joia preciosa*, com o corpo esquelético engolido pela jaqueta de esqui e o gorro de lã quase lhe encobrindo o rosto abatido e magro. *Essa não podia ser a mulher que eu deixara em Nova York cinco dias antes!* Quando ela me viu, sorriu e tentou acenar com a mão. Caí de joelhos, coloquei a cabeça em seu colo e chorei. Mais uma vez, tive certeza. Entretanto, não podia, não queria aceitar. Definitivamente não!

Levamos Gemmia direto para o hospital. O oncologista deixara ordens para que fosse administrado o medicamento intravenoso. Depois de duas horas de agonia, Gemmia afinal descansou, serena. Eu me sentia enlouquecida. Quando ela dormiu, inspecionei-lhe o corpo. O que vi ficou gravado em minha mente, onde permanecerá até meu último suspiro.

O tumor triplicara e agora pendia de seu umbigo. Ela parecia um esqueleto coberto por uma camada de carne marrom fina e murcha. O golpe final foi ver que usava fralda, porque nem sempre Gemmia tinha forças para chegar ao banheiro.

Ao sair do hospital para pegar o carro, levei minha filha no colo. Fiz o mesmo na segunda-feira de manhã, para ir ao consultório médico. O médico avisou que interromperia os tratamentos e sugeriu que eu providenciasse o atendimento em casa. Gemmia permaneceu em silêncio durante todo o trajeto. Subi as escadas com ela no colo e deitei-a na cama. Nesse momento, ela disse:

– Aquele filho da p...! Encheu meu corpo de m... e agora quer me descartar. Acha que vou morrer, mas eu me recuso! Me recuso a deixar minha filha e me recuso a deixar que essa coisa me vença!

A voz era tão forte, que quase acreditei nela. Pegou o telefone e ligou para Yawfah. Conversaram horas, montando um plano de ação.

Quando desligou, disse que Yawfah estava feliz por ela se ver livre da quimioterapia. Entregou uma lista de alimentos prescritos por Yawfah e me pediu que enchesse a banheira. Tomar banho era um de seus hábitos, três ou quatro vezes por dia, porque a água quente relaxava os músculos. Enchi a banheira e fiquei feliz ao vê-la entrando sozinha. Agora, só faltava achar dinheiro para comprar os alimentos da lista.

Continuo a me surpreender com o fato de Deus mostrar o que precisa ser feito no momento exato. Eu tinha me esquecido completamente da aplicação que fizera para pagar a faculdade das crianças. Liguei para o corretor de seguros. Ainda tinha doze mil dólares no fundo. Ótimo! Ele poderia consegui-lo para o dia seguinte, dadas as circunstâncias. Fantástico! O dinheiro me possibilitaria pagar o corpo docente no Natal e manter o suprimento de cenouras, uvas, clorofila e todos os novos alimentos de que Gemmia

precisava. E com isso o dinheiro acabava. O que fazer? Engolir o orgulho e dar uns telefonemas. Alguém tinha de ter dinheiro que pudesse me dar. Vanessa me pediu para buscar em sua casa um cheque de dez mil dólares. Chorei durante todo o percurso.

Almasi teve a brilhante ideia de permitir que as estudantes participassem. Era impossível qualquer hesitação. Elas conheciam Gemmia e a amavam. Em vez de lhe dar presentes de Natal, poderiam contribuir com cenouras, uvas e verduras. O e-mail foi enviado e as ligações começaram a chover. Eu poderia pagar as contas de telefone e de luz, tanto as de minha filha quanto as minhas. Também poderia quitar as prestações vencidas dos nossos carros e ainda sobraria para pelo menos três dias de verduras. Deus é tão bom!

Faltavam apenas cinco dias para o Natal e Gemmia insistiu em manter nosso ritual. Lydia e as crianças enfeitaram a casa com lâmpadas. Eu

planejei o menu com Nisa, contando com a participação de Gemmia. Reviraríamos as lojas para comprar o que fosse possível para as crianças.

Tudo foi planejado. Mas as coisas aconteceram tão rápido, que me pegaram desprevenida. Ouvi os gritos de Gemmia. Os analgésicos tinham deixado de surtir efeito. Ela não conseguia ficar deitada nem sentada. De tão fina, a pele das costas mal podia ser tocada. O médico nos mandou de volta para o hospital. Gemmia estava desidratada e ele queria que ela ingerisse mais nutrientes.

Minha filha passou três dias no hospital. Durante esse período, a Dra. Mussenden foi visitá-la e me telefonou depois. Queria saber se Gemmia contara a Niamoja. Eu achava que não. Apesar de saber da luta de Gemmia e acreditar que tudo é possível, ela também queria que eu estivesse a par da gravidade da situação. Protestei com veemência: “Sou mãe dela e não vou ouvir isso!

Essa coisa pode mudar a qualquer instante.”

Era muito bom ter tantos amigos e conhecidos dispostos a me ajudar. O ex-marido de Judith era clínico geral, daqueles que acreditam em consultas na residência. Ia à casa de Gemmia lhe dar a medicação, inclusive injeções de vitamina. Na verdade, ele dizia, eu também deveria tomar, pois o estresse me prejudicava. Comentou ainda sobre uma clínica no México, que oferecia tratamentos alternativos para a doença. Tinha um amigo... Ligaria para ele... A voz que ouvi em seguida foi a de Gemmia. Ela entrara no quarto para pedir ajuda para ir ao banheiro e nos viu conversando.

– Espero que não estejam planejando outro tratamento. Por que você está sempre cochichando nas minhas costas? – Foi tropeçando em direção ao banheiro. Voltara a se zangar comigo.

Liguei para Almasi, que veio de imediato, pois Gemmia não permitia minha entrada no quarto. Na manhã seguinte, ela se acalmara e me entregou uma

carta de três páginas agradecendo tudo o que eu fazia por ela. Agradecimentos e acusações se alternavam continuamente. Terminou a carta dizendo que, caso se curasse, seria graças a ela mesma e a Deus. Escreveu que a maioria das pessoas encontra Deus depois que adoece. Com ela, foi ao contrário: tinha encontrado Deus antes e ficado doente depois. Não compreendia o motivo de justo ela, a boa menina, ter de enfrentar esse teste de fé, mas que sobreviveria a ele. Ficaria curada, não por mim, nem por Niamoja ou qualquer outra pessoa. Precisava se curar por ela mesma, para poder seguir sua visão – não a minha, mas a dela. E por fim pediu que eu respeitasse suas escolhas e parasse de planejar a sua vida.

Eu estava cansada demais para me zangar. Acordei na manhã seguinte com os olhos inchados, a cabeça doendo, o nariz escorrendo e os ouvidos zunindo. Apesar de estar tomando as injeções de vitamina prescritas pelo médico, peguei uma gripe

daquelas.

Gemmia não se levantou na manhã seguinte. Deixou que lhe pusessem uma fralda. Nisa a colocou na banheira e limpou o quarto enquanto eu, com o rosto coberto por uma máscara, preparava suco e mingau de aveia. Fiz o possível para me manter afastada durante o dia, embora Gemmia já não estivesse mais zangada comigo. Não queria lhe passar gripe. Limpei a casa e preparei os sucos para a tarde. Desabei na mesa da cozinha. Fui invadida por uma imensa tristeza e por um desespero ainda maior. Depois de algum tempo, me veio uma inspiração.

Liguei para o meu marido. No nosso encontro, durante a internação de Gemmia, Eden tinha sido gentil e prestativo. Então, decidi tentar.

– Preciso de você. Preciso da sua presença. Pode ficar sentado na sala de estar assistindo ao futebol. Não aguento mais cuidar de tudo sozinha.

Ambos ficamos em silêncio.

– Pode vir?

– Não acho que seja uma boa ideia.

– Você sabe que ainda é meu marido, que eu sou sua mulher. Foi um bocado difícil dar esse telefonema. Hoje, preciso de você de verdade, e Gemmia também precisa. Essa mulher que você considera que é sua filha precisa saber que pode contar com você. E eu, também.

Naquele momento, a maré virou.

– Sabe de uma coisa? Não vou permitir que você use as crianças para me manipular e fazer o que quer. Gemmia sabe que estou disponível. Não se trata dela, mas de você e desse seu jeito de manipular as pessoas. Procure outro. Comigo não!

– Você tem razão. Trata-se de mim. Como eu disse, preciso de você hoje. Como eu fui tola em achar que você me atenderia. Por favor, me perdoe. Nunca mais vou incomodá-lo.

Quando é que eu iria aprender? Desliguei o telefone e fiquei ali sentada até ouvir a sineta de

Gemmia tocar.

Para minha surpresa, Eden apareceu no dia seguinte. Combinara com Nisa que buscaria as crianças para comprar a árvore de Natal. Ficaram todas animadas, encantadas com sua presença. Depois que a árvore foi montada, ele me disse que ficaria com Gemmia, para que eu não a contagiasse. Ele e Damon se revezariam durante a noite, a fim de que eu pudesse descansar. Eram nove horas da noite.

Acordei às seis e meia da manhã. Subi as escadas às pressas, desejando ver Gemmia. Meu marido já saíra, provavelmente para o trabalho. Damon dormia no chão do quarto. Gemmia também estava no chão. O corpo contorcido, parecia não respirar. Então senti um terrível mau cheiro. Meu grito despertou todos na casa, inclusive as crianças.

– Liguem para a emergência! Liguem para a emergência! – Eu a embalava em meus braços.

Leves ondas convulsivas percorriam o corpo de minha filha. Descobri a origem do mau cheiro: Gemmia tinha se sujado e a sujeira se espalhara pela cama e pelo chão. – Por que deixei você sozinha? Por favor, me perdoe!

– Mãe, mãe, eu estava ao lado dela e não ouvi nada. Mãe, desculpe-me! – Damon se desesperou.

As horas seguintes são um borrão. Veio a ambulância e conseguimos chegar ao hospital. A taxa de açúcar no sangue baixara. As enfermeiras a limparam. A enfermeira-chefe convocou-nos todos, a família, para uma reunião. O câncer tomara o fígado e se espalhava para a coluna vertebral. Devíamos levá-la para casa e mantê-la o mais confortável possível. Sentia muito. Muito, mas muito mesmo. Voltamos para a casa de Gemmia. Nesse intervalo, meu marido apareceu. Esquecera a carteira e, ao voltar para buscá-la, viu a ambulância chegando. Almasi tinha limpadado o quarto. Helen e Muhsinah oravam. As crianças

tinham faltado à escola. Estavam bem.

Gemmia, sob forte sedação, dormia a sono solto. Eu me sentei ao lado da cama. Todos os outros tinham descido. Quando coloquei a mão sobre minha filha, ela estava fria. *Por que tão fria?* Convoquei a equipe para me ajudar. Senti algo no ar e não gostei nada disso. Pedi a Almasi e a Muhsinah que esfregassem as mãos de Gemmia. Deitei-me na cama e coloquei seus pés na minha barriga. Helen orava ao seu ouvido. Viviana e Judith rezavam em voz alta e choravam. Lydia apenas orava. Continuei esfregando-lhe os pés e as pernas. Assim prosseguimos, horas a fio. Então, do seu jeito habitual, Gemmia acordou e disse:

– O que essa gente toda está fazendo aqui? O que está acontecendo? Alguém pode, por favor, me ajudar a fazer xixi?

Todas começamos a rir, nos atropelando na tentativa de pegar a comadre. Ao se ajeitar na comadre, Gemmia olhou ao redor da sala,

balançou a cabeça e disse que parecíamos um grupo de curandeiras. Depois, baixou a cabeça e se deu conta de que suas partes íntimas estavam expostas. Então exclamou:

– Caramba, por falar em lição de humildade...

Ela não se lembrava do que tinha acontecido na véspera. Conteí tudo, omitindo as palavras da enfermeira.

Gemmia disse que estava cansada. Queria tirar um cochilo antes de se levantar e embrulhar uns presentes. Pediu que eu ficasse com ela. Os outros saíram do quarto. Permaneci ali sentada horas e horas, observando-a, checando seus pés e mãos. Estavam quentes.

De repente, tive uma necessidade absurda de orar. Então, orei. Pedi perdão a Deus por qualquer erro cometido que tivesse causado mal à filha dEle, à minha filha. Pedi perdão por tê-la, consciente ou inconscientemente, menosprezado. Pedi a Deus forças para aceitar Sua decisão, fosse

qual fosse. Roguei a Ele que não a tirasse de mim. A essa altura, parei. Pedi perdão e me resignei. *Não importa qual seja a Sua vontade, meu Deus, eu a aceito.* Parecia que eu flutuava, como se estivesse sendo levantada. Não conseguia abrir os olhos. Quis falar, mas não pude. Quis orar, mas, de algum modo, sabia que não era mais necessário.

De repente eu me senti de pé, num lugar muito alto, olhando para cima, em meio ao ar claro e límpido, o céu pertinho de mim. Meu coração palpitava, mas não senti medo. Então eu O vi. Parado acima de mim, diante de mim. Era Cristo. Jesus. Parecia ter três metros de altura. A pele escura, mais escura que a minha. Não consegui enxergar o rosto. Usava uma túnica esvoaçante comprida e uma faixa de tecido em volta do pescoço. Eu ouvia meus próprios pensamentos: *Iyanla, você enlouqueceu. Está vendo um Jesus negro.* Ele pareceu crescer ainda mais e se aproximou. No mesmo instante, meu coração

desacelerou. Nós nos fitamos por um segundo. Eu estava atônita com o que via e sentia.

Então ouvi uma voz. *Você vai entregá-la a mim?* Fiquei aturdida. O que Ele queria dizer? Permanecemos em silêncio pelo que pareceu uma eternidade. A pergunta foi repetida: *Você vai entregá-la a mim?* Meu coração voltou a disparar. Ouvi de novo: *Você vai devolvê-la?* Fez-se silêncio.

Eu me lembrei da minha oração. Queria chorar, mas não conseguia. Eu me vi tomando Gemmia nos braços, como tantas vezes no passado. Não sabia se ela estava adormecida ou morta. Ao levantá-la, percebi que estava nua, com os braços pendentes. Caminhei na direção dEle e a ergui. Gentilmente, a enorme figura se inclinou e tirou Gemmia dos meus braços. Nesse momento fui invadida por uma incrível sensação de paz, de quase alegria. Segurando-a, fitando-me, Ele caminhou ou flutuou para trás, não tenho certeza.

Meus olhos estavam fixos nos dEle. Olhei atentamente até não conseguir mais enxergá-los. Permaneci contemplando o vazio. Como um sussurro ao pé do ouvido, escutei alguém dizer: *Se ela sobreviver ao Natal, então viverá.* Em seguida, ouvi o riso das crianças na entrada.

V

Gemma ainda dormia, com o corpo quente. Eu beijava seu rosto quando ela acordou. Com uma força e disposição de que não dispunha havia dias, ela me cumprimentou “Oi, mãezona!” e se sentou, sem ajuda, na beira da cama. Parecia radiante. Os olhos vivos, nada embaçados, como estavam antes. Espreguiçou-se e fez menção de se levantar.

– Ai, meu Deus! Como se sente?

– Ótima, mas preciso fazer xixi. – Fui pegar a comadre.

– Não, isso não. Quero ir a um banheiro de

verdade.

– Tudo bem! – O que estava acontecendo? Levei Gemmia ao banheiro, deixei-a lá e corri para o andar de baixo, onde a equipe lanchava e conversava.

– Vocês precisam ver. Têm de subir e ver Gemmia. – A energia de minha filha me infundira energia. Quando ela saiu do banheiro, todas a cumprimentaram.

– Vocês ainda estão aqui. Já é Natal?

– Não, só amanhã. Ainda dá tempo.

– Ótimo, quero embrulhar meus presentes. – Afastou-se de mim e se dirigiu ao armário.

– Espere um pouco, as crianças vão acabar vendo. É melhor esperar.

– Está certo. – Ela se atirou na cama. Eu não cabia em mim de alegria. Chamei Niamoja.

– Nini, venha aqui. Sua mãe acordou.

Ela se mostrou hesitante. A princípio, ficou parada na entrada, recuando um passo em seguida.

Eu estava tão enredada no meu próprio medo, que esqueci como devia ser difícil para ela. Gemmia soube exatamente o que dizer:

– Nini, venha aqui me dar um abraço.

Ao ouvir isso, Niamoja entrou correndo e por pouco não derrubou a mãe. Ficaram entrelaçadas. Todas no quarto olharam, sorriram e quase choraram.

Chamei as outras crianças para que vissem que Gemmia se recuperara da tragédia da manhã. Enquanto ela as abraçava, beijava e entretinha, chamei Yawfah. Disse-lhe que Gemmia parecia ter superado a crise. Ela me abraçou e pulamos juntas de alegria.

Um delicioso milk-shake de morango e suco de cenoura de jantar. Hmmmm. Tulani ligou avisando que estava a caminho para passar o Natal conosco. Eu queria que todos presenciassem a recuperação de Gemmia. Nisa começou a preparar a ceia de Natal. Fiquei feliz por não ter de cozinhar. As

mulheres da equipe já tinham ido embora e na casa reinava a paz. Eu continuava pensando em Deus e observando Gemmia. Primeiro, ela leu um pouco. Depois foi até o quarto de Niamoja, tomou banho e, por fim, dormiu. Então eu me lembrei: *Se ela sobreviver ao Natal, então viverá.*

ALÉM DA MORTE

*Ergo os olhos para as
montanhas:
de onde virá meu socorro?*
– Salmos 121,1

Não era minha primeira experiência com a morte. Sabia que minha filha adorada se fora. Viviana me deu o estetoscópio para que eu checasse os batimentos cardíacos. Só ouvi um som oco, como se viesse de dentro de um túnel. Deitei Gemmia na cama e nos reunimos em torno dela para orar. Ouvi um grito de perfurar os tímpanos. Era meu.

Depois de orarmos, lavei Gemmia. Então trocamos sua roupa e lhe cobrimos o corpo, mas não o rosto. Arrumamos o quarto e cantamos sua música favorita. Tudo isso foi feito antes de ligarmos para a emergência. Tudo foi feito antes de alguém derramar uma lágrima. Nada de lágrimas até o agente funerário chegar. Damon foi o primeiro a desabar.

Eu estava determinada a não deixar Gemmia ser levada para o necrotério. Não queria que seu corpo fosse mutilado e esquadrinhado. O fato de ser Natal e de ninguém querer ser perturbado contou pontos a nosso favor. Quando telefonei para seu médico, para obter o atestado de óbito, entrou o serviço eletrônico. Ao ouvir meu nome, a telefonista começou a falar de um dos meus livros e de como eu a ajudara. Passei o telefone para Tulani e voltei a me sentar ao lado de Gemmia.

Num intervalo de mais ou menos quinze minutos, revivi a experiência dos órgãos de

Gemmia parando de funcionar. Um a um, senti os órgãos parar. Depois da segunda ou terceira vez, entrei num atordoamento do qual não saí até que enterraram Gemmia no alto de uma colina, no Jardim da Fé, no Harmony Memorial Cemetery.

Não me recordo de mais nada. Lembro que tudo transcorreu com serenidade. Sem drama. A equipe e meus amigos mais íntimos me cercaram como se formassem um cobertor humano. Todos se ocuparam de algo, ou seja, não precisei me ocupar de nada. Tivemos um funeral privado para a família e os amigos, em que realizamos os rituais iorubás tradicionais de sepultamento. Em seguida, houve uma cerimônia pública oficiada por quatro pastores de crenças religiosas diferentes. O reverendo Michael Beckwith fez o sermão. Sua mulher cantou todas as músicas preferidas de Gemmia. Tulani também cantou uma música de cortar o coração. Eram apenas duas palavras cantadas *a cappella* em diferentes idiomas: Muito

obrigado!

Era janeiro de 2004 e minha vida mudara de maneira indescritível. Passaram-se duas semanas até eu me dar conta de que não tinha noção de para onde Niamoja fora. Erika informou que ela ainda estava com o pai. “É lá que ela quer ficar? Não deveria ficar comigo?” Liguei para a casa dele, mas ninguém atendeu.

Fiz o possível para consolar Oluwa, embora ele ficasse repetindo que estava bem. *Ele não estava bem!* Gemmia praticamente o criara. Sua morte significava a perda de sua principal figura materna. Sabia que eu era sua avó. Sabia que Nisa era sua mãe. No entanto, procurava Gemmia para tudo. Chegara a dizer isso no funeral, de modo eloquente, o que lhe rendera aplausos de pé. Não passava de um menino de 12 anos que, talvez, não soubesse demonstrar as emoções. O mesmo acontecia comigo.

Lydia se encarregava de levar e buscar Oluwa

no colégio. Um dia, quando ela saiu, entrei no carro e parti sem destino. Minha casa parecia assustadoramente quieta. Era como se tudo se movesse em câmera lenta. Queria voltar ao mundo, pôr movimento em minha vida. Fui à minha livraria favorita, uma pequena livraria cristã na qual todos me conheciam. Entrei devagar e me encaminhei para a seção de Bíblias – embora não precisasse de mais uma. Coleciono Bíblias. Devo ter umas cinquenta, de diferentes traduções, cores e tamanhos. Só uso uma, que já está com as bordas amassadas.

Andei pelos corredores que conhecia tão bem. Encontrei uma nova Bíblia comparativa. Fazia menção de sair da loja, quando um dos atendentes me chamou.

– Bom dia, irmã. A senhora está linda hoje.

Ele se parecia com um missionário cristão do Velho Mundo, e se expressava como um. Alto. Magro. De uma brancura alvejante. E de uma

alegria entusiástica. Era novo na loja.

– Puxa, obrigada. Estou me sentindo bem hoje. – Não lhe dei mais explicações.

– Não encontrou nada? Não tem importância. Deus é bom. Posso lhe oferecer algo? – Ele ladeou as prateleiras até o balcão. – Aqui. Quero lhe dar isto. Eu amo esse salmo, é o meu favorito, e o leio sempre.

Quando baixei a cabeça, vi que ele me dera um santinho. De um lado havia o salmo 27, o preferido de Gemmia. Achei que meus joelhos fossem se dobrar.

– Conhece esse salmo?

– Sim, conheço. – Fiquei em dúvida, sem saber se devia lhe contar a respeito de Gemmia. Antes que pudesse me decidir, virei o santinho, e então meus joelhos se dobraram. Do outro lado havia um retrato de Jesus, o mesmo Jesus que eu vira no quarto de Gemmia. Usava uma longa túnica branca e parecia ter uma faixa multicolorida enrolada no

pescoço. O atendente me segurou quando eu tombeï para a frente.

Em seguida, só me lembro de segurar uma xícara de chá em uma das mãos e um monte de lenços de papel na outra. contei aos dois atendentes – ao novo e ao conhecido – toda a história da doença de Gemmia e da visão na noite de sua morte. De como me sentia louca, ainda acreditando que não fosse real, e sim um delírio da minha mente em luto.

– Não, irmã. A senhora não inventou nada. Vir aqui hoje e receber isso é a confirmação. Deus quer que saiba que sua filha está segura em Seus braços. Deus sempre manda uma confirmação de Suas obras.

– Mas um Jesus negro? Faça-me o favor! Isso não lhe parece estranho, sendo branco?

– Na verdade, não. Acho que o Senhor aparece para nós como o imaginamos. Esse é um retrato dele, esse é o Cristo. Em torno do pescoço traz

bandeiras do mundo inteiro. Ele ama a todos, irmã. Ele virá a nós, se permitirmos.

Os próximos dias e semanas transcorreram muito devagar. Eu não conseguia falar com Niamoja, o que me incomodava muito. Discutíamos o que fazer com os escritórios, pois o proprietário queria que quitássemos todos os aluguéis atrasados ou que deixássemos o local. Enfrentava o processo de vender o prédio comprado porque não podíamos bancar os pagamentos ou os custos da reforma e o proprietário agora estava inflexível. Eu não conseguia deixar nosso prédio e não suportava ficar nele. Gemmia construía aquele lugar do nada. Decorara cada uma das salas, comprara cada peça da mobília, cada livro, cada planta. Era ali que eu mais sentia a sua presença. Por isso doía tanto toda vez que cruzava aquelas portas.

Última semana de janeiro. O proprietário nos queria fora em fevereiro. Começamos a

empacotar, pensando em transferir tudo para um depósito e passar a dar as aulas numa sala de conferências de hotel. Almasi ficou encarregada do trabalho de campo e de procurar outro local. Detive-me diante do prédio. Temia entrar, mas não tolerava a ideia de ir embora. Repousava a mão no volante quando ouvi sua voz.

Liberte-se do que for material! Meu coração disparou e relanceei os olhos, esperando vê-la. Acho que chamei em voz alta: “Gemmia?” Então ouvi sua voz de novo.

Liberte-se do que for material! Ele nada significa. Foi o que eu fiz. Abri mão do material para me tornar Una no Espírito. A resposta à minha prece foi atendida.

O ritmo da minha mente foi diminuindo. Eu mantinha uma conversa mental com Gemmia.

Onde você está, meu amor?

Estou aqui.

Está bem? Quero dizer...

Estou maravilhosa. Estou bem. Agora você precisa abrir mão disso. Liberte-se do que for material. Esse prédio e esse lugar pouco importam. O que vale é o Espírito.

Quando entrei no prédio, contei a Lydia e a Helen o que acontecera no carro. Elas não pareceram chocadas nem tampouco surpresas. Balançaram a cabeça, e seus olhos estavam marejados de lágrimas. Quando Almasi apareceu, encontrou-nos sentadas no mesmo lugar.

– Vocês não vão acreditar! – exclamou.

– Ai, Senhor, o que foi agora?

Ela contou que tinha encontrado um lugar que podíamos pagar e que estava disponível para mudança imediata, a cinco minutos de onde estávamos. Na verdade, para chegarmos à casa de Gemmia era preciso passar por lá. Devemos ter passado pelo prédio um milhão de vezes ao longo desses anos e nunca o notamos. Almasi, de tão animada, pulou de alegria. Pedimos que se

sentasse e lhe contamos o que me acontecera no carro. O aposento mergulhou em silêncio até que, como se obedecêssemos a um sinal, nos debulhamos em lágrimas. Chorávamos e repetíamos em coro:

– Obrigada, Senhor! Obrigada, Gemmia!

v

Dois meses, duas semanas e quatro dias se passaram. Lydia me deu permissão para ir sozinha ao supermercado. Fui ao grande mercado de produtos orgânicos comprar tudo o que me acostumara a comer. Comprava ali havia três anos. Peguei o carrinho, a lista e me entreguei a um de meus passatempos prediletos: fazer compras.

Guardava as cebolas quando olhei para o lado e vi os brócolis cobertos por uma fina camada de vapor. Larguei as cebolas e cheguei perto dos brócolis. Só queria tocá-los. Ao fazê-lo, o inferno

se abriu! As lágrimas que eu tinha engolido e não me permitira derramar jorraram do fundo do meu ser. Comecei a soluçar em cima dos brócolis.

Cada mágoa, cada insulto, cada decepção foram pouco a pouco invadindo minha mente. As lembranças de cada perda, cada escolha errada, cada decisão idiota tomada no decorrer de toda a minha vida, voltaram com tamanha nitidez, que tudo parecia estar ocorrendo naquele instante.

Vendo isso, o funcionário chamou o gerente. Os dois homens me fitavam, bem como todos os outros fregueses que ouviam meu choro. “O que houve?”, “Podemos ajudar?”, “Ela está sozinha?”, “Alguém conhece essa senhora?” Eu os ouvia, mas não me importava. Gemmia amava brócolis e eu precisava me agarrar a isso. Precisava me agarrar a alguma coisa – qualquer coisa – que me aproximasse dela. Meu coração desfalecia. Eu sentia. Sentia a dor profunda de todas as perdas. Continuava com o rosto colado aos brócolis. Eles

arranhavam meu nariz e meus olhos. Um a um começaram a cair no chão. Desabei junto com eles. O segurança chegou.

– Por favor, chamem uma ambulância. Senhora, pode me dizer o que houve? Está machucada?

Claro, droga! Estou machucada no fundo do meu ser e perdendo o juízo, aqui, neste exato lugar. Neste exato momento!

Graças a Deus eu não conseguia falar. Chorei até não restar nem uma lágrima. Quando ergui o rosto, havia vinte ou trinta pessoas brancas me fitando. Os brócolis se esparramaram por todo lado. Um funcionário me ajudou a ficar de pé. Agradei, tirei os brócolis dos olhos e deixei a loja. Ninguém tentou me impedir e eu não olhei para trás.

Fui para casa e me deitei. Ali permaneci mais de um mês. Lydia tomou conta de Oluwa. Ela me alimentava. Lavava e dobrava a roupa, cuidava do meu cachorro e do meu gato. Eu dormia e lia dez

anos da vida de Gemmia em seus diários.

Em alguns, Gemmia mantinha um relatório diário do que fazia e de como se sentia a respeito de tudo. Em outros, documentava seus estudos espirituais e suas percepções. Deslumbrei-me ao verificar que ela mantinha anotações de quase tudo o que eu já dissera, cada aula, cada curso. Também usava os diários para escrever cartas. Quando tinha algo a dizer e não sabia como, redigia uma carta. Havia muitas, muitas cartas para mim, revelando suas experiências e pensamentos a meu respeito. Levei dois ou três dias para ler algumas. Lia um parágrafo, largava o diário e retomava no dia seguinte para outra dose. Fiquei abismada: ela me amava e também, sem dúvida, me odiava – tudo ao mesmo tempo.

Foi nos diários de minha filha que eu soube que o pai de Niamoja tinha batido duas vezes nela, a primeira quando Gemmia era muito jovem. Ela não queria que eu soubesse, achando que eu a

obrigaria a deixá-lo. Na segunda vez, ela devia ter 22 ou 23 anos, e achou que eu seria capaz de matá-lo. Ela se sentia encurralada, pois não queria que Niamoja crescesse sem pai, como ela. E também porque achava que nenhum outro homem a desejaria. Ao que tudo indicava, Jimmy a convencera de que ela era feia. Foi logo no início do relacionamento. Apesar de levar um tempo, Gemmia acabou se dando conta de que aquele era o jeito que ele tinha de controlá-la e manipulá-la, obrigando-a a continuar ao seu lado. Mesmo assim, no fundo ela acreditava nele, acreditava que acabaria sendo usada e abusada pelos homens, tal como a mãe. Ela não queria isso para Niamoja. Gemmia acreditava que se a filha tivesse um pai presente, as chances de que ela viesse a romper o padrão familiar seriam maiores. Gemmia tinha plena consciência do padrão e se culpava por não tê-lo rompido, por ela.

Foi a primeira vez na vida em que tive uma

visão muito honesta e íntima do modo como os outros me viam. Foi doloroso e esclarecedor. Às vezes, depois de ler parte dos diários, eu só conseguia dormir. Dormir parecia ser a única forma de refletir e receber autenticamente o que Gemmia escrevera.

Gemmia também registrara uma descrição detalhada de sua experiência com o câncer, desde o dia do diagnóstico até três dias antes de sua morte. Alguns de seus relatos eram tão tristes, que eu chorava horas a fio. Outros eram brilhantes. A consciência que tinha de si própria e de seu comportamento era extraordinária. Eu entendia seus conflitos, confusões e decisões. No entanto, em algumas passagens, ficava evidente sua regressão: escrevia com o coração e a mente de uma menina de 13 anos. Eram essas as mais dolorosas. *O que eu fizera com essa mulher? O que fizera com minha própria filha?* Os dias em que a deixei sozinha para escrever um livro que

nunca terminei foram dias que eu deveria ter passado com ela, horas que lhe trariam alegria. Os dias em que a obriguei a tomar suco de cenoura, quando tudo o que ela queria era um pedaço de bolo ou um peito de frango...

Se eu tivesse conseguido admitir que *sabia*, teria lhe dado algum prazer nos últimos dias de vida. A sensação era humilhante. Ela odiava isso e me odiava por isso. Também havia muita alegria em seus diários. Programas que fizemos juntas. Assuntos sobre os quais conversamos. Éramos boas amigas que tinham compartilhado muitos dias felizes. Eu sentia uma falta imensa dela. E ela, mesmo quando viva, sentia minha falta.

Li alguns diários três ou quatro vezes. Outros, jamais voltarei a ler. Ao terminar a leitura do último, havia muitos pontos sobre os quais estava segura. Gemmia não vivera sempre assim, mas havia muita raiva dentro de minha filha. Eu agora tinha certeza de que tudo o que fora reprimido e

calado a consumira e causara o câncer. Também soube que ela nunca imaginou que não fosse se curar. Lutara com todas as forças pela vida. Planejara a vitória – e a canção da vitória estava ali, por escrito.

O que aprendi, e que foi mais importante, é que a morte tinha sido, na verdade, uma resposta às suas orações. Escrevera muitas orações no diário. Na maioria, afirmava se entregar por completo à vontade de Deus. Nunca considerou que o desejo de Deus seria a morte, mas, segundo suas orações, ela a aceitaria, se fosse para ser assim. Algo que escreveu me causou um arrepio na coluna e me ajudou a entender o que eu ouvira no carro. Estava no diário: *Pai, sei que tens coisas importantes destinadas a mim. Sei que fui designada para cumprir missões importantes. Sei até que não serei capaz de realizar nesse corpo algumas dessas missões planejadas para mim. Esse corpo é apenas físico, material. A grandeza do que tens*

para mim é de natureza espiritual, uma natureza que jamais encontrarei neste corpo.

Eu folheava os diários, pensando e refletindo sobre quem eu seria ao final da experiência. Com base no que lera, precisava mudar algumas características minhas. Não porque Gemmia o tenha dito, mas porque eu não tinha consciência nem mesmo de que existissem. Precisava mudar, ou passaria o resto da vida acreditando ser responsável pelo câncer de minha filha. Devia pensar em Oluwa e em Niamoja. Queria ser uma pessoa diferente e ter uma influência mais benéfica em suas vidas. Queria desintegrar por completo nossos padrões familiares.

Folheava um dos diários, quando encontrei uma história escrita por Gemmia. Eu a li repetidas vezes, sempre com o coração apertado. Ao terminar de lê-la da última vez eu me encolhi em posição fetal, na qual permaneci durante quase todos os dias dos cinco meses seguintes.

JENNI E A MAMÃE.

O nascimento da sensação de
desmerecimento de uma menina.

Era uma vez uma menininha. Vamos chamá-la de Jenni. Jenni era uma garotinha meiga que adorava a mamãe, tanto que faria qualquer coisa para vê-la sorrir. Jenni gostava quando a mamãe sorria, porque isso significava que todos, e sobretudo a mamãe, estavam felizes. A felicidade da mamãe era maravilhosa. A felicidade da mamãe representava uns biscoitos a mais depois da escola ou aquele bolo de chocolate especial com o glacê de laranja que ela preparava raspando a casca e que deixava o prato colorido. Jenni adoraria um pedaço daquele bolo naquele momento. Jenni era uma boa menina. Já disse isso? Tirava as melhores notas da escola. Sempre ajudava em casa e fazia o possível para não

aprontar e não dar trabalho à mamãe. Mamãe tinha outros problemas. Por exemplo, cuidar do irmão mais velho e da irmã caçula de Jenni. Eles implicavam um bocado com Jenni e a chamavam de bebê chorão e de linguaruda. A mamãe também precisava trabalhar e cuidar do papai, do vovô e da Nana, então Jenni nunca passava muito tempo com ela. Os irmãos de Jenni recebiam mais atenção do que ela. Não por serem melhores, mas porque sempre se metiam em alguma confusão, o que exigia a atenção da mamãe. A mamãe não parecia gostar muito disso e Jenni sabia que aquele não era o jeito certo de se comportar. Não que Jenni nunca fizesse nada errado; apenas não se metia em confusões que obrigassem a mamãe a ir à escola.

Um dia, a mamãe de Jenni disse que queria tornar a vida melhor para todos eles. Disse que a família inteira precisaria ajudar para melhorar a situação. Não podiam ser uma daquelas famílias

que se veem nos escritórios de assistência social ou que moram em conjuntos habitacionais a vida inteira. Moravam num deles, mas não ficariam ali para sempre. Era apenas uma questão de tempo antes de tudo melhorar. Em resumo, a mamãe iria estudar na faculdade. Também trabalharia, e eles a veriam muito menos.

Jenni sentia muita falta da mamãe. Queria ter momentos especiais com ela, como no dia em que voltou da escola e mamãe disse que iria lhe mostrar um dragão secreto. “Mostra”, pediu Jenni. Mamãe sentou-se à mesa da cozinha perto de Jenni e avisou que não era preciso se assustar. Deu uma tragada no cigarro e soltou a fumaça pelo nariz como um dragão. Então deu a Jenni leite e biscoitos. Esses momentos especiais não costumavam acontecer com frequência, porque a mamãe estava construindo uma vida melhor para a família e parecia não sobrar tempo para bobagens.

Jenni daria tudo para obter a atenção da mamãe. Nada parecia funcionar. Quando a mamãe foi à escola de Jenni ensinar dança, Jenni assistiu à aula. Não era a melhor dançarina do mundo e mamãe foi logo dizendo isso. Mas Jenni continuou dançando assim mesmo, desajeitada como era. Ela se divertia, e desse modo podia ficar perto da mamãe. Jenni devia ter uns 8 ou 9 anos quando ficou doente. Teve amigdalite e gastroenterite. Então mamãe precisou ficar em casa cuidando dela. Afinal Jenni se tornara importante e merecia a atenção da mamãe. A mamãe ficou em casa com Jenni pelo que pareceu uma eternidade. Jenni gostou tanto, que, ao melhorar e precisar voltar à escola, fingiu que ainda estava doente. A mamãe tirou mais alguns dias de licença e ficou em casa com Jenni, mas depois bateu o pé. “Não posso mais continuar assim. Preciso trabalhar, ir à faculdade. Preciso que você se comporte como uma mocinha e pare

com isso.” Então Jenni parou de fingir e foi para a escola no dia seguinte, para a mamãe poder voltar à faculdade e ao trabalho. Isso durou anos e anos. A mamãe trabalhava e Jenni se comportava como uma mocinha. Às vezes, a ponto de brincar de mamãe com os irmãos. No fundo, Jenni sabia que um dia mamãe agradeceria tudo o que Jenni fazia por ela, para que todos pudessem viver melhor, como mamãe dissera.

Nana ficou doente e isso realmente deixou mamãe preocupada. Também preocupou Jenni e todo o mundo. Nana ficou doente muito tempo e mamãe fez tudo o que podia para cuidar de Nana até ela morrer anos depois. De repente, Jenni tomou a decisão de se tornar merecedora do amor e da atenção da mamãe. Dedicou a vida à mamãe. Jenni não agia como as adolescentes. Sempre trabalhava e entregava seu dinheiro para tornar a vida da família melhor. Num verão,

Jenni trabalhou num emprego para jovens e não recebeu. Era perto do Dia de Ação de Graças e mamãe não tinha dinheiro. Mamãe agora estudava direito. Afinal, Jenni recebeu o cheque de pagamento pelo correio. Eram 131 dólares. Jenni pegou o cheque, trocou-o e comprou uma ceia para o Dia de Ação de Graças. Mamãe ficou tão contente... Ela sorriu e Jenni ficou feliz ao ver seu sorriso.

Como Jenni passava muito tempo tentando ser uma mocinha, nunca aproveitou a vida. Não fazia parte de times nem de turminhas na escola. Tirava notas altas e estudava muito. Quando mamãe montou sua própria empresa, Jenni estava ao seu lado. Quando mamãe começou a dar palestras e a escrever livros, Jenni fez o possível para ajudar. Jenni gostava de trabalhar com mamãe. Mesmo quando não tinham dinheiro, ela ficava com mamãe. E quando tinham dinheiro, divertiam-se muito, mesmo que fosse

apenas uma saída para tomar sorvete. Para Jenni era indiferente. Desde que pudesse agradar a mamãe sabia que estava agindo da maneira correta.

Anos e mais anos se passaram. Jenni ainda ama sua mamãe e faz todo o possível para ajudar. Mamãe agora ficou famosa de verdade. Escreveu vários livros e viajou mundo afora ajudando pessoas. Jenni foi com mamãe a muitos dos lugares para onde ela viajou. Foi maravilhoso. Mamãe fez exatamente o que prometera. Transformou a vida da família numa vida melhor. Jenni sente orgulho da mamãe e de tudo o que fez para ajudar mamãe ao longo dos anos. Só tem uma coisa: ao dedicar sua vida à mamãe, Jenni nunca teve vida própria. Agora Jenni é uma adulta e tem uma filha com quem tenta sempre compartilhar momentos especiais. Mesmo assim, ainda anseia a sensação de ser merecedora. Jenni nunca se deu conta de que seu

mérito não viria da aprovação de sua mamãe. Seu mérito teria de vir por fazer algo da própria vida. Claro, Jenni tinha sonhos e objetivos, mas parecia encontrar dificuldade para realizá-los. Fica muito ressentida quando faz tudo o que pode para mamãe e outra pessoa recebe o crédito. Jenni só estava tentando ser uma moça grande e agora que afinal é uma moça se dá conta de que nem sabe o que isso significa.

Jenni ficou doente de novo. Dessa vez não está fingindo para obter a atenção da mamãe. Sabe que a última coisa que a mamãe deseja é que ela fique doente. Mas, ao longo dos anos, Jenni desenvolveu a crença no sofrimento e no desmerecimento. Ao longo dos anos, Jenni passou a acreditar que apenas os que sofrem e lutam desesperadamente, como a mamãe, merecem fama, dinheiro e atenção. Jenni não acredita já ter sofrido o bastante para ser merecedora. Jenni tem câncer. Não quer estar doente e isso a

assusta. Mas ainda não aprendeu que o que precisa aprender é a superar essa sensação de não ser merecedora e o sofrimento que isso traz. Qual é a lição?

V

Quando você assume o compromisso de aprender o que precisa aprender e de ver o que é preciso ver para curar, você aprende e cura. Quando a vida a força a sentar-se, a aquietar-se e a compreender o que a está machucando, você se senta e resolve a questão. Então irá compreender quanto magoou a si própria e aos outros, como continua a agir da mesma forma e o preço por permanecer sofrendo. Quando traz uma criança ao mundo e defronta com a tarefa de dar o último beijo no rosto que você lavou, beijou e acariciou, antes de fechar a tampa do caixão desse filho, você aprende algo que gostaria de não aprender.

Você vê as coisas que preferia não ver. E entende uma coisa: se você é capaz de viver depois de sepultar um filho, é capaz de suportar qualquer coisa na vida.

Quando me aquietei, reconheci que era viciada em sofrimento. Havia a busca constante da dor. Também percebi que isso não tinha nada a ver com ninguém, além de mim mesma. Claro, eu fora ensinada e aprendera lições quando criança, mas tinha crescido o bastante, aprendido o bastante e me curado o bastante para entender com mais profundidade as coisas. Eu tinha mais discernimento! E o que eu não tinha antes, passei a ter depois de ler os diários de Gemmia, passei a saber. Entretanto, porque ninguém validara meu aprendizado, meu crescimento nem minha cura, eu invalidei o que sabia, via e sentia. O pior é que eu tinha ensinado Gemmia a agir da mesma maneira. A se negar. A se desvalorizar. Ela me observara com muita atenção. Tinha aprendido muito a meu

respeito. E me ensinado um bocado.

A coisa mais importante que Gemmia me ensinou – e que ela reconhecia em mim, apesar de eu desconhecer –, era minha capacidade de amar. Apesar de todos os meus problemas, Gemmia tinha certeza de que, dentro de mim, lá no fundo, habitava uma alma amorosa. Gemmia me via como alguém muito, muito grande. Também via que minha grandeza não tinha ligação com o ego nem com o orgulho, mas com a profundidade do meu amor.

Não compreendi nada disso no decorrer da minha vida ou do meu casamento. Ficava confusa com a reação das pessoas. Vivía confusa com a reação do meu marido em relação a mim e ao meu amor. Passei cinco meses na cama, lendo e relendo aqueles dez anos de diários, para chegar à conclusão de que, diante da minha grandeza – a bênção e a generosidade de Deus em minha vida –, a maioria das pessoas, inclusive minha filha, não

acreditava estar à minha altura. No caso do meu marido, como ele não acreditava que fosse capaz de se igualar a mim, tentava me rebaixar. Quanto a mim, eu não aceitava meu próprio amor nem a grandeza da minha humanidade. Em vez disso, atraía e convidava para minha vida gente que provaria que minha mentira pessoal era verdadeira – que eu era má, fazia tudo errado e não merecia amor. Herdara essa patologia. A mesma história corria por meu DNA. Era uma mentira deslavada e eu daria fim a ela. Era evidente que Gemmia conseguira fazer isso.

A correspondência realmente se amontoa quando você não a lê durante cinco meses. Uma das minhas primeiras atitudes, ao sair da cama, foi examinar a correspondência. Havia literalmente centenas de cartões e número igual de cobranças. Várias advertências indicando problemas com o financiamento da minha casa. Advertências vindas em cartas registradas.

Juntei à pilha de revistas e catálogos que pretendia guardar uma carta registrada da Flórida, na qual não reconhecera o nome nem o endereço do remetente. Levei a pilha para o jardim, perto da cascata em que as rãs coaxavam convidando ao acasalamento da primavera. Abri a correspondência. A carta da Flórida era a petição de divórcio.

RECOMEÇAR

*Quando foi que eu me perdi?
Como foi que me perdi?
Há quanto tempo andava
perdida?
Algum dia me encontrei?*

Descobri que, na verdade, a vida não a derruba. Ela lhe concede várias oportunidades de avaliar o seu posicionamento: no que você acredita, o que defende, como se vê e como se trata. Quando seu posicionamento é fraco, você não é derrubado. Você cai. Tropeça nas falácias e fantasias criadas e herdadas. Escorrega nas peças defeituosas do

seu quebra-cabeça e no próprio jeito distorcido de ser. Às vezes, quando você tem sorte, cai sem que ninguém esteja olhando, o que possibilita que saia mancando e limpe as feridas às escondidas. Mais frequentemente, entretanto, você cai na frente dos outros e seu vestido se levanta, expondo sua calcinha furada aos espectadores que tentam a todo o custo não rir de você. Os que não riem e se apressam em ajudá-la a se levantar em geral não fazem ideia de que seu ego está mais arranhado que seus joelhos.

Como resultado de minha queda pública na televisão, descobri que eu estava pisando em areia movediça. Graças a Deus havia duas coisas nas quais eu podia me agarrar para sair do buraco. A primeira, meu inequívoco desejo de servir a Deus. A segunda, o amor e o apoio das mulheres da comunidade na qual e através da qual eu servia a Deus.

Lydia cuidou da minha casa. Almasi, Helen e

Deanna mantiveram meu negócio de pé. Yawfah, Rene e Vivian continuaram me lembrando de que eu não era culpada pela passagem de Gemmia, pela dissolução do meu casamento e pela mudança em minha carreira. Shaheerah e Raina repetiam sem cessar que eu vinha sendo preparada para algo extraordinário que exigia que eu mantivesse meu coração aberto e minha mente em paz. Tudo o que eu vivia me ensinava a ter total confiança no poder de Deus dentro de mim.

Foi uma pílula dura de engolir. *Será que minha filha precisou morrer para que eu me tornasse um ser humano melhor? Será que meu marido precisou me rejeitar e desonrar nosso compromisso para que eu fosse capaz de ter um propósito maior na vida? Perguntas erradas!* Os questionamentos mais importantes, maiores e mais profundos deveriam ser: *O que pedem que eu pratique? Que valores estou sendo solicitada a incorporar? Que serviço posso oferecer ao*

mundo, em consequência das lições que venho aprendendo? As respostas a essas perguntas e a muitas outras vieram na forma de um telefonema do produtor executivo de um programa de televisão chamado *Starting Over* (Recomeçar).

Um ano antes de fazer a passagem, Gemmia insistira para que eu tentasse a sorte e me candidatasse a uma vaga no *Starting Over*. Não demonstrei interesse. Já tinha me queimado na televisão. E ainda rondavam meu ego resquícios de vergonha da minha experiência no *Oprah*. Gemmia se recusava a aceitar um não como resposta. Quando os produtores me ligaram, fiquei chocada. Eles estavam interessados. Fui assaltada por sentimentos ambivalentes. Tomei minha decisão quando me convidaram para morar em Chicago naquele inverno e gravar lá a primeira temporada do programa. Não suporto o frio! Sobretudo o frio de Chicago. Além do mais, meu marido saíra de casa e eu devia cuidar de Oluwa.

Na segunda temporada, o programa seria gravado em Los Angeles. Eles continuavam insistindo para que eu participasse da primeira temporada. Estaria interessada?

Não muito. Tinha enterrado minha filha seis meses antes. Tinha uma neta de 12 anos para criar. Eu era a figura mais próxima de mãe que minha neta conhecia. Mesmo que eu fosse capaz de resolver todos os outros pontos, não podia deixar Niamoja.

Muita coisa tinha acontecido desde a morte de sua mãe. Nisa se mudara para a casa de Gemmia e cuidava de Niamoja depois do colégio. Jimmy iria se casar de novo. Ele e a namorada andavam ocupados fazendo planos para o futuro. Ele achava que eu forçava Niamoja a “se agarrar” à memória da mãe. Disse que eu vivia falando de Gemmia. Quando lhe pedi que Niamoja passasse comigo seu primeiro Dia das Mães depois da morte de Gemmia, ele me comunicou que tinha outros

planos. Passariam o dia na casa dos futuros sogros, em outro estado. Quando perguntei se notara como Niamoja parecia retraída e apática, ele disse que ela só ficava assim perto de mim.

Eu sentia que minha neta enfrentava problemas emocionais e espirituais. Também tinha consciência de um padrão que poderia ter nela um efeito devastador, se não fosse tratado com cautela e consciência. Minha mãe morreu quando eu era pequena e eu fui criada por minha avó. A mãe de Jimmy, avó de Niamoja, morreu quando ele era criança. Ele foi criado pela avó. Agora ali estava eu, diante da possibilidade de ser a responsável pela educação de uma neta. Queria estar consciente, alerta e disponível para proporcionar a ela amor, sentimentos positivos e força. Mas a situação era muito difícil. Quando ligava para Niamoja, era raro alguém atender ao telefone. Deixava recados e ficava semanas sem retorno. Quando ela ligava, mostrava-se taciturna e

retraída. Quando eu ia visitá-la na casa de Gemmia depois das aulas, seu estado era quase catatônico. Perguntei a Jimmy se ele tinha considerado a hipótese de uma terapia. Ele informou que a psicóloga do colégio afirmara não ser necessário, pois Niamoja estava se adaptando muito bem à nova realidade. Sugeri que a psicóloga fosse chicoteada!

Talvez meu controle fosse exagerado. Talvez eu me agarrasse à memória de Gemmia de modo doentio. Talvez eu fosse a bruxa que ele me considerava, tentando usurpar seu poder de pai. Não tinha certeza e, cá entre nós, pouco me importava com isso. Uma coisa que aprendi, com base em minhas experiências de criança e nos erros cometidos ao criar meus filhos, foi que temos de priorizar as necessidades das crianças. Jimmy não concordava comigo. Niamoja vivia sob o teto dele e eu devia guardar minhas opiniões para mim. Novamente aquela atitude machista! Ali

estava outro homem em minha vida tentando me rejeitar, negar e desacreditar. Novamente havia um homem que eu treinara para me tratar mal e eu aceitava seus modos por achar que ele tinha algo de que eu precisava, algo que eu desejava. *Droga! Como vai lidar com isso dessa vez, dona Iyanla?*

Decidi que pouco importava meu relacionamento com ele. Continuaría concentrada na minha neta. Não me encolheria por medo de irritá-lo. Brigaria por ela e por mim, pela primeira vez na vida. Pediria o que desejava, mesmo que me negassem. E, sobretudo, não levaria em consideração as opiniões dele – em geral bastante sórdidas, perniciosas e egoístas – sobre o que eu julgava ser necessário fazer para curar Niamoja. Jimmy se empenhou ao máximo para que meu comportamento fosse considerado egoísta: minha atitude, meu controle, a insana devoção à minha filha morta. Decidi que ele era louco. E que o trataria como tal.

Muitos homens acreditam ter o direito de nos dar ordens. Identifiquei outro padrão em ação: quando eu terminara o ensino fundamental, sonhava em ser enfermeira. Naquela época, essa profissão exigia que se estudasse o ensino médio em uma escola especializada. Meu pai, que sempre se mantivera ausente da minha educação, declarou num rompante que eu deveria frequentar uma escola regular.

A situação de Niamoja me levou de volta à linhagem dos homens em nossas vidas que se julgavam no direito de decidir nossos destinos e desconsiderar nossos desejos.

Niamoja não era minha única preocupação. Oluwa, agora com 13 anos, tivera seu primeiro encontro significativo com a morte. Perdera a mulher que conhecia como mãe. Também perdera o avô, meu ex-marido, a principal figura masculina de sua vida. Eu percebia alguns graves indícios em seu comportamento – o que não era de estranhar. A

vida do menino virara de cabeça para baixo. Seus hormônios afloravam. Eu me sentia emocionalmente exausta, incapaz de lhe oferecer o apoio ou a disciplina necessária. Ele começou a sumir pelo menos uma vez por semana. Suas notas eram um desastre. Em nosso subúrbio rico de Maryland, a escola que ele frequentava resistia a integrar-se ao século XXI, o que resultava em brigas, xingamentos, impedimento da circulação dos ônibus e ameaças de expulsão. E não apenas por parte dos alunos. Os adultos também tinham seus problemas, enfrentando jovens negros cheios de voz e opiniões.

Eu estava alerta demais e não podia fingir desconhecer tudo isso. Ou teria de bater em Oluwa, no estilo da minha avó, ou ignorar e passar a mão em sua cabeça, como Nett e tia Nancy tinham feito. Não iria prejudicar o desenvolvimento de mais um negro da minha linhagem. Eu tinha permitido o mau

comportamento em minha família por tempo demais, cozinhando-o em fogo brando. Aproveitei a oportunidade para pôr fim ao padrão. Não podia me deitar na cama e cobrir a cabeça.

Uma tarde, recebi um telefonema da escola avisando que Oluwa tinha sido suspenso. Quando perguntei o motivo, disseram-me que eu precisaria conversar com o diretor. Tentei me reunir com ele por três dias, até receber uma carta informando que Oluwa se envolvera num incidente ainda sob investigação. Sua versão da história era que, no ônibus, besuntaram uma menina de doce e ele tinha tentando socorrê-la. Ela o atacou, provavelmente amedrontada. As outras crianças disseram que era contra a lei um negro tocar em uma mulher branca. Oluwa deu uma resposta desaforada e foi só isso que o motorista ouviu.

A menina escreveu um relatório informando que Oluwa tentara ajudá-la. O diretor abriu a “investigação” para apurar fatos adicionais. Como

advogada, expliquei-lhe que os fatos eram claros. Levei o incidente ao conhecimento da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP, a sigla em inglês), que havia mais de três anos vinha recebendo uma série de queixas contra a escola. Não me responderam. Tirei Oluwa da escola. Durante alguns meses, dei-lhe aulas particulares em casa e por fim decidi que ele encontraria o tipo de estrutura e disciplina necessárias numa escola militar na Virgínia.

Com Oluwa na escola e o pai de Niamoja se interpondo entre nós duas, nada me impedia de aceitar a oferta do *Starting Over*. Nada, exceto o medo, a vergonha e a culpa. A antiga Iyanla, submissa, que acreditava não merecer coisas boas, voltava à cena. Infelizmente, a nova, amorosa, sábia e brilhante Iyanla ainda não tinha se firmado. Continuava agindo movida pela vergonha da antiga Iyanla, que teve o nome removido da placa no estúdio de televisão. A nova Iyanla ainda tentava

se desvencilhar da culpa da antiga Iyanla por não ter feito tudo ao seu alcance, a fim de salvar a vida da filha. Como poderia ajudar outras pessoas pelo mundo, se não tinha sido capaz de salvar sua Gemmia? Como poderia falar às massas sobre o poder do amor e a beleza dos relacionamentos, depois de fracassar na sua vida íntima? A nova Iyanla, de grande convicção religiosa, segura, amorosa, não tinha muita certeza de possuir experiência nem força suficientes para voltar à televisão em cadeia nacional. Nunca fizera nada dessa magnitude sem sua melhor amiga, Gemmia. É claro que agora tinha mais consciência e um pouco mais de compreensão, mas estaria *pronta de verdade*?

De acordo com o público, estava mais do que pronta. Nascera para isso. Um novo começo se descortinava. A oportunidade de recomeçar, no sentido literal da palavra. Afirmaram que esse teria sido o desejo de Gemmia. Diziam ser uma

resposta às suas orações. A nova Iyanla, aperfeiçoada, apesar de ligeiramente hesitante, precisava arrumar as malas e partir para Los Angeles, sem pensar duas vezes. E assim ela fez, quero dizer, eu fiz.

Starting Over foi o primeiro reality show diurno apresentado numa cadeia de televisão. Reuniu seis mulheres de diferentes idades e formações numa casa e lhes ofereceu apoio para resolver um importante desafio em suas vidas. Cada mulher tinha uma instrutora que, com a ajuda de uma terapeuta, propunha uma série de exercícios de treinamento e conversas comoventes como instrumentos para a mudança. À medida que a mulher enfrentava vários desafios, ela se tornava mais autoconfiante, consciente e realizada. Depois de seis a oito semanas na casa, mudava o visual para celebrar a nova vida e então se formava, sendo substituída por outra mulher, que se submeteria ao mesmo processo. Como instrutora

d o *Starting Over*, deparei com todos os meus dilemas, sob rostos e nomes diferentes, apresentados num conjunto de circunstâncias distintas. Defrontei com os problemas vividos com meu pai e minha mãe, confrontei minha baixa autoestima e minha falta de autoconfiança. Constatei quanto me tinha sido negado, quanto fora abusada e punida. O bom foi ter sido capaz de reconhecer meus problemas e de discuti-los com as mulheres de modo direto e autêntico. O ditado “ensinamos o que precisamos aprender” ganhou vida para mim. O único problema era que eu fazia esse trabalho em cadeia nacional, diante de centenas de milhares de pessoas, sem me sentir totalmente preparada. Eu precisava me aprimorar naquele método. Nem sempre me mostrei muito afetuosa. Pelo menos, assim me parecia.

Muitas noites, durante aquela primeira temporada, eu voltava tarde para o meu apartamento minúsculo e chorava até dormir.

Agira do modo correto? Usara as palavras adequadas? As câmeras me engordavam? Recebia empolgantes retornos das mulheres lá de casa, que pareciam estar indo muito bem. Mas resquícios da Iyanla antiga e insegura rastejavam, tentando ocupar minha consciência. Esse torturante sentimento de inadequação, a dificuldade de entrar em contato com Niamoja e os problemas de adaptação de Oluwa à escola militar ameaçavam tornar minha primeira temporada no *Starting Over* um infeliz começo.

No início de minha jornada espiritual, lembro-me dos ensinamentos de um de meus professores: a oração e a meditação curam a alma de quase todas as aflições. Apenas uma coisa não podia ser curada pela prática espiritual diária: o fracasso em cumprir a prática espiritual diária. Ouvi a mesma teoria de muitos professores espirituais dos tempos modernos. Eu praticava, mas não alcançava o alívio. Precisava me aprofundar, mas

não dispunha de tempo. Trabalhava de dez a doze horas por dia – às vezes, ainda mais. Sentia saudades de casa e, para aliviar a dor, me plantava diante da televisão. Então decidi passar o Natal em casa, e tudo mudou – para sempre.

Seria o meu primeiro Natal sem Gemmia e o primeiro aniversário de sua passagem. Achava que Niamoja devesse ficar comigo e com o lado materno da família. Claro que o pai não concordou. Discutimos o assunto várias vezes – com delicadeza, embora ambos, tenho certeza, nos xingássemos por dentro. Ele, afinal, cedeu e concordou em deixá-la passar as festas comigo. Niamoja, Oluwa e eu decidimos não comemorar aquele Natal em casa. Iríamos esquiar e nos divertir. E lá fomos nós para um hotelzinho acolhedor na Pensilvânia. É claro que nos divertimos, mas, se pudéssemos escolher, estaríamos em casa seguindo a rotina do tempo em que Gemmia ainda era viva.

O Ano-Novo se aproximava quando o telefone tocou. Como não reconheci o número, não atendi. Em segundos, o telefone voltou a tocar. Na terceira vez, atendi. Era ele. O marido de quem ainda não me divorciara. Só queria notícias. Não tinha conseguido falar comigo no Natal. Como estavam as crianças?

– Estou vendo que seu número mudou – comentei.

– É verdade, troquei a operadora.

– De quem é esse número? Conheço esse número.

– É de um amigo.

Alguma coisa não soou bem. Dei alguns telefonemas até identificar o nome. Era o da viúva de seu melhor amigo, falecido um ano antes, pouco antes de Gemmia. Eu a conhecia superficialmente. Quando o marido dela adoeceu, meu marido insistiu para que eu orasse por ele com ela. Atendi ao seu pedido. Convidei-a para as reuniões de

orações e cerimônias de cura dedicadas a Gemmia e ela aceitou. *Ei, espere aí! Esses dois estão juntos? Estavam tendo um caso bem debaixo do meu nariz? Ele nunca tivera a intenção de encontrar sua visão e voltar!*

Depois de mais alguns telefonemas, descobri que eles não apenas estavam juntos, como também discutiam abertamente o relacionamento com pessoas que eu considerava meus amigos íntimos. Frequentavam a aula de uma de minhas alunas, que sabia que aquele homem sentado diante dela com a namorada era meu marido. E nenhuma, nem uma só das pessoas que oraram comigo pedindo a salvação de meu casamento, nenhuma daquelas pessoas que sabiam como eu me sentia arrasada tinha me contado nada –até eu perguntar. No princípio me senti traída. Depois, *furiosa!*

Quando se recomeça a vida com uma nova identidade, quem você já foi costuma desafiá-la. Quem você já foi um dia tentará atraí-la,

levantando a bandeira de feridas e problemas antigos bem na sua cara. Quando isso acontece, você se sente tentada a voltar aos sentimentos, padrões de pensamento e padrões de comportamento de outrora. No entanto, quando você toma a decisão de que seu antigo eu está morto e enterrado, quando adquire certo grau de clareza sobre quem você é ou deixa de ser, quando sabe *quem escolheu ser...* a reação é diferente. Você reconhece em seu novo eu um caráter diverso, uma nova postura, uma presença de espírito renovada, em comparação com seu antigo eu. Você se dá conta de que chegou a hora de tomar posse de suas faculdades mentais e emocionais, em vez de permitir que elas divaguem, perdidas entre pensamentos de certo, errado, justo e injusto. O novo eu deseja se erguer, se posicionar e lutar por sua honra e dignidade. O antigo eu pode ter se comportado como uma criada, à espera de ordens e autorização para o

que fazer e como fazer. O novo eu é a rainha, a postos, preparada para assumir o trono de sua vida e comandar seu reino interior e exterior com superioridade, força e autoridade. O objetivo da rainha é saber o que é melhor para o seu reino. A rainha deve possuir uma personalidade amável, procurar não nutrir rancor contra ninguém, pois, nesse caso, algumas pessoas – talvez as erradas – podem ser decapitadas!

Eu sabia onde meu marido estaria e em que momento, então me dirigi para lá. Falei com ela. Falei com ele. Falei com os amigos que os recebiam juntos e nunca pensaram em me contar nada. A caminho de casa, eu me senti tentada a remoer a raiva, de acordo com meu antigo padrão. Fiquei agradavelmente surpresa ao constatar que não me sentia magoada. Remoer mágoas me causaria mais danos do que eu me dispunha a enfrentar. Por fim, eu me perguntei: “O que Gemmia diria se estivesse aqui?” Suas palavras

invadiram minha mente e meu coração: *Salve-se e deixe essa gente para lá!*

Depois de transferir Oluwa para um colégio interno, voltei para o *Starting Over* com uma nova postura. Claro, ainda persistiam algumas lembranças e pontadas de tristeza, mas, em geral, eu me sentia inteira. Reconheci que outro padrão da minha vida chegava ao fim. Eu presenciara a luta física da tia Nancy para que seu marido a respeitasse. Vira Nett, minha madrastra, murchar ao tomar conhecimento de que seu marido tinha outra família, do outro lado da cidade. Assistira aos variados graus de tortura autoinflingidos por minhas amigas quando ficaram sabendo que dividiam seu amado com outras mulheres. Lera sobre as experiências de Gemmia com Jimmy nos diários. Percebi que os padrões familiares não se fundamentam apenas em comportamentos, mas também em padrões de pensamento. Perduram porque os aceitamos, acreditando que nada mudará

e que a única solução é seguirmos em frente, fingindo que não os estamos percebendo.

Não estava mais disposta a tolerar o padrão que me levava a negar a realidade. Optava por outro caminho. Assumiria o meu trono, consciente de ter a oportunidade de fazer por Niamoja o que não fizera por Gemmia e Nisa: ensiná-la a dizer não, sem maiores explicações. Protegia as fronteiras de meu reino. A bênção foi ter a oportunidade de compartilhar em cadeia nacional o que aprendia, enquanto aprendia.

Em certa ocasião, tive uma conversa com meu amigo, meu irmão, o reverendo Michael Beckwith. Depois de contar minha história e perguntar se eu estava trilhando o caminho certo, ele não apenas me apoiou, como também me encorajou a fazer tudo em nome de Gemmia. Sugeriu que eu seguisse a tradição budista de transformar a dor e a tristeza em algo positivo, em nome de um ser amado. Adotei sua sugestão durante as duas temporadas no

Starting Over. Foram os dois anos mais produtivos e saudáveis da minha vida. Apesar disso, não passavam de uma preparação para o que estava por vir.

NA GRAÇA DO SENHOR

*De manhã, ao despertar quero
despertar um Sagrado despertar.*

– Canção religiosa negra

Quando é que você considera que já suportou o bastante? Quando é que quem você é, o que aprendeu e como cresceu se tornam algo suficiente para sustentá-la? Essas perguntas habitavam meu coração ao voltar para casa, em Maryland, depois de duas temporadas do programa *Starting Over*. Eu tinha oferecido tudo o que sabia, tudo o que tinha a dar. Aprendera muito durante o processo. Agora, só queria ficar em paz para conhecer o que

se passava dentro de mim. Sentia uma dor profunda nos ossos. A dor de estar de volta à minha casa vazia, sem meu marido e sem Oluwa. A dor de estar de volta à minha vida sem Gemmia. A dor de ter aceitado a falta de contato com minha neta. A dor de não saber qual o próximo passo a dar na vida. Passei dias no quintal dos fundos da casa, ouvindo o chilrear dos passarinhos e o riacho correr e permiti que meu coração chorasse as lágrimas que havia tanto tinham secado.

Examinando a correspondência, encontrei várias cartas da empresa responsável pela hipoteca. Comecei da mais antiga. Ela me fazia saber do prazo de quarenta e oito dias para pagar a hipoteca no valor de quase quatrocentos mil dólares. Liguei para o contador. Era algo que ele e Gemmia tinham calculado para que eu comprasse minha casa à vista. Também era a única forma de conseguir uma hipoteca na época. Lembrava vagamente de Gemmia ter comentado isso, pois ela

cuidava de todos os assuntos. Tinha planejado comprar minha casa com o salário do programa *Iyanla*, antes de eu ter sido demitida. Segundo meu contador, ninguém iria refinanciar uma hipoteca apenas com a quitação do pagamento dos juros, o que significava que, agora, ou eu pagaria tudo, ou executariam a hipoteca da minha casa.

Depois, havia o problema do imposto. Embora me tivessem concedido um ano de carência, precisaria recomeçar os pagamentos mensais de trinta mil dólares, ou então decretar falência. Falência? De jeito nenhum. Eu tinha o dinheiro e pagaria! Essa era a casa da minha família. Eu era a primeira geração a ser dona de um imóvel. Para meus filhos e netos, esse era o local em que nos reuníamos. Mas os tratamentos de Gemmia tinham esgotado minhas economias. A mensalidade do colégio de Oluwa e minhas despesas me levavam à beira da agonia todos os meses. Não tinha família a qual pudesse pedir ajuda e a maioria dos

meus amigos é que *me* procurava quando estava em dificuldade. Minha filha, meu casamento e agora minha casa. Até onde tudo isso iria?

Pedir falência me ajudaria com as taxas atrasadas, mas também representava a venda da minha casa. Era inconcebível. Devastador. Constrangedor. Eu era formada em direito, tinha mestrado e já cursara seis dos créditos exigidos para obter meu Ph.D. Talvez arrumasse um emprego e voltasse a exercer a profissão de advogada. Talvez pudesse pedir o dinheiro emprestado ou conseguir que alguém comprasse minha casa e a alugasse para mim. Não sobrava tempo para nenhuma dessas opções. Não era justo! Definitivamente, não era! Então a patologia da culpa invadiu a corrente do meu DNA. *Por que eu...? Como eu...? Estaria sendo punida por...* A prima da culpa, a vergonha, veio logo atrás. *Olhe só o que você aprontou agora. Todo o mundo vai saber. Como pretende se intitular*

espiritualizada? A batalha interna prosseguiu dias a fio, enquanto eu tentava o possível para protelar o impensável. Então, aconteceu.

Numa clara e ensolarada tarde de terça-feira, o administrador da massa falida, um corretor de imóveis e um avaliador de propriedades tocaram a campainha de minha casa. Estavam ali para avaliar meus bens. O avaliador colocou luvas de borracha, entrou em cada aposento de minha casa e, de modo metódico, examinou todos os armários e gavetas. Contou minha prataria, minha louça, meus cálices.

Segui o avaliador de aposento em aposento, enquanto ele vasculhava e contava. Quando chegou à porta da frente, voltou-se para mim.

– Sinto muito. A casa da senhora é muito bonita. Com isso, minha casa foi posta à venda.

No dia 15 de agosto, fui informada de que tinha até 1º de outubro para deixá-la. Nesse meio-tempo, o corretor precisava de permissão para

mostrá-la aos possíveis compradores. Essa era uma afronta que eu não poderia e não iria suportar sem perder a sanidade. Com a falência, meu crédito foi bloqueado. O restante de minha vida se desmanchava. Senti-me perdida, só e aterrorizada.

Minha família comunitária cuidava de mim e orava. Algumas amigas apenas balançaram a cabeça, como eu, e exclamaram: “Já chega!” Outras, me encorajaram: “Você sabe como agir.” E eu agi. Sabia como agir. Estava muito fragilizada para agir, mas também sentia medo de não agir. Então, orei e orei. Supliquei com todas as forças do meu coração. Apoiada em minhas companheiras de oração, Shaheerah e Raina, agarrei-me a meu braço direito, Almasi, e a meu braço esquerdo, Lydia. Rapidamente aprendi a deixar que me ajudassem. Aprendi a pedir ajuda. Tinha quarenta e cinco dias para deixar minha casa. Precisava empacotar tudo. Duas de minhas alunas, Deborah e Laura, me ajudaram. Mas para

onde diabos eu iria?

Um dia, pela manhã, recebi uma revelação. Fui meditar na sala de orações. Após acender meu incenso preferido, eu me sentei na minha poltrona preferida e li meu salmo preferido, que também era o preferido de Gemmia. O salmo 27 começa assim: *O Senhor é a minha luz e a minha salvação*. Eu o estava lendo pela décima vez quando comecei a sentir a brisa fria. Fechei os olhos e me entreguei. Podia sentir o perfume. Podia senti-la. Gemmia estava presente na sala. Lágrimas mornas escorreram por meu rosto. “De quem terei medo?” O coração disparou e o corpo inteiro começou a vibrar. “Pois no dia da adversidade Ele me guardará protegido em sua habitação.” Queria abrir os olhos para conferir se era possível vê-la, mas eles não se abriam, não conseguiam se abrir. “Ouve a minha voz quando clamo, ó Senhor; tem misericórdia de mim e responde-me!”

Tudo o que sentia naquele momento era amor. Não tinha certeza se era o amor de Gemmia ou o de Deus – ou talvez fossem uma coisa só. Seria imaginação, ou eu estaria enlouquecendo de vez? Mas já tinha me sentido assim antes e para mim era real.

Lembrei as vezes em que minha avó me acusara de ser pagã. Talvez fosse. Lembrei todas as vezes em que meus amigos profundamente cristãos tinham me alertado do perigo de me envolver com o mundo espiritual. Talvez fosse verdade. Naquele dia, entretanto, estava em casa, no meu santuário, onde a energia e a intenção eram puras. Precisava de orientação. Pouco importava que viesse do outro mundo. “Não rejeites com ira o teu servo; tu tens sido o meu ajudador.”

Então ouvi uma voz feminina. Cada fibra do meu ser estava alerta.

“Você não fez nada de errado.”

Meu corpo se inclinou para a frente e chorei ao

ouvir de novo as mesmas palavras:

“Você não fez nada de errado.”

Queria muito acreditar naquelas palavras. Precisava saber que não causara a morte de Gemmia. Que não era responsável pela falência do meu casamento. Precisava saber que não tinha arruinado a minha vida ou a vida de meus filhos e que a perda da minha casa não era uma espécie de punição divina. Precisava de alguém, de qualquer pessoa, viva ou morta, que me dissesse que os desejos mais profundos do meu coração não eram falsos. Então, recebi a mensagem que, creio, governará o restante dos meus dias:

“Você é uma ponte. Uma ponte entre terras, tempos, culturas e pessoas. Sua vida é sagrada. Você tem missões a cumprir e dádivas a doar. Sua filha nasceu para ajudá-la. Ela veio à Terra por pouco tempo, com uma missão: pôr fim a dezessete gerações de raiva, de mulheres que foram vítimas do abuso dos homens. Ela assumiu esse encargo

para que você não fosse obrigada a fazê-lo, para que você pudesse completar sua missão. Ela deu a própria vida para poupar a sua. Foi esse o acordo.”

Então, ouvi os nomes das mulheres das dezessete gerações. Sahara, minha mãe; Elisabeth, minha avó; Rachel, Ruby, Celia, Pheobe, Annice, Zola, Fanta, e depois nomes que não entendi. Em determinado momento, comecei a anotar o que ouvia em meu diário.

As lágrimas tinham cessado, assim como a voz. Voltei a fechar os olhos. *Ensina-me o teu caminho, Senhor; conduze-me por uma vereda segura por causa dos meus inimigos.*

Então ouvi: “Algumas dessas mulheres foram espancadas. A maioria foi estuprada. Foram traídas pelos homens amados. Homens desconhecidos as violaram. Carregaram doenças em seus corpos. Carregaram doenças em seus corações. Essa doença seria transmitida a você.

Sua filha interrompeu o fluxo e curou todas as gerações. A pureza do coração dela libertou todas as mulheres por dezessete gerações. Você está abrindo o caminho para as próximas dezessete.”

Naquele momento, recordei algo que eu dissera ao saber que minha mãe morrera de câncer: *“Isso não vai acontecer comigo. Não morrerei de câncer! Não mesmo!”* Também lembrei que tinha esquecido de incluir meus filhos nessa declaração.

“Você não fez nada de errado.” Era como se alguém lesse minha mente. “Tudo acontece como deve ser.”

Sentei-me durante mais um tempo, em paz comigo e com o mundo ao meu redor. “Embora meu pai e minha mãe tenham me abandonado, o Senhor me acolherá.”

V

Ao tomar conhecimento da minha situação, uma

de minhas almas gêmeas ligou avisando que acabara de encontrar uma casa para alugar. Será que eu conseguiria chegar lá em quarenta minutos para conversar com o proprietário?

Decidi ir até a casa, a cerca de dez minutos de onde morava, seguindo pelas estradinhas secundárias que adoro. Enquanto dirigia, um oceano de lágrimas me inundou. A quarenta quilômetros por hora, decidi deixá-las seguir seu curso. Só Deus sabe quantos motivos eu tinha para chorar. Apesar de determinada a não me deixar derrotar, era impossível negar o vazio que havia dentro de mim. As lágrimas silenciosas logo se transformaram num choro convulsivo, que evoluiu para soluços. Mas algo mudara. De repente, senti meu coração se abrir e se expandir. Reduzi para vinte quilômetros antes de me dar conta de que, se não parasse, acabaria batendo numa das lindas árvores que ladeavam a estrada.

Fiquei ali sentada por um momento enxugando o

nariz com a barra da saia antes de identificar meu sentimento. Era pura alegria! A alegria da liberdade? A alegria de saber que teria um lugar em que morar? Não tinha certeza, então fiz o possível para ficar em paz e ouvir o Espírito.

O que está sentindo é alegria.

Alegria! Que motivos tenho para estar alegre?

Você está apaixonada!

Apaixonada? Por quem?

Por ela?

Ela? Ela quem? As palavras iam surgindo dentro de mim como num filme.

Você a ama porque ela o faz feliz! Ai, meu Deus! Isso era profundo, e eu continuei a ouvir.

Você o ama e sempre o amará, mas não conseguia fazê-lo feliz. Ela consegue, então você a ama por isso. Você a ama porque ela o apoiou, como você não conseguia, não queria. Você a ama porque ela pode ouvi-lo e prestar atenção ao que ele diz como você nunca fez, e isso o levou

a tomar consciência de sua identidade. Você sempre desejou que ele fosse feliz. Sempre quis que ele conhecesse o amor. Ela deu a ele o que você não pôde dar. Ela é sua irmã e você a ama pelo que ela deu ao seu Amado.

A frase seguinte não era tão espiritualizada: *Iyanla, você enlouqueceu!* Eu sabia que era verdade. Eu queria que Eden fosse feliz porque o amava de verdade. Não o queria magoado, sozinho nem infeliz. Meu orgulho e meu ego se ressentiam de eu não poder ser a pessoa que ele queria ou de quem precisava, mas parte de mim se sentia feliz por ele e também por mim. Isso significava que minha infundável busca de meu pai chegara ao fim. Afinal, atingira a idade adulta. Ou seja, estava pronta para um relacionamento verdadeiro comigo mesma, em que eu poderia me sustentar sem intenções veladas ou necessidades não verbalizadas. Isso significava que, em minha nova casa, poderia ser feliz. Poderia encontrar a paz.

Fiquei parada no acostamento, sem noção da hora ou do meu destino. A consciência se manifestava e eu precisava ouvi-la, conhecê-la. Relembrei as palavras de Gemmia: *“Liberte-se do que for material.”*

A frase não se aplicava apenas ao meu relacionamento com Eden. Também se aplicava à minha casa. A casa que eu estava perdendo representava o sonho de uma família saudável, o lugar onde eu pudesse me sentir segura, amada e protegida. Representava a culpa por eu ter atingido um sucesso jamais alcançado por alguma pessoa da minha família. Comprara aquela casa com o dinheiro da culpa e agora me dava conta de que podia abrir mão dela. Naquela casa, eu me sentia responsável por cuidar de todos e fazer com que tudo desse certo para todos. Gemmia, meu marido, meu neto, minha neta e minha equipe. Gastara centenas de milhares de dólares providenciando tudo para todos, e me matara de trabalhar para

atingir esse objetivo. Minha casa era um símbolo de status, uma prova de que eu era capaz de providenciar um abrigo para todos. Exceto para mim. Nela eu internalizara a patologia das lembranças da minha infância – o lugar onde era desonrada, desrespeitada e violentada. Peças grandes do quebra-cabeça começaram a se encaixar. Podia vê-las e sobretudo podia sentir a alteração ocorrendo em meu corpo. Deixar aquela casa não significava apenas minha incapacidade de pagar a hipoteca. Tratava-se de deixar o passado para trás e criar um novo futuro para mim. Um futuro de onde estaria excluída a necessidade compulsiva de suprir as dificuldades dos outros, obedecendo a um comando oculto de sempre me colocar em último lugar na minha lista de prioridades. Não tenho palavras suficientes para explicar tudo o que se tornou claro como cristal naquele dia em que chorei e refleti parada no acostamento.

Faço questão de que você saiba que a pessoa que parou no acostamento da estrada, entre a casa que perdia e a que estava prestes a alugar, não era a mesma mulher.

Obrigada, meu Deus!

EPÍLOGO

*A vida não foi para mim uma
escadaria de cristal.
Mesmo assim continuo a subi-
la.*

Observei Niamoja subir, com passos determinados, os degraus de tijolos esfarelados da casa em que o pai morava. Apesar de seus 14 anos, o passo e a postura eram de uma mulher com o dobro de sua idade. Centrada. Objetiva. E muito furiosa.

Tínhamos rezado antes de ela saltar do meu carro. Confessou que estava nervosa. A mim parecia assustada, e com toda a razão. Não via o pai nem falava com ele havia oito semanas e o último encontro não fora nada afetuosos. Agora,

numa tarde chuvosa de agosto, ela se preparava para pedir – pedir não, exigir – algo que desejava e precisava que ele fizesse por ela.

Ao observar minha neta subir aquelas escadas, fui tomada por uma imensa variedade de sentimentos. Antes de tudo, orgulho. Orgulhava-me de sua coragem. Ela estava prestes a fazer algo inédito, algo que na sua idade eu desconhecia. Minha neta pediria a um homem uma coisa de que necessitava. Pouco importava que fosse seu pai. Era um homem.

Também sentia muito medo. Receava que ele a desapontasse. Que a rejeitasse. Receava que a coragem emergente se transformasse em cacos que levariam anos para colar, deixando marcas que despontariam sempre que a coragem fosse exigida. E sentia ainda um estranho sentimento de empolgação. Estava entusiasmada por fazer parte do desabrochar de uma jovem.

Sabia que a preparara para esse trabalho de

autodeterminação e autorrealização. Eu a ensinara a inspirar e a expirar devagar, sem se deixar abater. Eu lhe contara a verdade, afirmando que ela tinha o direito de pedir o que quisesse e que, independentemente da resposta, poderia se orgulhar da sua disposição de lutar por seus desejos. Ninguém jamais me contara essa verdade quando eu tinha a idade de Niamoja. Tivemos umas dez conversas sobre o que ela iria fazer, por que o estaria fazendo, como estava se sentindo agora que iria fazê-lo e o que esperava receber em troca. Ela estava pronta. Eu, não.

Tive a impressão de que Niamoja bateu durante dez minutos antes de a porta finalmente se abrir. Quando desapareceu dentro da casa, mergulhei a cabeça nas mãos e orei: *Meu bom Deus. Faça com que ele se mostre civilizado. Não permita que a magoe. Não quero ir para a cadeia hoje. Por favor! Obrigada!*

Levei minha neta ao encontro do pai porque

precisávamos de sua assinatura na declaração de rendimentos, para que ela pudesse entrar em uma escola particular de ensino médio só para meninas. Era o que Niamoja realmente desejava. Era o que eu também queria para ela. E também o que Gemmia sempre repetia, desde o dia em que sua filha única nasceu. Era uma solicitação simples. Difícil era o relacionamento conflituoso que se estabelecera entre mim e o homem que, no passado, eu amara como filho.

O que tornava a situação tão difícil para Niamoja era o fato de ele tê-la deixado em minha casa durante oito semanas sem telefonar nem aparecer uma única vez. Quando afinal ligou, agiu como se nada tivesse acontecido. Ela sentia imensa falta da mãe e não se sentia à vontade perto dele, da nova mulher e dos dois filhos do casal. Sentia falta de mim e das pessoas do lado materno da família com quem convivera a vida toda. Éramos sua comunidade, seu sangue biológico e

espiritual. Estávamos entranhadas em seus genes.

Depois da separação, Jimmy se tornou um pai de finais de semana que acabou mantendo um relacionamento tenso com minha filha e uma permanente queda de braço comigo. Se eu não tivesse ficado tão abalada com a morte de Gemmia, a ponto de beirar a insanidade, talvez não tivesse permitido que Niamoja fosse morar com o pai. Se Gemmia não acreditasse, com todas as forças, que viveria, talvez tivesse deixado instruções específicas sobre seus desejos. Durante os quatro anos que se seguiram à morte da minha filha, minha neta era o artifício que ele usava para me manter na linha. Eu só a encontrava quando isso atendia à conveniência e à agenda dele, e aos seus sentimentos sobre mim, no momento. Para ele, as necessidades da filha eram secundárias.

Mas meu relacionamento com Niamoja era muito diferente do relacionamento que havia entre os dois. O fato de ter deixado a filha em minha

casa durante oito semanas sem sequer telefonar passava uma mensagem bastante explícita: enquanto ela estivesse comigo, ele não queria saber dela. Na mente da menina isso significava que ela precisava fazer uma escolha. Não tenho certeza de que ela me escolhia, em vez de ao pai. Tenho certeza de que minha neta fazia a opção por aquilo que lhe era familiar, que lhe parecia certo e que a mantinha mais próxima da mãe.

É possível que Jimmy não tivesse a intenção deliberada de abandonar a filha, mas, inconscientemente, por estar com raiva, a abandonara em termos emocionais. Como meu pai fizera comigo, o pai de Gemmia fizera com ela e o pai de Jimmy fizera com ele. Eu estava diante de um quebra-cabeça familiar de várias gerações, tentando descobrir que peça se encaixava em que lugar e determinada a curar a patologia, a pôr fim, de uma vez por todas, ao carma e ao drama.

A situação de Niamoja me fazia revisitar uma

experiência já vivida. Ali estava ela, sentindo-se abandonada, não apenas pelo pai, mas também pela mãe que morrera. Assim como eu. Uma jovem tentando se habituar ao corpo que desabrocha e se transforma incessantemente. Assim como eu. Uma criança tentando navegar no labirinto de desestruturação e distúrbios causados pelos adultos de sua vida. Era tudo – ou quase tudo – igual ao que eu vivenciara na idade dela. A diferença é que ela podia contar comigo, uma avó atenta, corajosa, disposta a enfrentar o diabo para protegê-la. Eu era aquele alguém com quem não tive a oportunidade de contar quando tinha a idade dela.

Ergui a cabeça do volante a tempo de ver Niamoja saindo. Desceu as escadas com a mesma deliberação e concentração com que as subira.

Estava ansiosa para saber a resposta do pai, mas ao mesmo tempo entendi que não era isso que realmente importava. Tratava-se de uma jovem,

pouco mais que uma menininha, que precisava da permissão do pai, de sua ajuda financeira e de sua bênção para ir à escola particular que escolhera. Tratava-se da transmutação de padrões tecidos e entranhados no DNA de nossa família – um cálculo final cármico. Nós não mais nos satisfaríamos com migalhas. Exigíamos o direito à nossa integridade. A morte de Gemmia foi a maneira que o Universo encontrou de colaborar com a nossa cura.

Anos antes, quando minha carreira estava no auge e eu dava palestras pelo mundo inteiro, um entrevistador me fez uma pergunta banal: “Quem é Iyanla Vanzant?” Para meu horror, descobri que não tinha a resposta. Agora tenho.

Eu, Iyanla Vanzant, sou mulher, professora, artista e dedicada servidora de Deus. Sou a mãezona de Damon e de Nisa. Sou a avó que dá a seus amados netos um poço sem fundo de amor. Eu, Iyanla Vanzant, sou um ser humano com

defeitos e fraquezas, forças e dons e uma visão que enxerga além do que sou e do que não sou. Sou filha de Sahara e de Horace. Sou a babá de Ray. Sou inteira, completa, com algumas rachaduras, mossas e arranhões, mas nada que a oração e a fé não consertem. Estou pronta. Estou aberta. Estou em paz por saber que Gemmia se orgulha de eu ter conseguido unir nossos pedaços quebrados.

Estou pronta para o próximo trecho da jornada.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA SEXTANTE

1.000 lugares para conhecer antes de morrer,
de Patricia Schultz

*A História – A Bíblia contada como uma só
história do começo ao fim,* de The Zondervan
Corporation

A última grande lição, de Mitch Albom

*Conversando com os espíritos e Espíritos entre
nós,* de James Van Praagh

*Desvendando os segredos da linguagem
corporal e Por que os homens fazem sexo e as
mulheres fazem amor?,* de Allan e Barbara
Pease

Enquanto o amor não vem, de Iyanla Vanzant

Faça o que tem de ser feito, de Bob Nelson

Fora de série – Outliers, de Malcolm Gladwell

Jesus, o maior psicólogo que já existiu, de Mark
W. Baker

Mantenha o seu cérebro vivo, de Laurence Katz
e Manning Rubin

Mil dias em Veneza, de Marlena de Blasi

Muitas vidas, muitos mestres, de Brian Weiss

Não tenha medo de ser chefe, de Bruce Tulgan

*Nunca desista de seus sonhos e Pais brilhantes,
professores fascinantes*, de Augusto Cury

O monge e o executivo, de James C. Hunter

O Poder do Agora, de Eckhart Tolle

O que toda mulher inteligente deve saber, de
Steven Carter e Julia Sokol

Os segredos da mente milionária, de T. Harv
Eker

*Por que os homens amam as mulheres
poderosas?*, de Sherry Argov

Salomão, o homem mais rico que já existiu, de
Steven K. Scott

Transformando suor em ouro, de Bernardinho

INFORMAÇÕES SOBRE OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA SEXTANTE,
visite o site www.sextante.com.br
ou siga @sextante no Twitter.

Além de informações sobre os próximos
lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá
participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site.

Para enviar seus comentários sobre este livro,
escreva para atendimento@esextante.com.br
ou mande uma mensagem para @sextante no
Twitter.

EDITORA SEXTANTE

Rua Voluntários da Pátria, 45 / 1.404 – Botafogo

Rio de Janeiro – RJ – 22270-000 – Brasil

Telefone: (21) 2538-4100 – Fax: (21) 2286-9244

E-mail: atendimento@esextante.com.br